

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Tese de Doutorado



POR UM FEMINISMO PIRATA:

cartografias de qualquer mulher no facebook

Ana Paula Freitas Margarites

Pelotas, RS, Brasil

2022

Ana Paula Freitas Margarites

POR UM FEMINISMO PIRATA:

cartografias de qualquer mulher no facebook

Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas – PPGE/UFPel, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Gonçalves Rodrigues

Pelotas, RS, Brasil

2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M327p Margarites, Ana Paula Freitas

Por um feminismo pirata : cartografias de qualquer
mulher no facebook / Ana Paula Freitas Margarites ; Carla
Gonçalves Rodrigues, orientadora. — Pelotas, 2022.

279 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal
de Pelotas, 2022.

1. Educação. 2. Redes sociais na internet. 3.
Feminismo. 4. Cartografia. 5. Produção de subjetividade. I.
Rodrigues, Carla Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 305.42

Ana Paula Freitas Margarites

Por um Feminismo Pirata:
Cartografias de qualquer mulher no Facebook

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 17/08/2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carla Gonçalves Rodrigues
PPGE/UFPel (Orientadora)

Prof. Dr. Fernando Seffner
PPGEdu / UFRGS

Paula Corrêa Henning
PPGEA - PPGEC / FURG

Rosangela Marione Schulz
PPGCPol / UFPel

Profa. Dra. Maria Manuela Alves Garcia
PPGE/UFPel

Agradecimentos

Uma tese se faz em rede. A todas e todos que teceram comigo para que esta escrita fosse possível, meu muito obrigada.

À querida Carla, orientadora e amiga que topou mergulhar comigo, agradeço por todas as oportunidades, todas as leituras, todos os aprendizados, todas as viagens, todas as caronas, todas as flores que povoam nossa conversa no whatsapp. Nunca esquecerei da compreensão e paciência.

À Julia, minha filha, obrigada pelo cuidado, pelo amor infinito e por estar sempre pertinho de mim.

Aos colegas do grupo de estudos e de pesquisa, agradeço o feliz encontro da nossa amizade e tudo que aprendo e aprendi com vocês.

À minha mãe e minhas irmãs, obrigada pelo estímulo para continuar sempre em frente.

Às amigas, amigos e namorado, agradeço a compreensão da ausência que espero poder compensar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel, agradeço pela oportunidade.

Às professoras e ao professor que compõem esta banca, agradeço por tudo que aprendi com vocês e pelo tanto que ainda tenho a aprender.

Ao IFSul Câmpus Pelotas, em especial aos meus colegas da Escola de Design, agradeço o incentivo.

A todas as alunas que teceram e tecem comigo, obrigada por tudo.

Aos servidores <https://libgen.is/> e <https://sci-hub.se/>, fontes infinitas de livros e artigos, obrigada pela democratização da ciência que permite que esta pirata brasileira saqueie tantos estrangeiros quando possível.

Resumo

MARGARITES, Ana Paula Freitas. **Por um Feminismo Pirata:** cartografias de qualquer mulher no Facebook. Orientadora: Carla Gonçalves Rodrigues. 2022. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Esta tese tem por objetivo investigar os processos de produção de subjetividades feministas brasileiras engendrados em sites de redes sociais, particularmente no Facebook. Justifica-se a partir de dois pontos: em primeiro lugar, pela crescente popularização dos debates feministas no Brasil nos últimos anos, em especial nos espaços constituídos pelas redes sociais na internet; em segundo lugar, pela compreensão, a partir da leitura de Guattari, de que é impossível falar sobre qualquer campo de pensamento hoje sem considerar a influência das tecnologias nos processos de produção de subjetividade. Pergunta-se, então, que territórios existenciais emergem como possibilidade neste mar de feminismos brasileiros que povoam o Facebook? Parte-se do referencial das filosofias da diferença, particularmente do trabalho de Deleuze e Guattari, para dar a ver uma cartografia destes territórios. A estratégia para que se ponha tal cartografia em movimento começa pela criação de uma personagem conceitual que varia entre “qualquer mulher” e “uma pirata” que, no deslocamento através do Oceano / Facebook, pirateia elementos para a constituição de um modo de ser. Para o desenho dos mapas que disparam a escrita, foram acompanhadas, mês a mês durante a lua cheia, páginas feministas brasileiras do Facebook sugeridas pelo algoritmo da plataforma. A partir dos signos emitidos pelas publicações feitas nestas páginas, foi desenhado um conjunto de nove mapas extensivos. Este conjunto foi então superposto e processado através de um software-pirata, dando a ver seis mapas intensivos, seis territórios existenciais, que qualquer mulher chama de Marés. A seguir, as marés são visitadas, e as impressões de qualquer mulher são registradas em relatos de viagem. Os territórios existenciais visitados dizem respeito ao humor feminista; aos debates em torno da representação e da representatividade; à violência de gênero; às lutas do feminismo negro; às relações entre feminismo, ecologia e capitalismo; e, por fim, ao conceito de feminismo, seus limites e suas disputas. A partir desta expedição, afirma-se um estilo de ser feminista e professora pirata; alguém que escreve, aprende e ensina no Brasil, mas cuja ética da pilhagem possibilita que seu universo de referência (e daquelas que estudam e aprendem com ela) seja expandido pelas redes de onde saqueia elementos para a composição do seu território existencial.

Palavras-chave: Educação; Redes Sociais na Internet; Feminismo; Cartografia; Produção de Subjetividade.

Abstract

MARGARITES, Ana Paula Freitas. **Towards a Pirate Feminism:** cartographies of any woman on Facebook. Advisor: Carla Gonçalves Rodrigues. 2022. 279 f. Thesis (Doctorate in Education) – Graduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This thesis aims to investigate the production processes of Brazilian feminist subjectivities engendered on social networking sites, particularly on Facebook. It is justified from two points: first, by the growing popularization of feminist debates in Brazil in recent years, especially in spaces constituted by social networks; secondly, by understanding, based on Guattari's reading, that it is impossible to talk about any field of thought today without considering the influence of technologies on the processes of production of subjectivity. It asks, then, which existential territories emerge as a possibility in this sea of Brazilian feminisms that populate Facebook? It starts from the referential of the philosophies of difference, particularly the work of Deleuze and Guattari, to show a cartography of these territories. The strategy for setting such cartography into motion starts by creating a conceptual character, who varies between "any woman" and "a pirate" who, in displacement across the Ocean / Facebook, pirates elements for the constitution of a way of being. For the design of the maps that trigger the writing, Brazilian feminist Facebook pages suggested by the platform algorithm were monitored, month by month during the full moon in the first nine months of two thousand and nineteen. From the signs emitted by the publications made in these pages, a set of nine extensive maps was drawn. This set of nine extensive maps was then superimposed and processed by pirate software, revealing six intensive maps, six existential territories, which any woman calls Tides. Next, the tides are visited, and any woman's impressions are recorded in travel reports. The existential territories visited concern feminist humor; debates around representation and representativeness; to gender violence; the struggles of black feminism; the relations between feminism, ecology and capitalism; and, finally, the concept of feminism itself, its limits and disputes. From this expedition, a style of being a feminist and a pirate professor is asserted; someone who writes, learns and teaches in Brasil, but whose ethics of looting allows her universe of reference (and of those who study and learn with her) to be expanded by the ocean from which she plunders elements for the composition of her existential territory.

Keywords: Education; Social Networks on the Internet; Feminism; Cartography; Production of Subjectivity.



Playlist “Feminismo Pirata”
<https://abrir.link/s2ZlB>

Sumário

/1

15 **LeiaMe.htm**

Um arquivo LeiaMe ou *ReadMe* contém informações introdutórias sobre outros arquivos que o acompanham. É comumente distribuído com softwares de computador. Nosso arquivo “LeiaMe” trata-se de um .htm, formato para publicação na internet que possibilita a inclusão de hiperlinks.

31 **ComoFunciona.nfo**

Um arquivo de extensão .nfo (abreviação para “info”, informação) muitas vezes acompanha um pacote de instalação de software (pirata, provavelmente). Contém, em geral, instruções de método sobre como instalar o programa em questão.

52 **Relatos.pdf**

O PDF (*Portable Document Format* - formato de documento portátil) é um formato de arquivo utilizado para apresentar documentos de forma padronizada, independente do computador ou software utilizado para abri-lo. Ainda que tenha sido desenvolvido por uma empresa privada, o formato PDF é aberto, ou seja, qualquer pessoa pode escrever aplicativos que leiam ou escrevam neste padrão.

Nesta tese, os .pdfs se tratam de relatos de bordo, arquivos que registram as impressões de uma pirata sobre a paisagem explorada.

- 52 **VelhaELouca.pdf**
- 65 **AutoDasBacantes.pdf**
- 78 **MariaDaVilaMatilde.pdf**
- 91 **Raízes.pdf**
- 104 **AsForçasDaNatureza.pdf**
- 117 **RespeitaNossoCorre.pdf**

128 **Fabulação.css**

Folhas de estilo em cascata (*cascading style sheets* - CSS) são arquivos que definem a apresentação de um documento html. O .css inclui informações sobre a diagramação, as cores e fontes - ou seja, o estilo - de uma página na internet.

143 **FinDaExpedição.rar**

Um arquivo .rar é um formato que comprime e organiza uma multiplicidade de arquivos. Dá-se por finalizado o trabalho, que pode então ser facilmente distribuído. No entanto, este fechamento pode ser apenas provisório: em um arquivo .rar sempre podem ser incluídos novos dados.

150 **FeminismoPirata.torrent**

Um arquivo .torrent é um formato de distribuição típico da pirataria. Funciona como uma espécie de link entre arquivos esparramados em computadores conectados à internet, de modo que qualquer pessoa de posse do .torrent tem acesso ao conteúdo dele.

154 **Referências.lnk**

Um arquivo .lnk (link) é um atalho que vai de um arquivo a outro.

/2

179 MapasDasLuas.svg

Um arquivo .svg se trata de um formato de imagem vetorial (ou seja, construído a partir de instruções numéricas) que podem ser facilmente editados, inclusive em softwares de edição de texto. Aqui, são usados para dar a ver os mapas extensivos, construídos a partir de dados produzidos mensalmente.

189 Marés.svg

Estes são arquivos produzidos em software-pirata (escrito na linguagem Processing), que dão a ver as seis marés obtidas a partir da superposição dos mapas extensivos.

/3

197 Posts.zip

Um arquivo .zip é um formato que comprime e organiza uma multiplicidade de arquivos. Aqui estão reunidos os posts que disparam o processo de desenho dos mapas extensivos.

Nota de leitura

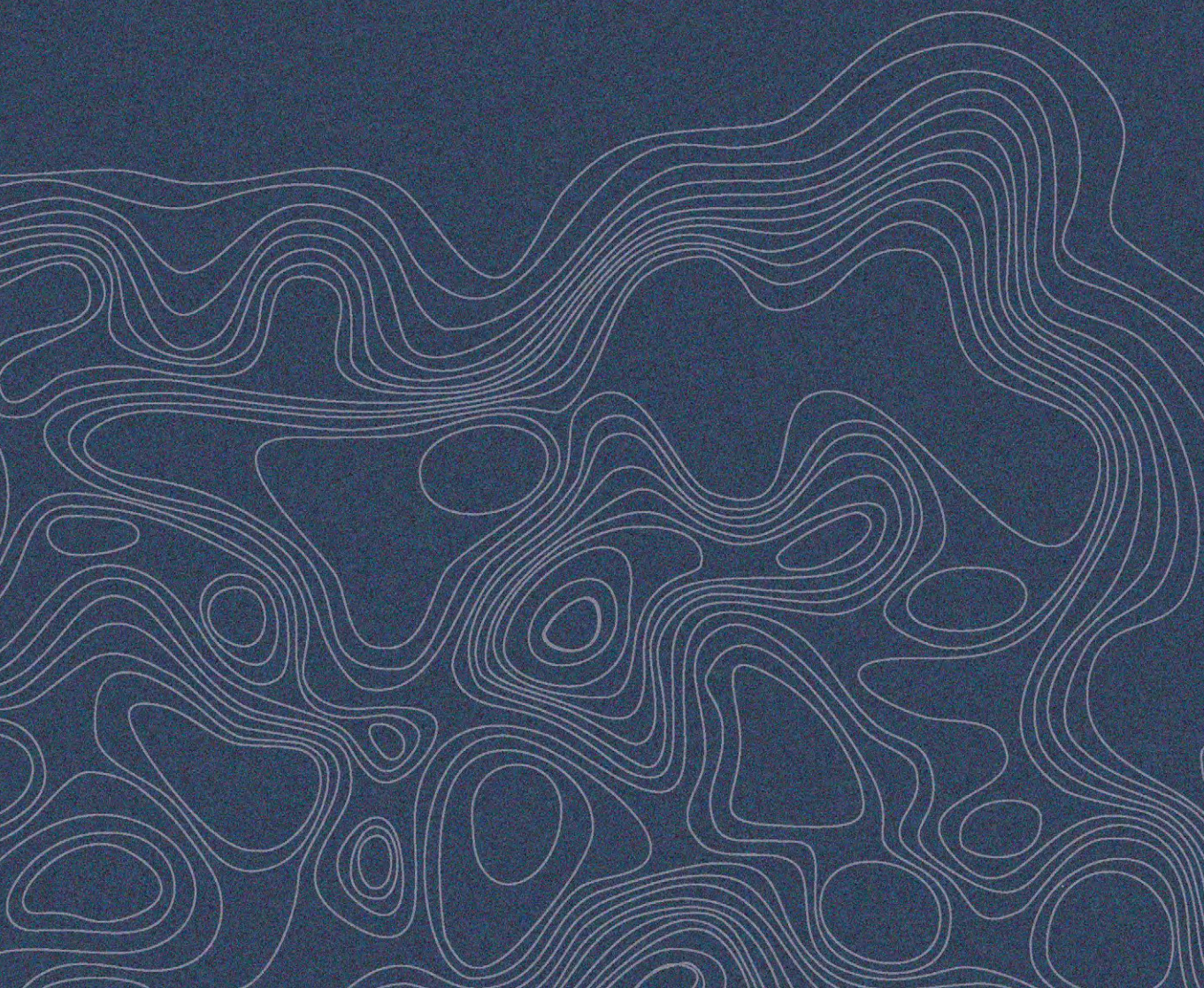
Ditado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2002), o formato de apresentação de citações em documentos prevê que se deve indicar o nome do autor, ano da publicação e número da página (obrigatório no caso de citações diretas). Quais elementos aparecerão dentro de parênteses dependerá da forma como se encadeia o texto, mas estes deverão estar sempre lá, junto à citação.

Esta tese, no entanto, toma a liberdade de propor outra forma para a apresentação das citações. Escreve-se junto com Foucault (2017), para quem as fronteiras de um texto nunca estão bem delimitadas porque há sempre uma rede de referências a outros, e junto com Deleuze e Guattari (2011), para quem os limites dos processos lineares de leitura e escrita impedem (ou dificultam) a aparição de multiplicidades conectadas com outras.

O campo no qual esta tese mergulha diz respeito à internet e seu funcionamento, de modo que o estilo da escrita levou à apresentação das citações como hiperlinks. Entendido aqui como uma forma de pontuação que sugere toda uma gramática de possibilidades (JOHNSON, 2001), o link propõe uma leitura aberta ao múltiplo, sem hierarquias, pontos centrais, ou cortes no fluxo.

Assim, os conceitos de outras autoras e autores aparecerão ao longo do texto a seguir sempre sublinhados e coloridos em azul. Às vezes se tratará de uma palavra apenas, o próprio conceito; em outras ocasiões, frases ou fragmentos que aprofundam o conceito. A margem esquerda do texto sempre trará a referência: quando se tratar de uma citação direta, o número da página estará lá. Em poucas ocasiões, a citação é direta e não apresenta número de página: tratam-se das citações de letras de música (todas disponíveis na *playlist* cujo link reside algumas páginas atrás) e de sites internet, que não obedecem à lógica de numeração de páginas.

/1



LeiaMe.htm



A noite não adormecerá
jamaiz nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede.

- Conceição Evaristo

A GIRL, 2014.

Em uma cidade que fica no Sul do Sul, [uma guria caminha sozinha de volta para casa à noite](#). No silêncio, abre a porta para um [quarto todo seu](#), privilégio distante de um [quarto de despejo](#). Ainda assim: uma guria qualquer, qualquer guria.

WOOLF, 2018.

DE JESUS, 1995.

PLANT, 1998.

Ela estuda, desenha e escreve de frente para uma tela azul. Uma guria encontrou uma [máquina futurística](#) que trata como amiga. O ano é mil novecentos e noventa e tanto, e ela espera pacientemente pela meia-noite, quando o preço baixo do pulso telefônico torna seu empreendimento enfim acessível. O ruído familiar do modem 56k anuncia a conexão: abre-se acesso a um transbordamento de músicas, filmes, imagens, textos, ciência, arte. Ela navega e salva tudo que pode em seus disquetes.

DELEUZE, 2003.

Procura constituir-se como alguém capaz de inventar seus próprios itinerários por dentro deste fluxo. Aprende, dentro do que seu corpo consegue, a [compor seus pontos singulares com os pontos](#) que emite o computador. Atitude *hacker*, *nerd*, *geek*, tanto faz: dedica-se a conhecer e modificar aspectos do funcionamento dos equipamentos, dos softwares e das redes. Começa a fazer seus próprios sites para falar daquilo que gosta: música, literatura, séries

DELEUZE, GUATTARI,
2011a.

de TV, cinema. Publica-os como quem lança mensagens em garrafas ao mar. Entra no movimento pelo meio: seu pensamento de desloca, se abre e se conecta em todas as direções, sem hierarquia. Qualquer guria [faz rizoma](#) com códigos, máquinas, algoritmos, gente.

L'ABÉCÉDAIRE, 1995.

Ao mesmo tempo em que cria seus próprios caminhos, alegra-se em deixar-se levar, de um link a outro, pelo acaso. Acaso ou [desejo construtivo](#) de, à deriva, expandir suas próprias bordas, borrar seus próprios limites? No balanço entre inventar seus itinerários e deixar-se levar a esmo pelo movimento das ondas, continua.

O tempo muda, o quarto já é outro. De guria qualquer, qualquer mulher. Não todas as mulheres, nem “a mulher”. Apenas mulher qualquer. A conexão melhora e forma-se um imenso arquivo heterogêneo: filmes que nunca passam nos cinemas do interior aos quais tem acesso; livros e livros, mais livros do que se pode ler; álbuns inteiros baixados em velhos programas de compartilhamento de arquivos .mp3; textos seus e de muitos outros em blogs; softwares que fazem sites, música, imagem, vídeo, texto. O arquivo, quase interminável e sempre em transformação, esparrama-se em hard drives carregados de pirataria em diferentes formatos: .mp3, .mp4, .pdf, .png, .jpg, .doc, .txt. Nestes arquivos, vai encontrando pistas para tornar-se diferente daquilo que ela já é.

GUATTARI, 1993b, p. 188.

Para ela, no fim do fundo da América do Sul, este é o jeito de acessar um [universo de encantamentos criados](#) para além daquele geograficamente possível. Um uni-

verso que favorece que ela escape à insipidez do mundo de desencanto onde vive, e que lhe permite assumir uma potencialidade processual. Menos servil, menos capturada pelos discursos e dispositivos que lhe dizem o tempo todo até onde poderia ir, e mais aberta aos encontros. Ela começa a ver que neste espaço consegue, pelo menos até certo ponto, criar para si um modo de estar no mundo: seu [território existencial](#). Este [universo \(que outros chamam de biblioteca\)](#)¹ também é conhecido como teia, rede ou mesmo internet. Ela chama de mar.

GUATTARI, 2012.
BORGES, 2014, p. 89.

Sua atividade navegadora, antes disponível apenas à noite e no espaço fechado do quarto, agora faz-se possível a qualquer momento e em qualquer lugar. Os efeitos dessa ubiquidade são contraditórios: ao mesmo tempo em que a conectividade expande seu [universo de referência](#), vê-se estrangida por estratégias de [controle](#) que a todo momento registram por onde passa, com quem fala, o que consome. O modo de estar no mundo de qualquer mulher vai se processando neste contexto; paradoxos da [produção de subjetividades](#) hoje.

GUATTARI, 1993a.

DELEUZE, 1992.

GUATTARI, 2012.

Esta produção de subjetividades não se trata de uma fabricação que vá culminar, no fim, em um sujeito pronto, acabado. Pelo contrário: trata-se de um processo cujos efeitos são precários, temporários, contingentes. Há somente [um conjunto de condições que torna possível que instâncias coletivas e / ou individuais estejam em condições de emergir como território existencial](#). Estas condi-

GUATTARI, 2012, p. 19.

1 Tradução-pirata para “*El universo (que otros llaman la Biblioteca)*”

ções também não são elementos fixos: são fluxos, linhas que se atravessam, e que hoje são feitas de linguagem, e interações institucionais, e pandemias, e outras crises, e música, e cinema, e artes plásticas, e séries de TV ou *streaming*, e algoritmos, e redes de computadores.

DELEUZE, GUATTARI,
2012c.
Idem.

Qualquer mulher começa a intuir que as subjetividades que se produziam nas suas primeiras aventuras no mar talvez já não sejam as mesmas de agora. O oceano por onde aprendeu a navegar foi aos poucos convertendo-se de [espaço liso](#), aberto e favorável ao nomadismo, em [espaço estriado](#), campo de sedentarismo diagramado por linhas verticais e horizontais. A superfície lisa do mar por onde se deslizava facilmente é agora repartida segundo intervalos determinados: onde havia fluxos livres há cada vez mais cortes, interrupções. [O mar é o espaço liso por excelência, e, contudo, é o que mais cedo se viu confrontado às exigências de uma estriagem cada vez mais estreita.](#) Assim como o espaço marítimo foi estriado em função das conquistas astronômicas e geográficas, o espaço das redes foi esquadrihado pelo aparecimento dos grandes portais de conteúdo, sites de redes sociais, empresas de comércio eletrônico e outras plataformas online. Ali onde antes navegava anonimamente, qualquer mulher agora é a todo tempo interpelada por aduanas e guichês: aceita nossos *cookies*? Concorda com nossos termos de serviço? Podemos lhe enviar notificações? Pode nos fornecer seus dados em troca ao acesso a este novo e exclusivo espaço? Registre-se para continuar lendo!

DELEUZE, GUATTARI,
2012c, p. 200.

NEWMAN, 2009.

MOROZOV, 2018.

Sua embarcação, construída ao modo faça-você-mesma, agora divide espaço com navios maiores e mais velozes. Os lugares por onde circulava, antes mar-de-ninguém, agora são [cada vez mais privatizados](#). Há enormes áreas circunscritas por políticas de uso que governam o que pode ser compartilhado e a quem pertence o que ali é publicado, numa [apropriação corporativa e geopolítica dos afetos](#) de qualquer mulher. Grandes corporações comerciais dominam o horizonte visível, fazendo parecer que o mar se resume a estes espaços esquadrihados, ainda que flutuantes.

GUATTARI, 1993b, p. 177.

L'ABÉCÉDAIRE, 1995.

Começa a notar que, ao mesmo tempo em que o mar se torna mais modulado, é também habitado por cada vez mais gente. Serviços, atividades sociais, culturais e educativas migram para o oceano: [percebe que os conteúdos da subjetividade dependem, cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquínicos](#). Qualquer mulher entende que ela própria é constituída de máquinas, pois mesmo seu [inconsciente não para de produzir; funciona como uma fábrica](#) que opera sempre na máxima capacidade, produzindo desejo. Há máquinas por toda a parte, e estas máquinas (não somente técnicas, mas também sociais) estão dispersas por toda a paisagem: se acoplando e desacoplando, justapondo-se e decompondo-se, mas sempre funcionando. Os modos de vida, mesmo daqueles que procuram permanecer em terra firme, são inundados pelas águas. Mostram-se *prints* de sites de redes sociais nos telejornais. O que acontece nas plataformas interfere em processos

democráticos mundo afora. *Influencers*, que ganham status de profissionais da comunicação no oceano, ditam estilos de vida.

Qualquer mulher, agora professora, vê parte de sua atividade profissional acumular-se entre grupos no WhatsApp, formulários, teleconferências e outras máquinas que produzem modos de ser onde são diluídos os limites entre trabalho, lazer e descanso. Mais do que isso, a internet e as redes sociais afetam os modos como ela estuda, aprende, ensina. Qualquer mulher não quer fazer um elogio destas tecnologias, mas também não pretende demonizá-las: a questão é que impossível pensar em educação na contemporaneidade sem considerar a influência das máquinas, redes e algoritmos.

Para qualquer mulher, a educação emerge sendo pensada para além dos espaços onde se dão práticas institucionalizadas de formação. Há outras experiências educativas que se produzem no oceano a partir de textos, imagens, memes, GIFs, vídeos e emojis que circulam nestes espaços. E quando fala em “outras experiências educativas”, ela não necessariamente pensa que estas sejam mais ou menos valiosas do que aquelas colocadas em ação nas escolas e universidades; diz somente que também os sites de redes sociais ensinam e produzem modos de vida, ainda que sem currículo oficial e sem avaliação.

Enquanto pensa na sua formação e atuação como professora, qualquer mulher começa a perceber aquilo que entende por “si mesma” muito menos como uma iden-

GUATTARI, 2012.

tidade pronta, monolítica, e muito mais como efeito provisório da composição entre experiências e universos cognitivos, afetivos, políticos e estéticos que vem arquivando nos seus HDs. Começa a intuir uma paisagem móvel, um conjunto de cartas náuticas, [uma cartografia que trate desta modelização da subjetividade](#), e põe-se a escrever e desenhar por dentro dela. Qualquer mulher quer traçar seus próprios mapas.

PLATH, 1965.

Neste itinerário incerto, seu sonar capta um murmúrio indiscernível, mas persistente. Procura apurar seu ouvido, quer saber de que se trata. São vozes de mulheres. Não parecem sereias; não são mitos procurando seduzir, afogar quem quer que ouse invadir seu domínio. Não andam sozinhas. [São como uma turba romana / Pequenas, insignificantes como indivíduos, mas meu deus, juntas!](#) Gangues, bandos, [grupelhos](#). Falam alto em um [latim furioso](#) / [última flor do Lácio](#) em sotaques diferentes. São mulheres brasileiras falando de feminismos.

GUATTARI, 1985.
PLATH, 1965.
BILAC, 1964, p. 96.

Começou a percebê-las há uns poucos anos. Tenta relembrar: elas sempre estiveram ali? Não recorda de muitas vozes femininas quando começou suas primeiras expedições. As poucas que ali se aventuravam, tal como qualquer mulher, não ousavam falar de seu gênero.

PERROT, 2017.

Pudera: o universo tecnológico, ponto de partida para quem quisesse se aventurar navegando, não era convidativo a elas. Às mulheres, historicamente, [coube a intimidade dos quartos e das casas](#), não a exploração de horizontes desconhecidos. Profissionalmente, estiveram

YANNOULAS, 2013.
SAFFIOTI, 1985.

PLANT, 1998.

DA SILVEIRA, 2018.

THE GUARDIAN, 2011.

BRAIDOTTI, 2002.

[incumbidas dos trabalhos de cuidado](#) ou de [atividades econômicas subalternas e mal remuneradas](#). A aventura de manejar computadores não lhes cabia, ainda que tenha sido uma mulher, [Ada Lovelace, quem primeiro escreveu softwares](#). Assim como Ada, outras pioneiras da computação são [praticamente desconhecidas](#).

Um maremoto se anuncia. Qualquer mulher percebe [outras formas de ativismo político](#) que emergem a partir das mudanças sociais e culturais aceleradas pela crise financeira de 2008. Pessoas negras, trans, latinas, mulheres, imigrantes, entre tantos outros [sujeitos nômades](#) que muitas vezes carregam vários destes marcadores simultaneamente, percebem no oceano a possibilidade de falar e de ocupar espaço. A ideia do nomadismo lhe parece especialmente interessante para pensar em formas descentralizadas e multi-dimensionadas de ser, pensando no sujeito como entidade dinâmica e em constante transformação cuja participação política pode ser amplificada pelas redes.

THE GUARDIAN, 2012.

Neste contexto, as plataformas que dominam a paisagem, cujo lucro se faz na troca de espaços de socialização por dados de seus usuários vendidos a terceiros, veem-se precisando lidar, [inclusive na esfera legal](#), com novos usos de suas ferramentas. A paisagem muda: ela vê piratas saqueando a estrutura e o funcionamento dos espaços privatizados para falar ali de #OccupyWallStreet, #BlackLivesMatter, #IranElections. No Brasil pós jornadas de

junho, pós ocupações secundaristas e pós golpe de 2016², qualquer mulher encontra outras e junto com elas [cai na rede – não tem quem não caia.](#)

Se vê agora cercada por mulheres quaisquer. Elas se (des)organizam, lançam hashtags ao vento para falar de suas experiências e de suas demandas: #PrimeiroAssedio, #MeuAmigoSecreto, #NãoMereçoSerEstuprada, #EuEmpregadaDoméstica. As hashtags vazam do Twitter, onde fazem parte da linguagem comum, e suas marés altas inundam também outros cantos. Crescem tanto que chegam às ruas das cidades; a distinção que se fazia entre uma vida online e uma vida offline termina de dissolver-se.

Ela continua navegando, e no espaço esquadrinhado se desloca por um recorte até onde seu sonar alcança: um pedaço azul, maior do que qualquer outro, que lhe conecta a multidões. Circunscrito por um conjunto de regras de funcionamento, o espaço tem sua própria linguagem. Arquivos e mais arquivos de perfis pessoais, grupos, páginas, imagens, vídeos, textos, gifs, reações, stories e comentários. Facebook.

Sua curiosidade, seu desejo, assombram-se pelo funcionamento do Facebook e dos feminismos brasileiros que ali aparecem. Além dos grupos fechados (como aquele enorme empreendimento que reuniu milhões de Mulheres Contra Jair Bolsonaro às vésperas da eleição de 2018), ela se depara com inúmeras páginas que tratam de

² Sobre o contexto brasileiro deste período histórico, ver a edição 524 da Revista do Instituto Humanitas da Unisinos: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/524>

feminismos em articulação com muitas outras discussões: classe, raça, posicionamento político, cultura pop, relações entre sexo e gênero. Não uma visão totalizante do que é ser mulher ou de quais são as lutas feministas. Trata-se de um, dois, vários feminismos.

Qualquer mulher começa a pensar que estas páginas brasileiras no Facebook, algumas seguidas por mais de um milhão de mulheres³, funcionam como equipamentos coletivos de produção de subjetividade. Coletivos, pois os processos de produção de subjetividade às vezes resultam em individuações (de uma pessoa em relação a sua família, aos costumes locais, às leis do lugar onde nasceu), mas também repercutem em subjetividades coletivas (no sentido de uma [multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo](#)). Assim, o oceano funciona [não só em termos de memória e inteligência, mas também transformando a sensibilidade e os afetos](#) de quem por ali se aventura. Ela especula se o que é dito nestas páginas produz modos de ser dentro dos feminismos brasileiros hoje.

Enquanto se arrisca na paisagem, ela percebe que navegar no Facebook é diferente de tudo que já conhece. Sua pequena embarcação parece não mais responder apenas ao seu comando; seus instrumentos de navegação parecem operar de outro jeito. Seu sonar funciona só até

GUATTARI, 2012, p. 19.

ROLNIK, 2007, p. 122.

3 Entre algumas das maiores (em número de seguidoras) páginas feministas visitadas nas expedições que compõem a produção de dados desta tese, destacam-se “Feminismo Sem Demagogia - Original” <<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/>>, “Ventre Feminista” <<https://www.facebook.com/ventrefeminista/>>, “Geledés Instituto da Mulher Negra” <<https://www.facebook.com/geledes/>> e “Não Me Kahlo” <<https://www.facebook.com/NaoKahlo/>>

certo ponto, sua bússola está confusa. Quanto mais explora estas águas, mais ela pensa sobre o algoritmo do Facebook, o modo de funcionamento que determina qual recorte é exibido para quem anda por lá.

Qualquer mulher segue viagem junto com quaisquer mulheres. Quer aprender com elas, mas não tem interesse particular em identificar suas companheiras de viagem; sabe que não há distinção possível entre individual e social. O pessoal é político, mas também afetivo, ético e estético. Quer saber como é possível que estejam ali; quer saber como se constituem tais feminismos brasileiros hoje neste mar-Facebook. Se interessa pelo que produzem e como se produzem. Se pergunta, por fim: que territórios existenciais emergem como possibilidade neste mar de feminismos brasileiros que povoam o Facebook?

HANISCH, 1969; LORDE, 1984.

Em busca de respostas para estas perguntas, ela navega. Navegar é sua vocação, e a vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Interpreta estes signos que o mar emite – algoritmos, correntes, marés – e recolhe o que pode. No entanto, pensa que sua tarefa não corresponde à de um navegador, imagem que não consegue descolar daquela dos invasores europeus que primeiro aportaram no Brasil. Não quer que sua atitude seja confundida com a destes homens e suas ações violentas, imperialistas, genocidas, aniquiladoras de qualquer diferença.

DELEUZE, 2003, p. 4.

Seu desejo, ao procurar recolher no mar os elementos que compõem um mapa das produções de subjetividades feministas, é de outra ordem. O desejo é uma força que

L'ABÉCÉDAIRE, 1995.

lhe empurra e a faz mover-se; no seu movimento, a busca por conexões, relações, hiperlinks. Desejar é compor novos arranjos, outros [agenciamentos](#), outras formas de implicação recíproca entre diferentes matérias.

Para a composição destes agenciamentos, ela guarda tudo quanto pode nos seus encontros com as muitas mulheres e os muitos feminismos com os quais esbarra em seu itinerário. Arquiva no seu HD tudo que consegue: imagens, vídeos e textos. A pirataria, para ela, é uma palavra que não carrega força negativa. Piratear não é exatamente roubar, pois não há uma materialidade que deixe de existir no HD do outro quando um arquivo é copiado. Neste sentido, o que ela faz é um backup; é guardar em segurança para quando precisar acessar. Piratear, assim como hackear, também é inventar novos usos; qualquer mulher sabe que é capaz de, a partir de sua pilhagem, produzir diferença.

DELEUZE, 2013.

DELEUZE, GUATTARI, 2013.

Pega em [flagrante delito de criação de mitos](#), ela põe-se a fabular. Forma-se uma [personagem conceitual](#): a pirata é uma imagem que permite, a qualquer mulher, falar dos conceitos que enuncia e delinear o plano que habita. Implícita na escolha desta imagem está a crença na [potência e relevância da imaginação](#), da construção de mitos como um meio de sair da crise política e intelectual causada pelo machismo, pelo capitalismo, pela heteronormatividade.

BRAIDOTTI, 2002.

Qualquer mulher digita os Unicodes⁴ U+1F3F4,

⁴ Unicode é um padrão internacional que permite aos computadores representarem texto de uma grande variedade de sistemas de escrita,

LARROSA, 2015, p. 26.

U+200D, U+2620 e U+FE0F em seu teclado: estende-se a bandeira 🏴 no mastro de sua embarcação. Ela é agora uma pirata, [esse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.](#)

EVARISTO, 2008, p. 21.

Ela pirateia à noite, sob a luz prateada da lua cheia. Não mais porque este é o jeito mais barato de navegar, mas porque [a noite não adormece / nos olhos das mulheres / a lua fêmea, semelhante nossa, / em vigília atenta vigia / a nossa memória.](#) Deixa que a lua determine sua rota: viaja acompanhando as marés altas, pontos agitados do oceano, nunca iguais à última paisagem que acabou de visitar. Assume o risco de deixar que o algoritmo interfira nos seus instrumentos de navegação, e na medida do possível, intervém de volta. Enquanto pirateia, escreve. Desenha mapas, empilha mapas e escreve. [Não quer registrar tudo, não quer um retrato fidedigno da paisagem – sabe que é impossível.](#) Não espera consolidar uma visão cristalizada sobre aquilo que aparece na cartografia. Escreve porque a escrita é uma necessidade, já que precisa ela própria inventar seus caminhos pelo meio das marés. Sua escrita é um relato formado em movimento, em torno do que se passa.

ROLNIK, 2007.

CORAZZA, 2017, p. 274.

Sua escrita vai se constituindo em Arquivos, que operam aqui não como registro ou lembrança do passado, mas como [suporte gerativo do pensamento.](#) Não se trata de arquivo-morto, esquecido em algum canto empoeirado

incluindo *emojis*. O padrão inclui hoje quase 138 mil caracteres.

de um backup nunca acessado, mas de Arquivos que funcionam, como aqueles que constituem os sistemas operacionais e programas instalados no computador em que se escreve.

Primeiro, este arquivo que está sendo lido agora, que corresponde aos delineamentos do caminho a ser traçado.

KASTRUP, 2012; ROLNIK, 2007; DELEUZE, GUATTARI, 2011a; DELEUZE, 2011.

A seguir, ComoFunciona.nfo fala sobre o [processo cartográfico](#) e sobre como foi posto em ação no caso desta escrita. Os arquivos VelhaELouca.pdf, AutoDasBacantes.pdf, MariaDaVilaMatilde.pdf, Raízes.pdf, AsForçasDaNatureza.pdf e RespeitaNossoCorre.pdf correspondem aos relatos da viagem empreendida. Depois, o Arquivo Fabulação.css dá conta de pistas sobre o estilo, dizendo sobre a [fabulação](#) e a criação de [personagens conceituais](#). A seguir, o Arquivo FimDaExpedição.rar retoma as viagens e apresenta o conceito de pirataria feminista. Por fim, o arquivo PorUmFeminismoPirata.torrent faz as vezes de um pequeno manifesto que encerra a expedição.

BROGUE, 2010; DELEUZE, 1992; DELEUZE, 2013; DELEUZE, GUATTARI, 2013.

DELEUZE, GUATTARI, 2013.

Em um pacote de Arquivos à parte, estão os mapas produzidos na pesquisa. Primeiro, o arquivo MapaDasLuas.csv, que corresponde a um conjunto de mapas extensivos, referentes aos nove meses da produção de dados. A seguir, as Marés.csv, que dão a ver os mapas intensivos que orientam os relatos da expedição.

Um terceiro pacote reúne o arquivo de capturas de tela que orientou a produção dos mapas extensivos. Estão organizados em nove arquivos, um para cada mês de produção de dados.

BUSIA, 1990, p. 11.

Uma mulher qualquer já não caminha de volta para casa sozinha à noite. Pudera: já não se vê mais sozinha. E já não tem o menor interesse em voltar ao seu antigo lar; podemos ir para qualquer lugar / menos para casa. Sente que sua casa agora é o mar. E navega.

ComoFunciona.nfo

Amigo, desarrocha o bandolim
Quase igual notícia ruim
Vamos viajar

Nós temos que partir urgentemente
Até a sombra da gente
Tem de acompanhar

Vambora olhar pra frente, o dia é claro
Depois que eu saio, eu não paro
Nem pro trem passar

- Siba

GALEANO, 2002.

Houve uma febre de ouro e de pérolas e de temperos que arrastou navios e mais navios saídos da Europa através do Atlântico em direção à (suposta) Ásia já no fim do Século XV. Diz-se que [Cristóvão Colombo morreu sem saber](#) que aquele solo arenoso onde pisou, nas Bahamas, tratava-se de outro lugar, e não do Japão a ele prometido pela leitura dos livros de Marco Polo.

DE ANDRADE, 2018, p. 177.

A mesma febre, ou outra febre já mais bem informada, desceu âncora em Porto Seguro uns poucos anos depois. [Quando o português chegou / debaixo de uma bruta chuva / vestiu o índio / que pena! / fosse uma manhã de sol / o índio tinha despido o português.](#) Assim começa um processo de violência, escravização, extrativismo e colonização cujos efeitos ainda hoje são sentidos.

Estas grandes navegações dispararam também outras menores, pequenas navegações. Os Séculos XVII e XVIII, com navios carregando riquezas das colônias às cidades europeias em um espaço marítimo sem lei, atraem ladrões que roubam ladrões. O trânsito intenso favorece a época de ouro da pirataria.

JOHNSON, 2020.

Há poucas mulheres em ação na pirataria neste período. [Quase não há registros de como os piratas as trata-](#)

JOHNSON, 1724.

vam; pelas descrições das batalhas e assassinatos, pode-se supor que eram também terrivelmente violentos contra elas. Os navios (como tantos outros espaços à época) em geral proibiam a presença de mulheres, de forma que as poucas que se aventuravam na atividade mantinham seu gênero em segredo. Quem ousava se fazer presente se vestia e agia como homem (grifo nosso) quando a bordo.

Piratar, no Século XXI, é de outra ordem. Uma pirata hoje pode ter à sua disposição celulares, computadores, GPS, radares e sonares. É mais fácil encontrar seus alvos através do uso destes equipamentos, e a atividade não depende sequer de sua presença física no mesmo espaço onde está aquilo que deseja roubar. Pirateia-se presencialmente ou remotamente. Também não depende dos limites materiais do que seu barco consegue carregar, já que o fruto de seu roubo pode caber em pequeníssimos dispositivos tais como pendrives, cartões de memória, HDs externos. Por último, não há limites também do que pode roubar, pois quaisquer arquivos, em quaisquer formatos, podem ser copiados.

ROLNIK, 2007, p. 65.

Uma pirata é, portanto, alguém que está necessariamente mergulhada no tempo em que vive e que, atenta às linguagens que encontra, devora as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. No seu desejo por criar seus próprios itinerários e constituir para si um território existencial, ela saqueia sem preconceitos; com o que recolhe, inventa formas de ser uma professora feminista completamente en-

Idem, Ibidem.

redada. Por isso, serve-se das fontes mais diversas; fontes teóricas, mas também música, filmes, literatura, arte. Ela está sempre em busca de quaisquer elementos que possam vir a compor suas cartografias. [Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.](#)

GUATTARI, 2012.

Uma pirata sabe que a produção de subjetividade não se dá somente a partir das grandes estruturas (família, religião, nação, etc.), mas também a partir de uma [hete-rôgênese onde se atravessam múltiplas linhas](#) (que vão da escola à música pop aos algoritmos dos computadores). Ela aprende uma nova língua para que possa se deslocar por outras paisagens; seu percurso aproxima-se mais de uma geografia do que de uma história, pois percebe estes elementos como que distribuídos no espaço. Estruturas, eixos e relações de causa e consequência não dão conta da abordagem cartográfica, que precisa de um novo vocabulário: posição, campo, domínio, solo, paisagem, território, platôs, linhas, estratos, planos etc.

DELEUZE, GUATTARI, 2011a.

Sua linguagem é então inundada por toda uma coleção de imagens geográficas. Os conceitos de [desterritorialização e reterritorialização](#) servem para pensar nos movimentos de abandono e de construção de territórios existenciais; a noção de [linha de fuga](#) opera como o vetor que leva ao movimento de desterritorialização, que arrasta o conjunto para um lugar novo no mapa. Uma pirata pensa nas relações entre capitalismo e feminismo: os movimentos feministas traçam linhas de fuga que escapam de territórios determinados, ou seja, de processos de produção de

DELEUZE, GUATTARI, 2011b

subjetividade que constituem certas formas de ser mulher (a dona de casa que não teve escolha, a mulher que sofre violência calada, etc.). A luta coletiva das mulheres torna possível que alguém se desterritorialize. O capitalismo, no entanto, rapidamente viabiliza um novo território; ele próprio reterritorializa elementos do feminismo de forma que passem a funcionar dentro da sua lógica (os produtos e marcas que se apropriam do discurso feminista; uma certa noção de empoderamento feminino baseado no consumo; etc.).

Por apostar na heterogênese engendrada nos processos de produção de subjetividade e por investir em um pensamento que se aproxima da geografia, a cartografia combate o modelo representativo, estrutural e positivista de possibilidades de pesquisa. Se coloca combatendo a imagem de uma árvore do conhecimento que, a partir de uma raiz única, vai sempre se dividindo binariamente. Rejeitando a necessidade de uma forte unidade principal, a cartografia faz uma aposta no [rizoma, em sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos](#). Assim, afirma a variação por meio de uma imagem do pensamento múltiplo.

DELEUZE, GUATTARI, 2011a.

Cartografar, neste sentido, é como devorar o estrangeiro, como os indígenas brasileiros que praticavam o canibalismo contra seus inimigos. Ao [europeu horrorizado](#) que afirma que mesmo animais irracionais raramente devoram seus semelhantes, uma pirata responde, à moda Tupinambá: [Está gostoso. Jaguar-Eu](#). O ato de devorar de

STADEN, 2004, p. 106.

VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 628.

forma ritualística é ao mesmo tempo vingança e elogio, maneira de finalmente superá-lo, mas também de absorver o que o outro tem de valoroso.

Em meio a esta fabricação de um estilo de escrita e pesquisa, o modo ser professora de uma pirata enredou-se. Puxou tantos fios daqui e de lá, cruzou tantas referências que acabou se dando conta que seu trabalho na sala de aula a aproximava do fazer de uma tradutora. No entanto, sabe que o que pretende não se trata de qualquer tradução; não é o caso de simplesmente deixar-se atravessar pelos intercessores, tornar-se porta-voz deles, mediar a relação entre conteúdo e estudantes. Não pretende tornar-se transparente. Sua intenção é de pensar no seu trabalho como uma [tradução criadora, transcriadora, na direção dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos](#). Ela quer tomar os intercessores para si e inventar outros usos para eles. [A tradução criativa, possuída de demonismo, não é piedosa nem memorial; ela intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original](#). Devorar o estrangeiro.

A pirataria, a [antropofagia](#), a [tradução transcriadora](#) e a [didática-tradução](#) tem isso em comum: não estão preocupadas com uma suposta essência ou intenção original do estrangeiro devorado, mas sim com seus efeitos, com o que se consegue movimentar a partir deles. Esta deglutição do outro não se trata, no entanto, de um processo de assimilação harmonioso entre o local e o estrangeiro. [Eu só boto bebop no meu samba quando Tio Sam tocar um tamborim](#). Ela devora problematizando a submissão

CORAZZA, 2012, p. 5.

CAMPOS, 1981, p. 209.

DE ANDRADE, 1970.
CAMPOS, 1981.
CORAZZA, 2012.

PANDEIRO, 1959.

DE ANDRADE, 1970.

intelectual brasileira aos países mais ricos, cujo desenvolvimento econômico e cultural só foi possível a partir de um violento processo de colonização. Ainda assim, ou justamente por isso, não deixa de devorá-los. [Só me interessa o que não é meu](#). Lei de qualquer mulher, lei da antropófaga, lei da cartógrafa, lei da pirata.

KASTRUP, 2012, p. 32.

Se [a cartografia visa acompanhar um processo e não representar um objeto](#), trata-se então de encontrar-se com a produção subjetividades enquanto estes se configuram e se desmancham. Ela percebe que a linearidade do texto não é suficiente para o que precisa dizer. É preciso desenhar mapas que permitam perceber as [coexistências entre as macro e micropolíticas, complementares e indissociáveis na constituição da realidade social](#).

DELEUZE, GUATTARI, 2011a, p. 22.

DELEUZE, 2011.

Em meio a este conjunto de imagens geográficas, uma pirata debruça-se a desenhar [mapas extensivos e intensivos](#). Nos extensivos, procura dar conta dos trajetos, dos movimentos e dos temas que são tratados pelas publicações feitas em páginas feministas no Facebook. Nos intensivos, que são mapas de forças intensivas produzidas pelo empilhamento dos extensivos, aparecem territórios existenciais feministas em forma de marés.

DELEUZE, GUATTARI, 2013.

Paisagens começam a delinear-se. Traça-se um [plano de imanência](#): um corte no caos, solo absoluto da escrita filosófica sobre o qual uma pirata criará seus conceitos. É o tecido onde articula-se o futuro possível para um povo por vir. Este campo não é pensável por si mesmo: seu desenho só é possível enquanto se definem os conceitos que

o povoam.

DELEUZE, 1993.

Solo? Campo? Trata-se antes de um Oceano, plano que serve a uma pirata como superfície por onde pensar e transitar. Para ela, pensar não se trata de representar o mundo, mas sim de inventá-lo: há uma potência criadora que ficou sufocada pela ideia de que o pensamento está necessariamente e somente atrelado à reflexão. Assim, busca [abandonar as imagens de pensamento representacionais](#), pois estas são coordenadas de orientação que associam o pensar somente a uma busca por verdades universais.

DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 52.

Em busca de uma potência criadora do pensamento, ela segue desenhando. O traçado de um plano se faz a partir de uma [experimentação tateante que recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis](#). Seu desenho e seu pensamento estão agora inundados pela água do mar; uma vez instalada a ideia, é impossível abandoná-la, pois tudo para ela converge. O mar funciona: há nele a ideia de superfície instável; há variações em forma de marés; há a ação de navegar.

DE JESUS, 1973.

Num primeiro olhar, a superfície do Oceano pode parecer homogênea, pacífica. Mas não: assim como as redes sociais não são plataformas neutras sobre as quais se produz algo, não é o oceano um lugar de passividade. Da mesma forma que os algoritmos produzem subjetividades, a vida de quem navega não preexiste às instabilidades nas águas. [Quem ensinou a nadar foi o tombo do navio ou foi o balanço do mar?](#)

Navegando entre estas variações, uma pirata começa

LISITZIN, 1973.

a observar o movimento das marés. Percebe que se trata de alterações cíclicas do nível das águas do mar causadas pelos efeitos combinados da rotação da Terra com as forças gravitacionais exercidas pela Lua e pelo Sol sobre o campo gravitacional da Terra. Os efeitos das marés traduzem-se em subidas e descidas periódicas do nível das águas, cuja amplitude e periodicidade são influenciadas por fatores locais. Ela nota que as marés noturnas são mais intensas que as diurnas: isso porque a atração gravitacional que a Lua exerce sobre as massas de água é mais intensa do que a exercida pelo Sol, dada a maior proximidade do satélite.

Ibidem.

BORGES, 1986.

Para acompanhar a formação das marés, ela precisa trabalhar com um conjunto de regras de jogo. Reúne publicações feitas em páginas feministas brasileiras no Facebook, coloca-os em relação e dá a ver os territórios existenciais feminista que daí emergem. Como faz isso? Recolher tudo que as páginas publicam é impossível do ponto de vista prático, mas também em outro sentido; o mapa resultante seria um decalque, a reprodução em escala um por um do oceano cartografado, precário no congelamento de uma paisagem que é instável. Não se trata de dar conta de uma totalidade.

Uma pirata inventa para si, então, um critério de tempo. O arquivo de dados é produzido a partir de capturas de telas e links coletados Facebook durante os períodos de Lua cheia entre janeiro e setembro de 2019. Decide utilizar a Lua como critério para o recorte por duas razões: Em primeiro lugar está a associação que comumente se faz

BRUNEL, 2016.

entre este satélite e o corpo feminino, sua sexualidade e seus ciclos, [presente em diferentes mitologias](#). Diz-se da influência lunar nos ciclos menstruais e até mesmo na gestação e parto dos bebês.

JUNG, 2015, p. 233.

Idem, ibidem.

Esta relação aparece também na noção jungiana de uma consciência lunar, feminina, [cuja luz é a ‘suave’ luz da lua, que funde as coisas ao invés de separá-las](#) em oposição à consciência solar, masculina, [que mostra os objetos em toda sua impiedosa discrição e separação](#). Tal leitura demonstra uma crença de que a consciência feminina é mais misteriosa, menos confiável que a masculina, insuficiente no que diz respeito a rigor científico. No olhar masculino, o corpo feminino é lunático, independente do que pensa uma cartógrafa pirata sobre a relação entre biologia e a categoria ‘mulher’.

SADOFF, 1978.

Em segundo lugar, e este aspecto será especialmente importante na criação dos mapas intensivos, interessa a atração gravitacional que a Lua exerce sobre os oceanos, causando as marés altas e baixas. A crítica literária feminista indica que [o mar é associado com o universo feminino](#): na história da literatura, as paisagens naturais são femininas, passíveis de exploração pelo herói masculino que ativamente se desloca através delas. Nesta composição, o mar – inconsciente, profundo, indiferenciado – aparece como fonte da vida, relacionando-se com o útero.

Ela sabe que o que vê no Facebook é parcial, precário, recortado. Há variáveis sobre as quais ela não tem nenhuma ilusão de controle. Há uma interferência que ba-

gunça seus sonares, inclina sua embarcação para um lado ou para outro. O algoritmo do Facebook emite signos que assumem um papel importante na produção de dados que resultarão em seus mapas.

BUCHER, 2017.

Ainda que os detalhes de seu funcionamento sejam desconhecidos fora do ambiente em que é desenvolvido, [sabe-se que o Facebook opera em um regime de retroalimentação conduzido por inteligência artificial](#): as interações dos usuários com o conteúdo exibido em sua linha do tempo servem como dados para a decisão do algoritmo a respeito do que exibir a seguir. O uso que se faz dos sites faz com que os algoritmos sejam capazes de agrupar seus usuários em perfis – [conjuntos de padrões comportamentais não-individualizados](#) – a partir dos dados coletados. Quanto mais se interage com o conteúdo publicado por um usuário ou página, mais o algoritmo “aprende” a respeito de uma alguém, e mais publicações que interessam ao seu perfil serão exibidas no *feed*⁵.

ROUVROY, 2016.

Este funcionamento não é exclusividade do Facebook: os algoritmos constituem-se hoje como uma forma de controle das experiências de todos com as mídias, delineando a maneira como são consumidos diferentes tipos de conteúdo. Os sistemas de recomendação de plataformas como Spotify e Netflix, sempre prontos a recomendar músicas, filmes e séries de acordo com os interesses de

⁵ O termo *Feed* (oriundo do verbo *to feed*, alimentar em inglês) é utilizado para definir a lista constantemente atualizada com publicações de pessoas, páginas e grupos que alguém segue no Facebook ou em outra rede social. É em geral a primeira página que se visita quando se abre o site ou aplicativo.

uma pirata, funcionam também a partir de algoritmos que são alimentados por aquilo que a mobiliza. A inteligência artificial que alimenta o sistema aprende com aquilo que é consumido, refestelando-se destes dados para oferecer o próximo lançamento e desta maneira, mantendo todos mais tempo conectados ao serviço em questão. Igualmente, sistemas de publicação de anúncios exibem, no Google, Instagram e Facebook, produtos e serviços que recentemente foram procurados; a Amazon oferece livros que provavelmente interessam; Instagram, Twitter e Facebook modulam suas linhas de tempo para que nelas seja exibido conteúdo que muito provavelmente mobiliza a interagir.

O regime dos algoritmos é circular: quanto mais tempo se passa online, mais se reage a publicações com likes e cliques. Assim, as linhas de tempo modulam-se, exibindo conteúdo que convida à interação, seja por provocar alegria, tristeza ou indignação. Se o tempo que se passa online é de alguma forma gratificante, maior ele será; mais anúncios e posts pagos serão vistos. A economia do algoritmo converte o tempo online em consumo de produtos e serviços divulgados por empresas que pagam para que seus anúncios sejam veiculados para públicos específicos, recortados a partir dos interesses que estão estampados em seus perfis. Engana-se quem pensa que o Facebook presta um tipo de serviço gratuito a quem tem ali um perfil pessoal; o verdadeiro cliente da plataforma é quem paga pela exibição de propaganda.

O uso de algoritmos baseados em inteligência arti-

ROUVROY, 2016.

ficial vai além do direcionamento ao consumo através de sistemas de recomendação e montagem de *feeds*. Em uma [governamentalidade algorítmica](#), há uma gestão de modos de vida que se torna possível a partir da expansão do uso de *big data*⁶ em diferentes instâncias. Tal governamentalidade é posta em funcionamento, por exemplo, em sistemas de segurança (muitas vezes [racistas](#)) que utilizam reconhecimento facial, ou seguradoras que calculam automaticamente o risco de doença ou morte de um indivíduo com base no perfil onde ele é enquadrado, sofisticando dispositivos de [biopoder](#) baseados em estatísticas.

RICHARDSON et al., 2019.

FOUCAULT, 1988.

ROUVROY, 2016.

O resultado dos algoritmos constitui, então, [um diagrama de poder que se estabelece através de saberes qualificados](#). Não se trata de uma tecnologia que existe à parte da intencionalidade humana, mas sim no agenciamento entre estas tecnologias e aqueles que a projetam, programam e treinam. Considerando o domínio ocidental, branco e masculino dos ambientes de desenvolvimento de software, entende-se que as inteligências artificiais estejam longe de ser um campo de neutralidade.

THE SOCIAL, 2020.

Interessada no funcionamento destas plataformas já há algum tempo, uma pirata vê que hoje o debate sobre eles faz parte do cotidiano. Os algoritmos são tema de um [documentário](#) (produzido justamente pela Netflix, companhia que ela própria faz uso intenso deste tipo de ferra-

⁶ Se refere a conjuntos de dados que são grandes demais para serem analisados por sistemas tradicionais, e às tecnologias (em geral baseadas em diferentes técnicas de Inteligência Artificial) empregadas para coletar, manipular, analisar e exibir estes dados.

THE GUARDIAN, 2018.

EL PAÍS, 2017.

menta) onde funcionários das *big techs*⁷ fazem *mea culpa* sobre a polarização política nos Estados Unidos e adoecimento mental dos jovens. Os sites de redes sociais – especialmente o Facebook – vem sendo responsabilizados por permitir [influência estrangeira nas eleições presidenciais](#) estadunidenses de 2018 e por [explorar aspectos da psicologia humana para obter lucro](#). Mark Zuckerberg, criador e CEO do Facebook, já informou a mídia e os usuários do site sobre pelo menos duas grandes mudanças no algoritmo desde 2018: uma primeira, que priorizava interações sociais significativas entre amigos e família em detrimento de conteúdos como posts pagos e vídeos virais, e outra mais recente, que favorece as publicações feitas em grupos.

Mesmo com estas mudanças, as páginas curtidas continuam aparecendo em grande quantidade no *feed* de uma pirata, já que ela intencionalmente interage o tanto quanto pode com este tipo de publicação. Diferentemente dos perfis pessoais, as páginas não funcionam a partir de reciprocidade, ou seja, não adicionam amigos e não seguem de volta os usuários que as seguem. As páginas têm sido o formato preferido de uso do Facebook por empresas, organizações, artistas, escolas e outros que desejem comunicar-se com muitos usuários ao mesmo tempo.

Ela põe-se, então, a ‘curtir’ todas as páginas feministas em português brasileiro que consegue encontrar no Facebook, procurando aumentar a quantidade de publica-

⁷ Grandes corporações (em maioria estadunidenses) do campo da tecnologia, tais como Facebook, Microsoft, Apple, entre outras.

ções às quais terá acesso na sua produção de dados. Começa pelas grandes páginas, aquelas que aparecem quando procura ‘feminismo’ ou ‘feminista’ na caixa de busca do Facebook; a seguir ‘curte’ também as páginas que aparecem como relacionadas, à direita no seu monitor, e por fim as páginas cujas publicações suas amigas compartilham.

Passa a interagir deliberadamente com o conteúdo publicado por estas páginas (reagindo ou comentando as publicações), alimentamos o algoritmo para que mais posts sejam exibidos e mais páginas sejam sugeridas. Ainda que o funcionamento da plataforma determine a exposição de conteúdo baseado em parâmetros pouco conhecidos em detalhes, sabe-se que é levado em conta o potencial de interação de cada publicação. Ela entende que seguirá alimentando os algoritmos de qualquer forma. Quem sabe se, bem alimentados, eles começam a trabalhar mais a seu favor?

Sua produção de dados se inicia. Na primeira noite de cada lua cheia, uma cartógrafa pirata abre o Facebook e começa a rolar a tela infinita. Em seu computador, registra quais são as páginas feministas que aparecem no seu *feed*. Durante todo o período da lua cheia, que dura cerca de uma semana, ela pirateia todos os posts que estas páginas publicam. Vai abrindo abas e mais abas, centenas delas. Os links individuais de cada publicação são registrados em uma planilha, e as telas são capturadas e arquivadas em uma pasta com o nome da página e do mês. Um refrão em forma de atalhos de teclado ecoa em sua mente enquanto

executa a tarefa: Ctrl+C, Alt+Tab, Ctrl+V, Alt+Tab, PrtScn, Ctrl+C, Ctrl+V.

GIL, 1972.

Os arquivos são imediatamente armazenados no HD externo e numa nuvem toda sua. O backup é um velho baú de prata dentro de si – [diz “de prata” por que prata é a luz do luar](#). São em torno de 640 imagens de telas capturadas, 49 pastas organizadoras, 10 planilhas de registros. Tem a necessidade de memória porque tem medo de perder. E não se trata de um arquivo morto: é uma coleção viva, pulsante, rapidamente acessível em qualquer momento. [Seu arquivo não é uma questão de passado: é uma questão de futuro](#), questão de mapas, mundos e mulheres por vir.

DERRIDA, 2001.

DELEUZE, 2011.

Após nove meses de produção de dados, ela inicia o desenho de seu conjunto de mapas extensivos. [Extensivos, pois dizem respeito a uma distribuição de forças motrizes, de trajetos, de movimentos através de um plano](#). Os mapas extensivos são este plano, e os trajetos ali registrados dizem respeito aos signos que as páginas feministas emitem.

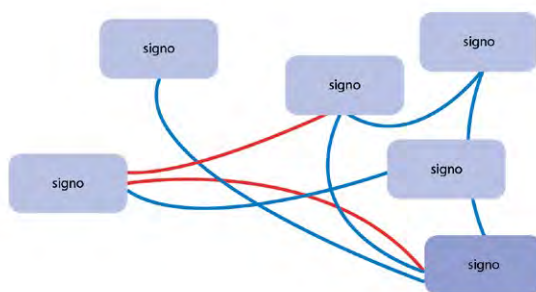
São produzidos nove mapas, cada um deles referente a uma Lua Cheia / um mês. Os mapas são compostos por palavras que registram signos e linhas que demarcam relações entre diferentes signos na mesma postagem. As palavras que figuram no mapa não necessariamente aparecem na publicação em questão: tais elementos já passam pelo crivo analítico da cartógrafa, que relaciona a publicação com o que vai aprendendo com suas intercessoras.

Uma pirata não está preocupada em analisar cada um dos posts publicados; individualmente, o discurso das

publicações não diz respeito ao seu trabalho. O que interessa é o que passa entre o *post*, suas intercessoras, sua atividade pirata e os mapas que produz, estes sim objetos de sua análise.

Tampouco preocupa-se com os *likes* ou comentários em cada uma destas publicações: tais dados, que talvez interessem a outros trabalhos, são apenas números que dizem do engajamento produzido em quem quer que tenha visto a publicação. Por buscar dobrar o algoritmo (mesmo que minimamente) ao seu desejo, uma pirata pensa que estes dados não lhe dizem muito. Não interessa que o post tenha gerado mais ou menos engajamento; quando (e se) retorna a uma publicação para escrever sobre ela, é somente por que sua consistência tem algo que se propaga para além dela, criando fluxos que se conectam a outras.

Figura 1: Signos e suas relações nos mapas extensivos



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto mais intensa a cor da forma que demarca o signo, mais postagens o emitiram. As cores das linhas de-

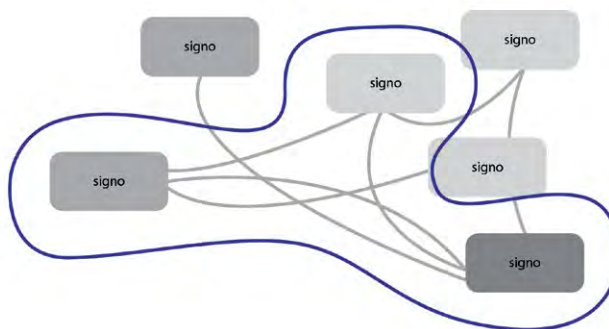
DELEUZE, GUATTARI,
2013, p. 72.

terminam tipos de conexão: linhas azuis para forças que confirmam e associam, e linhas vermelhas para forças que negam, refutam, colocam em questão. A diferenciação das cores das linhas tem por objetivo apenas auxiliar no trabalho de análise.

Uma vez produzidos os nove mapas, eles foram superpostos na intenção de dar a ver as intensidades que ali transitam. O empilhamento dos mapas possibilita acessar todo o tempo, todos os nove meses, simultaneamente. Assim como o tempo filosófico, este é um grandioso tempo de coexistência, que não exclui o antes e o depois, mas os superpõe (grifo dos autores) numa ordem estratigráfica.

Para produzir os mapas intensivos, uma pirata cruza as linhas e signos presentes nos mapas extensivos superpostos. Precisa ver quais são os signos que aparecem em maior número e que, ao mesmo tempo, emitem mais linhas em direção aos outros.

Figura 2: Agrupamento de signos intensamente conectados

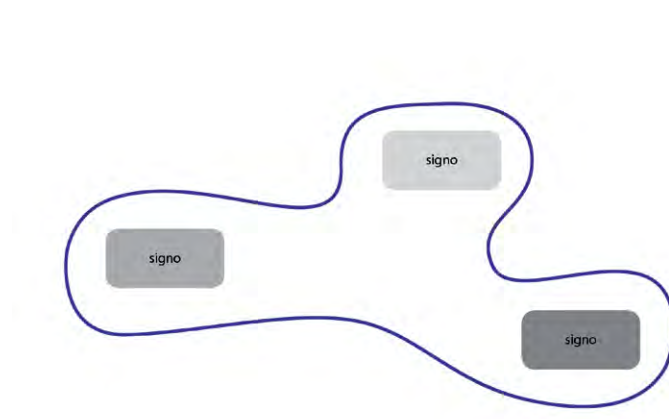


Fonte: Elaborado pela autora

O desenho destas parece uma tarefa quase impossível de empreender à mão, de forma que uma pirata opta por escrever uma pequena rotina de software. Numa comunidade de software livre, toma emprestado um algoritmo escrito por outrem, e pirateia-o para que atenda às regras que criou. O algoritmo é escrito em *Processing*, linguagem de programação que já conhece e que é bastante utilizada para visualização de dados, muitas vezes com fins artísticos.

O software gera uma Carta Náutica que tridimensionaliza os valores: quanto mais intensa a tonalidade de azul de uma área, mais força ela carrega. Esta força é calculada pela intensidade com a qual um signo se faz presente no mapa, e pela quantidade de linhas que saem deste signo em direção a outros. Os signos que carregam mais força (por aparecem mais nas publicações, e por serem ponto de destino ou partida de muitas linhas diferentes) sobem à superfície do oceano e se tornam visíveis no mapa.

Figura 3: Signos intensamente conectados emergindo no oceano



Fonte: Elaborado pela autora

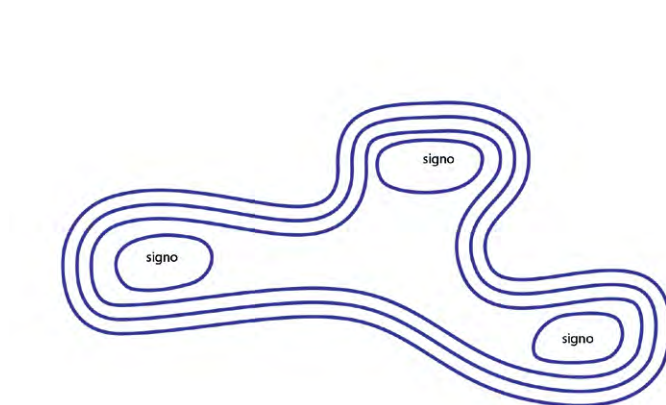
DELEUZE, 2011.

A seguir, ela destaca, neste mapa superposto, as marés. À espreita ela vai compondo conjuntos de signos que, ao relacionarem-se nos mapas, produzem territórios existenciais feministas. Seus mapas intensivos são mapas de densidade, distribuição e constelação de afectos.

DELEUZE, GUATTARI, 2012b.

O algoritmo também identifica quais destes signos aparecem mais vezes associados a outros, gerando assim pequenas áreas, recortes no mapa. São intensidades que se avizinham. A borda funciona como uma linha que envolve cada multiplicidade, para além da qual ela muda de natureza. Estes conjuntos de signos circunscritos são as Marés, que correspondem aos territórios existenciais feministas encontrados.

Figura 4: Uma maré ou território existencial feminista



Fonte: Elaborado pela autora

Uma cartógrafa pirata quer nomear as marés que o software desenhou no seu plano. Pensa em canções-pirata: celeumas⁸ que ecoam nas embarcações, embalando

⁸ Equivalente à expressão inglesa *sea shanty* (canto do mar, em tradução-pirata) que designa um gênero de canção popular entoada

DELEUZE e GUATTARI,
2012b, p. 173.

BRAIDOTTI, 2002.

MAGALHÃES, 2011.

ROCHA, 2015.

SOARES, 2015.

NEGRA LI, 2018.

NUNES, 1977.

JUPI77ER, 2015.

o trabalho árduo de pôr um navio em movimento. Abre sua imensa biblioteca de arquivos .mp3, e a eles recorre para embalar suas noites de trabalho. Recolhe, nas suas playlists, músicas interpretadas e / ou compostas por cantoras brasileiras: [nada garante que as moléculas sonoras da música pop não disseminem, aqui e ali, um povo de um novo tipo](#). São canções que lhe fazem pensar em termos de uma [ficção política](#), às vezes mais efetiva do que modelos teóricos para pensar outras possibilidades de existência. Músicas que convidam, provocam, mas também fabricam, fabulam.

Assim, as marés no mapa ganham nomes: [Velha e Louca](#) para o território existencial habitado pelo humor feminista; [Auto das Bacantes](#) para a maré que debate representatividade e identidade; [Maria da Vila Matilde](#) para discussões sobre as diferentes formas de violência sofridas pelas mulheres; [Raízes](#) para os feminismos negros e suas intersecções com questões de classe; [As Forças da Natureza](#) para preocupações com questões ecológicas e sua relação com o capitalismo; [Respeita nosso Corre](#) para o território de disputa por definições dos feminismos.

De posse dos seus mapas, uma cartógrafa pirata visita estes territórios existenciais, móveis como as próprias marés, e compartilha seus achados nos relatos que seguem.

em navios, uma Celeuma é o “Canto ou vozearia com que barqueiros ou marinheiros ritmavam seu trabalho” (HOUAISS, 2009, p. 433). A expressão brasileira-portuguesa ganha ainda outro sentido quando por extensão passa a significar “agitação barulhenta, algazarra, alvoroço, tumulto” (idem, ibidem).

VelhaELouca.pdf

Amigo, desarrocha o bandolim

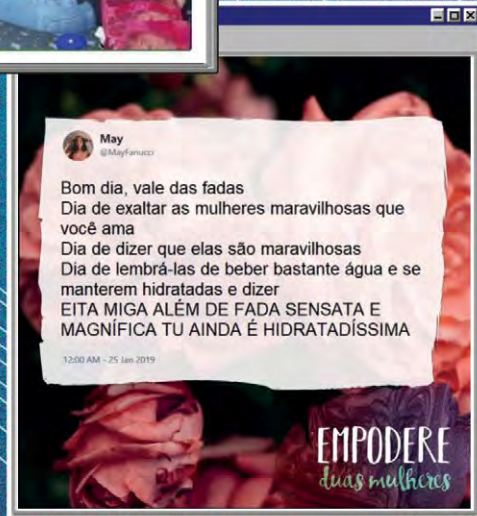
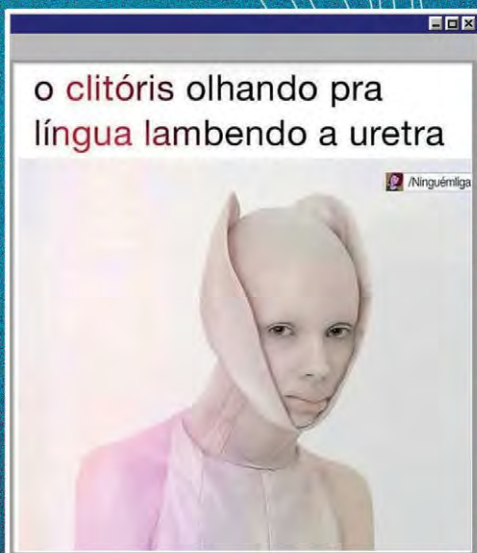
Nem vem tirar
Meu riso frouxo com algum conselho
Que hoje eu passei batom vermelho
Eu tenho tido a alegria como dom
Em cada canto eu vejo o lado bom

- Mallu Magalhães

mente

dia é claro
aro

velha e louca



Não existe sono tranquilo para uma pirata que, à noite, flutue em direção a esta maré. Há no mar um rumor irresistível que antes teria se espalhado boca-a-boca. O bip bip insistente dos sonares confusos é apenas prenúncio de outros sons que seguem: hahaha, heheheh, kkkk, huehehuahea, rsrs. Risos, risadinhas, sorrisos, gargalhadas. Tão rindo do quê?

Pelos sinais sonoros e luminosos, bandeiras e apitos, código Morse ou mensagens em garrafas, chegam imagens que se adaptam, se espalham, contaminam.

Uma pirata que vê as imagens pela primeira vez pode não entender. Não vai achar graça. Mesmo que entenda, é possível que nunca chegue a rir. Se pedir ajuda, ninguém vai conseguir explicar a piada, ou vai dizer simplesmente: Amiga, é meme.

Esta maré é uma grande máquina de proliferação de memes, estes [agenciamentos maquínicos](#) que descontextualizam um signo qualquer e justapõem-no a outros com fins (em geral) cômicos. Agenciam (criam conexões) e maquinam (fabricam sentidos): espalhando-se e refazendo-se, os memes funcionam como dispositivos semió-

ticos, produzindo enunciados que orientam as navegantes através do oceano. Aparecem em qualquer um dos pontos mais extremos do diagrama político contemporâneo (ele próprio um meme). Estão por todo lado, em todas as marés, e não há distanciamento social, tratamento precoce ou imunidade de rebanho que seja capaz de barrar seu espalhamento.

Ainda que possam emergir em formato de vídeo ou som, os memes mais comuns que circulam no oceano são imagens que viralizam. Não é questão de palavra da moda: um meme é de fato virótico, diferenciando-se na repetição e repetindo-se na diferença para garantir sua sobrevivência. Há sempre novas variantes dos memes surgindo e furando as barreiras.

Enquanto contagia a superfície do oceano, o meme cria vida própria e modifica-se à revelia do desejo de quem os criou. Sua existência depende apenas de sua habilidade de reproduzir-se e de continuar se adaptando. Aquela que o compartilha muitas vezes o faz porque a imagem dá a pensar, ou confirma sua opinião, ou simplesmente lhe faz rir e ela quer convidar outras a rirem junto.

No entanto, o meme não se trata simplesmente de uma unidade de transmissão cultural. Ele não serve apenas como veículo para o espalhamento de uma ideia que existe antes dele; no seu processo de replicação, ele próprio fabrica e distribui modos de ser. Uma pirata que o faça circular converte-se em hospedeira, atravessada por fluxos meméticos que crescem e crescem. O meme quer

DAWKINS, 2007.

viver.

Em certo ponto, o meme acaba perdendo o grau de consistência entre seus elementos que o tornava discernível. Uma máquina dentro do agenciamento-meme se torna uma linha que o liga a outro: um elemento é reterritorializado para um novo meme. E na maré feminista das mulheres que riem, os memes, encadeados, riem.

BERGSON, 2001.

Riem do que chamam de masculinidade frágil, riem dos padrões heteronormativos de gênero, riem da performance sexual do homem hetero, riem do presidente. E riem, riem muito e riem alto, junto com as mulheres. [O riso, afinal, é sempre de um grupo.](#)

FREUD, 2002.

As risadas que enchem a maré desconcertam e preocupam outros habitantes do oceano. Rir numa hora dessas? Também dizem, à boca pequena, que as mulheres não sabem rir e não conseguem ser engraçadas. Parecem mesmo ignorar que elas sejam capazes de produzir humor, estando relegadas ao papel de [sujeitos dos chistes dos homens.](#)

CRESCÊNCIO, 2016.

Diz-se também que a jocosidade iria contra a suposta natureza conciliadora e maternal das mulheres, que não deteriam a agressividade necessária para rir do outro. [O humor, entendido como atitude assertiva \(ou até mesmo impositiva\), constitui-se como oposição ao que se convencionou chamar de feminilidade.](#) Afinal, uma das características que constituiriam as mulheres seria justamente a passividade que lhe confere um lugar de alguém sem desejo. Outra vez a mesma história da mulher perdida em

CIXOUS, 1976.

seus sonhos, sem voz, sem ação, limitada a dormir no bosque à espera de seu príncipe.

Afirmar que as mulheres não têm senso de humor é um discurso que surge na esteira dos argumentos de que elas seriam intelectualmente inferiores aos homens. Ainda que tal especulação pareça há muito superada, as mulheres que riem hoje ainda ouvem, não raro, que a sensibilidade feminina se opõe à racionalidade masculina. Disfarçado de elogio, o discurso sobre esta suposta emotividade sempre aparece, florido e colorido, como prêmio de consolação em datas como o Dia Internacional da Mulher. O riso, nesse ponto, cessa: aqueles que negam o senso de humor às mulheres começaram por negar-lhes a capacidade de raciocínio lógico.

WALKER, 1988.

Não que haja algo de errado em ser sensível, riem as mulheres. Não é como se a suposta racionalidade (masculina) dominante tenha conduzido a humanidade a uma utopia de igualdade e paz. O problema está em reduzir tal característica a um traço feminino que é simultaneamente colocado como inferior à razão.

Como oferecer uma crítica à razão julgadora sem adotar um tom de julgamento? Como apresentar as crueldades da moralidade sem moralizar? Como criticar o ponto de vista racional-masculino, que procura se afirmar como superior em qualquer contexto, sem que tal crítica acabe por afirmar outra superioridade?

Talvez o humor produzido pelas mulheres se desenvolva justamente na recusa desta racionalidade. Se tais

Idem.

valores foram impostos pelos homens na constituição do oceano, [às mulheres cabe o papel de sobreviventes, e não de salvadoras](#). Daí advém uma abordagem do humor que, ao rir dos homens, ri também dos padrões por eles prescritos.

NOGUEIRA, 2020.

É o caso das piadas que emergem na maré fazendo troça do presidente Jair Bolsonaro: ao rir dele, as mulheres riam também de um conjunto de valores ultraconservadores que ele cristaliza. Um dos motivos do riso está na sua [convivência com a corrupção praticada por seu filho](#), mas também na sua homofobia escancarada.

PINTO, 2003.

Assim como em muitos outros contextos, a homossexualidade ainda é estigmatizada no humor produzido por heterossexuais. Personagens gays na cultura pop não raro aparecem relacionados unicamente ao universo ‘afeminado’, portadores de uma ‘afetação’ reconhecida popularmente como signo de homossexualidade. Da mesma forma, as lésbicas são representadas como agressivas, entre outras características comumente lidas como “masculinas”. Assim, o humor historicamente constituiu-se como [um veículo para estratificação e manutenção de padrões da sexualidade humana](#).

METRÓPOLE, 2019.

Os ventos mudam e tais cristalizações homofóbicas passam a ser menos aceitas, [mesmo em produções humorísticas mais comercialmente populares](#) (algumas ironicamente criadas por [homens que não se furtam a constranger e assediar mulheres no ambiente de trabalho](#)). O riso

BATISTA JR., 2020.

BERGSON, 2001.

exerce uma espécie de [força repressora a comportamen-](#)

tos considerados socialmente inaceitáveis, e à medida que determinadas atitudes passam a ser mais ou menos toleradas, muda também aquilo que é considerado risível.

Ainda assim, estes discursos subsistem e em muitos casos ganham força, especialmente entre aqueles que creem que o humor politicamente correto é uma ameaça à liberdade de expressão. Sem causar surpresas, repetem-se nas falas do presidente. O riso feminista evidencia o absurdo que há em considerar que cometer crimes diversos seja mais aceitável do que ser homossexual.

O humor elaborado a partir de um viés feminista expõe as contradições dos modelos consolidados de masculinidade e feminilidade ao ridículo. Estes memes podem funcionar como linhas de fuga, deslocando as mulheres em direção a outros territórios existenciais. Há uma potência subversiva que emerge no humor justamente quando escapam das tentativas totalizadoras de produção de modos gendrados de ser.

É o que acontece com certa variação do meme “queria estar assim com a pessoa que gosto”. Este meme começa a circular falando de um desejo de se ter um parceiro romântico, alguém com quem compartilhar momentos cotidianos de alegria e descanso. Dormir abraçado, beber uma cerveja, fazer um passeio, assistir televisão: eis alguns dos momentos de companhia simplicidade almejados.

O meme segue variando, até que se bifurca e desliza em direção à maré feminista. Aqui, o homem desejado é flagrado sem camisa, de joelhos, limpando o chão, en-

quanto a mulher está descansando no sofá.

É quase impossível observar a cena e não lembrar imediatamente das representações de casais heterossexuais oriundas do cinema, da televisão e da publicidade estadunidenses do período pós-guerra. Repetidas mundo afora, as cenas retratam famílias em situações domésticas bastante convencionais: o homem em estado de completo relaxamento e a mulher em plena atividade. Recém-chegado do trabalho, ele geralmente aparece sentado em uma confortável poltrona, lendo jornais ou assistindo televisão enquanto bebe ou fuma. A mulher, por outro lado, é representada preparando o jantar ou cuidando das crianças. Nas imagens, todos parecem satisfeitos em seus papéis, como se a divisão sexual do trabalho fosse natural ou, mesmo que construída, confortável.

FRIEDAN, 2020.

A jovem mulher do meme é outra. Calçando salto alto e usando maquiagem enquanto descansa, ela talvez tenha acabado de chegar do trabalho. [Ela não sofre de um problema que não tem nome](#); não há vazio existencial que lhe acometa. Ela não teve que retirar-se novamente em sua casa suburbana depois que os homens voltaram da guerra ([Coitadinhos! Ninguém os esperava em casa](#)). Ela não precisou resignar-se a uma vida de mulher bela, recatada e do lar (a não ser que desejasse; ninguém está aqui para lhe julgar).

PRECIADO, 2017, p. 201.

Ela deslocou-se. Escapou da condição de alvo do humor para reterritorializar-se como quem ri. Observando atônitos o deslocamento, os homens se veem ameaçados

DERRIDA, 2013.

BEAUVOIR, 2016a.

CIXOUS, 1976.

BARRECA, 1991, p. 130.

IRIGARAY, 1985.

ECO, 2011.

no seu território de quem é sempre o sujeito que fala, ao mesmo tempo positivo e neutro. Nesta leitura [falogocêntrica](#), as mulheres se constituem a partir do que o homem dita o que ela deve ser; no caso, [o outro dele](#). Não é fácil aceitar o papel de motivo do riso daquelas que sempre foram consideradas como objeto das ações masculinas.

Uma pirata que brinca na maré do riso [se recusa a fazer um pacto com a negatividade que lhe foi imposta](#). Faz troça de tudo que é relativo aos padrões de masculinidade, pois sabe que [o homem que teme o riso das mulheres é um homem que teme o poder das mulheres](#). Ri até mesmo do desconhecimento dos homens com relação ao corpo e aos desejos das mulheres cis⁹.

Há algo de trágico na piada que se faz sobre a incapacidade dos homens de localizarem o clitóris. Ela fala da construção social da sexualidade, que privilegia o prazer masculino em detrimento do feminino. O meme pode até mesmo falar de uma relação entre mulheres, já que a incompreensão da própria anatomia é uma realidade que se impõe a elas. Não é uma questão de simples falta de conhecimento; trata-se de uma construção social cujos discursos e de silenciamentos constituem [a sexualidade feminina como um continente sombrio, insondável e inacessível](#).

Nestes casos, o riso não vem exatamente porque a piada é engraçada. Quem sorri o faz porque sente que [des-](#)

9 Por referir-se a uma característica morfológica do corpo daquelas que ao nascer são designadas como mulheres, optou-se aqui pela utilização do termo “cis”. O cís-gênero tem sua origem no prefixo derivado de latim cis-, que significa “deste lado de”, oposto de trans-, que significando “em frente de” ou “do outro lado de”. Ver também SIGUSCH, 1998.

cobriu, mesmo que apenas por um momento, a verdade, como um lampejo de plena consciência das mazelas do mundo. O riso feminista é, muitas vezes, um triste riso de revelação das injustiças.

Há certas injustiças, no entanto, que silenciam a maré. Os memes não fazem troça da violência doméstica, do abuso sexual, do feminicídio. A comédia expande e extrapola barreiras, mas algumas linhas permanecem imóveis. Se o riso feminista é produtivo, então há um limite para seu funcionamento que esbarra na brutalidade da violência.

Os memes que flutuam no oceano também raramente são autodepreciativos. Rir dos próprios defeitos e estereotipá-los é uma tradição em alguns nichos do humor, especialmente nos espetáculos de *stand up comedy*. Ainda que muitas mulheres o pratiquem, as feministas brasileiras que põem os memes a circular preferem poupar-se. Foram por muito tempo descritas, no humor escrito por homens, como desagradáveis, mentirosas, viciosas, pretensiosas, castradoras, tagarelas, agressivas, vulgares, ninfomaníacas, gulosas, desonestas, sem vergonha, gananciosas, egoístas, briguentas, impertinentes e nojentas¹⁰. Já há gente demais apontando-lhes defeitos, elas sugerem.

Chega uma ciranda pelos alto falantes de uma pirata. Companheira me ajuda, que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor. Quaisquer

KAUFMAN, BLAKELY,
1980, p. 14.

¹⁰ Tradução-pirata para “*nasty, lying, vicious, pretentious, emasculating, garrulous, aggressive, vulgar, nymphomaniacal, gluttonous, dishonest, shameless, greedy, selfish, quarrelsome, impertinent, and disgusting*”

mulheres que riem estendem as mãos umas às outras, em cumplicidade.

Combatendo as afirmações de que são rivais, elas fazem eco à ideia de uma irmandade entre as mulheres – sororidade. Se os homens são aqueles de quem se ri, as mulheres são cúmplices a serem festejadas; são aquelas com quem a convivência deve necessariamente passar pela solidariedade.

O uso do verbo ‘dever’ aqui não é por acaso: a amizade entre mulheres muitas vezes é demandada em tom didático, não raro prescritivo.

KRISTEVA, 1981.

KILOMBA, 2019; LORDE, 2019.

WOOLF, 1989, p. 141.

Se há algum dissenso que fracture a noção de sororidade, as mulheres que riem preferem ignorá-lo, pelo menos momentaneamente. Não interessa que a ideia muitas vezes [não dê conta da multiplicidade que cabe dentro da palavra “mulher”](#), ou que o termo tenha sido criticado por [negligenciar a história da escravidão, do colonialismo e do racismo](#) (já que muitas vezes a irmandade entre as mulheres não se estende igualmente a todas). Não importa que as relações entre elas muitas vezes não sejam sido simétricas. O que elas querem aqui e agora, juntas, é [dar pulos de alegria e seguir em frente](#).

E seguem. Uma pirata que viaje para além da maré guardará, em seu arquivo, pistas para a constituição do seu próprio território existencial. Fica a afirmação de um caráter político que emerge do humor feminista, potência subversiva causadora de tumultos. Um riso que não é reação do oprimido, mas que, ao expor os aspectos mais ridículos

dos padrões de gênero, coloca-se como força produtiva de outras possibilidades de existência.

BERGSON, 2001.

Arquiva-se também o caráter coletivo do riso, prática que une mulheres em grupelhos, bandos, matilhas. São risadas que precisam de eco e da [cumplicidade de outros ridentes, reais ou imaginários](#). Produzem, pois, modos de existência que são principalmente coletivos: elas riem em grupo, e seu riso aprova e censura. No fim das contas, [a alegria é a prova dos nove](#).

DE ANDRADE, 1970.

CIXOUS, 1976, p. 885.

Quando é chegado o momento de seguir viagem, uma pirata que se desloca para fora da maré sentirá um último impulso de observá-las. [É preciso olhar diretamente para a Medusa para vê-la. Ela não é mortal; ela é bela, e ela ri¹¹](#).

11 Tradução-pirata para “*You only have to look at the Medusa straight on to see her. And she’s not deadly. She’s beautiful and she’s laughing*”.

AutoDasBacantes.pdf

Amigo, desarrocha o bandolim

Tome espaço do Estado, da polícia, da NSA
Da mulher maravilha
E meta um grelo na geopolítica

- Ava Rocha

auto das bacantes



LISPECTOR, 1999, p. 218.

A maré levanta e dá a ver uma imensa sala espelhos. Por seus corredores labirínticos e instáveis, as mulheres caminham. [Com uma garra trêmula, seguram o cetro do poder.](#) Uma pirata olha para os reflexos e afirma: esta sou eu. Outras vezes, hesitante, sussurra: já não me reconheço mais.

Entre os corredores, o tilintar de copos. Alegres, as mulheres brindam porque se veem e são vistas. Celebram que no mundo do espelho estão representadas no audiovisual, na literatura, nas artes visuais, na ciência, nos esportes. Representatividade importa, elas muitas vezes dizem.

PINTO, 2003.

Comemoram também sua presença no campo político-representativo e as conquistas daí resultantes. Recorrem à história do feminismo no Brasil para falar das [mulheres pioneiras](#) que lutaram pelo direito ao voto e pelo direito de serem eleitas no Brasil; falam, no presente, do crescimento de mais de 50% no número de mulheres eleitas em 2018, em comparação com 2014.

Outras censuram as colegas e informam que não há quase nada a comemorar: os direitos a votar e a disputar eleições, conquistados pelas brasileiras na primeira meta-

BIROLI, 2018.

de do Século XX, [até hoje ainda não refletiram em condições igualitárias de participação política](#). 50% mais mulhe-

TSE, 2020.

res eleitas nos últimos pleitos ainda não é suficiente: elas correspondem a [apenas 16% dos cargos eletivos ocupados](#).

E ainda: a eleição de mulheres é garantia de que seus interesses e suas pautas serão defendidos? Uma pirata conclui que não: a descriminalização do aborto em todos os casos, por exemplo, pauta tão importante para os movimentos feministas, continua sem ser debatida seriamente no Brasil. A influência de grupos religiosos no campo político cada vez mais relega este assunto ao silêncio e à proibição, ao invés do tratamento desta pauta como a questão de saúde pública que é.

Aqui, uma pirata se vê em uma encruzilhada. Pode ser que tenha procurado, a vida inteira, escapar dos modelos de representação. Pode ser que tenha visto os espelhos como prisões. Para além do processo político que estende visibilidade e legitimidade a quem é representado, é possível que tenha pensado na [representação como função normativa da linguagem](#); um modelo limitante, criador de ilusões de universalidade e uniformidade, redutor da diferença.

BUTLER, 2017.

Há uma rachadura no espelho. A identidade aparece como um problema. Quem é, no fim das contas, o sujeito do feminismo? Quando se diz que alguém cumpre o papel de representar outrem na política, na mídia ou aonde for, quem se sente representada? Quais vidas cabem na categoria “mulher”?

As políticas de identidade já demonstraram que o Outro em geral é visto como um desvio da norma. Tal norma em geral parte de um ponto de vista branco, eurocêntrico, patriarcal e heteronormativo, de forma que outras identidades são medidas a partir deste padrão. “A mulher” não tem uma identidade; ela é o outro do homem. Da mesma forma, as raças são desvios da branquitude; identidades culturais são desvios das tradições ocidentais e europeias; a sexualidade é medida em graus de afastamento em relação à heterossexualidade.

Muitos dos projetos de políticas de afinidade giram em torno de estabelecer uma identidade em si para estes supostos desvios. “A mulher” não é um desvio do homem, mas uma singularidade à parte. Neste sentido, tais políticas têm sido grandes instrumentos conceituais à disposição de minorias políticas que rompem com o totalitarismo dos padrões supostamente universais.

Idem, p. 17.

Por muito tempo, a teoria feminista presumiu a existência de uma identidade definida compreendida pela categoria de “mulheres”. Tal categoria foi colocada em funcionamento na constituição dos discursos feministas e do sujeito “mulher” em sua busca por representação política. Considerando a invisibilidade à qual a vida delas esteve historicamente submetida, esta se coloca como uma definição importante.

No entanto, o próprio pensamento feminista passou, ao longo do tempo, a colocar esta concepção em questão. A começar pela própria noção de sujeito, que esteve marca-

SCOTT, 1995.

da por pontos de vista que se intencionavam generalistas, mas que, [ao buscar universalizar as especificidades dos homens brancos e heterossexuais, colocaram mulheres e outros grupos minoritários em situação de invisibilidade.](#) Assim, os feminismos passam a destacar as experiências de vida das mulheres, procurando demonstrar os vícios nos quais incorrem as noções mais tradicionais de sujeito.

RIBEIRO, 2017.

Da mesma forma, as tentativas feministas de construção de um sujeito político feminista universal (buscando partir de uma experiência comum entre as mulheres) foram duramente criticadas por tantas outras. [A falta de visibilidade das demandas das mulheres não-brancas, não-heterossexuais e não-cis](#) passa a ser reconhecida e problematizada muito recentemente, ainda que suas tentativas de se fazerem ouvidas já ocorressem pelo menos desde a fala de Sojourner Truth que ainda agora ecoa pelo oceano: Por que as mulheres brancas lutam agora pelo direito de trabalhar fora, quando eu nunca tive a opção de não trabalhar? [E eu não sou uma mulher?](#)

TRUTH, online.

GUATTARI, 2012.

O tilintar dos copos em brinde agora é trincar de espelhos em dúvida. Há algo que sacode a (já instável) maré, algo que aponta para um feminismo que não pode ser único, mas que é o resultado de negociações estratégicas de identidade. Este aspecto dos feminismos dá a ver seu papel como dispositivo de [produção de subjetividade](#): os feminismos são, no fim das contas, processos coletivos de fabricação de maneiras de estar no mundo.

A maré dos espelhos no Facebook faz emergir uma

multiplicidade de sentidos para a ideia de representação. Há a valorização de produtos culturais (de filmes a bonecas, de músicas a celebridades) que representam outros modos de ser mulher, para além do padrão branco-europeu-cis-heterossexual; há o destaque do papel ocupado pelas elas na construção destes mesmos produtos, bem como nos esportes e na ciência; há também a ênfase nos processos políticos que buscam estender visibilidade e legitimidade às mulheres, seja como categoria totalizante ou a partir de questões específicas.

Pelos corredores espelhados, quaisquer mulheres trocam impressões sobre os mais recentes prêmios de Lady Gaga e de Elza Soares. A primeira ganhou um Oscar; a segunda, um título de Doutora Honoris-Causa. Alguém menciona que Malala vai estudar em Oxford. As mulheres brindam a ocupação de espaços.

O debate rapidamente desliza em direção a uma série ou filme bastante popular disponível em alguma plataforma de *streaming*. Na produção em questão, diferentes pautas do feminismo são colocada em discussão pela trama: violência doméstica, assédio, direito ao aborto.

A divergência é retomada: algumas afirmam a importância destas discussões numa produção deste tipo, que atinge um público tão grande. Algumas apontam que o debate não é muito aprofundado; é possível que ele somente reforce a ideia de uma mulher ‘empoderada’, forte e independente cujo valor se resume a seu sucesso profissional ou à sua liberdade sexual. Talvez seja um pouco

simplicista, vá lá; ainda assim, é um debate.

Outras dão de ombros. E daí? Esta produção só foi feita por que falar de feminismo está na moda. Estas plataformas de *streaming*, vocês precisam entender, elas têm algoritmos e pesquisas de mercado até mesmo para definir os temas das séries e filmes. É tudo calculado a partir do que as pessoas mais consomem, inclusive as características dos personagens.

No meio dessa maré cheia, uma pirata volta a se perguntar também sobre os modos como o capitalismo reterritorializa os feminismos, capturando suas linhas de fuga e enquadrando-os também numa lógica de consumo. Celebidades abraçam o uso do termo; grandes redes do comércio de *fast fashion*¹² vendem camisetas estampadas com mensagens de *girl power*. O que torna possível que estas mensagens sejam comercialmente viáveis? Quais os limites entre a popularização dos feminismos e seu enquadramento em um sistema que muitas vezes tentam combater? São questões que lhe atravessam enquanto pensa no próprio contexto dos sites de redes sociais, que também operam dentro da mesma lógica capitalista.

Neste sentido, toda uma série de lutas sociais podem despertar no capital tanto discursos sobre improdutividade, quando são reprimidas, quanto práticas de reorganização produtiva, quando são conjugadas à produção capitalista e assim capturadas. Uma das principais operações

DELEUZE, GUATTARI,
2012c.

12 *Fast fashion* (moda rápida) é um padrão de produção e consumo massificado de vestuário no qual os produtos são fabricados, consumidos e descartados rapidamente.

de poder do capitalismo fica aí evidente: ele não cessa de procurar reterritorializar as linhas de fuga, reduzindo as pautas feministas (entre outras) a quantidades de moeda, e as mulheres a um mercado potencial.

DELEUZE, 1992.

Não há muito como escapar definitivamente desta captura. E do ponto de vista da produção de subjetividade, [o que interessam são as circunstâncias](#). Interessam os efeitos coletivos que este ou aquele filme disparam, os fluxos que são postos em movimento. Importa menos a suposta intenção de quem quer que produza o filme ou série; o que interessa é o que passa.

SPIVAK, 2010.

Há outro problema de representação que surge na esteira deste debate: seja no campo da produção artística, no campo acadêmico ou mesmo no campo político, nosso saber nos dá autoridade para falar por outras mulheres? Pode uma mulher branca falar em nome / falar sobre mulheres não-brancas? Há um espaço onde [pode a mulher subalterna falar?](#)

ALCOFF, 1991-1992.

Em muitos casos, [a prática de falar pelas outras vem de um desejo de dominação](#), da vontade de privilegiar a si mesma como aquela que mais corretamente compreende a verdade sobre a situação da outra. Representar outrem pode trazer reconhecimento e glória para quem fala, da mesma forma que [as mulheres serviram como espelhos que possuem o mágico e delicioso poder de refletir a figura masculina com o dobro do seu tamanho real](#).

WOOLF, 2018, p. 47.

Uma saída possível parece ser assumir uma atitude nômade, criando a todo instante linhas de fuga que deslo-

MULVEY, 1975.

quem os feminismos para fora da captura pelo capitalismo e pela colonização. Discutir a importância de as próprias mulheres contarem suas histórias; escapar do [olhar masculino](#). Fabricar um mundo em que não apenas os homens falam ou escrevem sobre mulheres, ou apenas pessoas brancas falam ou escrevem sobre pessoas negras. Quando escrevem livros, dirigem filmes e escrevem textos, as mulheres já dão um passo em direção ao desmanchamento de um universo monolítico criado a partir de predeterminações não apenas misóginas, mas também racistas e colonizadoras.

RIBEIRO, 2017.

No entanto, a questão de falar pelas outras não deve necessariamente servir como impedimento desta prática. Em muitos casos, não se trata de falar sobre ou falar por, mas sim de falar com. Mesmo as discussões sobre a noção de [lugar de fala](#) levam isto em consideração: o conceito não diz respeito a um argumento de autoridade ou a uma tentativa de silenciar outrém, mas sim a procurar compreender que [discursos emergem de condições de possibilidade específicas](#). Não se trata de afirmar a impossibilidade de escrever sobre experiências que não se teve, mas sim de entender que aquilo que se diz vem de um lugar específico e não de um ponto de vista neutro.

FOUCAULT, 2014.

HARAWAY, 2009, p. 24.

Não se propõe substituir olhares supostamente objetivos por outros, relativistas: [o relativismo é uma maneira de não estar em lugar nenhum, mas alegando-se que se está igualmente em toda parte](#). Não é uma questão de contrapor visões únicas, explicitamente totalizantes, a tantas

Idem, p. 23.

outras. A alternativa são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia.

SAFATLE, 2020.

Por outro lado, tornou-se comum, no oceano e fora dele, falar contra a defesa das agendas políticas específicas propostas pelos movimentos negros e / ou feminista e / ou LGBTI+, agrupando-as sob o rótulo de identitarismo. A noção é colocada em ação para desqualificar lutas que questionam práticas históricas de exclusão naturalizadas por discursos supostamente universalistas. Na perspectiva desses críticos (que se alinham tanto entre os ditos conservadores quanto entre os ditos progressistas), as pautas dos grupos minoritários seriam individualizantes e reduziriam o campo de ação política das lutas da classe trabalhadora.

NUNES, 2020.

Uma pirata, então, se pergunta: em termos de representação política, antes de acusar as minorias de regressão identitária, não seria o caso de começar a se perguntar sobre o identitarismo branco, masculino, heterossexual e europeu naturalizado pela hegemonia de uma história de conquistas e sujeição? Até que ponto o que se considera universal não é feito à imagem e semelhança de quem considera? Ou ainda: até que ponto o que se vê como objetivamente universal não é na verdade um ângulo subjetivo sobre o mundo?

Boa parte da crítica às políticas de identidade decorre da ideia de que o capitalismo tem uma generalidade que define as demais relações sociais, culturais e políticas.

SAFFIOTI, 2019.

Daí a divisão entre políticas mais gerais (sempre no campo da dimensão econômica) e as demandas dos movimentos sociais (colocada no campo das identidades e do reconhecimento das diferenças). Estas disputas pelo conceito de ‘trabalhador’ foram tomadas como ataques à classe, sendo assim desprezadas e tratadas como mera particularidade. Porém, de certa forma, estas são lutas pela expansão do universal que procuram livrá-lo do seu decalque num certo modo de vida específico. O capital é apenas um dos nós que compõem o entrelaçamento das desigualdades.

Algo acontece com os espelhos trincados. Uma pirata começa a notar que vão perdendo reflexividade e vão ganhando transparência: agora já não são espelhos, mas sim janelas. Através delas, passam a ser visíveis outros mundos; não apenas mundos possíveis, mas mundos que existem. Não imagens imóveis, mas vidas em movimento, que lutam pela possibilidade de continuar existindo e de continuar se diferenciando de si mesmas.

Em seu arquivo, uma pirata apreende imagens destes mundos. Sabe que amanhã estes recortes já não mais corresponderão ao que se passa, e é por isso que funciona, para ela, a noção de produção de subjetividade. Seu desejo é sempre pelo movimento.

DELEUZE, 1993.

Talvez seja possível pensar em recusar a ideia de uma identidade que é baseada em relações de diferença com o Outro. Talvez funcione melhor a ideia de algo que, ao invés de se distinguir do Outro, se distingue em si. Uma força positiva que permite que indivíduos, coisas, eventos

e conceitos se singularizem. E que, no campo da representação política, seja capaz de favorecer o aparecimento de redes, coalizões, conversas.

Agora é questão de abrir a janela. Talvez a quebrar:

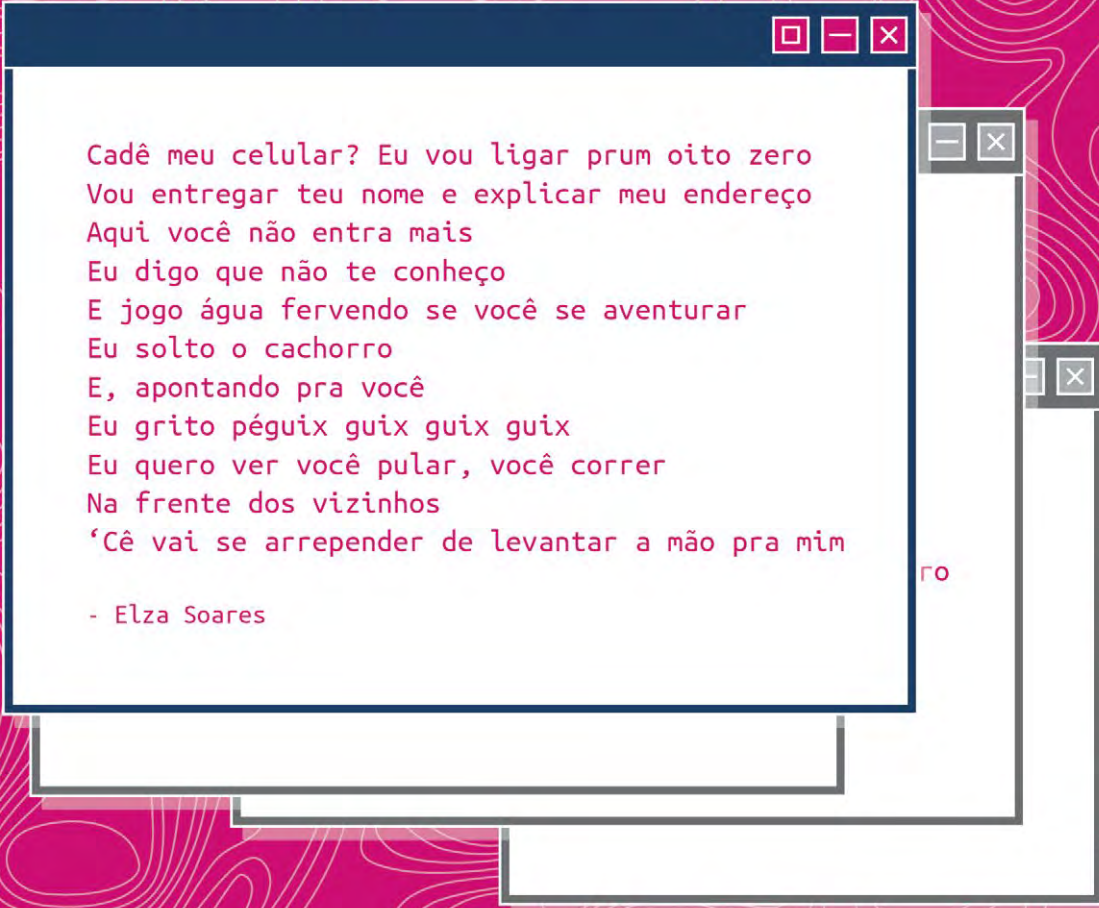
MASSUMI, 1987, p. 8.

um conceito é um tijolo que pode ser usado para construir um tribunal ou para ser arremessado contra a vidraça¹³.

De qualquer modo: saltar para longe das armadilhas da própria identidade e em direção a um mergulho na diferença em si mesma.

13 Tradução-pirata para “A concept is a brick. It can be used to build a courthouse of reason. Or it can be thrown through the window.”.

MariaDaVilaMatilde.pdf



Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo se você se aventurar
Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito péguix guix guix guix
Eu quero ver você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
'Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

- Elza Soares

O FEMINISMO
NUNCA MATOU
NINGUÉM
O MACHISMO
•MATA•
TODOS OS DIAS

PENSAMENTO
FEMINISTA

Maria da Vila Matilde



A pornografia não
é uma forma de
nos tornarmos
menos reprimidos.
A pornografia faz
dinheiro do fato
de nós sermos
reprimidos.

Germaine Greer



OGLOBO GLOBO.COM

Aborto volta à pauta na Argentina após menina de 12 anos
que foi estuprada dar à luz



G1.GLOBO.COM

Mulher leva tiro na cabeça e denuncia marido escrevendo
nome dele com sangue em maca

Há uma maré que vive em constante alarme. O cenário é de guerra: as mulheres apagam incêndios, disparam bombas, resgatam sobreviventes, tratam feridas. Por fim, desoladas, elas choram as mortas. Há uma sensação constante de desorientação, de não saber qual barricada atender primeiro.

BEAUVOIR, 2016b.

Persiste a intuição de que este é um trabalho vão, como empurrar todo dia montanha acima a mesma pedra que toda noite insistirá em rolar montanha abaixo. Uma [tarefa que foi atribuída a Sísifo](#), mas que sempre foi um trabalho de mulheres: repetitivo, pouco reconhecido e mal remunerado. [A mente se confunde e se irrita com o tédio](#). Junto com a artista Mierle Ukeles, uma pirata lava hoje as escadas para que amanhã sejam pisoteadas novamente.

UKELES, 1969.

Como num pesadelo, as escadas de repente estão cheias de sangue. A maré traz o choque com a constatação de que as conquistas políticas do feminismo são insuficientes quando confrontadas com a realidade da violência contra as mulheres no Brasil.

A violência do homem contra a mulher, expressa de diferentes formas – agressões psicológicas, espancamento,

SAFFIOTI, 1994.

reprodução forçada, estupro, feminicídio etc. – é constitutiva da organização social de gênero no Brasil. Não só no Brasil: a Organização Mundial da Saúde reconhece, desde 1980, que a violência contra a mulher é um problema global de saúde pública. Cerca de um terço das mulheres do mundo já foram alvo de violência física ou sexual, infringida principalmente por seus parceiros íntimos. A definição da Organização inclui violência doméstica (maus tratos físicos, sexuais e emocionais), violência sexual (inclusive associada a zonas de conflito), privação da liberdade, tráfico de mulheres, mutilação genital feminina e casamentos forçados e/ou precoces.

WHO, 2021.

Nas últimas décadas, os movimentos feministas brasileiros desenvolveram uma série de ações que deram visibilidade à questão, trazendo para a esfera pública um problema que até então era visto como de âmbito privado. Desta forma, a violência contra a mulher começou a ser tratada como um problema a ser combatido por meio de políticas públicas. Serviços especializados foram criados, tais como as delegacias da mulher, os centros de atendimento jurídico e de apoio social às mulheres em situação de violência e as casas abrigo. Em 2015, a natureza “feminicídio” foi incorporada ao Código Penal como uma qualificadora do crime de homicídio. O feminicídio passa a ser considerado um tipo específico de homicídio doloso, cuja motivação está relacionada aos contextos de violência doméstica ou ao desprezo pelo gênero feminino.

CAMARGO; AQUINO, 2003.

Uma pirata sabe que estas importantes medidas ain-

MINISTÉRIO, 2020.

da estão longe de sequer atenuarem o problema. Observando as estatísticas, ela se pergunta: Como podem ser lidos os dados que lhe chegam? [O número crescente de atendimentos no 180](#) quer dizer que a violência aumentou? Ou apenas que o relato da violência aumentou? Por outro lado, [o número decrescente de assassinatos de mulheres](#) quer dizer que menos mulheres foram mortas? Ou se trata de mais um dos apagões de dados, evento quase corriqueiro no Brasil de Bolsonaro?

CERQUEIRA, 2021.

UN WOMEN, 2020.

MARQUES et al, 2020.

Limpendo feridas entre as trincheiras da maré da violência, uma pirata conversa sobre as informações que chegam a todo instante. Fala-se dos efeitos da pandemia de COVID-19: a situação de vulnerabilidade das mulheres parece agora ainda pior que antes. No Brasil e em outros lugares do mundo, [a violência doméstica contra elas agravou-se nos períodos de isolamento social necessários à contenção do vírus](#). Houve um [aumento de cerca de 17% no número de ligações com denúncias de violência contra a mulher durante o mês de março de 2020](#), período inicial da recomendação do distanciamento social no país. O mesmo lar que para muitas garantiu saúde sobrevivência, para outras se reafirmou como espaço de medo e abuso.

CARNEIRO, 2003.

Outro dado que traz alarme a uma pirata é o agravamento dos números da violência letal entre as mulheres negras. Estes casos crescem, mesmo quando os índices de agressões às mulheres não negras parecem menos terríveis. Elas estão mais expostas à violência, [já que gênero e raça se articulam na produção de desigualdades que resul-](#)

tam em maior vulnerabilidade.

MACKINNON; DWORKIN,
1997.

Para além do consenso sobre a necessidade de atacar o problema da violência, outras questões são colocadas em debate na maré em guerra. A pornografia é um destes pontos: em muitas das publicações trazidas à tona, o tema é tratado como a subordinação gráfica explícita das mulheres através de imagens e palavras. Identificando na raiz etimológica da palavra a relação entre *porne* (“prostituta”) e *graphein* (“grafia”, “escrita”, “desenho”) no grego antigo, muitas feministas afirmarão que a pornografia não se trata de expressão do erótico, mas sim de representação gráfica de mulheres como prostitutas. Uma pirata poderá perguntar-se sobre o enunciado “como prostitutas”; algumas dirão que o entendimento desta comparação precisa ser feito a partir do universo da dominação masculina, em que as trabalhadoras sexuais existem tão somente para servir à sexualidade deles.

DWORKIN, 1989.

PRECIADO, 2018.

As discussões sobre a pornografia foram muito comuns especialmente nos Estados Unidos ao longo da década de 80, momento que viu o crescimento exponencial desta indústria naquele país. Naquele contexto, as produções pornográficas, antes realizadas em pequena escala, caminhavam para tornar-se uma indústria milionária com um sistema de distribuição comparável ao dos filmes de Hollywood. As críticas à pornografia partiam de ativistas feministas (que condenavam o tratamento dado às mulheres em frente e atrás das câmeras), mas logo encontraram apoio em setores conservadores e religiosos da sociedade

DWORKIN, 1989.

BELL, 1997.

(preocupados com a [moral e a decência](#)). No Brasil, ainda que as pornochanchadas tenham causado sua cota de escândalo à época, o crescimento da crítica feminista direcionada à pornografia é mais recente. Uma pirata avalia que o crescimento destes debates nas redes sociais pode estar relacionado [à popularização dos feminismos radicais \(de posicionamento notadamente antipornografia\)](#).

MARTINEZ, 2019.

As críticas feministas à pornografia decorrem principalmente dos modos de ser mulher que são produzidos por esta indústria. Em boa parte dos filmes deste tipo, as mulheres são objetos do desejo masculino, sem agência, sendo muitas vezes despersonalizadas e tratadas violentamente. A [performatividade de gênero](#) colocada em funcionamento nestas produções – ou seja, os processos de repetição de determinadas representações de homens e mulheres – [faz circular certas masculinidades e feminilidades](#) (o homem agressivo, de impulso sexual incontrolável; a mulher passiva, subjugada a este desejo).

BUTLER, 2017.

PRECIADO, 2018.

MORGAN, 1978.

Desta forma, a pornografia convencional [funcionaria como um estímulo à violência contra as mulheres](#), fazendo circular as ideias de que todas as gostam de ser agredidas e que secretamente desejam ser estupradas. Para além da violência, o filme pornô coloca em funcionamento uma determinada [pedagogia da sexualidade](#): é uma máquina que produz modelos de comportamento, estabelece distinções entre lugares privados e lugares públicos, e entre órgãos sexuais e órgãos não sexuais.

PRECIADO, 2017.

A internet ampliou de forma significativa o consu-

PRECIADO, 2018.

mo deste tipo de conteúdo, transformando [a pornografia em um dos motores ocultos do capitalismo no século XXI.](#)

WEBERSTAFF, 1997.

Os sites de distribuição deste tipo de conteúdo foram responsáveis pela [criação de diversas estratégias de marketing e capitalização que são hoje amplamente utilizadas por muitos outros mercados,](#) tais como anúncios *popup* (que abrem janelas “por cima” de outros websites), serviços de assinatura para consumo *on demand* (semelhantes às plataformas de *streaming* como a Netflix), pagamentos seguros com cartão de crédito e tecnologias para transmissão de vídeos ao vivo.

PRECIADO, 2018, p. 284.

Neste contexto de crescimento irrefreável, a pornografia estende-se para além do seus próprios limites: [a literatura, o cinema, a televisão, os quadrinhos, o videogame etc. desejam a pornografia, querem produzir prazer e mais-valia pornográfica sem sofrer a marginalização da representação pornô.](#)

PRECIADO, 2018.

Para além dos efeitos desta máquina milionária, outras imagens surgem. Há mulheres colocando em questão as visões moralizantes e conservadoras sobre o assunto; é possível pensar em uma [pornografia feminista, ou em uma pós pornografia?](#) Quem é o sujeito de enunciação autorizado pela indústria? Quais corpos são vistos? Quais desejos são normalizados? Quem pode gostar de sexo? Onde está a fronteira entre o erótico e o pornográfico? Questiona-se quem consome estas imagens, e de que forma elas são produzidas. Assim, manifesta-se a possibilidade de pensar em pornografias produzida por e para mulheres, onde outros

prazeres sejam colocados em primeiro plano. Se o pornô é uma pedagogia do sexo, talvez seja hora de aprender e ensinar outros currículos.

DWORKIN, 1993.

Colada à discussão sobre pornografia, a maré da violência fala da prostituição. Nas conversas das trincheiras, a atividade é vista como mais uma faceta do controle das mulheres pelos homens, sendo [análoga ao estupro](#). O dinheiro funciona como um dispositivo de dominação, não como medida de consentimento, [da mesma forma que a força física opera em uma situação de violência sexual](#). Assim como a pornografia, a prostituição é vista uma forma de violência contra as mulheres que não deveria ser tolerada.

MACKINNON, 2005.

ROWLAND, KLEIN, 1996.

Uma pirata que passa por este ponto do oceano pode perceber que estes enunciados aproximam a maré da violência do feminismo radical. Afirma-se [o patriarcado como um sistema que oprime as mulheres \(como grupo social\) em benefício dos homens, que, usufruindo dos privilégios deste sistema, nada fariam para transformá-lo](#). Tal ponto de vista coloca-se como reação a abordagens mais liberais do feminismo, cuja [ênfase em reformas legais e políticas e na garantia de liberdades individuais](#) não tem sido capaz de reverter a violência contra as mulheres.

DELAP, 2020.

MACKINNON, 2005, p. 158.

Para as mulheres em guerra, a prostituição não é uma escolha. A maior parte das mulheres pratica a atividade porque é forçada: [se a prostituição é uma livre escolha, por que são as mulheres com menos escolhas que são encontradas exercendo-a?](#) As crises econômicas levam ao

aumento da prostituição; neste contexto, os países em desenvolvimento são ao mesmo tempo os principais destinos do turismo sexual e terra natal da maioria das vítimas do tráfico de pessoas.

PRECiado, 2018, p. 328.

A oferta do sexo pago em geral está relacionada às questões de raça, nacionalidade e classe. Nos países do norte, a trabalhadora ou o trabalhador do sexo ideal é a boca siliconada, silenciosa e politicamente subalterna de uma imigrante mulher cis ou transexual sem acesso à identidade administrativa e à cidadania plena. No Brasil, os efeitos da colonialidade de gênero recaem na coisificação das mulheres negras, produzidas discursivamente como dóceis, quentes, boas de cama; ou como domésticas, cuidadoras, assexuadas. De um lado, a mulata; de outro, a mãe preta, ambas subalternas e precarizadas.

LUGONES, 2020.
CARNEIRO, 2002.

GONZALEZ, 2020.

Fora das trincheiras, outras questões complicam quaisquer intenções de erradicar a prostituição. Uma pirata se pergunta: por aqui fala-se muito nelas, mas onde estão as prostitutas? Parece que não estão por aqui: por fora das marés, é comum dizerem que muitas abordagens feministas anti-prostituição as colocam num lugar de desgraça, humilhação e sofrimento; afirmam que ao invés de lutar contra a vulnerabilidade das mulheres, algumas perspectivas feministas apenas a reforçam.

MOIRA, 2016.

Organizadas em associações e coletivos que reclamam para si também uma identidade feminista, prostitutas lutam pelo reconhecimento como trabalhadoras, exigindo políticas públicas e direitos como o acesso à saúde

PRADA, 2021.

integral. Afirmam inclusive que [o movimento de erradicação da prostituição é uma tentativa de erradicar também as prostitutas](#), exatamente como as políticas higienistas que há tempos as colocam em situações cada vez mais vulneráveis.

PISCITELLI, 2012.

Uma pirata que navega pela maré já sabe que esta questão não tem uma resposta simples. A prostituição constitui-se como um [campo de disputa entre submissão e emancipação](#); a dificuldade de resolução deste dilema, que poderia a princípio parecer um problema, para ela parece agora uma oportunidade para pensar outras perspectivas sobre trabalho, moralidade, capitalismo, heterossexualidade, falocentrismo.

Uma pirata desiste de ter uma opinião. Já havia pensado antes sobre como as redes sociais sempre requisitam que se posicione sobre qualquer coisa. Daí a necessidade de tornar a interação a coisa mais simples do mundo: no oceano, ela não precisa sequer escrever palavras, pois há reações pré-prontas para serem usadas de forma que o oceano todo saiba, muito rapidamente, do que ela gosta, o que ela ama, o que ela odeia, o que lhe entristece.

DOSTOIÉVSKI, 2002.

DELEUZE, 1992.

O horror visto na maré das mulheres em guerra contra a violência lhe deixou imobilizada. São tantos casos de feminicídio, estupro, abuso e outras violências, que ela ficou exausta. Volta a imagem do Sísifo; vem também [O Idiota](#), a Idiota, [personagem perpetuamente tomada por urgências](#). Num momento indo prestar socorro a sua amada, que a chama, mas no caminho sendo interpelada por

um amigo, e depois por um cão atropelado, e depois por um convite para tomar chá, até que lembra que precisa ajudar seu amor.

Uma pirata sabe que sempre há uma urgência maior, mas não tem certeza de qual é. Ela vislumbra esta urgência no amigo, no cão atropelado e no que mais interromper seu caminho, e vai tentando resolver cada uma dessas pendências, sem nunca conseguir atendê-las.

A atenção de uma pirata se dissipou entre tantos horrores que ela acabou totalmente imobilizada. Parada, travada, meramente reativa: hoje impressionada com o caso da mulher trans espancada até a morte no Ceará; ontem, com o caso da menina argentina de 12 anos, estuprada, grávida e forçada a dar à luz; amanhã com o caso da mulher que levou um tiro na cabeça e escreveu o nome do agressor (seu marido) com sangue na maca do hospital.

Que reação é possível? Uma carinha de ódio, um rostinho chorando. O compartilhamento escrito “que horror”. Uma pirata está chocada e quer que todas saibam. O efeito desse ativismo de compartilhamento? Ela já não sabe mais. Cansada, ela se afasta da maré e vai dormir, prometendo a si mesma um *detox* das redes, começando amanhã.

Nos intranquilos sonhos que tem naquela noite, ela é levada àquele oceano que conheceu há tempos, onde ela própria traçava seus percursos. No sonho, a arte que encontra em garrafas no mar lhe arranca da pasmeira das notícias. No sonho, ela recolhe as garrafas e as carrega de volta para o seu navio, onde funcionarão como mais

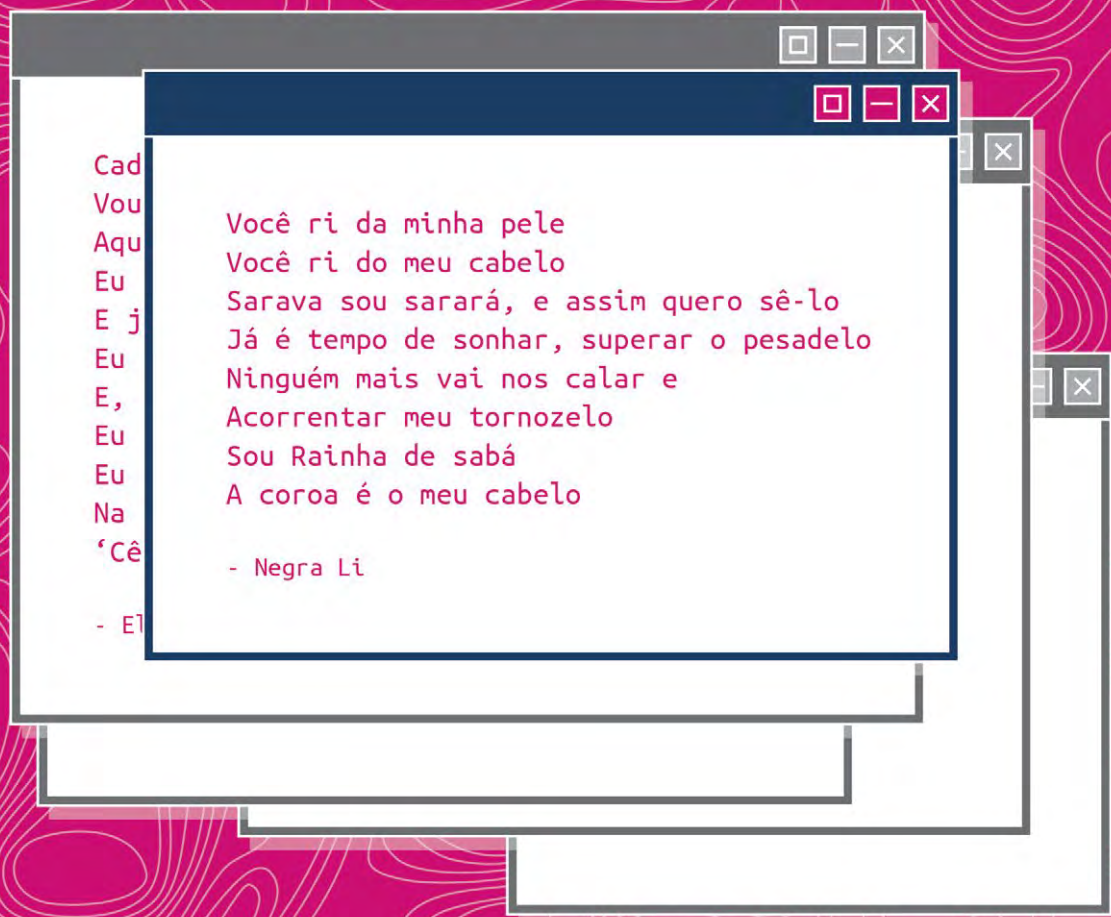
elementos para a constituição do seu território existencial.

No sonho, uma pista de como prosseguir frente ao horror: não o negar, não fingir que não acontece, mas tampouco ser engolida pela necessidade de apenas reagir a ele.

DELEUZE; GUATTARI,
2013, p. 130.

Não nos falta comunicação, ao contrário, nós temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente. Resistir, sim, mas não resistir simplesmente no sentido reativo: resistir como quem escapa desta produção massiva de subjetividade que impõe o horror e a paralisia. Resistir como quem inventa outros modos de estar no mar.

Raízes.pdf

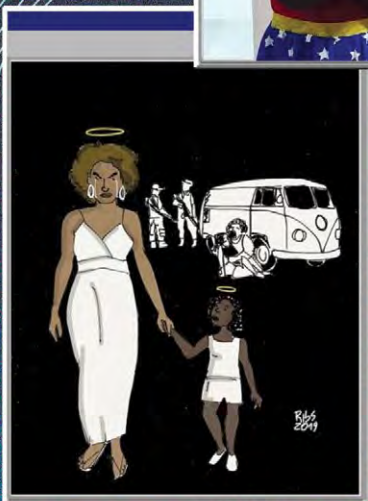


Raízes



"Não fossem as câmeras de segurança, caso de estrangulamento do Extra seria mais um para dentro da gaveta e do esquecimento" #geledes #vidasnegrasimportam

GELEDES.ORG.BR
A carne mais barata do mercado não será mais a carne negra - Geledés



GELEDES.ORG.BR
Mahershala Ali vence o Oscar de melhor ator coadjuvante por "Green Book" - Geledés

FALAR SOBRE FEMINISMO BRANCO E FEMINISMO NEGRO, NÃO É E NUNCA FOI INCENTIVAR A RIVALIDADE FEMININA! TEMOS LUTAS DIFERENTES E MULHERES SEM RECONHECIMENTO DE SEUS PRIVILÉGIOS, PRECISAM ENTENDER ISSO! O SEU FEMINISMO É PRA QUEM?

SOMOS OS SONHOS MAIS LOUCOS DOS NOSSOS ANCESTRAIS.

DENISENANDO

A maré sobe. A maré quer chorar de luto, mas também chora de ódio. A maré cruza os braços à frente do peito: um gesto de força e de autodefesa. Um gesto que não é o bastante. A maré se veste de Mulher Maravilha, como a pequena Agatha Félix. A maré é negra.

SOARES, 2002.

[A carne mais barata do mercado é a carne negra / Que vai de graça pro presídio / E para debaixo do plástico.](#)

A maré fala de Marielle e Agatha, e consola-se com a imagem das duas de mãos dadas e auréolas de anjos. É uma história que parece fora do tempo, que aconteceu ontem e continua a acontecer o tempo todo. [Uma história tão anti-ga, em dois e dezenove.](#)

MANOEL, 2020.

Uma pirata percebe uma encruzilhada onde encontram-se, sem hierarquia, questões de gênero, raça e classe. Na foto do pixo que diz que ‘bala perdida só encontra pobre’, a hashtag #agathapresente inclui a raça na denúncia; na foto da jovem com o cartaz que afirma que ‘em cada 100 vítimas da violência, 71 são negras’, a estatística diz também do homem negro, principal alvo da violência policial e de outras [políticas de morte.](#)

MBEMBE, 2018.

EVARISTO, 2008.

Ser jovem, negro e pobre no Brasil é estar sujeito ao terror. [A bala não erra o alvo, no escuro / um corpo negro bambeia e dança](#). Além de serem os principais alvos de mortes violentas, [as pessoas negras são as maiores vítimas da violência policial](#), representam 2/3 de todos os encarcerados do país e têm expectativa de vida três anos menor do que os brancos.

WENECK, 2010.

A denúncia (feita pelas feministas negras) da violência sofrida pelos homens negros não é surpresa: uma pirata sabe que [elas estiveram sempre à frente da luta contra o genocídio da população negra brasileira](#), independente de gênero. Ainda que estejam atentas às interseccionalidades entre as discriminações de raça e gênero que colocam as mulheres negras em posição de extrema vulnerabilidade, elas não deixam de saber do risco permanente a que os homens negros estão expostos.

CREENSHAW, 2017.

Uma pirata aprende que a [interseccionalidade](#) não resulta em um diagrama fixo de estruturas de poder e sujeição. Ela entende que a interação entre eixos de subordinação é móvel, dinâmica, resultando em posições relativas para homens e mulheres, negras e negros, ricos e pobres, entre tantos outros marcadores. No corpo da mulher negra, estas marcas são [inseparáveis](#): ela nunca é uma coisa ou outra. Ela sempre é pelo menos as duas, e esta encruzilhada resulta em formas específicas de racismo e sexismo.

KILOMBA, 2019.

COLLINS, 2000.

Nesta [matriz de dominação](#), a mesma pessoa pode estar em diferentes posições, a depender da sua relação com o outro. As experiências vividas de discriminação

das mulheres negras são muito diferentes daquelas das mulheres brancas ou dos homens negros. Acrescenta-se a esta matriz uma multiplicidade de outras variáveis, tais como o país onde se nasceu, a que geração se pertence e qual sua orientação sexual.

LORDE, 2019, p. 145.

Desta forma, a construção de feminilidade das mulheres negras acaba sendo diferente daquela das mulheres brancas. A opressão de mulheres não conhece limites étnicos ou raciais, é verdade, mas isso não significa que ela seja idêntica diante destas diferenças. Por conta de tanta desigualdade, cristalizou-se a imagem da mulher negra forte, guerreira, capaz de enfrentar tudo; uma imagem que impede o reconhecimento de qualquer fragilidade.

KILOMBA, 2019.

Neste contexto, as mulheres negras são o outro do outro. Marcadas simultaneamente por gênero e raça diferentes daqueles de um eu hegemônico branco e masculino, elas não dispõem sequer do oscilante status das mulheres brancas, que varia entre serem ‘si mesmas’ e ‘outro’ do homem branco.

CARNEIRO, 2005.

GONZALEZ, 2020, p. 77.

Contra este apagamento, o pensamento feminista negro coloca as mulheres negras no centro do debate. E não só nas investigações que tratam da realidade socioeconômica delas, mas também de um resto que desafia as explicações. Que coloca em discussão a imagem dela como simultaneamente a ‘mulata’ desejada no desfile de Carnaval e ‘doméstica’, burro de carga que carrega a sua família e dos outros nas costas. Herdeira da mucama, mulher negra escravizada, que era também ambas.

Idem, ibidem, p. 82.

COLLINS, 2000.

CARNEIRO, 2005.

Idem, ibidem, p. 97.

Um tema central do pensamento feminista negro é, desta forma, um legado de luta pela legitimação das suas experiências, visto que estas foram historicamente excluídas dos espaços de circulação de conhecimento. Colocam-se assim em enfrentamento ao epistemicídio colocado em curso contra população negra, que se efetua num processo persistente de produção de indigência cultural. Este processo se afirma pela negação ao acesso à educação, pela produção da inferiorização intelectual e por diferentes mecanismos de deslegitimação das pessoas negras como portadoras e produtoras de conhecimento, seja através da construção de uma carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima através de processos de discriminação correntes no processo educativo.

Como efeito, o epistemicídio muitas vezes fere a capacidade de mulheres e homens negros de elevarem-se à condição de sujeitos de conhecimento nos termos validados pelo Ocidente, ou de serem produtores e portadores de conhecimentos relevantes do ponto de vista desta mesma tradição. Este processo produz a cristalização de uma imagem negativa, socialmente fabricada, que conduz a uma reafirmação desta estigmatização, ou que leva à adesão aos valores da cultura colonizadora.

Uma pirata vai vendo outros signos que emergem na maré sacudida pelas mulheres negras. Surge a afirmação da necessidade da integração de raça e classe nos debates feministas, perguntando: 'Seu feminismo chega na sua empregada? Chega na mina pobre periférica?' A noção de

privilégio aparece como uma variável a ser considerada em relações de poder dinâmicas, onde ‘oprimido’ e ‘opressor’ não são rótulos consolidados, mas posições instáveis ocupadas pelos sujeitos.

Segue também a denúncia da violência institucional sofrida pelos homens negros, e junto dela a discussão sobre como este mesmo genocídio atravessa também a vida das mulheres: além dos casos em que elas mesmas morrem, há também mães perdendo filhos, irmãs perdendo irmãos, filhas perdendo pais, esposas perdendo maridos. Há toda uma violência invisível que atinge mulheres negras, que se veem repentinamente e repetidamente sozinhas.

As masculinidades negras, ainda que abraçadas pelo feminismo quando se trata da violência que estes homens sofrem, não deixam de ser também objeto de problematização. Enquanto às mulheres negras cabem as imagens de hostilidade, força e hipersexualização, ao homem negro se atribui a violência, a infantilidade, o anti-intelectualismo e a incapacidade de ternura. Tais imagens racistas produzem, no homem negro, certos modos de ser: para escapar deste conjunto de imagens negativas, não raro buscam reivindicar imagens de masculinidade a partir dos padrões que patriarcado capitalista branco produziu de si mesmo. Assim, produz-se a imagem do homem negro provedor da família, rígido e disciplinador, um ‘homem de verdade’ que não chora.

Neste ponto, uma pirata se põe a pensar novamente

COLLINS, 2000; GONZALEZ, 2020.
DAVIS, 2016; GONZALEZ, 2020; hooks, 2004.

FANON, 2008.

ALCOFF, 1991-1992.

RIBEIRO, 2017.

sobre a questão da representação que já vinha lhe inquietando antes. Pensa em como os processos de colonização determinam toda uma política de identidades, atribuindo a mulheres e homens negros certos modos de ser. Da mesma forma, [estes processos desautorizam e silenciam tais representações, enquanto outras são fortalecidas](#). Assim, o feminismo negro procura problematizar [o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar](#).

Neste contexto, a questão da representatividade se torna um ponto importante. As feministas negras na maré falam do êxito de suas irmãs: surgem nas páginas notícias de mulheres negras bem-sucedidas nos esportes, na música, nas artes e em outras carreiras profissionais. Coexistem Beyoncé, Dandara, Maria Firmina dos Reis, Tereza de Benguela, Carolina Maria de Jesus, Serena Williams, Antonieta de Barros, Dona Ivone Lara, Elza Soares.

Nestas celebrações aparecem também homens, como é o caso do ator Mahershala Ali festejado ao receber o Oscar de melhor ator coadjuvante na cerimônia de 2019 pelo seu papel em *Green Book* (2018). No filme, baseado em pessoas e histórias reais, o ator interpreta Donald Shirley, pianista que sai em turnê no sul dos Estados Unidos em 1962. Donald não é o personagem principal do filme: esta posição é ocupada pelo ator Viggo Mortensen, que interpreta o motorista ítalo-americano Tony “Lip” Vallelonga que conduz Donald na jornada.

Um dos pontos do filme é que, apesar de ser um pia-

nista habilidoso e reconhecido, Donald Shirley continua sofrendo as restrições legais e sociais impostas aos negros e homossexuais no interior estadunidense. O livro verde a que o título do filme se refere é um guia de viagem destinado a indicar em quais hotéis, motéis e restaurantes os viajantes negros seriam atendidos em meio à segregação racial no sul dos Estados Unidos dos anos 60.

Co-escrito pelo filho de Tony Vallelonga, o roteiro do filme parte da perspectiva do motorista, cujo racismo vai ao longo da história se convertendo em empatia por Donald. A produção foi bastante criticada inclusive pela família do pianista, que afirma, entre outras questões, que os dois homens nunca se tornaram amigos como retratado no filme. Na cena final, Donald é recebido alegremente pela família ítalo-americana na noite de Natal: a história se fecha em clima de reconciliação, atravessando fronteiras como se buscasse satisfazer o mito da democracia racial brasileira.

No filme, a figura de Donald serve como *token*¹⁴ para afirmar a superação do racismo naquele contexto; no oceano, a presença de pessoas negras em instituições quaisquer dá pistas sobre os limites da representatividade. As vidas negras importam, ou [cês matam eu de carne pa' fazer eu de pedra?](#) Uma pirata já percebeu, por exemplo, que

DO BAIRRO, 2020.

14 A palavra *token*, na língua inglesa, se refere originalmente a uma ação que se desempenha ou a um objeto que se dá alguém na intenção de expressar sentimentos ou intenções, ainda que seu efeito prático seja nulo. Recentemente, o termo passa a ser utilizado nas ciências sociais para designar um esforço de incluir minorias num determinado espaço para, com isso, fazer parecer que há igualdade e equidade de acesso e permanência. Ver EDDO-LODGE (2019).

o carimbo de ‘decolonial’ muitas vezes torna-se uma espécie de escudo protetor usado por pessoas brancas para protegerem-se de críticas. Como na afirmação ‘eu não sou racista, tenho até amigos negros!’, afirma-se que a universidade, a escola e os espaços de representação política não são racistas, uma vez que há pessoas negras ali.

FOUCAULT, 2018.

Uma pirata volta sua atenção para outra palavra-chave que emerge: empoderamento. Uma palavra problema: ela sempre pensou em poder em termos de relações difusas, e não de algo que se possa efetivamente deter. Conceber o poder como relação implica afirmar sua existência exclusivamente como ato; daí a afirmação de que o poder se exerce, em oposição à suposição que se possa tê-lo, de que é possível que seja uma propriedade.

No oceano, a noção de empoderamento muitas vezes aparece com este sentido do poder como algo que se possa tomar, ter, dominar. O termo aparece, por exemplo, em páginas que vendem cursos de empreendedorismo para mulheres. Neste caso, empoderar-se diz respeito a uma questão individual, como se o poder fosse algo disponível que as mulheres pudessem de fato adquirir em dez prestações de vinte e nove e noventa sem juros.

SOLOMON, 1974.

O feminismo negro, no entanto, propõe outros usos para a expressão. O empoderamento deixa de ser uma questão individual e passa a dizer respeito a comunidades oprimidas e negligenciadas. Existem grupos cuja exposição a avaliações negativas foi tão intensa que eles passam a aceitá-las como corretas; é justamente junto a estes gru-

pos, por meio de processos que envolvem educação, arte, psicologia e serviço social, que empoderar-se adquire o sentido de verbo.

COLLINS, 2000.

Uma pirata aprende também que, para as feministas negras, a questão do [empoderamento não diz respeito à dominação do outro](#). Ao mesmo tempo centrado nas experiências das mulheres negras e conectado em coalisões, o feminismo negro é sempre aliado de outros projetos de justiça social. O empoderamento, assim, é uma questão coletiva que relaciona-se com processos de produção de subjetividade que favorecem o aparecimento de outros territórios existenciais.

Assim, desmancham-se as fronteiras entre ética e estética, pessoal e político. Questões debatidas por outros feminismos tomam aqui sentidos diferentes, como no caso das imagens de beleza.

WOLF, 1992.

As últimas décadas viram um [crescimento em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas](#). O Brasil é hoje o [segundo maior mercado para cirurgias plásticas no mundo](#), atrás apenas dos Estados Unidos. No oceano, proliferam *influencers* que vendem às mulheres estilos de vida baseados no consumo de produtos de beleza, roupas e sapatos, dietas restritivas. Soma-se a isso o uso de filtros em fotografias que eliminam imperfeições da pele, aplicam maquiagem e destacam olhos e bocas nas selfies que circulam nas redes. Há todo um conjunto de preocupações com a aparência fí-

FERREIRA, 2011.

sica e medos do envelhecimento que são hoje rapidamente contornáveis com um toque na tela do celular.

GROSSI, 2004.

WOLF, 1992.

Esta cobrança é uma forma de reforçar a imagem das mulheres como objetos a serem admirados pelo sujeito masculino, já que que a [beleza é que permitirá à mulher ser desejada pelo homem](#). Nesse sentido, [ser vista como bonita assume um status de coerção social](#) a serviço da subalternidade feminina.

GONZALEZ, 2020.

No entanto, nem todas as mulheres podem ser vistas como belas: circula, no oceano e fora dele, [um modelo estético ocidental e branco que é visto como ideal a ser atingido](#). Uma pirata sabe que a palavra “negro” é comumente associada com aquilo que é mau, indesejável, sujo, feio: para ser mais bonita, é necessário que ela seja mais branca. Permanecendo negra, [ela é marcada pela exotização do seu corpo e pela subalternidade](#).

RIBEIRO, 2018.

GONZALEZ, 2020.

Neste contexto, o feminismo negro vai em busca de espaços onde seja possível afirmar os valores estéticos da afro-brasilidade. O próprio oceano se torna um lugar de subversão afirmativa, da mesma forma que [as noites de Beleza Negra promovidas pelos blocos e afoxés](#) durante e além do carnaval. O cabelo, historicamente desvalorizado e visto como símbolo de primitividade, torna-se dispositivo de ação política: *dreadlocks*, tranças, crespos ou *black* [transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial](#). Ao mesmo tempo, há uma função coletiva que emerge [entre as mulheres que percorrem casas fazendo o cabelo umas das](#)

KILOMBA, 2019, p. 127.

GONZALEZ, 2020.

ADICHIE, 2014.

outras, ou encontrando no oceano histórias de quem renunciou ao alisamento.

GIL, 1986.

SOUZA, 2019.

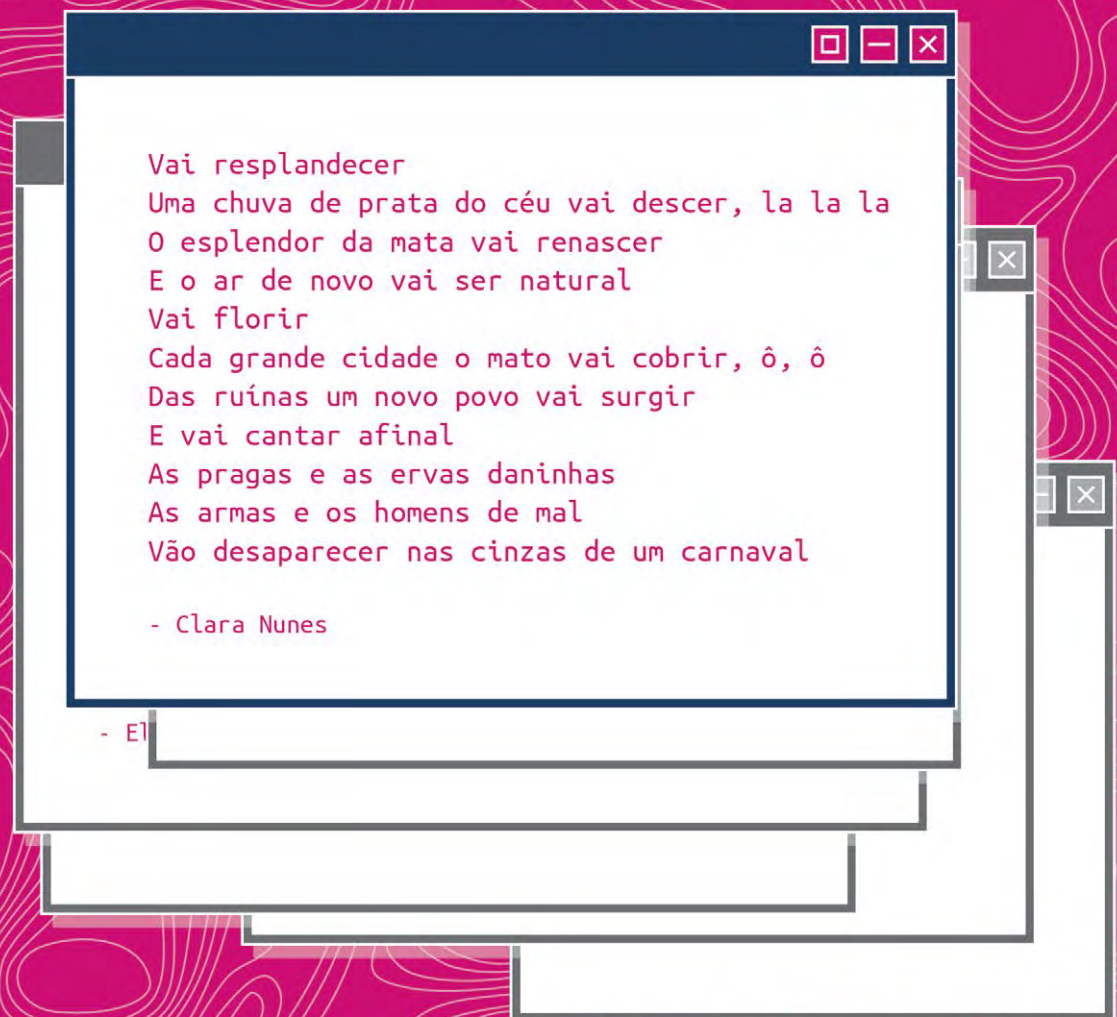
Uma pirata se põe a pensar que as questões éticas e estéticas colocadas pelas mulheres negras. O feminismo negro coloca-se como aposta na diferença; uma proposta que vai contra a herança escravocrata e contra a persistência da imagem da mulher negra como um corpo-mercadoria. Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei / Transformai as velhas formas do viver. Daí a potência inventiva do afrofuturismo, corrente estética encharcada simultaneamente de história e de ficção científica. Trata-se de uma resposta fabulatória e decolonial à noção de que o continente africano e sua diáspora estariam atrasados em relação a um tempo certo, ocidental. O tempo do feminismo negro é outro, ao mesmo tempo futuro e ancestral.

LORDE, 2019, p. 136.

A maré varia. É momento de uma pirata seguir viagem. Arquiva, como pista para a composição do seu território existencial, a potência criativa da diferença, vista aqui como uma reserva de polaridades necessárias entre as quais a nossa criatividade pode irradiar.

Enquanto vai embora, ela tem tempo ainda de piratear uma última imagem. Na ilustração, três jovens negras diferentes em si. O texto diz “Somos os Sonhos Mais Loucos dos Nossos Ancestrais”. A vida como fabulação de quem resiste.

AsForçasDaNatureza.pdf

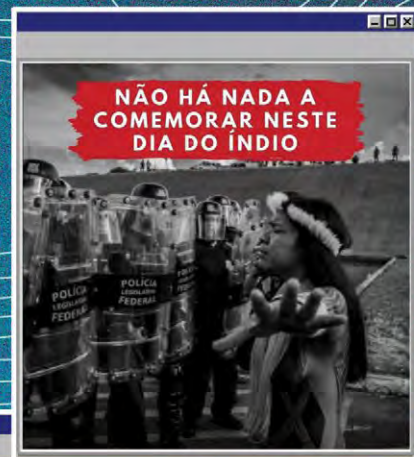
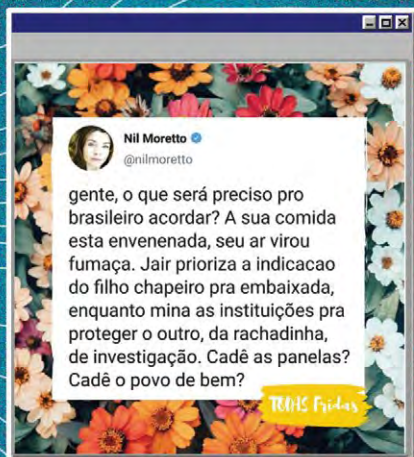


Vai resplandecer
Uma chuva de prata do céu vai descer, la la la
O esplendor da mata vai renascer
E o ar de novo vai ser natural
Vai florir
Cada grande cidade o mato vai cobrir, ô, ô
Das ruínas um novo povo vai surgir
E vai cantar afinal
As pragas e as ervas daninhas
As armas e os homens de mal
Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval

- Clara Nunes

- El

Forças da Natureza



BETHÂNIA, 2006.
BARROSO, 1939.

Dentro do mar tem rio. Não mais um rio de fontes murmurantes onde eu mato a minha sede, mas um rio de lama onde as mulheres invocam questões ecológicas e sua relação com o capitalismo.

SOUZA, FELLET, 2019.

O rompimento da Barragem na Mina do Feijão, em Brumadinho - Minas Gerais no dia 25 de janeiro de 2019 é o acontecimento que dispara o levante da maré. Trata-se do maior acidente de trabalho [grifo nosso] no Brasil em perda de vidas humanas, já que causou a morte de pelo menos 270 pessoas, entre trabalhadores da Vale S.A. e moradores dos arredores.

RAGGAZI, ROCHA, 2019.

Além da perda de vidas humanas, o rompimento da barragem levou também a um dos maiores desastres ambientais da mineração do país. Os doze milhões de metros cúbicos de rejeitos trouxeram consigo a contaminação da água em trezentos quilômetros de rios nos arredores, causando perdas irreparáveis na biodiversidade da região.

LABOISSIÈRE, 2019.

Além disso, o desastre ainda repercutiu na necessidade de reassentamento de 25 famílias da aldeia Pataxó Hã-hã-hãe, cujo modo de vida estava profundamente relacionado ao

MANUELZÃO, 2022.

Rio Paraopeba, [ainda hoje contaminado com metais pesados.](#)

RAGGAZI, ROCHA, 2019.

Os elementos da catástrofe dão indícios de que [a negligência foi a verdadeira causa do acidente:](#) um reservatório de resíduos de mineração construído a baixo custo, localizado acima de um centro administrativo onde havia grande circulação de pessoas; equipamentos de monitoramento que não funcionavam; avisos ignorados sobre problemas estruturais que poderiam levar ao colapso. Completando o cenário, o acontecimento se dá em um país onde regulamentos e licenciamentos ambientais tornam possível que grandes indústrias de mineração tenham liberdade para agir mais ou menos sem controle.

De dentro da maré de lama, as mulheres emergem afirmando que o rompimento da barragem foi um crime ambiental. Somando-se a estes signos, surgem denúncias de outros acontecimentos relacionados às questões ecológicas no Brasil, tais como desmatamento e queimadas na Amazônia e ameaças à sobrevivência dos povos indígenas. Uma pirata vê que o que aconteceu em Brumadinho esparrama-se oceano afora em conversas que relacionam mudanças climáticas, colapso ambiental, capitalismo, desigualdades sociais, patriarcado e colonialismo. Atravessada pelas coisas que vive enquanto escreve estes relatos de viagem, uma pirata poderá pensar também na relação que se coloca entre as crises ecológica, econômica, política e sanitária que o Brasil enfrenta.

Atentas e estes fluxos, as mulheres na maré de lama

SILIPRANDI, 2000.

fazem proliferar um pensamento ecofeminista. Nesta perspectiva, existe uma convergência entre a forma como as vozes de poder hegemônicas do ocidente veem as mulheres e a natureza. A sujeição das mulheres e a exploração do meio ambiente são dois elementos que, postos em conjunção pelo capitalismo, funcionam como recursos naturais sem custo, favorecendo a acumulação de riquezas.

ZYLINSKA, 2021, p. 34.

Este funcionamento é tornado possível pela identificação produzida, no Ocidente, entre as mulheres e a natureza e entre os homens e a cultura. Nesta cena, cultura e ciência são formas de dominar a natureza, já que a última é matéria-prima para ser explorada pela razão. Mesmo agora, quando as mudanças climáticas deixam de ser vistas como delírio de uma minoria e passam a causar alarme de forma mais generalizada, a tecnociência ainda é vista como única salvação possível para um mundo em ruína. A salvação do atual apocalipse planetário virá de um além secularizado, mas, ainda assim, divino: uma fuga para o paraíso na forma de uma transferência planetária, ou um efetivo aprimoramento dos seres humanos para o estatuto de deuses através da Inteligência Artificial (IA).

LATOUR, 2020.

Se antes a tecnociência, amparada pela razão moderna, procurava encontrar formas de levar o mundo (ou pelo menos parte dele) a um progresso econômico e social, as mutações climáticas¹⁵ trazem consigo a necessida-

15 O autor prefere se referir a “mutações climáticas” ao invés do enunciado mais comum de “crise climática” argumentando que o uso da palavra “crise” dá a entender que este se trata de um momento que logo será superado. “Estávamos acostumados a um mundo; agora estamos passando, transmutando em um novo” (LATOUR, 2020, p. 16).

CRUTZEN, 2002.

de de revisão das próprias concepções de conhecimento, economia e progresso. Uma pirata se pergunta como será possível sobreviver ao [Antropoceno](#)¹⁶, essa nova era em que os seres humanos passam a ser vistos como força capaz de alterar as condições químicas, físicas e biológicas do planeta.

BEAUVOIR, 2016b, p. 11.

Esta ação humana na Terra torna cada vez mais difícil manter em pé a barragem que separa ciências humanas e naturais. O emprego da palavra ‘Natureza’ para se referir àquilo que está ‘fora’ do mundo humano tem se mostrado frágil, pronto para romper a qualquer instante. Uma pirata não se surpreende: entre as feministas, a separação entre natureza e cultura já apresentava rachaduras desde que foi dito que [ninguém nasce mulher: torna-se mulher](#).

LATOUR, 2020.

Pensando melhor, ela considera que Antropoceno talvez não seja uma imagem suficiente, visto que não é simplesmente a ação humana em geral que põe em marcha um [novo regime climático](#). O uso do termo *anthropos* (da palavra grega para “humano”) parece demasiadamente generalista, deixando de lado as relações de poder entre Ocidente e Oriente, Norte e Sul, e as desigualdades sociais daí decorrentes. Uma pirata pensa que, no caso do Brasil, é preciso considerar o processo de colonização extrativista e seus efeitos na produção de desigualdades sociais e am-

16 Entre os geólogos, há incertezas e discordâncias acerca da passagem do Holoceno (era geológica iniciada há cerca de 11 mil anos, após o último período glacial, quando a estabilização do clima permitiu o crescimento da espécie humana em todos os lugares do mundo) para o Antropoceno. De qualquer forma, o conceito tem sido bastante debatido entre historiadores, sociólogos, filósofos, antropólogos e artistas.

bientais.

ANDRADE, 2008, p. 502.

Enquanto a produção industrial leva do Sul as matérias-primas para a fabricação de bens a serem consumidos no Norte, uma pirata fica aqui com a ruína e a lama. [O maior trem do mundo / Leva minha terra / Para a Alemanha / Leva minha terra / Para o Canadá / Leva minha terra / Para o Japão / O maior trem do mundo / Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel / Engatadas geminadas desembastadas / Leva meu tempo, minha infância, minha vida / Triturada em 163 vagões de minério e destruição.](#) Ela sabe que aqui o mundo acaba antes.

HARAWAY, 2015, p. 159.

Assim, outras variáveis vão somando-se à discussão sobre as mudanças climáticas. Emergem outros nomes, tais como *plantationceno*¹⁷ ou *capitaloceno*¹⁸, e eles estão relacionados com a escala, com a [relação de taxa/velocidade, com a sincronicidade e com a complexidade do problema.](#) Trata-se de mais do que mudanças no clima: há o despejo de produtos químicos tóxicos na terra, o esgotamento de rios, a redução da biodiversidade, a migração forçada de pessoas e de outros seres, genocídios e grandes pandemias. Tudo isso vai acontecendo de formas assimétricas

¹⁷ O *plantation* foi um sistema de produção agrícola utilizado pelas nações colonizadoras da Europa na América, Ásia e África. Seus quatro pilares no período colonial foram: latifúndio, monocultura, mão de obra escravizada e atendimento do mercado exterior (como no caso das plantações de cana-de-açúcar no nordeste brasileiro). As *plantations* são consideradas precursoras do sistema fabril e aceleradoras da revolução industrial, muitas vezes citada como ponto de inflexão do Antropoceno. A autora considera que as atuais monoculturas de soja e milho, bem como os latifúndios para produção de carne bovina, são continuidades do *plantation*. Ver HARAWAY et al (2016).

¹⁸ Variação do conceito de antropoceno que destaca o papel do capitalismo nas mudanças climáticas. Ver MOORE, 2016.

ao redor do mundo, causando mais danos a quem está nos pontos mais pobres do mapa.

SHIVA, 2018.

Estas assimetrias já provocam o pensamento ecofeminista há bastante tempo. Uma pirata sabe que as condições de vida das mulheres, especialmente das mulheres pobres, são as primeiras afetadas por um [desenvolvimento pós-colonial](#) que nunca deixou de ser, de fato, colonial. Esta visão de progresso continua a prejudicar a subsistência daquelas que vivem mais perto da terra, já que seu modo de vida, amparado pela agricultura familiar e outras práticas ecológicas, se torna inviável frente ao avanço do agronegócio e das monoculturas.

PULEO, 2021.

Uma pirata vai aprendendo que o pensamento ecofeminista hoje já não precisa tecer relações com uma suposta essência feminina, mais próxima da Natureza. Ao longo da história e através da geografia, os processos de produção de subjetividades femininas se encarregaram de construir esta aproximação entre as mulheres e a Terra. As responsabilidades atribuídas ao seu gênero dentro da família e da comunidade produzem outras formas de se relacionar com o mundo: [sua sensibilidade ambiental provavelmente está ligada à divisão sexual do trabalho e outras relações de poder que entrelaçam classe, gênero e raça.](#)

As mulheres na maré de lama têm sido tradicionalmente responsáveis pelas tarefas de cuidar das vidas mais frágeis: crianças, idosos e doentes estiveram sempre sob sua atenção. A economia doméstica também esteve historicamente sob sua responsabilidade: manter em dia a ma-

PULEO, 2009.

nutenção da casa, lavar e cuidar das roupas, preparar alimentos. [Desta forma, uma pirata vai desenvolvendo uma subjetividade relacional, atenta aos outros e com grande grau de afetividade.](#) Este modo de ser vai sendo produzido no cuidado não só com outros humanos, mas com todos os seres vivos e com o ambiente.

KRENAK, 2020.

Assim, no ecofeminismo as mulheres na maré de lama vão encontrando pistas de como [adiar o fim do mundo.](#) Contra o antropoceno, ou apesar dele, outras imagens:

LATOUR, 2020b.

agarrar-se à terra, [aterrar-se](#), entender que são tão parte da natureza quanto o mar, a montanha, o rio, os bichos.

ALBERT, KOPENAWA, 2015.

Aprender com as [cosmovisões indígenas](#), que falam de outras formas de viver com o espírito da floresta, estar na floresta, ser a floresta. Não mais considerar a importância da preservação da natureza de um ponto de vista extrativista, pensando em preservar recursos para as próximas gerações, mas desmanchar o antropocentrismo e as dualidades entre natureza/cultura e matéria/espírito.

LEA, 1994.

Uma pirata sabe que as indígenas brasileiras são uma força da natureza. Vem à mente a imagem de Tuíra, líder e guerreira Kayapó que em 1989 encostou um facão na face do então diretor da Eletronorte, José Antônio Muniz, em ato de protesto contra as falas de Muniz no 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu em Altamira, no Pará. [Para Tuíra, o discurso de Muniz ia contra a vida dos indígenas, pois só dizia respeito aos interesses da Eletronorte.](#) Às vésperas da instalação da usina hidrelétrica no Rio Xingu, a imagem de Tuíra antevia e denunciava a degradação am-

biental em Belo Monte.

GORTÁZAR, 2019.

DUTRA, MAYORGA, 2019.

As mulheres indígenas sempre ocuparam papel de protagonismo nas lutas pela demarcação de terras e pelo fim da exploração da Amazônia e de outros biomas brasileiros. Muito recentemente, começam a ganhar espaço também no campo da representação política, especialmente com a [eleição de Joênia Wapichana para o cargo de deputada federal em 2018](#). Em interseção com as lutas feministas, as indígenas colocam em debate [a violência de gênero que sofrem dentro e fora de suas comunidades, o acesso à educação, à saúde e a formas de geração de renda](#).

FERREIRA, 2017.

Ao lado das indígenas, as camponesas brasileiras e latino-americanas também dão pistas de modos de ser feminista que são atravessados por questões ecológicas. Uma pirata pensa em [Margarida Alves, líder sindical paraibana](#) que defendia ferozmente os direitos de trabalhadoras e trabalhadores rurais, lutando contra a violência no campo, pelo fim da exploração dos camponeses e pela reforma agrária. O assassinato de Margarida, em 1983, soma sua história à de tantas outras mulheres e homens que ousam colocar-se contra os grandes proprietários de terras, garimpeiros e empresários que ainda hoje ameaçam a vida de indígenas, camponeses, animais e ecossistemas.

Margarida, assim como tantas outras, continua presente. Seu nome inspira a Marcha das Margaridas, movimento organizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura que acontece em Brasília. A marcha, realizada em cinco edições desde o ano 2000, con-

ta com a presença de agricultoras, quilombolas, indígenas, pescadoras e extrativistas do Brasil e de vários lugares do mundo. Suas bandeiras incluem a defesa da agroecologia, a luta pela soberania alimentar e pela reforma agrária, autonomia econômica, educação não-sexista, fim da violência contra as mulheres, acesso à saúde, direitos reprodutivos e participação política para todas as mulheres.

Uma pirata é surpreendida por estes pensamentos feministas que surgem longe dos padrões que historicamente são reconhecidos na construção do feminismo. Há outra intelectualidade e outra filosofia que se constituem perto, ou dentro, do chão. Vem a imagem de um Chthuluceno¹⁹, que enfatiza a multiplicidade de agenciamentos tentaculares que constituem a terra. Fala-se de fungos, fitoplânctons, bactérias: milhares de seres em interdependência, em um viver e morrer juntos que dão pistas no caráter coletivo de todo modo de existência.

Prestes a sair da maré e continuar sua viagem, uma pirata se depara com uma imagem. Trata-se de uma reprodução da pintura *Evolution of Revolution* (evolução da revolução), do artista alemão Harmut Kiewert. A pintura revisita a obra 'A Liberdade guiando o povo', pintada por Eugène Delacroix em comemoração à Revolução de Julho de 1830 em Paris. Na pintura de Kiewert, o povo que a Liberdade conduz é composto por uma multiplicidade de animais: vaca, porco, cabra, pato, coelho, ovelha, entre outros. Em

19 A autora Donna Haraway procura, no texto, desfazer a relação entre sua proposição e o monstro do conto "O Chamado de Cthulhu" de H. P. Lovecraft, enfatizando que parte da raiz grega do termo *khthónios*, subterrâneo).

alguns deles, é visível a etiqueta de orelha comumente utilizada para identificar animais em grandes fazendas. A Liberdade não mais porta a bandeira da França, ou qualquer outra bandeira: sua mão erguida mostra um grande alicate, indicando que ela acaba de cortar a cerca de arame que mantinha os animais presos. No chão não há corpos humanos sendo pisoteados como na pintura de Delacroix, mas entulhos das cercas e muros derrubados.

HARAWAY, 2021. Publicada por uma página feminista, a imagem faz pensar em [alianças interespécies](#) em que as mulheres assumem a responsabilidade de cortar as cercas que separam o mundo humano dos outros. Para além do veganismo como modo de vida, uma pirata no Brasil se vê considerando o contexto do agronegócio, que [no governo de Bolsonaro ganha liberdade para expandir sua atuação sem qualquer limite](#), de norte a sul. E pensa também na insegurança alimentar, questão de vida ou morte enfrentada hoje num país que é [um dos maiores exportadores mundiais de alimentos](#).

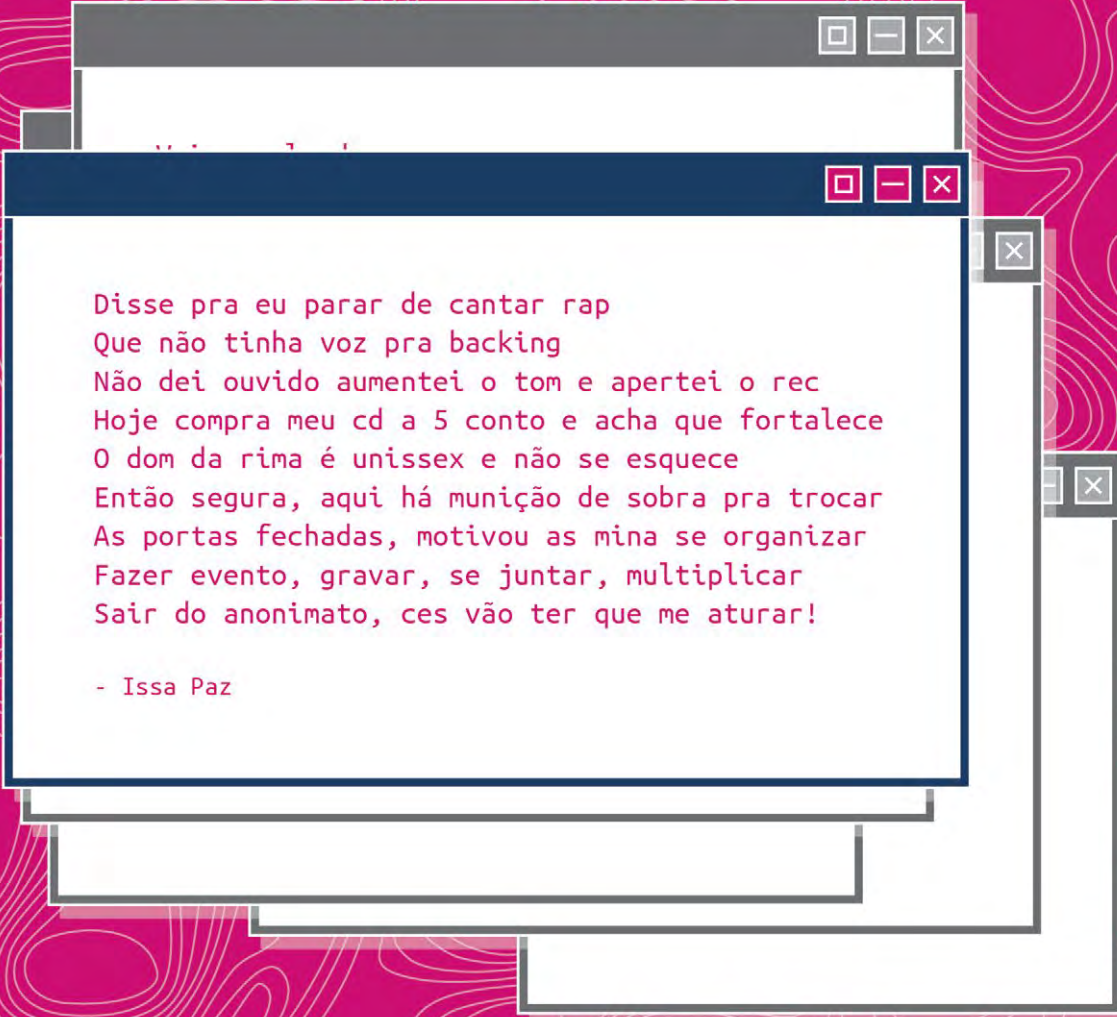
ZYLINSKA, 2021, p. 68. Ela segue viagem. Aprendeu, na maré de lama, sobre outros modos possíveis para construção de um pensamento ecológico, que afirma a continuidade da vida frente às narrativas apocalípticas que acompanham o antropoceno. Combatendo os discursos apocalípticos, [um contra-apocalipse feminista, que leva a sério os desdobramentos geopolíticos no nosso planeta, ao mesmo tempo que repensa as nossas relações com e para com ele](#).

Como pistas para a composição do seu território

SCIENCE, 1994.

existencial, leva também o rompimento das barragens que separam natureza / cultura. A lama que resulta é potência criativa para outros modos de vida, conectados à terra e em favor da diferença. [Da lama ao caos, do caos à lama](#); a lama para adiar o fim do mundo.

RespeitaNossoCorre.pdf



Disse pra eu parar de cantar rap
Que não tinha voz pra backing
Não dei ouvido aumentei o tom e apertei o rec
Hoje compra meu cd a 5 conto e acha que fortalece
O dom da rima é unissex e não se esquece
Então segura, aqui há munição de sobra pra trocar
As portas fechadas, motivou as mina se organizar
Fazer evento, gravar, se juntar, multiplicar
Sair do anonimato, ces vão ter que me aturar!

- Issa Paz

Respeita Nosso Corre

DO YOU FEEL LIKE SOMEONE IS USING THE WRONG BATHROOM?

DON'T:

- × Stare at them
- × Challenge them
- × Insult them
- × Purposely make them feel uncomfortable

DO:

- ✓ Respect their privacy
- ✓ Respect their identity
- ✓ Carry on with your day

Transgender and non-binary students- You have every right to be here:

- In this facility
- In this community
- In this University
- In this world

We're all simply using the facilities we feel safe in. Please don't take this right away from anyone.

Trabalho Sexual	Aluguel de Úteros	Porno Feminista
Liberdade de escolha	Meritocracia	Representatividade

impedida de usar banheiro feminino

instruída a ser mais feminina

assédio moral

misoginia

lesbofobia

licença médica

derrame por estresse

"se você colocasse uma saia não teríamos problemas"

THAIS FRIEDAS

Ana Karina

2 de out de 2018 às 14:33

o problema do jovem militante é que o jovem militante só quer militar pra outros jovens militantes do outro lado dona Maria e seus 7 filhos na periferia seguem ignorantes pq ao invés de levar a informação onde ela deveria chegar, vcs tão preocupados demais em competir quem milita mais

Lubekeeper Zinnia @ZJempty

"Trans people aren't banned from bathrooms, they can use the one of their assigned sex" is about as accurate as "gay people aren't banned from marrying, they have the same right to marry someone of the opposite sex", an argument that actually was once tried and promptly discarded

9:56 PM · 22 Mar 19 · Twitter Web Client

PRA SER FEMINISTA, NÃO IMPORTA SE VOCÊ É

"PRINCESINHA" "FARDINHA" "ON BRANCAHUA"

VAIDOSA - HEIJA - PAPA

VEGAN - BI-ALTERNATIVA

REBELDE - LESBICA - RACIAL

Você É LIVRE PRA SER QUEM QUISER

FEMINISTA NÃO SE DEPLICA!

FEMINISTAS QUEREM PRIVILEGIOS!!

FEMINISTA SÓIA HOMEM!

...SÓ TOMA CUIDADO PRA NÃO CAIR NO CONTO DOS "TROLLS".

Uma pirata alcança um maremoto: seu barco balança violentamente de um lado a outro, enfrentando ondas enormes que parecem decididas a quebrá-lo em pedaços. Trata-se de uma maré sacudida pelo dissenso. Aqui, as mulheres disputam o espaço e colocam em questão as próprias definições de feminismo. Circulam tentativas de delimitar o movimento, encontrar a um chão comum. Diferentes correntes feministas apresentam-se, cada uma reclamando para si a compreensão mais completa das causas da opressão das mulheres e suas possíveis soluções.

A maré dá a ver um paradoxo: como movimento social pela libertação das mulheres, o feminismo insiste na inclusão delas em todas as áreas da vida social e política, e exige a transformação radical destas estruturas excludentes. Ainda assim, o feminismo põe em ação suas próprias formas de marginalizar pessoas. Mulheres negras, indígenas, da classe trabalhadora, lésbicas e bissexuais, trans, portadoras de necessidades especiais, mulheres não-ocidentais, muçulmanas e praticantes de religiões de matriz africana, entre tantas outras, denunciam que têm sido historicamente excluídas do [feminismo hegemônico](#).

BUTLER, 2017, p. 19.

O paradoxo se complica: o feminismo busca estender legitimidade e visibilidade às mulheres como sujeito político, mas para tanto precisa de um regime jurídico para definir quem é este sujeito. Quais critérios são levados em consideração na construção destes regimes? Não serão eles baseados em um [binarismo que produz sujeitos com traços de gênero em conformidade com um eixo diferencial de dominação?](#) Uma pirata começa a se perguntar: é possível pensar na categoria ‘mulher’ de forma estável ou permanente? Como se constitui a separação que se faz entre sexo e gênero?

SCOTT, 1995.

MILLET, 2016.

Os feminismos atribuem diferentes significados e importância a estas noções. Em determinados pontos de vista, o [gênero aparece como uma categoria para compreender a história](#), marcada por esta divisão. Em outros casos, [a opressão das mulheres se explica a partir dos sexos biológicos](#) (não vistos como dois opostos, mas como um continuum – existem muitos sexos); nesta leitura o gênero, culturalmente constituído, deve ser abandonado para que se possa enfim atingir a igualdade.

BUTLER, 2017.

Ainda em outra interpretação, [o gênero não está para a cultura enquanto o sexo está para a natureza](#); o gênero também produz o sexo, colocando-o como uma dualidade (macho / fêmea) supostamente estabelecida no lugar pré-discursivo da natureza. O sexo de um corpo não é dado ou estático; tanto sexo quanto gênero são discursivos e produzidos historicamente.

Na maré do dissenso, diferentes visões sobre sexo e

gênero levam a reações divergentes a respeito das mulheres trans. O problema do uso dos banheiros em espaços públicos emerge com intensidade em publicações escritas em inglês e compartilhadas pelas páginas brasileiras. Surge um post onde se lê: “[afirmar que] ‘Pessoas trans não estão banidas dos banheiros já que podem usar aqueles destinados ao seu sexo designado [no nascimento]’ é tão certo quanto dizer que ‘pessoas gays não estão banidas do casamento, já que podem se casar com alguém do sexo oposto’”. Outra página compartilha um post que critica um cartaz pedindo respeito a pessoas trans em banheiros de uma universidade estadunidense; de acordo com o texto que acompanha o cartaz, a inclusão de mulheres trans e pessoas não-binárias em banheiros femininos é uma ação misógina, que leva ao silenciamento de mulheres que se sentem desconfortáveis e inseguras com a situação.

As disputas em torno das definições de sexo e gênero circulam ao redor das mulheres trans em diversas outras publicações. O apoio a elas aparece quando os temas giram em torno do alto índice de mortes violentas, da curta expectativa de vida e da falta de oportunidades que levam muitas delas à prostituição. No entanto, sua participação enquanto mulheres em competições esportivas e sua eventual identificação como lésbicas são criticadas em páginas alinhadas com vertentes mais radicais do feminismo, [cuja abordagem está focada na materialidade da biologia](#). Em um vídeo compartilhado em uma das páginas visitadas, a youtuber escocesa Magdalen Berns afirma que “lésbicas

não têm pênis”, complementando com a afirmação que “Se você nasceu com um pênis e bolas você é macho.” (...) “Machos são definidos pelos seus órgãos sexuais biológicos, assim como homossexual é alguém que se atrai por pessoas do mesmo sexo biológico”.

Em muitas publicações, os termos *rad*²⁰, *queer*²¹ e *TERF*²² são usados de forma ofensiva nas discussões entre as feministas. Em alguns casos extremos, uma página declara guerra à outra: as páginas são denunciadas massivamente pelo seu conteúdo considerado transfóbico ou misógino, a ponto de serem tiradas do mar.

Parte destes atritos passam ainda pelas definições de sexo e gênero. É a partir dos anos 60 e 70 do Século XX que [as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos.](#) Assim, além das categorizações que já definia – como os gêneros musicais, literários, biológicos, cinematográficos, textuais –, a palavra passa também a se referir ao caráter social das distinções baseadas no sexo.

A partir daí, naturaliza-se a ideia do sexo como um

SCOTT, 1995, p. 72.

20 Abreviação para “radical”.

21 A palavra ‘*queer*’ significa ‘estranho’ na língua inglesa, e historicamente foi utilizada como ofensa contra pessoas LGBTQIA+. No entanto, a própria comunidade se apropriou do termo, que passou a ser uma forma de designar aqueles que não se encaixam na imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade. Nas redes sociais, o termo volta a ser pejorativo quando utilizado para se referir àqueles que, inspirados pelo trabalho de Judith Butler, problematizam a fixidez binária dos sexos biológicos.

22 TERF é um acrônimo para *Trans-Exclusionary Radical Feminist*, ou Feminista radical trans-excludente.

Idem, ibidem.

dado biológico / natural, enquanto o gênero seria uma construção de papéis sociais historicamente determinados. Esta separação aparece como uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’, permitindo a compreensão da desigualdade entre homens e mulheres como uma construção social e historicamente situada.

BUTLER, 2017.

Nem tudo se resolve. Perguntas inquietantes emergiram quando havia consenso: se há uma relação direta entre sexo e gênero, então esta continuidade negaria a existência de pessoas que não se enquadram neste diagrama, como é o caso das pessoas trans. De outra forma, se o gênero não é diretamente relacionado com o sexo, então ‘homem’ e ‘masculino’ podem ser aplicáveis a qualquer corpo, bem como ‘mulher’ e ‘feminino’. Desta maneira, o gênero se torna uma categoria flutuante, descolada do sexo. Uma pirata se pergunta sobre as *Drag Queens*, que em sua paródia do feminino tornam visível esta disjunção entre sexo e gênero: se é possível que homens performatizem o gênero feminino, por que não seria o caso de considerar que mulheres também o fazem?

BUTLER, 2017, p. 27.

Em qualquer uma das hipóteses, um conjunto de problematizações são levantadas a respeito do sexo para que sua suposta natureza seja também revista. Talvez os fatos ostensivamente naturais do sexo sejam produzidos também discursivamente. Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente constituído quanto o gênero; a ri-

gor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero, entre natureza e cultura, revela-se absolutamente nula.

PRECIADO, 2017, p. 23.

Uma pirata vê desmancharem-se as últimas certezas que existiam sobre a distinção entre Natureza e Cultura. É hora de deixar de estudar e de descrever o sexo como parte da história natural das sociedades humanas. A ‘história da humanidade’ se beneficiaria se fosse rebatizada como ‘história das tecnologias’. O que entendemos por natureza humana é, assim, efeito de diferentes atravessamentos entre natureza e cultura, biologia e tecnologia.

BUTLER, 2017.

O gênero, desta forma, deixa de ser uma identidade definida e passa a ser entendido como uma prática. Os papéis de gênero são constituídos performativamente não como um ato singular ou deliberado, mas ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que entendemos como gênero se trata somente de um encadeamento discursivo, uma discursividade continuamente construída acumuladamente, cuja origem e autoria desaparece.

FOCAULT, 2012.

A noção de performatividade explica a existência de padrões de comportamento reforçados a ponto de serem vistos como naturais por aqueles que os repetem. A própria ‘aquela que performa’ não preexiste a estes rituais: a identidade é um produto destas práticas. Assim, uma pirata performatiza seu gênero a partir de um conjunto de elementos que são inteligíveis para os outros. Tal performatividade passa por modos de se vestir, de se comportar

e de falar; estes elementos variam ao longo da história e de acordo com a cultura, de modo que comportamentos atribuídos a um gênero ou outro vão sendo lentamente modificados.

JESUS, 2019.

No centro da maré do dissenso, as transfeministas entram em cena. Elas buscam uma redefinição da equiparação entre gênero e biologia, bem como [o reconhecimento da história de luta das travestis e das mulheres trans como elementos chave para as lutas feministas](#). Uma pirata entende que o transfeminismo oferece ferramentas úteis não só para a resistência das pessoas trans, mas para todas que, de alguma forma, não se enquadram nas normas sexistas e heteronormativas que organizam os gêneros de forma binária.

NASCIMENTO, 2021.

Em aproximações com outras abordagens feministas, o [transfeminismo entende a necessidade de pensar no caráter interacional das opressões](#), considerando os preconceitos de raça, classe, orientação sexual, localização geográfica, idade, religião, capacidade física, entre outras. Na impossibilidade de definir uma identidade feminina ‘essencial’, colocam-se conexões, fluxos, agenciamentos: uma [política de afinidades](#).

HARAWAY, 2016a.

Uma pirata começa a pensar que talvez justamente esta instabilidade conceitual – esta variação entre a existência ficcional de uma categoria ‘mulheres’ e as demandas concretas de um grupo minoritário historicamente oprimido em sua própria corporeidade – é uma das razões do crescente interesse pelos feminismos no contemporâ-

MOUFFE, 199, p. 46.

neo. Talvez esta precariedade da categoria ‘mulher’ não implique necessariamente no abandono de uma identidade de gênero que possibilita ações políticas. A ausência de uma identidade essencial e de uma unidade prévia não impede a construção de múltiplas formas de unidade e de ação comum.

BUTLER, 2017.

A problematização da categoria “mulher” não resulta na inexistência das mulheres; desconstruir o sujeito não é equivalente a decretar o seu fim, mas a compreender sua precariedade e historicidade. Assim, a ideia de identidade de gênero tem sempre um caráter normatizador que implica na construção de uma espécie de univocidade, e a busca desta mesma unidade é em si excludente e normatizadora. Daí a proposição de uma coalizão aberta, em que as mulheres se reúnam para definir ações do movimento sem nenhuma pauta anterior à discussão entre elas. Precárias, urgentes, instáveis e contingentes, estas coalizões fazem pensar em um feminismo nômade.

BRAIDOTTI, 2002.

DELEUZE, GUATTARI, 2012a.

Inspirada pela nomadologia, uma pirata começa a se despedir do dissenso. Pensa na figura da nômade como alguém capaz de uma arquitetura inventiva que favorece o exercício da micropolítica através da resistência. Este combate se dá no agenciamento de máquinas de guerra que, em disputas com os aparelhos de estado, traçam linhas de fuga em busca de outras possibilidades de vida. Falar em nomadismo é falar de disputas constantes contra um projeto de redução da diferença e da multiplicidade.

Por estar sempre traçando novas linhas de fuga, a

nômade não converte as mensagens com as quais é bombardeada em identidades coerentes. Está sempre pronta para levantar âncora, desterritorializando-se para escapar das amarras da produção em massa de subjetividade.

BRAIDOTTI, 2002, p. 14.

Neste contexto, as pistas que uma pirata leva da maré do dissenso para a constituição do seu território existencial dizem respeito a feminismos que se constituem em um conjunto de transformações sem fim, sem determinações: O nomadismo feminista marca o itinerário político específico das mulheres feministas que apoiam multiplicidade, complexidade, antiessencialismo, anti-racismo e co-alizões ecológicas. O nomadismo e a pirataria visam desfazer as estruturas de poder que sustentam as oposições dialéticas dos sexos, enquanto respeitam a diversidade das mulheres e a multiplicidade dentro de cada mulher.

Fabulação.css



DELEUZE, GUATTARI,
2017, p. 9.

Incapaz de saber por onde continuar, uma pirata segue pelo meio. [Entra por qualquer parte, nenhuma vale mais que a outra, nenhuma entrada tem privilégio.](#) Começa a escrever pelo texto das outras. Este tem sido seu jeito de trabalhar: dezenas de abas abertas no navegador, outros tantos livros abertos sobre a bancada, uns cinco ou seis arquivos de texto e blocos de notas. Depois a tentativa, muitas vezes vã, de inventar linearidade.

CORAZZA, 2008, p. 25.

Como professora, sempre se alegrou com as matérias que pôs a funcionar em suas aulas, colocando os mais diversos intercessores a operar juntos. Muitas vezes precisou policiar-se para que as digressões rizomáticas, suas e dos estudantes, não acabassem por desmanchar completamente o currículo. É professora de design, mas já não tem certeza se não [é crítica se é pesquisa se é literatura se é filosofia se é matemática sociologia filologia psicologia educação religião direito anal genital se é ciência dura ou mole de patinho alcatra filé mignon fronteiroço inter trans multicultural continental global.](#)

DELEUZE, 2003.

Questão de [estilo, este tratamento que se dá à matéria.](#) Faz o possível para dar às suas aulas um tratamen-

L'ABÉCÉDAIRE, 1995.

to [deformador, contorcionista, mas necessário](#), levando a linguagem até um tipo de limite. Uma pirata teceu tantas redes que seu pensamento e suas aulas agora só funcionam assim, por hiperlink. Enredos de referências cruzadas cada vez mais possíveis por causa da internet. Assim ela consegue lidar com a [enxurrada de dados que rompe com as represas dos modos tradicionais de organizar e recuperar informações, extravasando os limites das velhas disciplinas, fazendo transbordarem todas as classificações e ordens das bibliotecas, escolas e universidades](#)²³.

PLANT, 1998, p. 14.

Quer agora que sua escrita dê a ver esta trama. Não quer interromper o fluxo do texto a todo tempo prestando referência (entre parênteses) aos seus intercessores. Incapaz de dizer o que precisa dentro dos limites da norma técnica e das fronteiras que separam campos de estudo, ela precisa ser [estrangeira na própria língua](#) (acadêmica), inventando um outro funcionamento para um conjunto de regras familiares. Daí, sua aposta no hiperlink como recurso de estilo.

DELEUZE, 2011.

Lembra da inquietação de seus amigos que escreveram um livro para ser lido em qualquer ordem. Mergulhando na leitura, ela entende: alguns conceitos apresentados no começo traçam linhas que vão até outros, no meio; certas ideias do fim emergem novamente no início. Eles falavam em [linhas de formiguinhas indo de uma parte à outra](#), mas não em ordem única ou pré-determinada.

DELEUZE, GUATTARI, 2011a.

23 Tradução-pirata para “the floods of data which have burst the banks of traditional modes of arranging and retrieving information and are seeping past the boundaries of the old disciplines, overflowing all the classifications and orders of libraries, schools, and universities.”

Sem saber, diziam sobre o funcionamento dos hiperlinks, e não havia hiperlinks ainda. Pensando bem, quase já não há hiperlinks novamente.

As formiguinhas agora andam todas em uma única direção. São dedos que deslizam a tela para cima, fazendo paradas e logo seguindo o mesmo trajeto, sempre em linha reta. Por um momento, uma pirata amaldiçoa quem inventou a rolagem infinita: a experiência de navegação tornou-se simplesmente reagir àquilo que aparece e eventualmente emitir uma opinião. Ela está farta de opiniões, farta de reações, [farta de semideuses](#).

PESSOA, 1986.

Esforça-se para combater o hábito de simplesmente deslizar os dedos. Mune-se de uma [atenção à espreita](#), ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta, para navegar e escrever através daquilo que parece desconexo e fragmentado. Faz questão de parar, ler e clicar em links quando sente que ali algo acontece, que há uma processualidade em curso. Deixa-se atravessar e faz com que apareçam na sua ([pop](#)) escrita. [Estilo de quem trabalha com achados e perdidos, com intensivos e extensivos, com poesia e nota fiscal](#). O hiperlink como recurso de escrita torna possível seguir navegando e escrevendo sem precisar a todo momento cortar os fluxos.

KASTRUP, 2012.

RODRIGUES, 2006.
Idem, ibidem, p. 12.

Cria para si um [corpo tentacular](#); suas muitas mãos estendem-se ao seu redor e tateiam tudo que alcançam, criando conexões. Sua principal vantagem é sua maior limitação: nenhuma pretensão de objetividade. Uma pirata se move, se transforma, se conecta; as múltiplas relações

HARAWAY, 2016.

HARAWAY, 2009.

que cria não são eternas ou completas por si só, [pois seu corpo está sempre localizado](#). Um pouco aranha, um pouco polvo, um tanto Medusa. Ela toma para si o fio de Ariadne, que deveria guiá-la em linha reta através do labirinto, e com ele faz uma cama-de-gato.

ROCHA, 2015.

Enquanto enreda e desenreda seus dedos, ouve ressoar, nos alto-falantes do seu navio, uma sequência incômoda de acordes que acompanham um convite: [Tome espaço do Estado, da polícia, da NSA / Da mulher maravilha / E meta um grelo na geopolítica](#). É por aí que ela segue.

DELEUZE, 2016.

A que mulheres se dirige esta provocação? Quem são essas, desafiadas a ocupar diferentes lugares até então controlados por homens? Elas, convidadas a tomar o espaço de uma super-heroína que em teoria lhes representa; elas, intimadas a substituir o falo pelo grelo, esquecido na anatomia e na história? Elas estão por aí? Elas ouvem este chamado? Elas estão [por vir](#)? Quando chegarão?

EVARISTO, 2013.

PLATH, 2014.

WOOLF, 2018.
DE JESUS, 1995.
LE GUIN, 2014.

BUTLER, 2017.

Cheia de perguntas, uma pirata vai consultar sua biblioteca de PDFs. Nos arquivos acumulados em seu HD, ela percebe a profunda necessidade de um povo na arte produzida por mulheres. Seja nos [becos do silêncio](#) de Conceição Evaristo ou na [redoma de vidro](#) de Sylvia Plath, no [quarto todo dela](#) de Virginia Woolf ou no [quarto de despejo](#) de Carolina de Jesus, na [Gethen](#) de Ursula Le Guin ou na [Los Angeles](#) de Octavia Butler, lá está a invocação de uma coletividade ainda por vir. Diferentes modos de ser mulher vão sendo pensados, ainda que não caiba às artistas a criação destes mulherios. [Um povo cria a si mesmo pelos seus](#)

DELEUZE, 1992, p. 215.

próprios meios, ainda que reencontrando algo do seu universo de referências. Nas diferentes formas de arte que vai Tateando, uma pirata encontra pistas para a composição do seu território existencial.

Talvez seja uma questão de utopia? Quem sabe, quando chegarem estas mulheres conjuradas pela canção da rádio, tudo mudará? Em um tempo de distopias, quando as piores previsões climáticas, econômicas e sociais parecem estar se realizando, o pensamento utópico parece trazer alívio. Uma pirata pensa nas expectativas dos anos 90 sobre o uso da internet, que se imaginava que poderia garantir uma possibilidade criativa e singularizante dos processos de produção de subjetividade. As expectativas ainda não se realizaram: ao mesmo tempo que as redes democratizam acesso a informações, saberes e arte, favorecem também o espalhamento de *fake news*, fascismo e desencanto.

GUATTARI, 1993b.

Talvez a situação se reverta. Talvez as mulheres por vir testemunharão um estágio de igualdade de oportunidades e direitos entre os gêneros, independente de raça, classe, credo, sexualidade, idade etc.? Talvez vivam felizes para sempre?

Esta expectativa utópica por uma paisagem idílica, perfeitamente estável e adequada a inúmeras demandas ou necessidades específicas, desassossega uma pirata. Ela sobe até a proa de sua embarcação e olha em volta, contemplando as marés que acabou de visitar: não há nada semelhante a uma calmaria em qualquer direção. Nada de

terra firme. A utopia permanece no registro do invisível, provavelmente inviável.

DELEUZE, GUATTARI, 2012b.
DELEUZE, 1992, p. 215.

E mesmo que fosse viável, a utopia serviria às mulheres por vir? Ela teme que não. Se há algo que aprendeu sobre os feminismos, é que não tratam de ir em busca de um ideal platônico, estático, perfeito e acima deste mundo; trata-se antes da liberdade de dar espaço aos processos de devir, em direção a um futuro que é novo e, por isso mesmo, imprevisível. Uma pirata começa a intuir que a utopia não é um bom conceito: há antes uma “fabulação” comum ao povo e à arte.

HOUAISS, 2009, p. 865.

De volta à biblioteca, consulta o dicionário. Justamente entre “fábrica” e “fabuloso”, ela encontra o sentido convencional de fabulação, creditado à psicologia: fabulação é o ato ou efeito de contar histórias fantasiosas como verdade; falsificação assistemática da memória.

OXFORD DICTIONARIES, 2017.

O uso da palavra falsificação faz uma pirata se perguntar sobre a linha tênue que separa realidade e ficção. Termos como pós-verdade e *fake news* são hoje soprados aos quatro ventos, fazendo com que esta linha seja objeto constante de escrutínio e disputa. Fala-se de circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos às emoções e às crenças pessoais.

DELEUZE, 2017.
GIL, 1968.

No entanto, ao contrário do que pregam os dogmas de racionalidade na política e objetividade na imprensa, medo e ódio vem há muito se espalhando na TV, rádio e jornais, diminuindo a potência de agir de uma pirata. E

tem jornal popular que / Nunca se espreme / Porque pode derramar / É um banco de sangue / encadernado / Já vem pronto e tabelado / É somente folhear e usar. O medo da violência urbana, o desprezo generalizado contra a classe política, o descrédito pela ciência e um certo pânico moralizante com relação à sexualidade distribuem-se nas mídias e nas salas de aula tempos antes das redes sociais tornarem-se parte do cotidiano.

WOOLLEY e GUILBEAULT, 2017.

GUIMÓN, 2018.

O que ocorre agora é a interferência de maquinarias de propaganda computacional, (que se dá pelo uso dados de usuários para o direcionamento de publicidade) na disseminação de fake news, como no caso da Cambridge Analytica. A empresa de consultoria utilizou informações de eleitores estadunidenses, obtidos através do Facebook, para lhes direcionar propaganda (muitas vezes enganosa) favorável a Donald Trump por ocasião das eleições presidenciais de 2016. Especula-se que táticas semelhantes tenham sido postas em ação na eleição de Jair Bolsonaro. Uma pirata custa a acreditar: soa como uma distopia que alguém teria fabulado como advertência para um futuro sombrio.

BERGSON, 1978.

BROGUE, 2010.

No campo da filosofia, a fabulação começa a apontar outras direções: aparece como o ato através do qual surgem representações fantasmáticas de espíritos, forças e deuses. Fabular, neste sentido, é atribuir vontade e agência aos fenômenos naturais, funcionando como reforço na coesão social de sociedades fechadas. É uma leitura que para uma pirata, ainda parece monolítica: a habilidade de

fabular coincidiria com a criação de ficções regulatórias que governam modos de vida. Falta, neste conceito, uma dimensão subversiva.

DELEUZE, 2013, p. 183.

Ela não se dá por satisfeita. Sabe que o que tem a dizer não se trata de ficção ou realidade. O que busca não é a verdade, que é sempre a dos dominantes ou dos colonizadores. É antes a função fabuladora dos pobres, na medida em que dá ao falso a potência que faz deste uma memória, uma lenda, um monstro. Uma pirata pensa que está ela também em posição minoritária, tanto pelo seu gênero quanto pela sua condição de nascida no sul do sul global.

DELEUZE, GUATTARI, 2012a.

Vê-se enredada na necessidade de uma política molar que trate de representações e de sistemas de referência para as lutas feministas das mulheres brasileiras. Tomada emprestada da química, a imagem da molaridade diz uma tentativa de unificar uma multiplicidade de átomos e moléculas em uma coisa só. Para uma pirata, essa molaridade pode corresponder às tentativas de criação de um sujeito único do feminismo. Apesar de entender o valor político desta aglutinação, às vezes teme que rebater-se sobre a imagem deste sujeito vai corresponder a parar um fluxo, congelar ou secar um mar. Precisa que a molaridade seja atravessada por outra lógica, que fale dos pequenos grupos. Uma ordem molecular, de deslocamentos, de mudanças de fases, de intensidades, de devires.

Idem.

A fabulação lhe possibilita, então, devir. Não sabe ainda o que devém; compreende apenas que não se contentará com uma semelhança ou com uma identificação

DELEUZE, GUATTARI, 2012b.

com o que quer que seja o resultado deste processo. Não vai em direção ao dominante, pois entende que todo devir é minoritário, é um elemento de variação que não se encaixa, que escapa, que se descola. Uma pirata percebe que no processo de devir, os dados mais familiares da vida desmoronam, mudam de sentido.

BROGUE, 2010.

Da mesma forma, há um tanto de [experimentação do real](#) no processo de fabulação. Fabula-se também fazendo diagnóstico de forças que modulam o presente; articula-se aquilo que não é dito, que é apagado ou que é esquecido; revisita-se um passado que apresenta possibilidades presentes de transformação. Muito se diz sobre o [Conto da Aia](#), destacando os horrores narrados nesta que é apontada como uma das maiores distopias escritas desde um ponto de vista feminista. A autora, por outro lado, [sublinha que tudo aquilo de terrível que figura no romance acontece, ou aconteceu, com mulheres de carne e osso](#) em algum lugar do planeta.

ATWOOD, 2017.

O GLOBO, 2019.

Como última ação antes de finalizar sua escrita, uma pirata quer desgrudar-se daquilo que entende por si mesma. [Sabe que as expectativas do “eu” operariam uma seleção prévia daquilo que encontrará, levando a um processo de reconhecimento](#). Precisa acatar o ritmo do oceano, deixar-se guiar para que consiga entrar no movimento. [Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar](#).

KASTRUP, 2012.

VIOLA, 1996.

Há para ela a necessidade de partir de percepções vividas e a seguir expandi-las; [tornar um momento do mundo durável, ou fazê-lo existir por si](#). Tomar algo que se

DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 203.

passa e fazer deste acontecimento uma fabulação que não diga mais respeito somente a ela.

HARAWAY, 2016.

Esforçar-se em detalhar a paisagem de forma representativa não lhe parece suficiente. Ao invés de procurar resolver problemas ou mesmo descrevê-los, ela opta por [permanecer com o incômodo](#). Sua escrita necessita ser feita entre relações, deslocamentos, afetos, enfrentamentos, forças, desejos, macro e micropolíticas. No desenho móvel do oceano, há vidas que a percepção não pode atingir; [à fabulação caberá dar às personagens e paisagens dimensões de gigantes](#).

DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 202.

DELEUZE, GUATTARI, 2012b.

[Escolha anômala](#): Assemelha-se à figura da *hacker*, interessada em burlar sistemas de segurança para acessar aquilo que está capturado pelo capitalismo, pelo colonizador, por diferentes autoridades. A cultura *hacker* se baseia em abrir os códigos para modificá-los, distribuí-los e compartilhá-los evidenciando, assim, a função normativa das cifras e a estreita conexão entre lei, indústria e capital.

ENSMENGER, 2010.

Na sua enciclopédia uma pirata procura pelo termo *hacker* e encontra muitos homens. Cada vez que digita “a *hacker*” em seu processador de texto, é surpreendida por uma notificação do corretor ortográfico que tenta persuadi-la a usar a expressão “o *hacker*”. Efeito da [masculinização da tecnociência](#), campo que passou a ser dominado pelos homens à medida em que foi se profissionalizando. No seu HD de filmes e livros, ela já se encontrou com [Neo](#), com [Elliot](#) e com [Case](#). Somente homens. Somente homens?

THE MATRIX, 1999.
MR. ROBOT, 2015.
GIBSON, 2016.

Abre os arquivos novamente com a atenção à esperei-

THE MATRIX, 1999.
MR. ROBOT, 2015.
LARSON, 2008.
HACKERS, 1995.

ta. Elas estão lá: Uma pirata é [Trinity](#), [Darlene](#), [Lisbeth Salander](#), [Acid Burn](#). Realidade ou fabulação? A fronteira é uma ficção (científica).

Uma pirata encontra Alexandra Elbakyan, programadora cazaque que criou o site Sci-Hub²⁴, oferecendo acesso gratuito a milhões de artigos científicos e livros acadêmicos através da violação de direitos autorais. É impossível contê-la: as lentas mudanças nos empoeirados protocolos de segurança são rapidamente suplantadas pela velocidade de quem deseja burlá-los. A *hacker* é uma [máquina de guerra nômade contra um aparelho de estado sedentário](#). O aparelho de estado, controlado pelas grandes editoras internacionais que cobram às vezes centenas de dólares pelo acesso a artigos científicos, funciona em uma lógica de estabilidade, tradição e propriedade. Já a máquina de guerra, pilotada pela *hacker*, diz respeito aos fluxos, aos desvios, transformações e metamorfoses.

DELEUZE, GUATTARI,
2012c.

Uma pirata encontra uma [ciborgue](#), mito político que adverte sobre necessidade de intervir radicalmente na tecnociência e na codificação para inventar novos corpos. Simultaneamente animal e máquina, coloca-se como ontologia contra o código único. Se ela é uma ciborgue, deixam de fazer sentido os limites que separam natureza e cultura. Ela encontra prazer na confusão de fronteiras.

HARAWAY, 1991.

No oceano, ela tateia o [cyberfeminismo](#), [technofeminismo](#), [xenofeminismo](#), [feminismo digital](#). Alianças

VNS MATRIX, 1991.
CUBONIKS, 2015.

24 Hoje hospedado no servidor <https://sci-hub.se/>. Amanhã, quem sabe? O serviço muda de endereço com frequência para despistar os aparelhos de estado.

WAJCMAN, 1991.

PRECIADO, 2018.

COSTA, 2018.

FARIAS, 2015.

MARTINEZ, 2019.

entre mulheres, máquinas e redes. Feminismos anti-razão positiva. Feminismos anti-naturalistas, que entendem que nenhuma categoria deve ser percebida como fixa, permanente ou dada. *Hackear* a tecnociência, [devolvendo às mulheres a habilidade de fazer uso das máquinas](#) que lhe foram tomadas quando o campo da tecnologia profissionalizou-se como masculino. [Hackear também o gênero](#) e o sexo, falando do corpo como laboratório político e espaço de resistência à normalização.

Debruça-se sobre as relações entre feminismos e tecnologias digitais que aparecem nos [textos acadêmicos brasileiros](#). Descubra que o fazem da perspectiva das redes sociais como plataformas para ampliação e democratização os debates feministas. Há muito pouco dito em torno do funcionamento dos sites, dos seus algoritmos e interfaces, das inteligências artificiais que o sustentam e de como estas questões interferem na produção de subjetividades. Por isso, os debates esbarram sempre no mesmo dilema: a internet favorece que uma pluralidade de vozes seja ouvida, porém pode acarretar uma dissonância que enrijece as possibilidades de lutas comuns entre as mulheres. Falta *hackear* as redes, *hackear* os feminismos; falta fazê-lo em português brasileiro.

Uma pirata pensa no anglicanismo *hacker* e em seus equivalentes em português. O verbo *to hack* corresponde a corromper, modificar. Alterar para pôr a funcionar. Há uma relação entre *hackear* e fazer uma gambiarra, palavra que se refere ao que se faz para que algo funcione em con-

dições adversas. Instalação elétrica, eletrônica, hardware, software: dá-se um ‘jeitinho’. O ‘jeitinho brasileiro’, que corrompe o limite entre público e privado. Muitas vezes uma pirata ajudou suas amigas a instalarem softwares baixados clandestinamente; muitas vezes agradeceu aos anônimos que traduzem e disponibilizam legendas de filmes; muitas vezes só teve acesso a certas leituras acadêmicas porque alguém se dispôs a escanear um livro e distribuí-lo no mar. O público, o privado e a pirata.

A pirataria define o software, o filme e o álbum musical que se baixa clandestinamente da internet. Fala também do produto do camelô, ambulante que vende um CD, DVD ou pendrive cheios de *downloads* ilegais numa esquina, numa banca improvisada. O adjetivo se estende para outras mercadorias: camisetas, tênis, bolsas piratas. Cópias baratas de originais de marca. A mídia, os conglomerados multinacionais, os órgãos governamentais e outras instituições prejudicadas discursam contra a pirataria - em vão. Falam de uma suposta precariedade, baixa qualidade, mau funcionamento, prejuízo material e atitude criminosa destas práticas. Alguns lhes dão ouvidos, outras tantas não.

Ela começa a pensar a questão da pirataria por outro viés. Para além dos supostos prejuízos materiais que a prática causa às grandes produtoras e distribuidoras de filmes, séries, música, software, jogos eletrônicos etc., ela pensa nestes produtos como campos de resistência e de constituição de territórios existenciais. A pirataria é

muitas vezes a linha de fuga que permite, às brasileiras e latino-americanas, acesso a um mundo muito maior do que aquele geograficamente e materialmente disponível. Numa realidade em que o capitalismo exclui uma enorme parcela da população mundial (especialmente no sul), a pirataria aparece como oportunidade para outros processos de produção de subjetividade. Devorar o estrangeiro, *hackear* o estrangeiro, piratear o estrangeiro.



FimDaExpedição.rar

Uma pirata finda sua expedição de pilhagem. Finda, não: produz um corte transversal quando considera que seu plano de consistência é momentaneamente suficiente. Sabe que a sensação de satisfação não durará muito tempo; ser pirata é da ordem do constante movimento.

Vislumbra um território existencial pirata feminista. Ou um feminismo pirata. Nem deusa, nem ciborgue, pirata. Pensa em atravessar as fronteiras sem nenhum documento, quer furar as bolhas, transitar livremente, roubar o que interessa, abandonar a necessidade de descer âncoras. E, nesse processo, deixar-se desmanchar pelos encontros.

Assim como o oceano por onde vem transitando constitui-se como um espaço de fabricação de modos de vida, também produzem subjetividades a escola, a universidade, os grupos de estudo e outros lugares por onde uma pirata circula. Pudera: a subjetividade não se trata de uma essência individual, mas sim do efeito precário e provisório das práticas e relações sociais que se dão intensamente em múltiplos ambientes, inclusive nos espaços educacionais. Impossíveis de desentrelaçar, os atravessamentos heterogêneos que constituem uma pirata saltam de um lugar

a outro, da rede à sala de aula.

Seu modo de ser professora e estudante é transformado pela expedição que empreendeu. Que empreende. Seu pensamento o tempo inteiro funcionou tecendo relações, criando links entre uma matéria e outra, criando suas próprias estratégias de tradução transcriadora. Devorando o estrangeiro, mas também o conterrâneo. Costumava pensar nisso como uma fraqueza, um *bug*, um problema. Não mais. Agora é capaz olhar com alegria para as grandes redes que é capaz de tecer, sem nenhum preconceito ou hierarquização, a partir daquilo que arquivou.

Para além dos seus próprios intercessores, alegra-se em explorar os arquivos de colegas e estudantes. Sua atividade docente agora desmancha-se: a potência de ser professora recria-se justamente em não tentar controlar completamente o que passa nos processos de ensino e pesquisa. Oferece seus intercessores, suas matérias, seus arquivos, mas alegra-se em abrir-se ao encontro com o arquivo de outras. Sua aula é cada vez menos o planejamento linear de uma discursividade pré-determinada, e cada vez mais uma rede de vetores que escapam em direções que ela ainda não pode prever. Que nunca poderá prever: é preciso que alguém tome para si a outra ponta da linha, e só então a aula e a pesquisa desenham-se.

A partir desta rede tecida, é capaz de afirmar um estilo de ser feminista e professora pirata; escreve, aprende e ensina no Brasil, mas sua ética da pilhagem lhe possibilita que seu universo de referência (e daquelas que estu-

dam e aprendem com ela) seja expandido pela internet, de onde saqueia elementos para a composição do seu território existencial. O roubo se faz a partir de uma perspectiva feminista: ser uma pirata é estar disposta a afirmar as afinidades e as coalizões, enfrentando os binarismos que dividem natureza e cultura e desafiando as produções de modos de ser mulher colocadas em ação pela lógica do capitalismo.

Saqueia sem remorso. Para quem está no sul, a pirataria muitas vezes é a única forma de entrar em contato com certos livros, filmes, música e tudo mais. Sua única ressalva é piratear os grandes, os colonizadores, mas financiar os pequenos, os independentes.

Na sua expedição, encontrou potência na fabulação, estratégia de escrita que a despersonaliza sem cair nas armadilhas das generalizações. Criou suas próprias gigantes, e com elas pôde criar seus próprios trajetos.

Deparou-se, na maré do riso, com um caráter político que surge no meme e na risada compartilhada das mulheres. Cansadas de serem objeto do chiste dos outros, elas agora recusam este modo de ser e riem, sempre juntas.

Na maré dos espelhos, aprendeu da importância da representação e da identidade para certos grupos de mulheres. Se perguntou sobre o identitarismo branco, masculino e heterossexual que é naturalizado a ponto de não ser pensado a partir deste conceito. Decidiu, ela própria, saltar para longe da sua própria identidade.

Na maré das mulheres em guerra, uma pirata chorou

junto com as histórias terríveis de violência. Resolveu não permitir mais que o algoritmo decida por ela o que merece ou não sua atenção. Ao invés de simplesmente reagir ao que lhe chega, pensa em ela mesma assumir responsabilidade pelo que precisa dizer.

Na maré das raízes, ouviu das feministas negras que muitos dos conceitos que para outros feminismos não fazem sentido, aqui disparam questões importantes. Se viu reconsiderando a ideia de empoderamento, representatividade, beleza e o papel dos homens junto ao feminismo.

Na maré de lama, sofreu com o vazamento da Barragem em Brumadinho e com a perspectiva apocalíptica dos discursos sobre o antropoceno; em seguida, encheu-se de alegria pensando em alianças intersespécies, nos feminismos indígenas e camponeses, e nas suas próprias estratégias para adiar o fim do mundo.

Na maré do dissenso, terminou de pôr abaixo qualquer certeza que ainda lhe restasse sobre a suposta dualidade entre natureza e cultura, e pensou que a impossibilidade de um chão comum entre todas as feministas é, no fim das contas, produtiva.

Está interessada em burlar sistemas de segurança para acessar aquilo que está em processo de captura pelo capitalismo, pelo colonizador, por diferentes autoridades. A pirataria se baseia em abrir os códigos para modificá-los, distribuí-los e compartilhá-los evidenciando, assim, a função normativa do código e a estreita conexão entre a lei e capital. Se o código enquadra, o feminismo pirata des-

mancha. Se os termos de uso dos sites e aplicativos envolvem a cessão dos dados de quem lhes acessa, a pirataria feminista rouba de volta. E garante seus sete anos de perdão.

A internet aparece como possibilidade para o favorecimento desta transitoriedade afirmativa. Há uma potência de agir da pirataria feminista que se amplia na conexão, no hiperlink, no agenciamento que ela faz entre o próprio corpo e as alteridades que a cercam. Os dados digitais habitam um mar de virtualidade; as fronteiras que definem territórios existenciais nas redes estão em constante movimento. A força das marés pode justamente ser uma alternativa às cristalizações reducionistas que ameaçam a potência afirmativa e criativa dos feminismos no contemporâneo.

Neste sentido, a pirataria feminista pensa na necessidade de piratear o algoritmo através da perturbação do uso das redes, procurando maneiras de dissolver as cristalizações em favor de coalizões que favoreçam a emergência de outros modos de ser mulher. De posse de uma ética disposta a enfrentar as vozes maiores, a pirataria busca navegar para além daquilo que nos chega, sem esforço, pelo algoritmo. Escreveu aqui sobre sua expedição no Facebook, mas sabe que muito do que diz serve para qualquer plataforma, presente ou futura, que ponha o mesmo sistema de funcionamento em ação. Ao subverter as máquinas que trabalham para a manutenção do *status quo*, uma cartografia pirata nos leva a considerar outros cenários para os feminismos na contemporaneidade.

Uma abordagem feminista pirata baseia-se em tornar visível o código fonte com a intenção de alterá-lo. Assim, os feminismos pirateiam o corpo, a sexualidade e as tecnologias. É também anticapitalista, já que se dedica a desconstruir os aparelhos de estado e fazê-los funcionarem em sentidos diferentes daqueles para o qual foram projetados.

Qualquer mulher começou sua pilhagem pensando em um grande abandono das diferenças que unificasse as lutas feministas. Ela termina pensando que esta unificação é inviável sem um reducionismo totalizante que procure um chão comum na experiência de ser mulher. Não há chão comum; há um oceano comum, e ele é móvel e instável, como as marés.

Uma pirata qualquer já não caminha de volta para casa sozinha à noite. Pudera: já não se vê mais sozinha. E já não tem o menor interesse em voltar ao que chamava de lar. Sente que sua casa agora é o mar. E navega.

The background of the image is black, filled with intricate, white, wavy lines that resemble topographical contour lines or liquid marbling patterns. These lines form various organic shapes, including ovals, teardrops, and elongated loops, creating a complex and textured visual field.

PorUmFeminismoPirata
.torrent

Só a pirataria nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

As mulheres foram sendo pouco a pouco excluídas do campo da tecnologia que, ironicamente, só é possível por causa do trabalho das pioneiras que primeiro programaram computadores.

Nós, mulheres no sul, não tivemos sequer a chance de ser excluídas. Nunca chegamos a estar dentro.

Pois agora, não mais. Um espectro ronda a internet: o espectro da pirataria feminista. A alegria é a prova dos nove. No matriarcado de Pindorama.

Descobrimos o encaixe das peças. Onde ficam os parafusos. Se mudarem algo de lugar, aprenderemos novamente: já sabemos como procurar. Desvendamos o funcionamento das máquinas. Agora, vamos sabotá-las.

Sabemos onde encontrar livros que estão fora do nosso alcance, aprendemos a fazer *download* de filmes e de música, já conhecemos todos os endereços alternativos do site onde podemos acessar artigos pagos de revistas estrangeiras. Nosso universo de referências se expandiu. Devoramos o estrangeiro, e agora ele vai ter que nos engolir.

Pirateamos os grandes, financiamos os pequenos.

Nos colocamos contra a rolagem infinita. Queremos nós mesmas governar nosso tempo e nossa relação com as redes. Gostamos do acaso de nos depararmos com algo que não esperávamos, mas não temos a ilusão de que a boa surpresa nos chegaria sempre pelas recomendações das redes sociais. Os algoritmos nos querem na nossa zona de conforto, vendo mais do mesmo por horas a fio, reagindo preguiçosamente ao mesmo conteúdo de sempre.

Nós queremos a zona de desconforto. A busca obstinada por algo que se quer saber, que nos faz saltar de um link a outro, lendo e estudando por horas a fio. A alegria de todos os bons encontros que as redes podem nos oferecer, se nos colocarmos à espreita.

Somos a favor das matérias que buscamos ativamente. Daquele link precioso que nos chega através de uma amiga, como um presente. Contra o algoritmo, pela curadoria das aliadas, colegas, professoras. Contra o algoritmo, pela coalizão. Pelo *hiperlink*.

Não temos nenhuma pretensão de falar por todas as mulheres. Mal temos certeza do que queremos falar por nós mesmas. Queremos é que todas tenham a oportuni-

de de dizer. Não há gente demais dizendo coisas, o que há é gente demais dizendo sempre a mesma coisa.

Nos colocamos contra quaisquer binarismos reducionistas que diminuam nossa potência de agir. Natureza / cultura, biologia / tecnologia, matéria / espírito. Queremos a liberdade de saber que podemos transitar livremente.

Se os algoritmos produzem subjetividades paralizadas, passivas, amedrontadas com o mundo em que vivemos, fugimos e criamos nosso próprio território existencial, móvel como uma maré, móvel como a rede. Tomamos a rede de volta! Aqui é mar de ninguém. Sendo mar de ninguém, é mar de qualquer mulher. Naveguemos!

Referências. lnk

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

A GIRL Walks Home Alone at Night. Ana Lily Amirpour. Produção: Justin Begnaud. Estados Unidos: Kino Lorber, 2014. 1 .mkv (101 min.).

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALCOFF, Linda. The Problem of Speaking for Others. **Cultural Critique**, no. 20, p. 5-32, 1991-1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro**: Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BATISTA JR., João. **O que mais você quer, filha, para calar a Boca?** Revista Piauí. Publicada em dez. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-que-mais-voce-quer-filha-para-calar-boca/>. Acessado em 05 jan. 2021.

BARRECA, Regina. **They used to call me snow white... but I drifted**. Women's strategic use of humor. USA: Penguin Books, 1991.

BARROSO, Ary. **Aquarela do Brasil**. Ary Barroso. Aquarela do Brasil. Odeon, 1939.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

BELL, Shannon et al. **Bad Attitude(s) on Trial: Pornography, Feminism, and the Butler Decision**. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 1997.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BETHÂNIA, Maria. **Iemanjá Rainha do Mar / Beira-mar**. Composta por Capinhan, Paulo Cesar Pinheiro, Pedro Amorim, Roberto Mendes. O Mar de Sofia. Biscoito Fino, 2006.

BILAC, Olavo. **Poesias**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: Limites da Democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BORGES, Jorge Luis. **História universal da infâmia**. Trad. Flávio José Cardozo. Porto Alegre: Globo, 1986.

BORGES, Jorge Luis. La biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. **Ficciones**. Buenos Aires: Debolsillo, 2014.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade. **Labrys, Estudos Feministas**. n. 1-2, 2002.

BROGUE, Ronald. **Deleuzian Fabulation and the scars of history**. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 2010.

BRUNEL, Pierre. **Companion to Literary Myths, Heroes and Archetypes**. New York, USA: Routledge, 2016.

BUCHER, Taina. **The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms**. Information, Communication & Society, Abingdon, UK, v. 20, n.1, p. 30-44, 2017.

BUSIA, Abena. **Testimonies of exile**. Trenton, USA: African World Press, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Octavia. **Kindred: Laços de sangue**. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.

CAMARGO, Márcia; AQUINO, Silvia. Políticas públicas estratégicas na proteção às mulheres. In: **Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher** – Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas. Brasília: SPM, 2003.

CAMPOS, Haroldo. **Deus e o diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 339p. 2005.

CARRANÇA, Thaís. **Em meio à exportação recorde de alimentos, seca e pandemia agravam fome no campo**. Publicado em 2 jun. 2021. BBC. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57296843>. Acesso em 30 nov. 2021.

CASAS, Fabián. **Seis propuestas para los próximos millennials**. Publicado em 26 set. 2019. Disponível em: <https://www.eternacadencia.com.ar/blog/filba/item/seis-propuestas-para-los-proximos-millennials.html>. Acesso em: 21 abr. 2020.

CIXOUS, Helene. The Laugh of the Medusa. Traduzido [para o inglês] por Keith e Paula Cohen. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, no. 4, 1976.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**: knowledge, consciousness and the politics of empowerment. New York, USA: Routledge, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. **Os Cantos de Fouror**: escrita em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. **Caderno de Notas 3**: Didaticário de criação: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra. Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, escrita e tradução de dados. in.: CORAZZA, Sandra (org.). **Docência-pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017.

COSTA, Cristiane. Rede. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **On Intersectionality**: Essential Writings. New York, USA: The New Press, 2017.

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. **Quem ri por último, ri melhor**: Humor gráfico feminista (Cone Sul, 1975-1988). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 361 p. 2016.

CRUTZEN, Paul. Geology of Mankind. **Nature**, v. 415, p. 23, Jan. 2002.

CUBONIKS, Laboria. **Xenofeminism**: A Politics for Alienation, 2015. Disponível em <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminism-a-politics-for-alienation/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DA SILVEIRA, Evanildo. **Como as mulheres passaram de maioria a raridade nos cursos de informática**. **BBC News Brasil**. Publicado em 13 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592581>? Acesso em: 24 jun. 2020.

- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DE ANDRADE, Oswald. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- DE ANDRADE, Oswald. **Primeiro Caderno do aluno de poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1995.
- DE JESUS, Clementina. **Marinheiro Só**. Cantiga Tradicional. Marinheiro Só. Odeon, 1973.
- DELAP, Lucy. **Feminisms**: A Global History. London, UK: Penguin Books, 2020.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Difference and Repetition**. Tradução [para o inglês] de Paul Patton. New York, USA: Columbia University Press, 1993,
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução de Luiz. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Tradução de Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. O que é o ato de criação? In. DELEUZE, Gilles. **Dois Regimes de Loucos** - textos e entrevistas (1975 – 1995). São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira et alii. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: Por uma literatura menor.** Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Esporas: os estilos de Nietzsche.** Rio de Janeiro: Editora NAU, 2013.

DO BAIRRO, Jup, MULAMBO. **Luta por Mim.** Composta por Jup do Bairro e Mulambo. Corpo sem Juízo. Tratore, 2020.

DUTRA, Juliana Cabral de O.; MAYORGA, Claudia. Mulheres indígenas em movimentos: possíveis articulações entre gênero e política. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019.

DWORKIN, Andrea. **Pornography: Men Possessing Women.** Penguin Group,

1989.

DWORKIN, Andrea. **Prostitution and male supremacy**. Mich. J. Gender & L., v. 1, p. 1, 1993.

ENSMENGER, Nathan. **The Computer Boys Take Over**: computers, programmers, and the politics of technical expertise. Cambridge: MIT Press, 2010.

EL PAÍS. **Pioneiros do Facebook criticam transformação da rede em ferramenta de manipulação em massa**. El País. Publicado em 14 nov. 2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/13/tecnologia/1510527764_433049.html. Acessado em 15 fev. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

FARIAS, Leidiane Alves de. **Comunicação e feminismo: Experiências ciberfeministas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 146p. 2018.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **Margarida, Margaridas**: memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) através das práticas educativas das Margaridas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FERREIRA, Francisco Romão. Cirurgias estéticas, discurso médico e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 5, p. 2373-2382, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta ne-

ves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: Aula inaugural no Collège de France. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREUD, Sigmund. **The joke and its relation to the unconscious**. London, UK: Penguin Books, 2002.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Tradução de Carla Bitelli e Flávia Yacubian. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2016.

GIL, Gilberto et alii. **Parque industrial**. Composta por Tom Zé. Tropicália ou Panis et circencis, Phillips, 1968.

GIL, Gilberto. **Back in Bahia**. Composta por Gilberto Gil. Expresso 2222. Phillips, 1972.

GIL, Gilberto. **Tempo-rei**. Composta por Gilberto Gil. Raça Humana. Warner Music do Brasil, 1986.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GORTÁZAR, Naiara. **Joênia Wapichana, a voz indígena no Congresso em meio à crise na Amazônia**. El País. Publicado em 31 de agosto de 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/30/politica/1567157851_858431.html. Acessado em 30 mai. 2021.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. Organização e Tradução de Suely Rolnik. São Paulo, Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina**, a era das tecnologias do virtual. Tradução de Rogério Luz et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993b.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**, um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira et al. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix. Guattari, o paradigma estético. In. **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. v. 1, n. 1, p. 29-35, 1993a.

GUIMÓN, Pablo. **Cambridge Analytica, empresa pivô no escândalo do Facebook, é fechada**. El País. Publicada em 02 mai. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/02/internacional/1525285885_691249.html. Acessado em 05 jan. 2021.

HACKERS. Iain Softley. Produção: Janet Graham. Estados Unidos: United Artists, 1995. 1 .mkv (105 min.).

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. **Environmental Humanities** 1 May 2015; 6 (1): 159-165.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women**: the reinvention of nature.

New York, USA: Routledge, 1991.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making kin in the Cthulhucene**. Duke University Press, Durham and London, UK, 2016a.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras** – Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HANISCH, Carol. **The Personal is Political**, 1969. Disponível em: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>. Acesso em: 02 abr. 2020.

hooks, bell. **We Real Cool** - Black Men and Masculinity. New York: Rutledge, 2004.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Brasileira**. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Xica Manicongo**: a transnegritude toma a palavra. Revista Docência e Ciberultura. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jan-abr 2019.

IRIGARAY, Luce. **Speculum of the Other Woman**. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

ISTOÉ. **Maria Clara Gueiros diz que humor ‘politicamente correto’ é evolução**. Isto É. Publicado em 09 ago. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/maria-clara-gueiros-diz-que-humor-politicamente-correto-e-evolucao/> Acesso em: 25 nov. 2020.

JOHNSON, Captain Charles. **A General History of the Robberies and Murders of the most notorious Pyrates**. London, England: Ch. Rivington, 1724. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/40580/40580-h/40580-h.htm>. Acesso em 27 jun. 2020.

JONSON, Steven. **Cultura da Interface**: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução de Maria Luísa X. de A. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Ed., 2001.

JOHNSON, Steven. **Enemy of all mankind**: a true story of piracy, power, and history's first global manhunt. New York, USA: Riverhead Books, 2020.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JUPI77ER (Issa Paz). **Respeita Nosso Corre**. Composta por Issa Paz. Arte da Refutação. Independente, 2015.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo et alii. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KAUFMAN Gloria; BLAKELY, Mary Kay (orgs.). **Pulling our own strings**: Feminist Humour and Satire. Bloomington, USA: Indiana University Press, 1980.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRISTEVA, Julia. Women's Time. Translated by Alice Jardine and Harry Blake. **Signs**. Vol. 7, No. 1, p. 13-35, 1981.

KUSHNER, David. **A Brief History of Porn on the Internet**. Publicado em 04 set. 2019. Disponível em: <https://www.wired.com/story/brief-history-porn-internet>. Acessado em 30 nov. 2020.

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze avec Claire Parnet. Direção e Produção: Pierre-André Boutang. França: Arte, 1995. 25 .mp4 (333 min.).

LABOISSIÈRE, Paula. **Aldeia Pataxó é evacuada após rompimento de barragem em Brumadinho**. Agência Brasil. Publicado em 26 jan. 2019. Disponível

em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/aldeia-pataxo-e-evacuada-apos-rompimento-de-barragem-em-brumadinho> Acessado em 30 mai. 2021.

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia**. Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu, 2020a.

LATOURE, Bruno. **Onde Aterrorizar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LARSSON, Stieg. **Os Homens que Não Amavam as Mulheres**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.

LEA, Vanessa. Gênero feminino Mebengokre (Kayapó): desvelando representações desgastadas. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 85-116, 1994.

LE GUIN, Ursula. **A mão esquerda da escuridão**. Tradução de Susana L. de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2014.

LENINE. **A Rede**. Composta por Lenine e Lula Queiroga. Na Pressão. Ariola, 1999.

LISITZIN, Eugenie. **Sea Level Changes**. Amsterdam, The Netherlands: Elsevier Scientific Publish Company, 1974.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. **The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House**, 1984. Disponível em: <https://www.muhlenberg.edu/media/contentassets/pdf/campuslife/SDP%20Reading%20Lorde.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. In.: DE HOLLANDA, Heloísa Buar-

que (org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MACKINNON, Catharine A.; DWORKIN, Andrea. **In harm's way: The pornography civil rights hearings**. USA: Harvard University Press, 1997.

MACKINNON, Catharine. Prostitution and Civil Rights. **Michigan Journal of Gender & Law**, Vol. 1, n.1, 1993, p. 13-31.

MACKINNON, Catharine. **Women's Lives, Men's Laws**. Cambridge, USA: Harvard University Press, 2005.

MAGALHÃES, Mallu. **Velha e Louca**. Composta por Mallu Magalhães. Sony Music, 2011.

MANOEL, Zé. **História Antiga**. Composta por Zé Manoel. Do Meu Coração Nu. Joia Moderna, 2020.

MANUELZÃO. **Estudo aponta presença de metais pesados no Rio Paraopeba**. Projeto Manuelzão (Faculdade de Medicina - UFMG). Publicado em 24 mar. 2022. Disponível em <https://manuelzao.ufmg.br/estudo-aponta-presenca-de-metais-pesados-no-rio-paraopeba/> Acessado em 25 mai. 2022.

MARCHA DAS MARGARIDAS. **Margaridas seguem em marcha por desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade**. Brasília: Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais - CONTAG, 2015. Disponível em http://www.contag.org.br/imagens/f24537_contag_livreto_marcha_2015_210x297_final-1.pdf. Acesso em 22 fev. 2021.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cad. Pagu**. Campinas, n. 56, e195612, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200502&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 nov. 2020.

MARQUES, Emanuele et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescen-

tes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública** 2020; 36(4).

MASSUMI, Brian. Translator's Foreword: Pleasures of Philosophy. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **A thousand plateaus: capitalism and schizofrenia**. Minnesota, USA: University of Minnesota Press, 1987.

METRÓPOLE. **Marcus Melhem: "Politicamente correto é um avanço da sociedade"**. Metrôpole. 16 jan. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/marcus-melhem-politicamente-correto-e-um-avanco-da-sociedade>. Acesso em 21 dez. 2020.

MILLETT, Kate. **Sexual politics**. USA: Columbia University Press, 2016.

MINISTÉRIO da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Balanco anual: Ligue 180 registra 1,3 milhão de ligações em 2019**. Publicado em 29/05/2020. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/balanco-anual-ligue-180-registra-1-3-milhao-de-ligacoes-em-2019>. Acesso em 30 nov. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica** – Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo, 2016.

MOORE, Jason (org.) **Anthropocene or capitalocene?: Nature, history, and the crisis of capitalism**. Oakland, USA: Pm Press, 2016.

MORGAN, Robin. **Going Too Far: The Personal Chronicle of a Feminist**. New York, USA: Vintage/Random House, 1978.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018.

MOUFFE, Chantal. **Feminismo, cidadania e política democrática radical**. Debate Feminista. São Paulo: Cia. Melhoramentos, Edição Especial (Cidadania e

Feminismo), p. 29-47, 1999.

MR. ROBOT. Direção e Produção: Sam Esmail. Estados Unidos: Anonymous Content, 2015-2019. 45 .mkvs (49 min. cada).

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, v. 16, n. 3, p. 6-27, 1975.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

NEGRA LI. **Raízes.** Composta por Duani, Fabio Brazza, Negra Li, Rael. Raízes. White Monkey Recordings, 2018.

NEWMAN, Saul. Politics in the Age of Control. In: POSTER, Mark; SAVAT, David. **Deleuze and New Technology.** Edinburgh, Scotland: Edinburgh University Press, 2009.

NOGUEIRA, Italo. **Entenda a denúncia contra Flávio Bolsonaro e o que deve ocorrer em 2021.** Publicado em 24 dez. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/12/entenda-a-denuncia-contra-flavio-bolsonaro-e-o-que-deve-ocorrer-em-2021.shtml>. Acessado em 05 jan. 2021.

NUNES, Clara. **As Forças da Natureza.** Composta por João Nogueira e Paulo César Pinheiro. As Forças da Natureza. EMI-Odeon, 1977.

NUNES, Rodrigo. **Todo lado tem dois lados.** Publicado em mar. 2020. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2020/06/todo-lado-tem-dois-lados-por-rodriigo-nunes/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

O GLOBO. **The Handmaids Tale: Os acontecimentos reais que inspiraram Margaret Atwood.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/the-handmaids-tale-os-acontecimentos-reais-que-inspiraram-margaret-atwood-23446498>. Acessado em 27 mai. 2020.

PANDEIRO, Jackson do. **Chiclete com Banana**. Composta por Gordurinha e Almira Castilho. Jackson do Pandeiro. Columbia, 1959.

PERES, João. **Exclusivo: agronegócio vive boom inédito no mercado financeiro**. O Joio e o Trigo. Publicado em 23 nov. 2021. Disponível em <https://ojoioeotri-go.com.br/2021/11/agronegocio-boom-inedito-mercado-financeiro/>. Acessado em 30 nov. 2021.

PLATH, Sylvia. **A Chegada da Caixa de abelhas**. Tradução de Ana Cândido Perez e Ana Cristina César. Publicado originalmente em 1965. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/94-memoria/1974-cinco-poemas-de-sylvia-plath.html>. Acesso em: 29 mar. 2020.

PINTO, Céli Regina. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PIRES, Breiller. **Os Laços do Clã Bolsonaro com Steve Banon**. El País. Publicada em 20 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>. Acessado em 05 jan. 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

PISCITELLI, A. Feminismo e prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista. **Cuadernos de Antropología Social**, nº 36, 2012, p. 11 – 31.

PLANT, Sadie. **Zeros + Ones: Digital women + The new technoculture**. London, UK: Fourth State, 1998.

PLATH, Sylvia. **A redoma de vidro**. Tradução de Chico Mattoso. São Paulo: Globo, 2014.

POELL et al. Plataformização. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**. Vol. 22 no. 1, 2020.

- PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2021.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- PRECIADO, Paul B. **Testo-Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- PULEO, Alicia. **Ecofeminismo**: la perspectiva de género en la conciencia ecologista. in: AJA, Agustín et al. Claves del ecologismo social. Madrid, Espanha: Libros en Acción, 2009.
- RAGAZZI, Lucas; ROCHA, Murilo. **Brumadinho**: a engenharia de um crime. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite** - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.
- RAMOS, Sílvia et al. **Pele-alvo**: a cor da violência policial. Rio de Janeiro : CE-SeC, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento / Justificando, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RICHARDSON, Rashida et al. Dirty Data, Bad Predictions: How Civil Rights Violations Impact Police Data, Predictive Policing Systems, and Justice. **New York University Law Review**. Vol 94:192, p. 192-233, 2019.
- ROCHA, Ava. **Auto das Bacantes**. Composta por Leonardo Campello. Ava Patrya Yndia Yracema, Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2015.
- RODRIGUES, Carla Gonçalves. **Por uma pop'escrita acadêmica educacional**.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 180p. 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

ROUVROY, Antoinette. The digital regime of truth: from the algorithmic governmentality to a new rule of law. In: **La Deleuziana**, n. 3, p. 6-29, 2016.

SADOFF, Dianne. Mythopoeia, the Moon, and Contemporary Women's Poetry. **The Massachusetts Review**, Massachusetts, USA, Vol. 19, No. 1, p. 93-110, 1978.

SAFATLE, Vladimir. **Identitarismo Branco**. Publicado em 04 set. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-09-04/identitarismo-branco.html#?sma=newsletter_brasil20200905. Acesso em: 30 mar. 2021.

SAFFIOTI, Heleith. Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras. **Perspectivas**, São Paulo, n. 8, p. 95-114, 1985.

SAFFIOTI, Heleith. Violência de Gênero no Brasil Atual. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Número especial, p. 443-461. Out / 1994.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriacardo, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleith. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. In: In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SANDOVAL, Chela. **Methodology of the Oppressed**. Mineapolis, USA: Minnesota Press, 2000.

SCIENCE, Chico. **Da lama ao Caos**. Composta por Chico Science. Da Lama ao Caos. Chaos, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Rea-**

lidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIGUSCH, Volkmar. **The Neosexual Revolution**. Archives of Sexual Behavior, volume 27, p. 331–359, 1998.

SOARES, Elza. **A Carne**. Composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge, Ulisses Cappelette. Do Cóccix Até o Pescoço. 2002.

SOARES, Elza. **Maria da Vila Matilde (Por que se a da Penha é brava, imagine a da Vila Matilde)**. Composta por Douglas Germano. Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2015.

SOLOMON, Barbara. **Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities**. New York, USA: Columbia University Press, 1976.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea**. 2019. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SOUZA, Felipe; FELLET, João. **Brumadinho pode ser 2.º maior desastre industrial do século e maior acidente de trabalho do Brasil**. Revista Época. Publicado em 28 jan. 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/01/brumadinho-pode-ser-2-maior-desastre-industrial-do-seculo-e-maior-acidente-de-trabalho-do-brasil.html> Acessado em 30 mai. 2021.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STADEN, Hans. **A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens**. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2004.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.** Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./mar. 2000.

THE GUARDIAN. **Occupy Wall Street and the limits of spontaneous street protest.** Publicado em 29 set. 2011. Disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/sep/29/occupy-wall-street-protest> . Acessado em 29 mar. 2020.

THE GUARDIAN. **Twitter complies with prosecutors to surrender Occupy activist's tweets.** Publicado em 29 set. 2012. Disponível em <https://www.theguardian.com/technology/2012/sep/14/twitter-complies-occupy-activist-tweets>. Acessado em 27 mai. 2020.

THE GUARDIAN. **Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach.** Publicado em 17 Mar. 2018. Disponível em <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acessado em 27 mai. 2020.

THE INTERCEPT. **As mensagens secretas da Lava-Jato.** Publicado em 06 jun. 2019. Disponível em <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>. Acessado em 24 jun. 2020.

THE MATRIX. The Wachowski Sisters. Produção: Bruce Berman. Estados Unidos: Warner Bros., 1999. 1 .mkv (136 min.).

THE SOCIAL Dilemma. Jeff Orlowski. Produção: Hallee Adelman et al. Estados Unidos: Netflix, 2020. 1 .mkv (94 min.).

TSE. **Mulheres representam apenas 12% dos prefeitos eleitos no 1º turno das Eleições 2020.** Publicado em 24 nov. 2020. Disponível em <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Novembro/mulheres-representam-ape-nas-12-dos-prefeitos-eleitos-no-1o-turno-das-eleicoes-2020>. Acesso em 24 fev. 2021.

UKELES, Miele. **Maintenance Art Manifesto!** Publicado em 1969. Disponível em: <https://queensmuseum.org/wp-content/uploads/2016/04/Ukeles-Manifes->

to-for-Maintenance-Art-1969.pdf. Acesso em: 30 mar. 2021.

UN WOMEN. **The Shadow Pandemic:** Violence against women during COVID-19. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/news/in-focus/in-focus-gender-equality-in-covid-19-response/violence-against-women-during-covid-19>. Acesso em 30 nov. 2020.

UOL. **Hacker da “Vaza Jato” dizia que documentos mudariam país “do dia pra noite”.** Publicado em 24 out. 2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/24/hacker-da-vaza-jato-dizia-que-documentos-mudariam-pais-do-dia-pra-noite.htm>? Acessado em 24 out. 2020.

VNS MATRIX. **The Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century**, 1991. Disponível em <https://vnsmatrix.net/projects/the-cyberfeminist-manifesto-for-the-21st-century>. Acesso em: 25 jun. 2020.

VIOLA, Paulinho da. **Timoneiro**. Bebedosamba, 1996. RCA.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

WALKER, Nancy A. **A very serious thing**. Women’s humor and American culture. USA: American Culture, 1988.

WAJCMAN, Judy. **Feminism Confronts Technology**. Philadelphia, USA: The Pennsylvania State University Press, 1991.

WEBERSTAFF, Thomas. **As Other Internet Ventures Fail, Sex Sites Are Raking in Millions**. Publicado em 20 mai. 1997. Disponível em <https://www.wsj.com/articles/SB864076435467443000>. Acesso em Acessado em 24 out. 2020.

WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe!** Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da ABPN, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2010.

WHO (World Health Organization). **Violence Against Women, 2021**. Disponível

em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>. Acesso em: 20 mar. 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOOLF, Virgínia. **Os Diários de Virginia Woolf**. Trad. José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. London, UK: Penguin Random House UK, 2018.

WOOLLEY, Samuel; GUILBEAULT, Douglas. Computational propaganda in the United States of America: Manufacturing consensus online. **Computational Propaganda Project**, No. 2017.5, Oxford: Oxford Internet Institute, 2017.

YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). Análise da Feminização das Profissões e Ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

ZYLINSKA, Joanna. O fim do Homem: um contra-apocalipse feminista. in.: BAPTISTA, Maria Manuel; CASTRO, Fernanda de (Orgs.). **Gênero e Performance** - Textos Essenciais 4. Grácio Editor: Coimbra, 2021.

Apêndices

Planilhas

Pasta contendo as tabelas mensais onde foram registrados os links de cada um dos posts pirateados na produção de dados. As tabelas estão separadas por mês / lua, contendo uma aba para cada página visitada.

Link: <https://abrir.link/eAlk9>



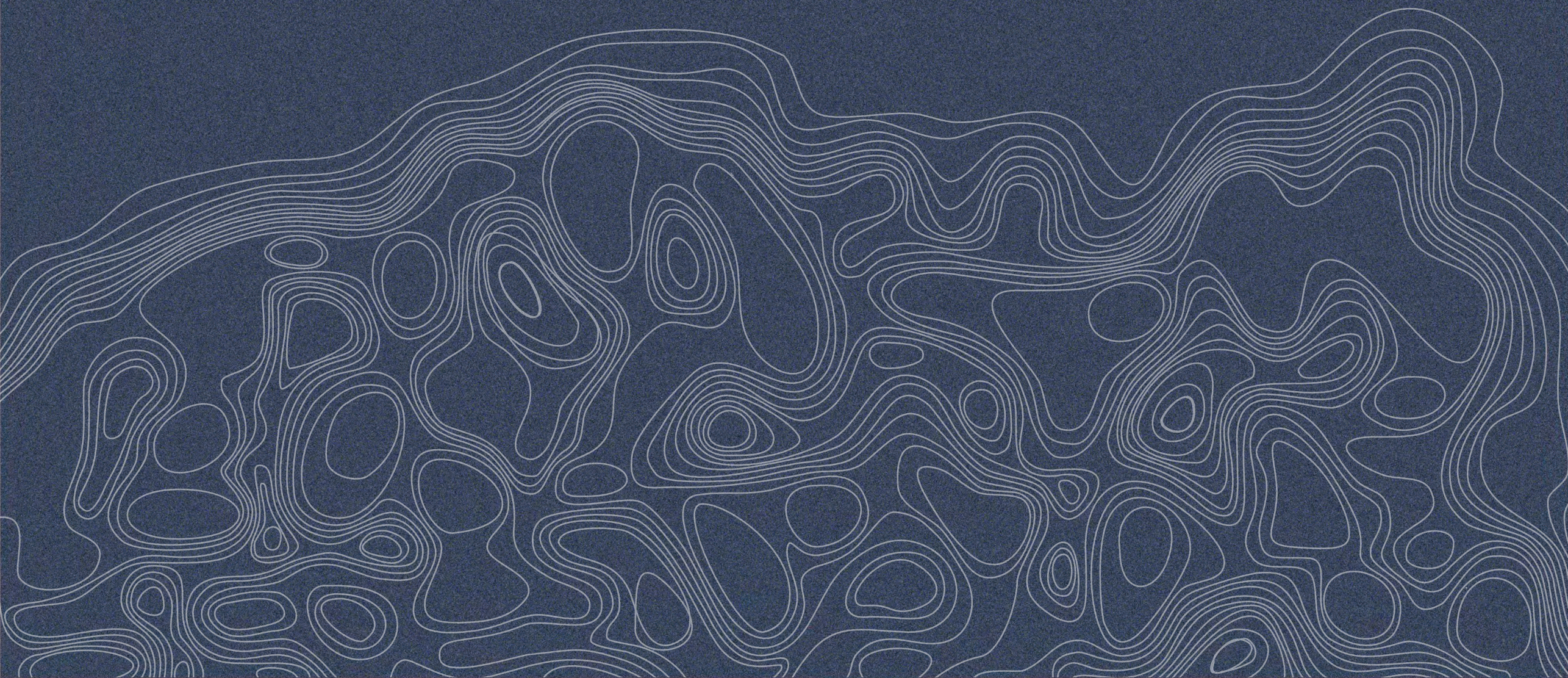
Imagens

Pasta contendo as telas (posts do Facebook) pirateados na produção de dados. As imagens estão separadas por mês / lua, em uma pasta para cada página visitada.

Link: <https://abrir.link/W6bG3>

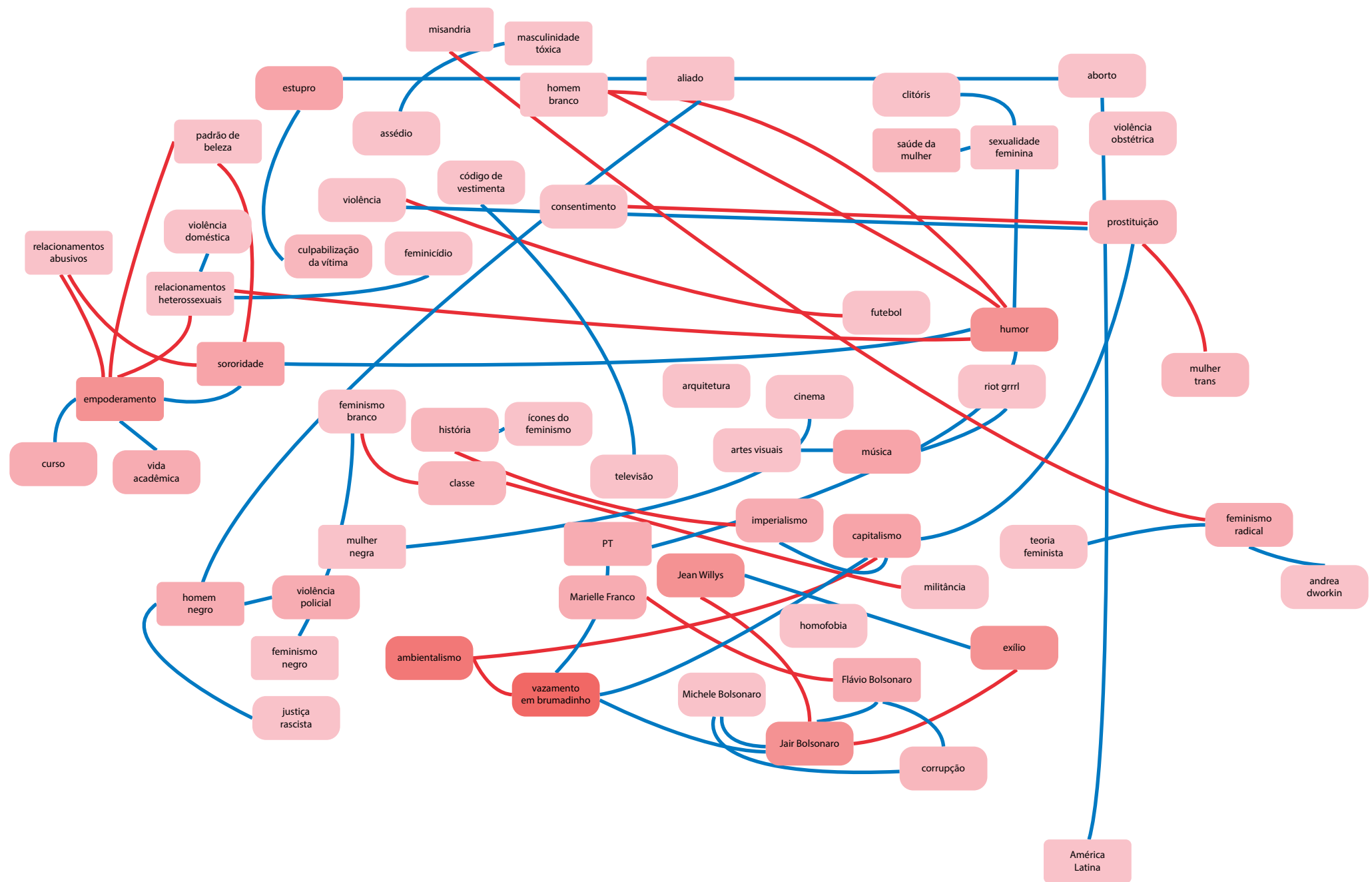


/2



MapasDasLuas.svg

Arquivos .svg são arquivos de imagens possíveis de serem gerados e modificados através de instruções numéricas. O primeiro conjunto de .svgs mostra mapas extensivos referente aos 9 meses de produção de dados – um mapa para cada lua cheia do período compreendido entre Janeiro e Setembro de 2019.

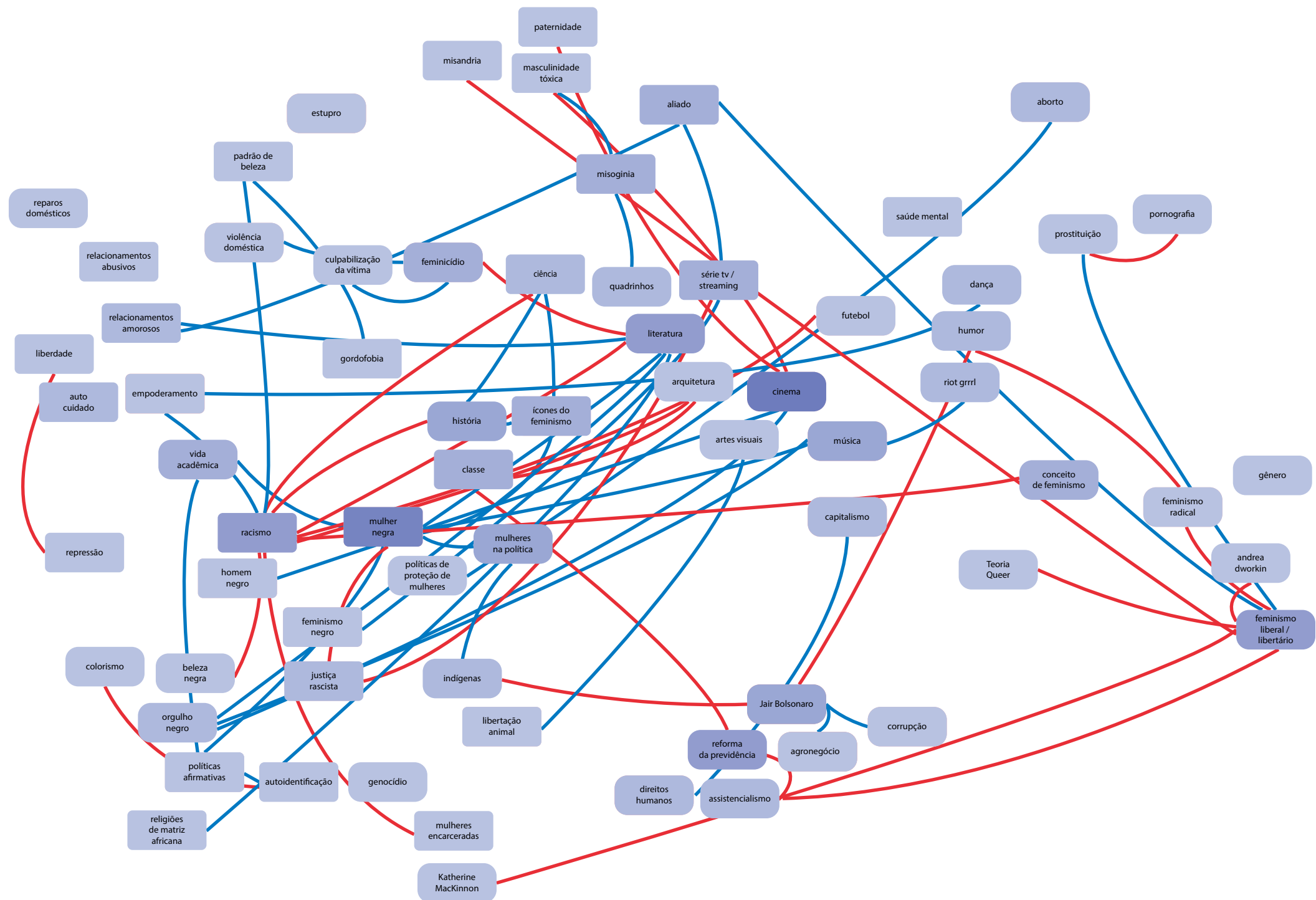


janeiro



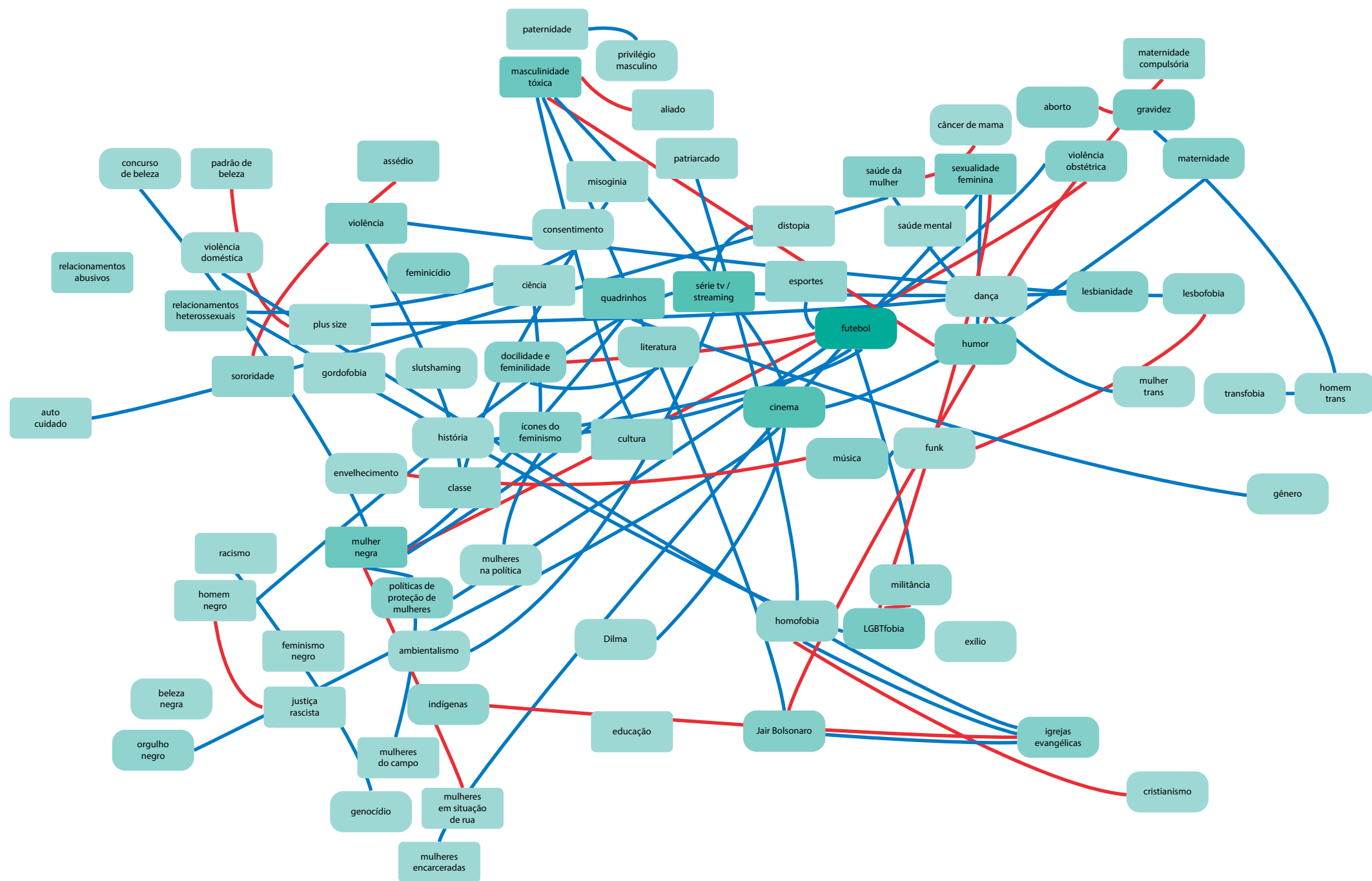
fevereiro



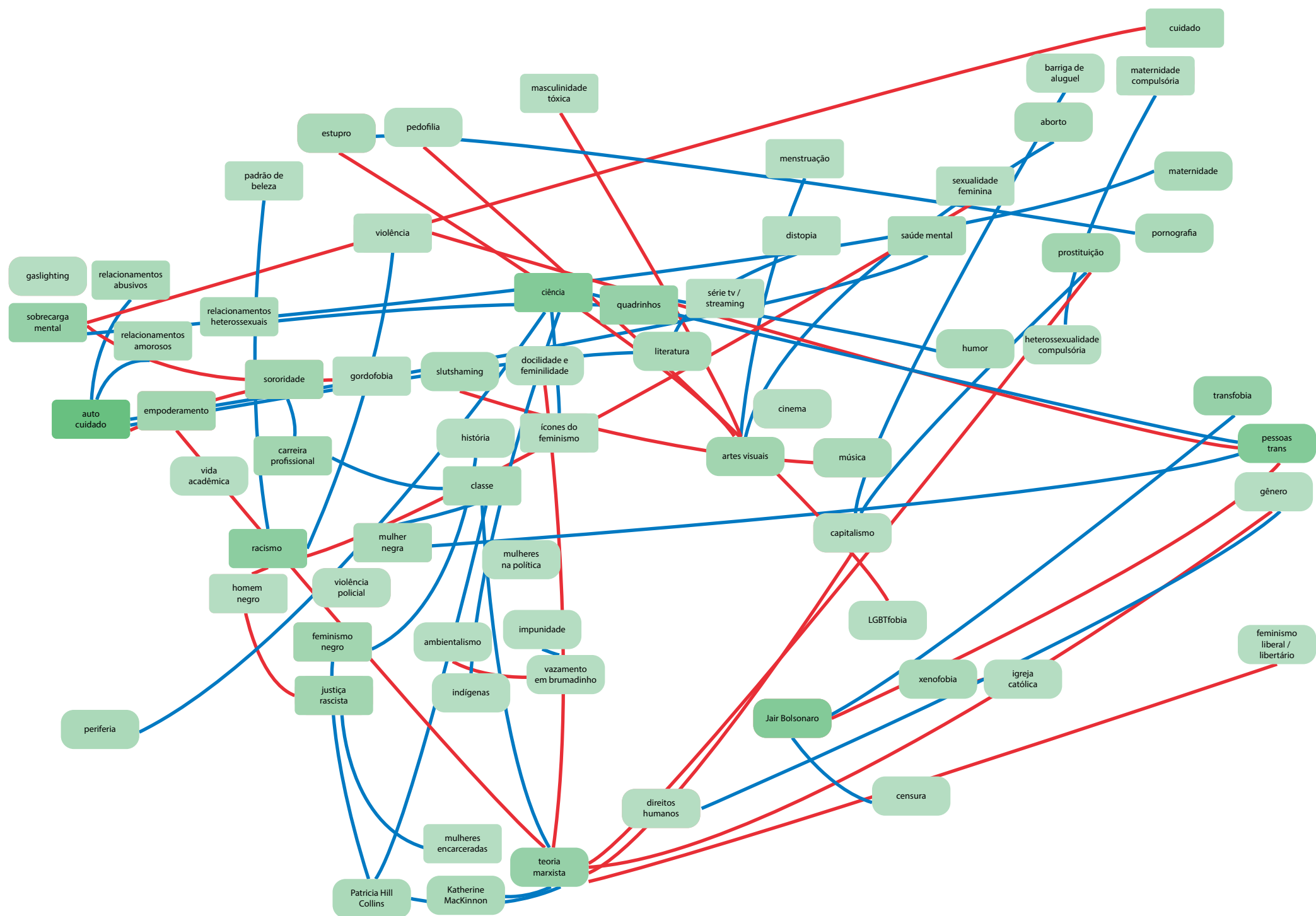


abril

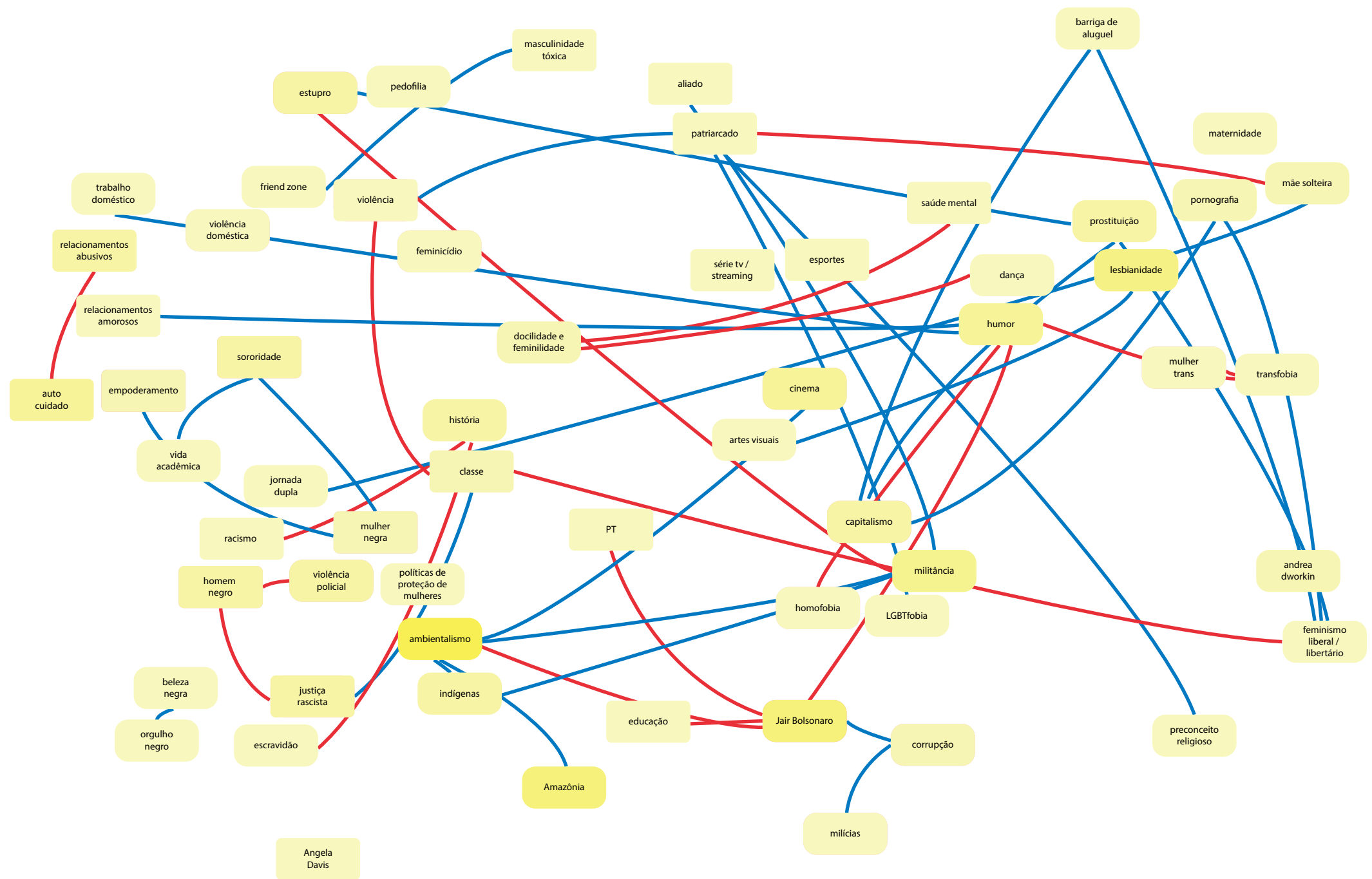




junho



ju lho



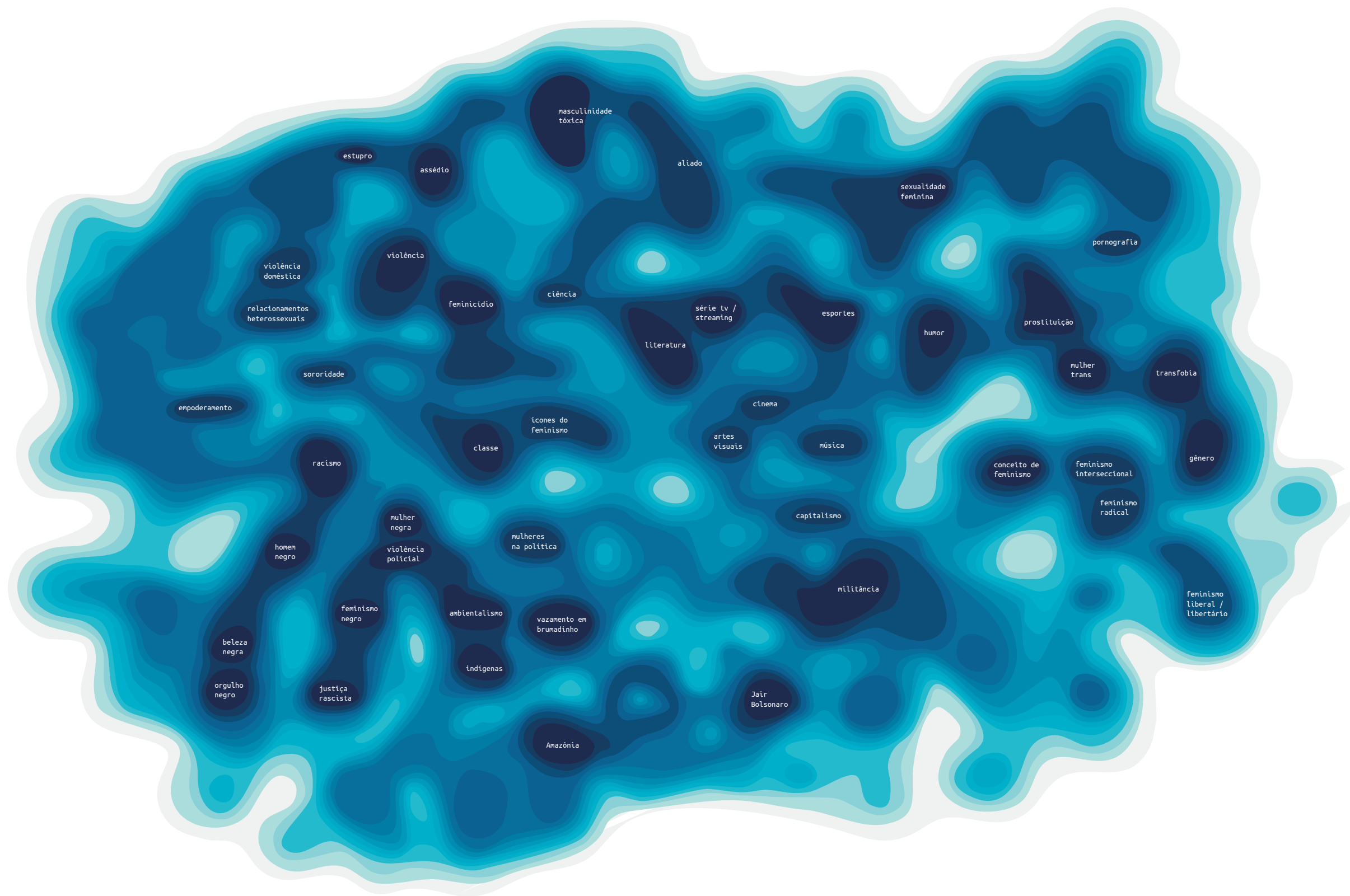
agosto



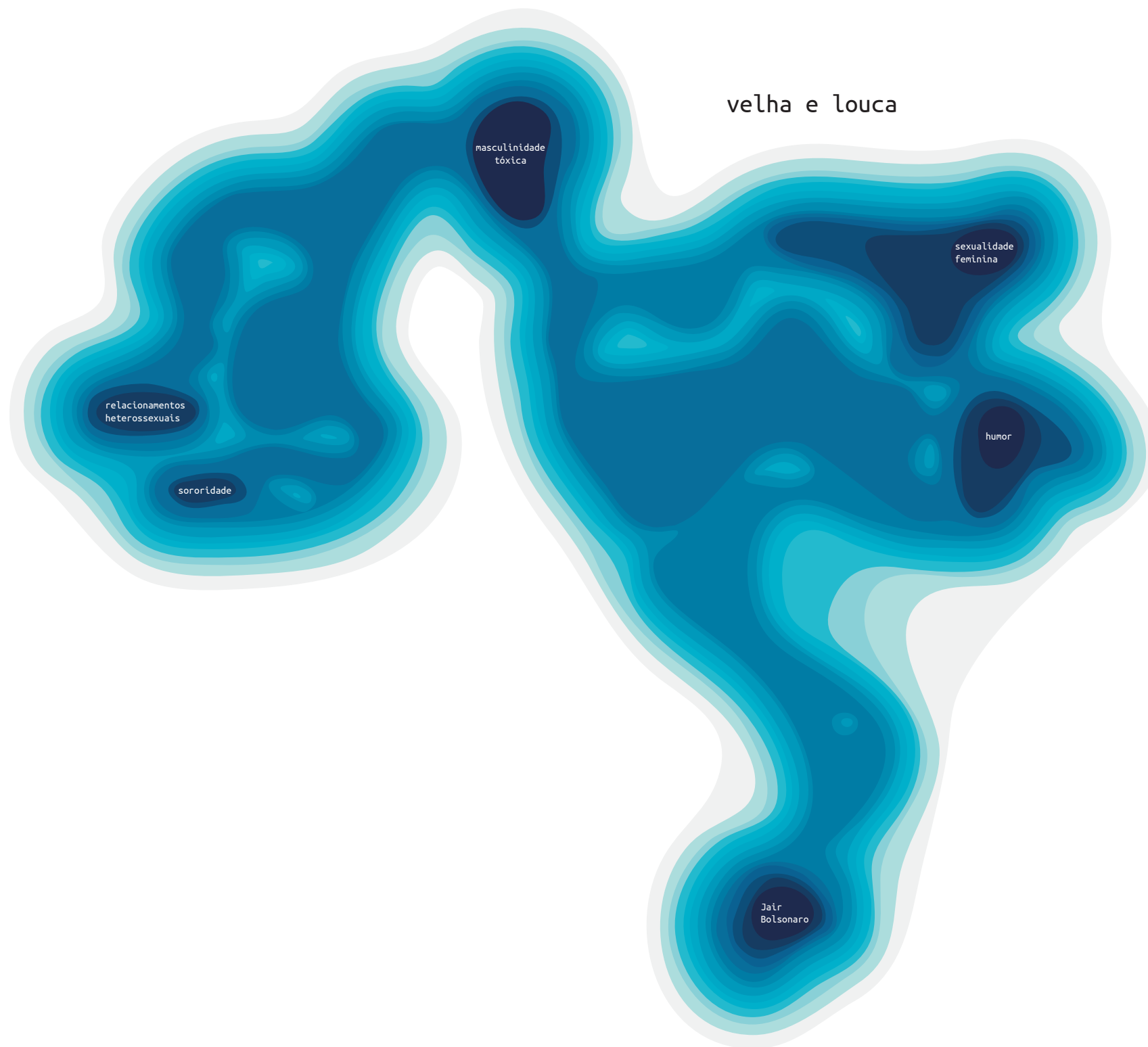
Marés.svg

O segundo conjunto, de mapas intensivos, reúne Cartas Náuticas geradas por software a partir do primeiro conjunto de mapas. Estes últimos são mapas das seis Marés Altas visitadas por uma pirata.

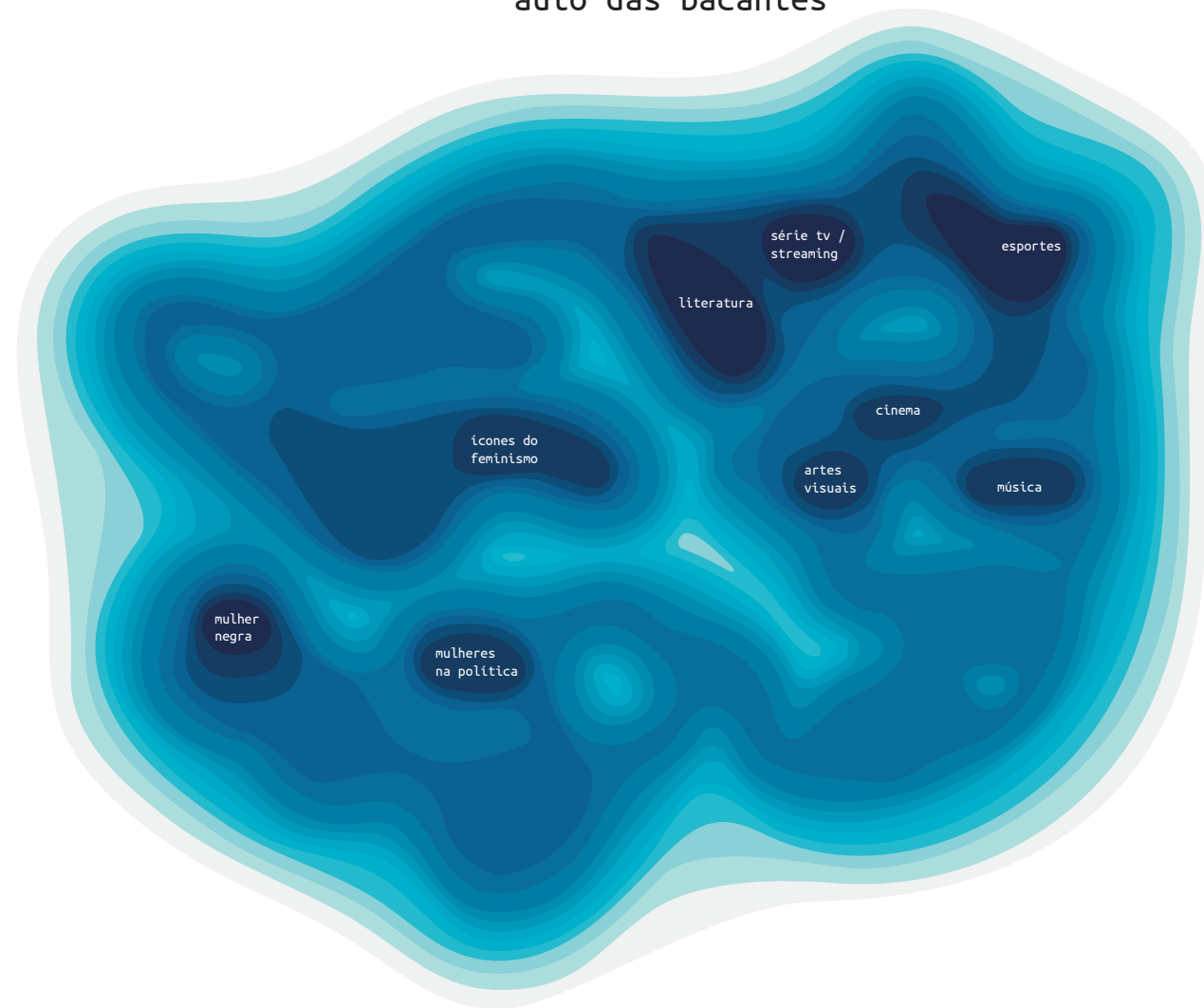
...ua cheia do período compreendido entre Janeiro e Setembro de 2019.



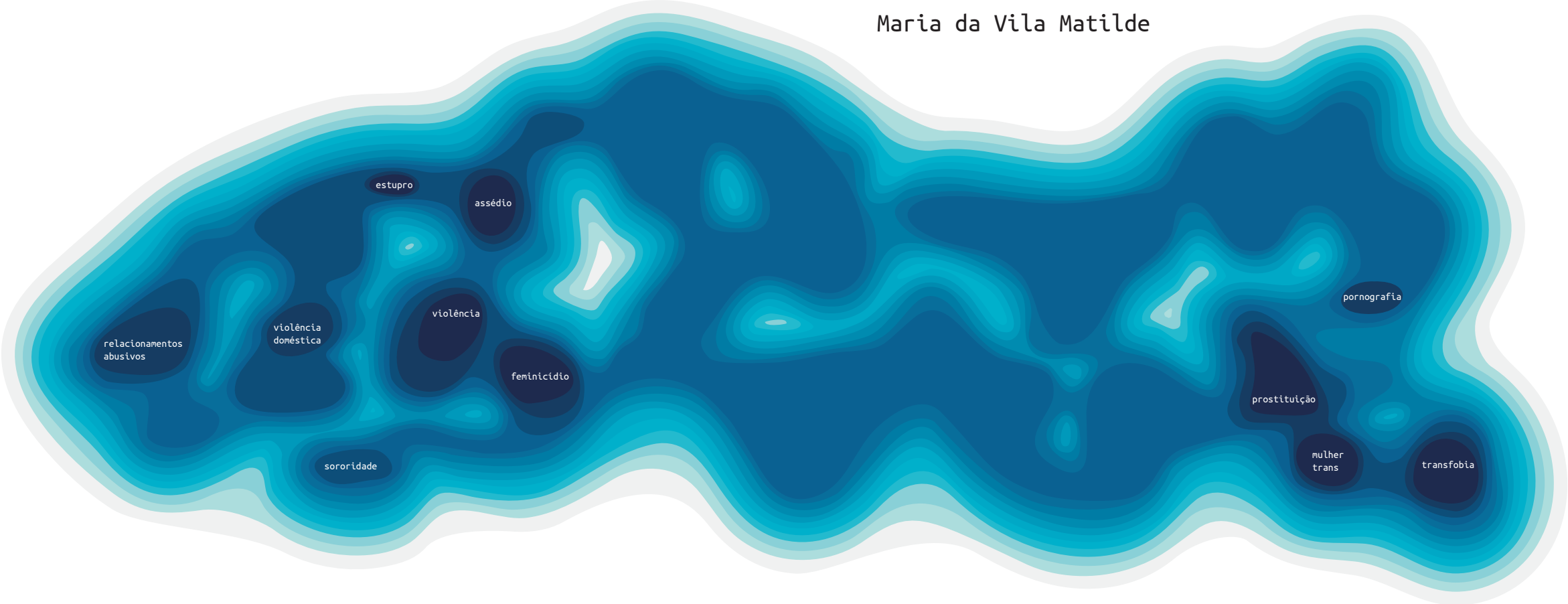
velha e louca

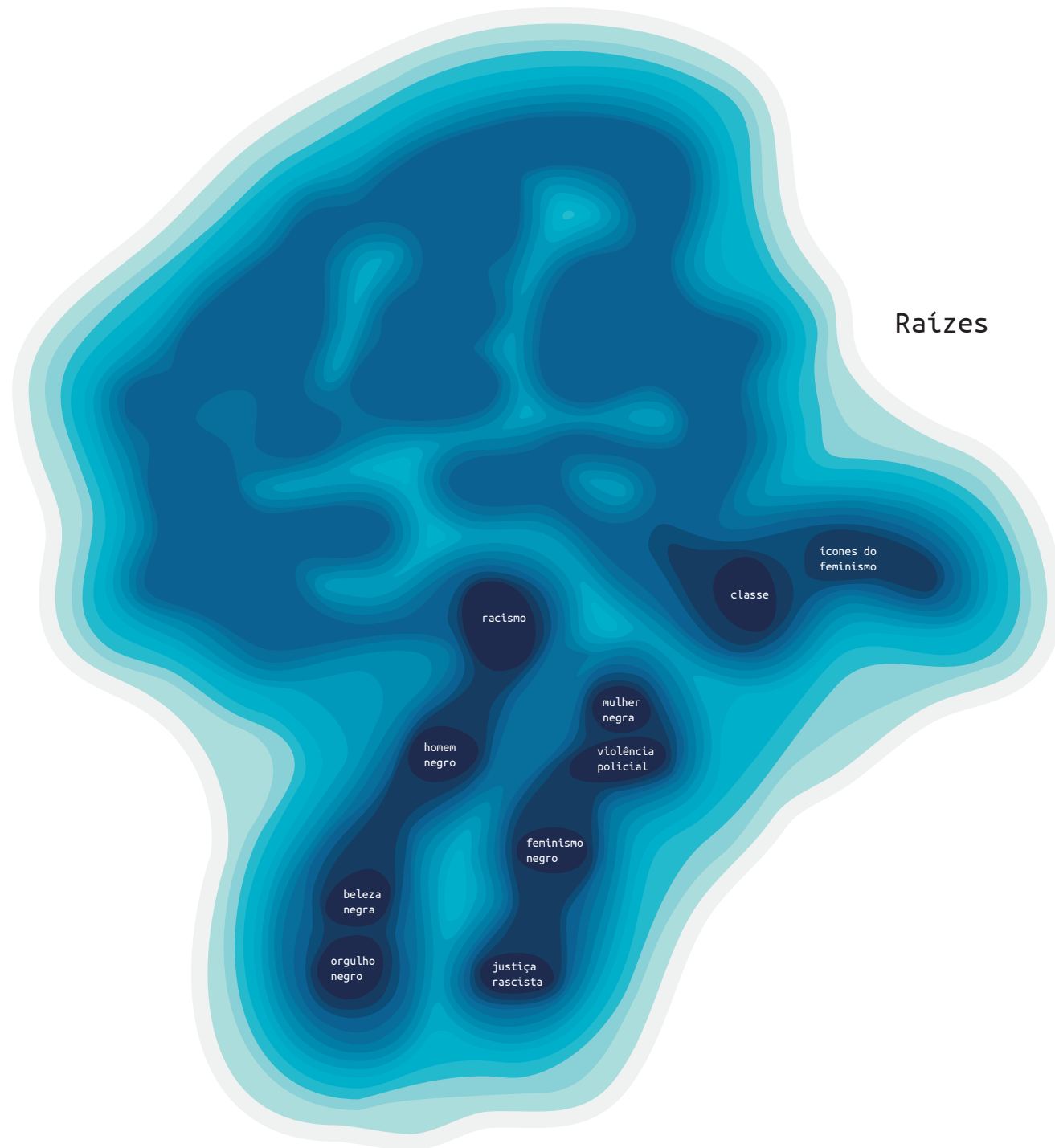


auto das bacantes



Maria da Vila Matilde





Raízes

ícones do
feminismo

classe

racismo

mulher
negra

violência
policial

homem
negro

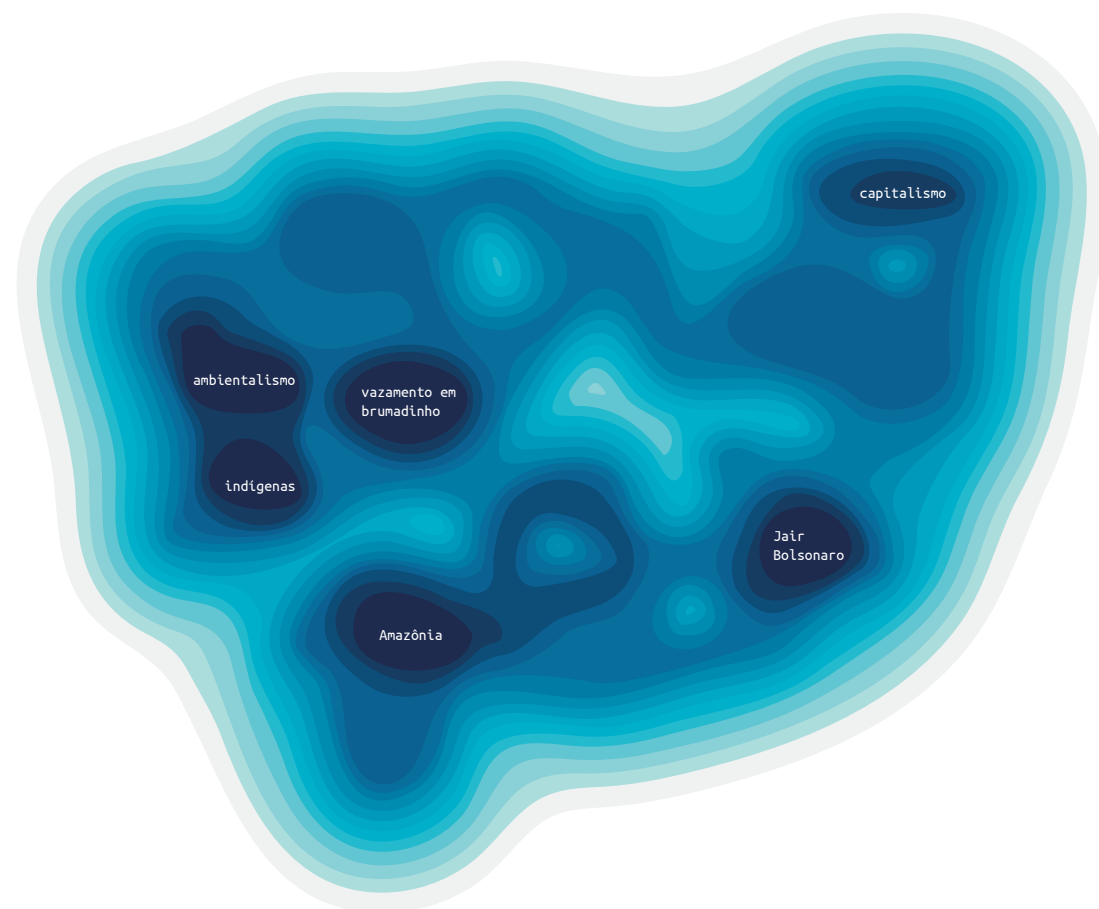
feminismo
negro

beleza
negra

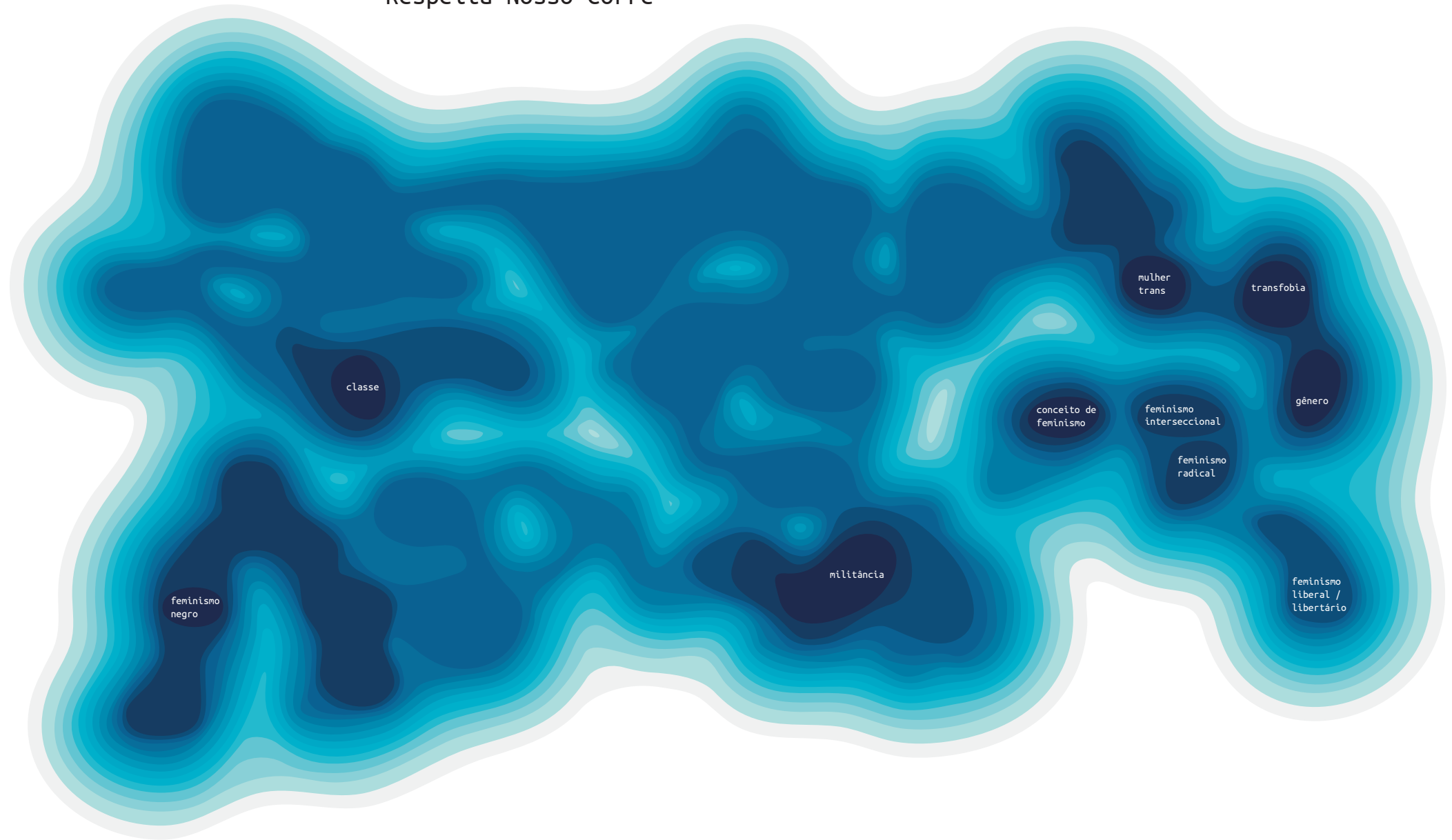
orgulho
negro

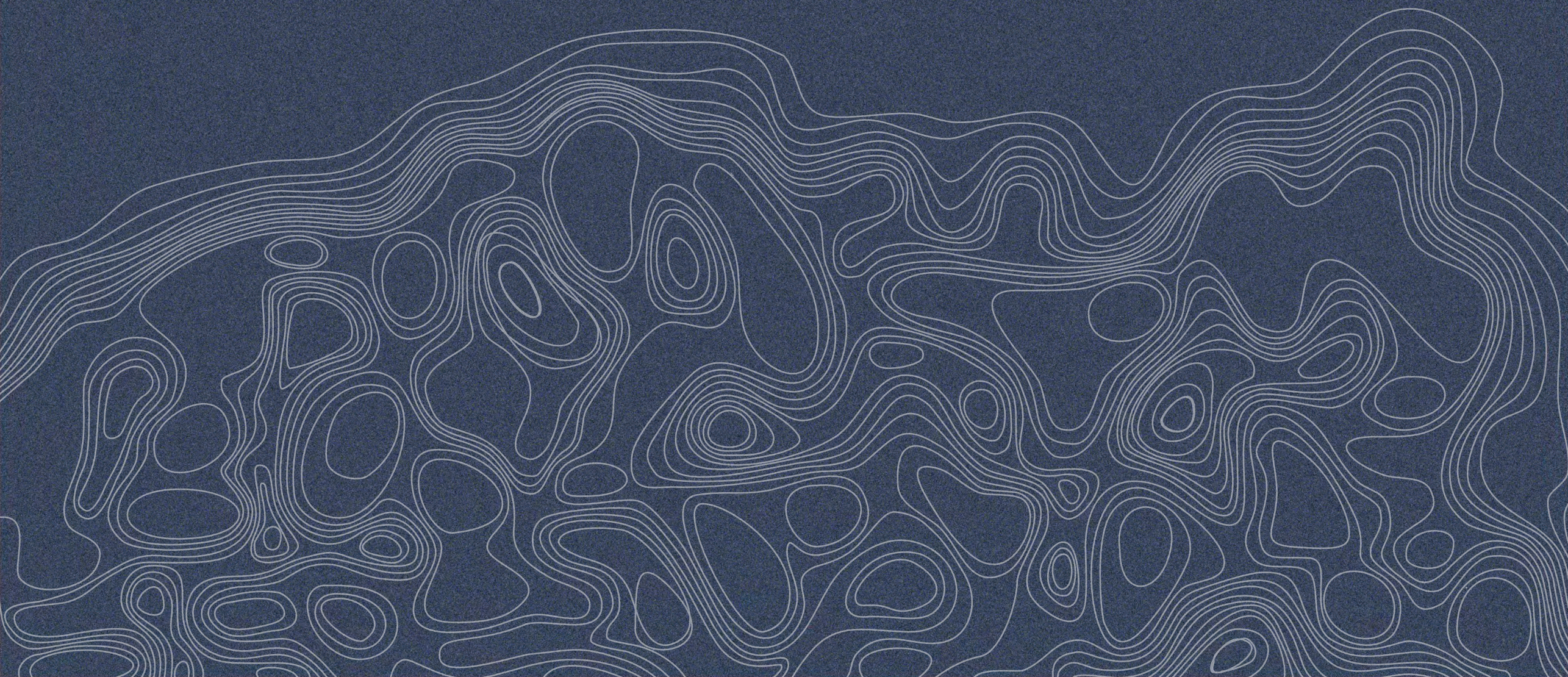
justiça
racista

Forças da Natureza

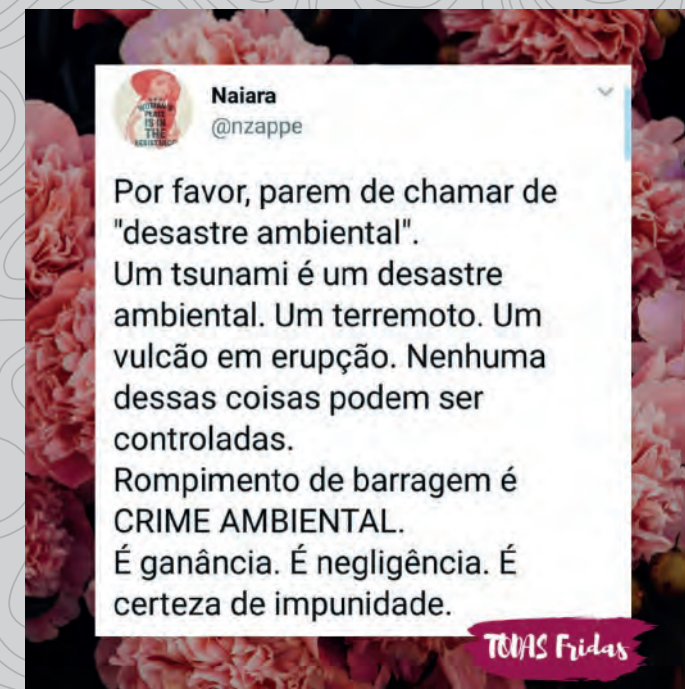
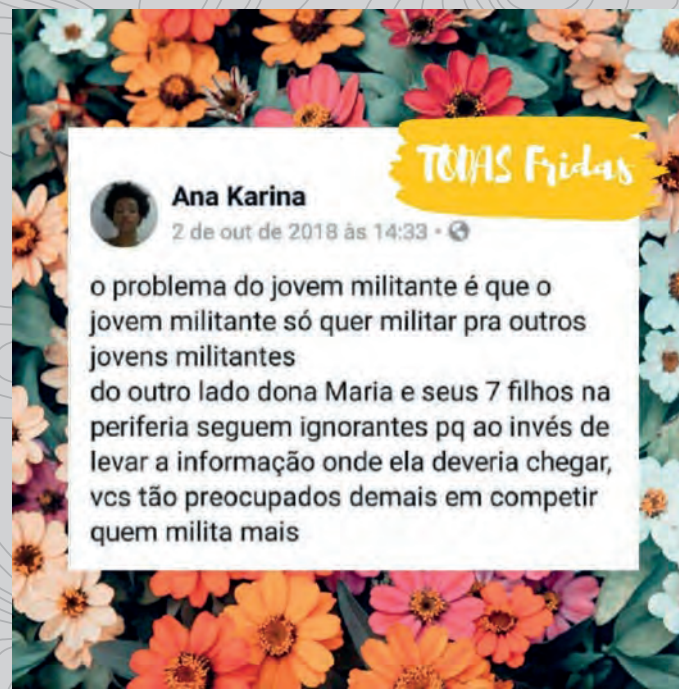
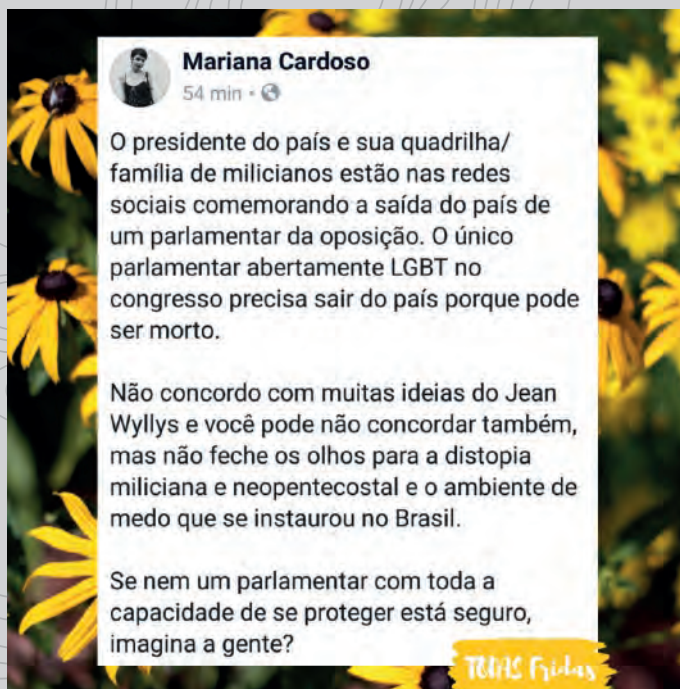


Respeita Nosso Corre





janeiro



janeiro



janeiro

TODAS Fridas
25 de janeiro de 2019 · 🌐

O drama vivido por uma menina de apenas 12 anos que engravidou após ser estuprada reacendeu na Argentina o debate sobre aborto. A menina foi submetida a uma cesariana, com aproximadamente seis meses de gestação, e deu à luz um bebê que nasceu com somente 750 gramas. O bebê morreu na última terça-feira, dia 22, quatro dias após nascer. Organizações feministas acusam o governo local de ter pressionado a família da vítima a ter o bebê. Integrantes de movimentos pró-vida organizaram uma cerimônia de batizado no próprio hospital. Como se não bastasse a tragédia vivida pela menina de 12 anos, o governador Gerardo Morales declarou publicamente que o bebê seria "adotado por uma família importante", como forma de incentivo ao nascimento da criança.

Passeatas estão sendo Organizadas para perguntar "até onde a saúde da menina de 12 anos foi considerada?"

Via Quebrando o Tabu



OGLOBO.GLOBO.COM

Aborto volta à pauta na Argentina após menina de 12 anos que foi estuprada dar à luz

TODAS Fridas
25 de janeiro de 2019 · 🌐

Opinião Socialista

quebrando o tabu



- A população mais pobre e periférica

Quebrando o Tabu 📌
18 de janeiro de 2019 · 🌐

Foi assim que a polícia militar reagiu a uma manifestação contra o aumento das passagens em São Paulo.

Enquanto isso... o Queiroz tá tranquilo.

TODAS Fridas
22 de janeiro de 2019 · 🌐

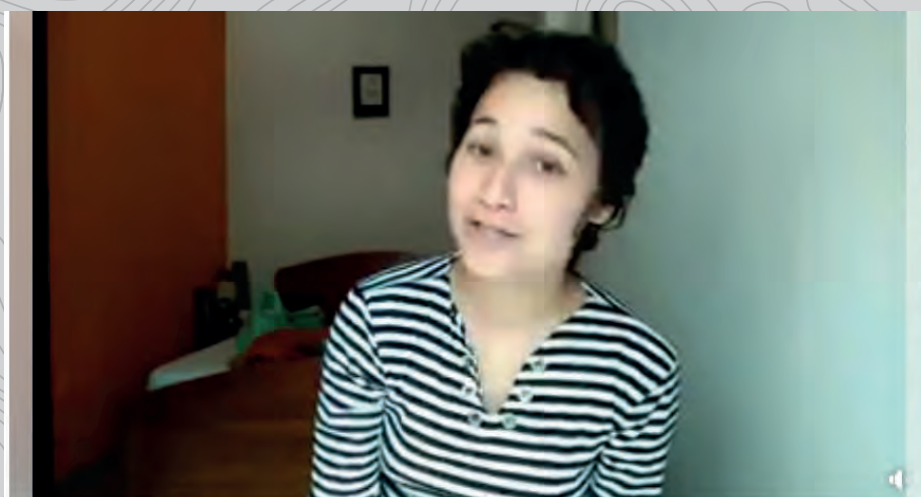
"O gabinete de Flávio Bolsonaro empregou, até novembro do ano passado, a mãe e a mulher do capitão Adriano Magalhães da Nóbrega, tido pelo Ministério Público do Rio como o homem-forte do Escritório do Crime, organização suspeita do assassinato de Marielle Franco. O policial foi alvo de um mandado de prisão nesta terça-feira e está foragido. Ele é acusado há mais de uma década por envolvimento em homicídios. Adriano e outro integrante da quadrilha foram homenageados por Flávio na Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). O foragido era amigo de Fabrício Queiroz, com quem tinha vínculos financeiros".

Quem matou Marielle?



OGLOBO.GLOBO.COM

Flávio Bolsonaro empregou mãe e mulher de chefe do Escritório do Crime em seu gabinete



Feminismo Radical - História da teoria, sobre o termo "o pessoal é político", movimento. Por: Aline Rossi Via: Feminismo com...

FemRaiz
25 de janeiro de 2019 · 🌐

Visão geral Comentários

Feminismo Radical - História da teoria, sobre o termo "o pessoal é político", principais pautas e práticas do movimento.

Por: Aline Rossi
Via: Feminismo com Classe...
Ver mais

Mais relevantes ▼

Ana Maria Martins
Maria Augusta ❤️
Curtir Responder 3 a

Mayra França
Oi 😊 Esse vídeo foi publicado aqui no facebook? Gostaria de ter acesso aos links que ela diz no final.
Curtir Responder 3 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

Autor
FemRaiz

Aduke Makena
23 de jan às 14:57 · 🌐

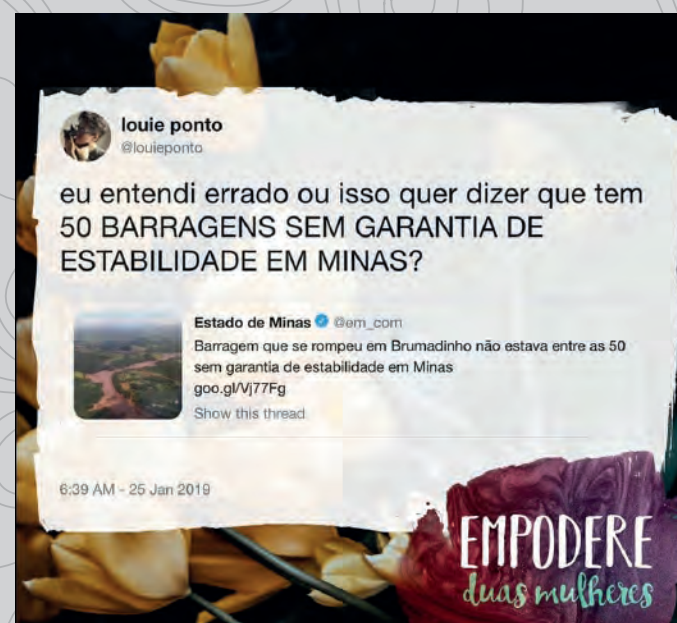
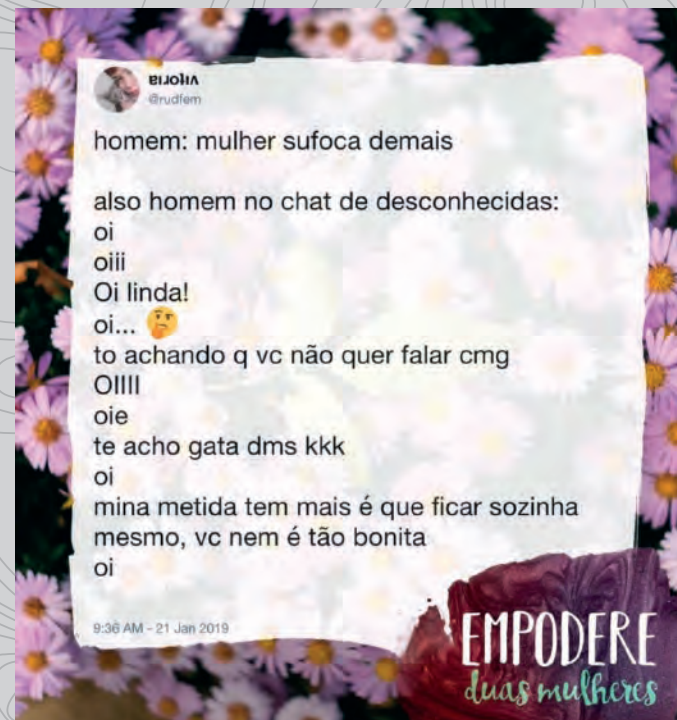
TODAS Fridas

Meninas cuidem da sua ppk

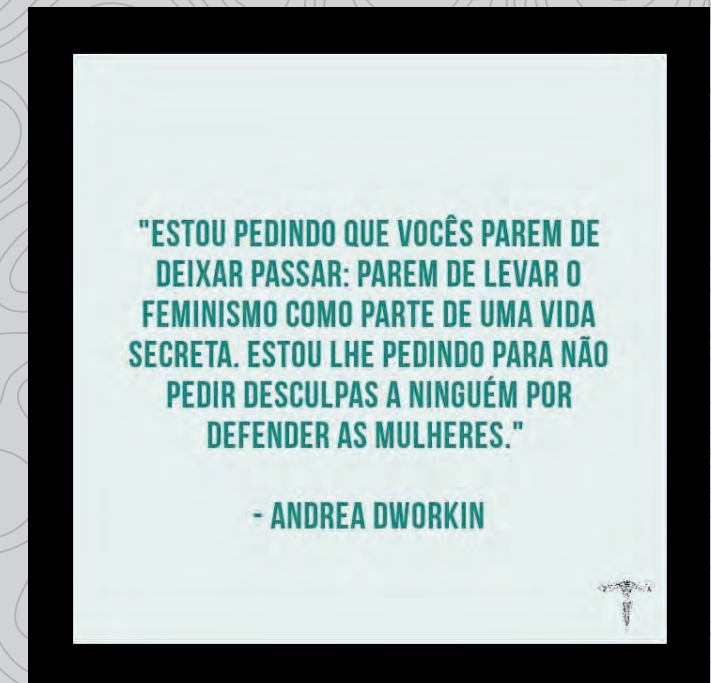
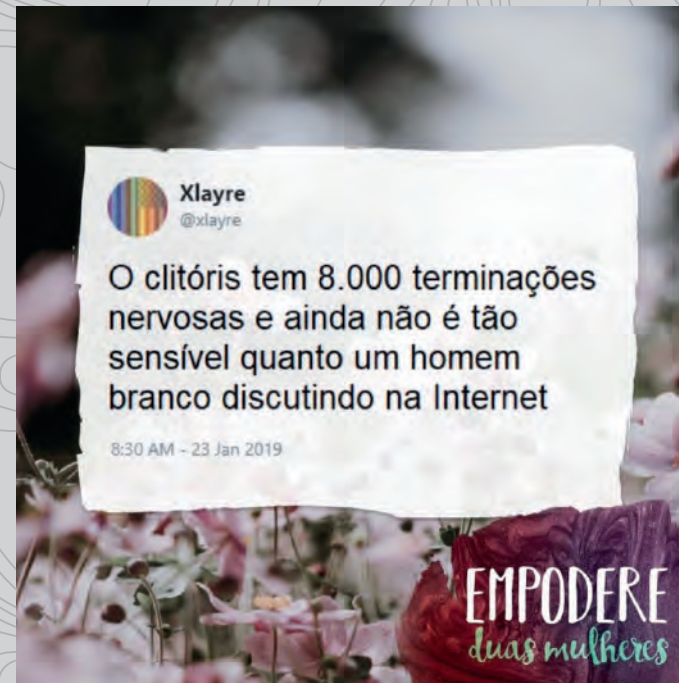
- * Não usem sabonetes íntimos, faz mal pra caralho
- * Pasta de dente só na boca que tem dentes
- * A vagina é auto limpante *
- * Durmam sem calcinha pelo menos duas vezes por semana, ela precisa respirar também.
- * Não transem com bolsominions

bjs titia ama algumas sz

janeiro



janeiro



janeiro

Ventre Feminista
January 23, 2019 · 🌐

Atenção mulheres.
Temos um especialista no assunto.
Muita atenção. Oportunidade única de aprender com o mestre Joao.

Joao
Legal esse post mas, queria dizer algo. Muitos anos atrás, a mulher é quem ejaculava, isto é, a mulher é quem liberava o espermatozoide, mas, como este acto gasta muita "energia" no corpo (enfraquece muito o corpo) elas acabavam sempre por morrer, então, Deus decidiu dar esta habilidade ao homem, o homem não morria e aguentava muitas vezes; actualmente, ouve-se que um homem morreu durante a ejaculação mas, é muito raro. Então mulheres, não venham dizer que vocês são muito forte e corajosa mais que o homem porque aguentam parto, TPM etc., nós aguentamos o que vocês não aguentaram.

CPTK - Centro de Pesquisa Tireido Ku
January 21, 2019 · 🌐

Especialistas afirmam. Dr(a) Mifha Laram confirma.

Ventre Feminista
22 de janeiro de 2019 · 🌐

Coincidência, né?



CORREIOBRASILIENSE.COM.BR

Flávio Bolsonaro homenageou em 2004 suspeito de participar da morte de Marielle

Ventre Feminista
24 de janeiro de 2019 · 🌐



Iconografia da História
24 de janeiro de 2019 · 🌐

Pai e irmã de Leonardo Almeida dos Santos, em frente ao presídio de Benfica, Rio de Janeiro, 2019.

Jorge Benjamin viu o filho ser preso, suspeito de ter assassinato Matheus Lessa, um garoto morto em um assalto tentando salvar a própria mãe. Ciente da inocência do filho, Jorge iniciou uma batalha árdua para coletar provas e comprovar que filho foi confundido com o verdadeiro assassino de Matheus. A família de Leonardo conseguiu vídeos que mostravam o rapaz próximo à sua casa no momento do crime, usando roupas diferentes das que os criminosos vestiam. Foram dias de muita luta e desespero até conseguirem provar de uma vez por toda a inocência de Leonardo. Hoje, 24 de janeiro, seu Jorge pôde novamente dar um forte abraço no seu filho. Não é a primeira vez que um jovem negro é preso por ser confundido com outro jovem negro.

Ventre Feminista
January 24, 2019 · 🌐

Enquanto isso, uma certa família muito "honesta" e que tem ligação com milícias, comemora no twitter. Um adversário político que sai do país por ameaças de morte é motivo de alegria para essa gente. 🤔



G1.GLOBO.COM

Jean Wyllys decide não tomar posse para novo mandato em razão de ameaças
Jean Wyllys foi reeleito para terceiro mandato e cerimônia de posse dos deputados está marca...

Ventre Feminista
26 de janeiro de 2019 · 🌐

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.
Entre estatais
E multinacionais,
Quanto ais!
A dívida interna
A dívida externa
A dívida eterna
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?
(Carlos Drummond de Andrade)



Feministas - mulheres fortes
24 de janeiro de 2019 · 🌐

Olha o nível. 🤔

Rayner Raitz
Se o filho do Bolsonaro tem envolvimento na morte de Marielle. Só posso sentir mais orgulho desse cara. Valeu Flávio! Matou aquela mulher chata do caralho.

26 min Curtir Responder


Feministas - mulheres fortes
24 de janeiro de 2019 · 🌐

A cada 11 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil. 1/3 dos brasileiros culpa a vítima por estupro. O pior de tudo, há mulheres defendendo estupradores.

Culpar a vítima é não punir o agressor, é tornar a violência sexual algo socialmente aceito, é o machismo a seu extremo.

Joyce é mulher, jornalista, e pensa em ser mãe.

ACRITICA.COM

Adolescente de 17 anos é estuprada e diz que quase sofreu abuso coletivo, em Manaus | Manaus

Joyce Barbosa 23 h

Se tivesse em casa nada teria acontecido, 17 anos já sabe muuuuuuito bem o que é...putaria

Curtir Responder

👍👎👏👍 160

Joyce Barbosa · 1 d

Sabe em alguns casos, eu não culpo o homem, e sim as safadinhas que aos 11 anos as próprias mães induzem elas as putaria! Ah! Se vestem como...

 **Ventre Feminista**
23 de janeiro de 2019 · 3

A americana Hannah Beachler fez história nesta terça-feira (22) ao tornar-se a primeira mulher a ser indicada ao Oscar na categoria de design de produção, de acordo com o jornal The New York Times. Ela concorre ao prêmio ao lado de Jay Hart pelo trabalho em Pantera Negra.



MULHERNO CINEMA.COM

Hannah Beachler é primeira mulher negra a concorrer ao Oscar de design de produção

Ventre Feminista
January 22, 2019 · 🌐

POLLY NOR
@pollynor

You don't know him like i do

POLLY NOR
@pollynor

Love the way he holds me down

POLLY NOR
@pollynor

No mistakes just happy accidents!

POLLY NOR
@pollynor

When it's good it's great

POLLY NOR
@pollynor

Why's he always out and up to no good?

+35

Siririca adicionou 39 novas fotos ao álbum "etapas de um relacionamento abusivo".
January 18, 2019 · 🌐

maravilhosamente ilustrado por @polly nor

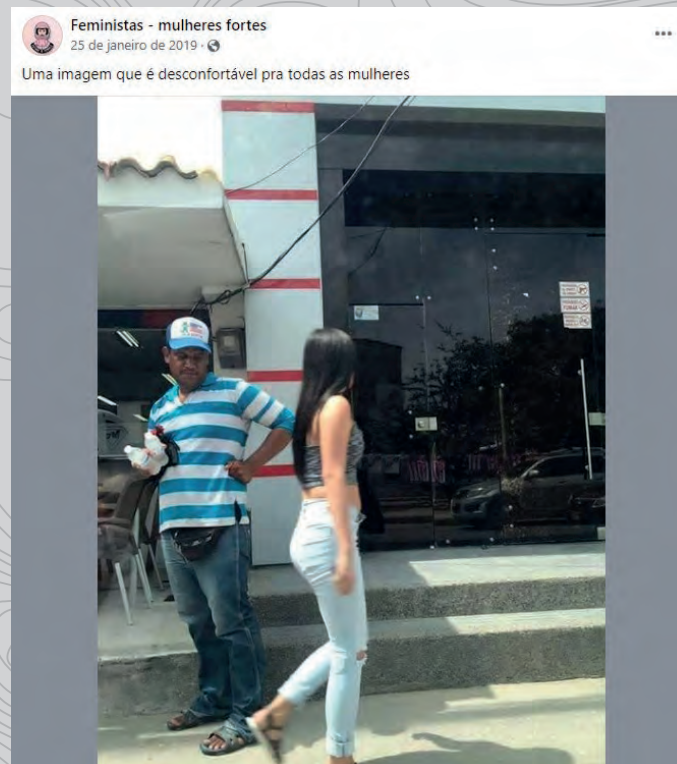
traduzido toscamente por Siririca

Ventre Feminista
25 de janeiro de 2019 · 🌐

Acredito muito. Muito mesmo
(só que nunca)

Se tem uma coisa
que eu acredito é na
preocupação dos EUA
com a democracia
de países ricos em
petróleo

[illegible]



fevereiro

Geledés Instituto da Mulher Negra
25 de fevereiro de 2019 · 🌐

"Sueli Carneiro e José Vicente, entraram na comissão com a disposição de enfrentar as questões raciais e de gênero como dimensões estruturais das violações de direitos humanos no Brasil"
[#geledes](#) [#ComissãoArns](#) [#DireitosHumanos](#)



GELEDÉS.ORG.BR

A comissão em prol da vida - Geledés
Ex-ministros de vários governos e ativistas de direitos humanos lançam em S...

Saiba mais

Geledés Instituto da Mulher Negra
24 de fevereiro de 2019 · 🌐

"Não nasci negra, mas desde muito menina meu cabelo me dizia que eu era de outra turma. Fui criada em Belém, terra de caboclos, meio índios, meio negros." [#geledes](#) [#mulhernegra](#) [#questao racial](#)



GELEDÉS.ORG.BR

Negra? Eu?! Demorei mais de 30 anos para aprender a ser preta - Geledés
Não nasci negra, mas desde muito menina meu cabelo me dizia que eu era de outra turma. Fu...

Geledés Instituto da Mulher Negra
22 de fevereiro de 2019 · 🌐

"Quarenta entidades do movimento negro denunciaram o pacote anticrime de Moro à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)"
[#geledes](#) [#movimentonegro](#) [#OEA](#) [#DireitosHumanos](#)



GELEDÉS.ORG.BR

Movimento negro denuncia pacote anticrime de Moro à OEA por violações - Geledés

Geledés Instituto da Mulher Negra
25 de fevereiro de 2019 · 🌐

"Conforme dados da Pnad continua de 2018, divulgado pelo IPEA, A vulnerabilidade das mulheres negras ao desemprego é 50% maior, independente de crise econômica, idade ou escolaridade."
[#geledes](#)



GELEDÉS.ORG.BR

Reforma da previdência para quem? - Geledés
A atual proposta da reforma da Previdência (PEC 287/2016) apresentada pelo Poder Executivo ...

Geledés Instituto da Mulher Negra
24 de fevereiro de 2019 · 🌐

"Cantora e compositora carioca que festejará 75 anos de vida ativista em setembro, a cidadã brasileira Leci Brandão da Silva encarna a mais perfeita tradução política do enredo da Mangueira na presente edição do show idealizado para arrecadar fundos para ajudar a escola verde-e-rosa a pôr o Carnaval na avenida neste ano de 2019." [#geledes](#) [#carnaval](#) [#leci](#)



GELEDÉS.ORG.BR

Leci Brandão puxa enredo político de show para Mangueira que reuniu Chico Buarque e Maria Bethânia no Rio - Geledés

Geledés Instituto da Mulher Negra
22 de fevereiro de 2019 · 🌐

"Em homenagem ao Mês da História Negra, nos curvamos a uma de nossas Monas Melanizadas".
[#geledes](#) [#entretenimento](#) [#beyonce](#)



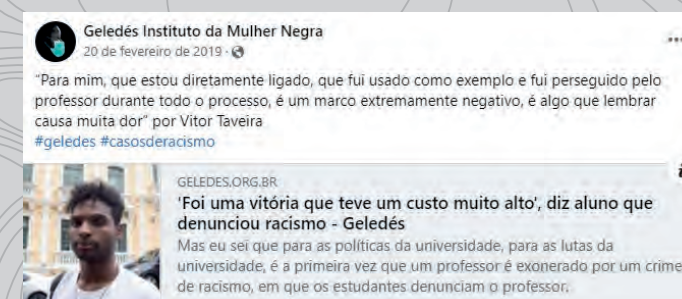
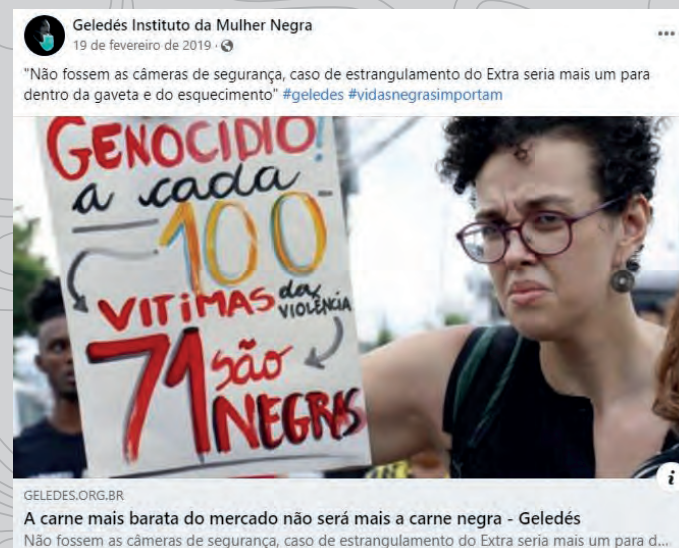
GELEDÉS.ORG.BR

Beyoncé homenageia Meghan Markle a transformando em rainha - Geledés
Bey aproveitou o Mês da História Negra para homenagear a duquesa de Sussex - que virou re...

fevereiro



fevereiro



fevereiro



fevereiro

Não Me Kahlo
25 de fevereiro de 2019 · 🌐

"O curta é um documentário que fala sobre como o estigma da menstruação em uma comunidade rural na Índia impacta no dia a dia das mulheres. O filme mostra como a questão cultural, que relaciona menstruação com impureza e, assim, mulheres menstruadas como "impuras", impede que elas frequentem escolas, trabalho, entre outros espaços públicos. A origem deste mito remonta à mitologia hindu do assassinato de Vritras por Indra. Segundo o Veda – quatro obras que consistem em vários tipos de textos, todos datando aos tempos antigos – o fluxo menstrual é a representação da culpa que as mulheres tomaram sobre si mesmas como parte do assassinato cometido por Indra. O artigo Menstruation related myths in India: strategies for combating it menciona além desse outros mitos, mostrando como é forte culturalmente a correlação entre o período menstrual e a impureza".

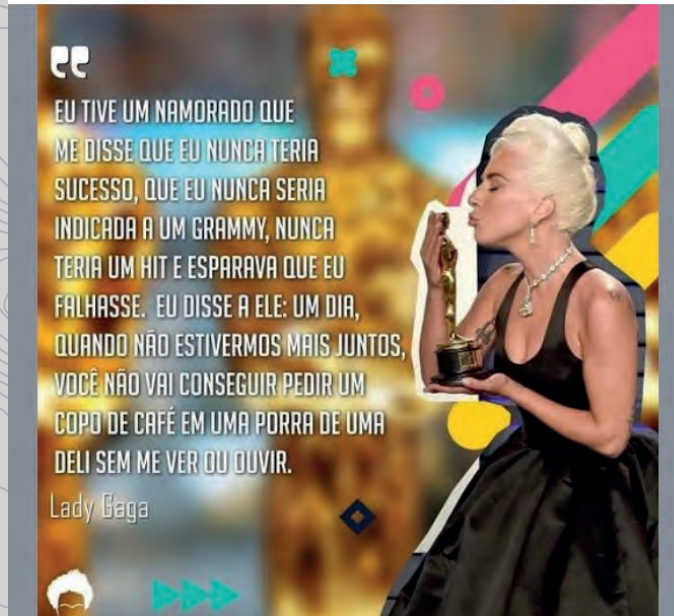
Leia mais: <https://www.naomekahlo.com/absorvendo-o-tabu-ganha-o-oscar/>



Não Me Kahlo
25 de fevereiro de 2019 · 🌐

Parace que o jogo virou, não é mesmo? Imagina você um dia ouvindo ladainha de chernoboy e no outro pleníssima ganhando um oscar?

Largue também esse embuste que só te coloca pra baixo e viva a vida com toda leveza que você merece.



“
EU TIVE UM NAMORADO QUE
ME DISSE QUE EU NUNCA TERIA
SUCESSO, QUE EU NUNCA SERIA
INDICADA A UM GRAMMY, NUNCA
TERIA UM HIT E ESPARAVA QUE EU
FALHASSE. EU DISSE A ELE: UM DIA,
QUANDO NÃO ESTIVERMOS MAIS JUNTOS,
VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR PEDIR UM
COPO DE CAFÉ EM UMA PORRA DE UMA
DELI SEM ME VER OU OUVIR.
Lady Gaga

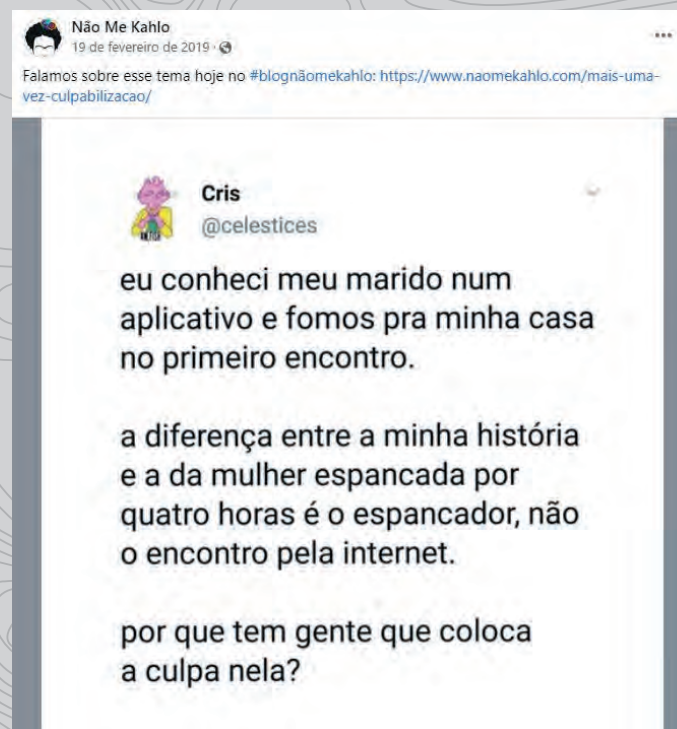
Não Me Kahlo
25 de fevereiro de 2019 · 🌐

Assédio não tem vez, viu? Vamos aproveitar a festa e deixar o fiufiu no cooler.

Cartaz feito pelos estudantes de publicidade e propaganda da PUC-Minas Camila Araújo, Camila Vidigal, Bruna Araújo, Raul Almeida, Vitor Brumano.



fevereiro



Feminismo pra quê?
21 de fevereiro de 2019 · 🌐

"Não é por usar hijab que sou muçulmana!"

A branquitude ocidental ainda tem muito a aprender sobre alteridade antes de pregar a sororidade:

#Mulheres #Hijab



She starts fidgeting with my scarf.

AJ+ 📌
February 20, 2019 · 🌐
"Hey, we have pretty hair too, you know?"
Four Muslim women talk hijab, hair and weird questions.

Feminismo pra quê?
19 de fevereiro de 2019 · 🌐

Novos escândalos de pedofilia no âmbito das Nações Unidas:

- capacetes azuis teriam feito mais de 60.000 vítimas de abuso sexual nos últimos 10 anos

#Estupros #ONU



THESUN.CO.UK
UN aid workers 'raped 60,000 in ten years' as sex abuse went unchecked
A WHISTLE blower has claimed UN staff could have carried out 60,000 rapes in the last decade...

Feminismo pra quê?
20 de fevereiro de 2019 · 🌐

Verdades.

Ana Claudia Ricardo
18 de fev às 00:45 · 🌐

Entrevista de emprego:

- Você tem filhos?
- Sim 3.
- Como você vai trabalhar?
- Eles vão pra escola.
- Mas aí fica complicado né!?
- Meu senhor a pergunta correta seria, "Como eles vão comer, morar, vestir, viver se eu não trabalhar?"
- Okay entraremos em contato!

Matrícula da creche:

- Você trabalha qual período?
- Estou desempregada, procurando emprego.
- Precisa de carteira assinada pra conseguir a vaga.
- Moça como vou arrumar emprego com um bebê fora da escola?
- Não temos vagas nesse caso.

Conselho Tutelar:

- Onde essas crianças ficam a noite?
- Em casa, eu faço bicos em bares e eles só abrem a noite.
- Abandono de incapaz é crime.
- ...

Feminismo pra quê?
February 20, 2019 · 🌐

Denuncie!



Feministrampas
February 20, 2019 · 🌐

Durante o carnaval em São Paulo, uma equipe voluntária e treinada, será responsável por acolher e orientar mulheres e LGBTs vítimas de assédio na dispersão, além de ajudar a identificar assediadores em cima dos trios elétricos de blocos parceiros.

Paralelamente, será usado o Ônibus Lilás, cedido pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania especialmente para a campanha, como ponto fixo de atendimento.

A cada dia do Carnaval (de 2 a 5/3), e também no sábado de pré-Carnaval (23/2), sempre próximo aos blocos com maior concentração de foliões, o Ônibus Lilás estará presente com profissionais capacitados para receber vítimas de assédio.

Denuncie!

Observação: o post original foi editado. A fonte, (G1) usada como referência, publicou informações que não procedem.

Recebemos uma mensagem da coordenadora da campanha Carnaval sem Assédio, que nos enviou todas as informações oficiais.

março

Resista, Preta
March 23, 2019 · 🌐

O que você herdou dos seus filhos?
Separe 2 minutos para ouvir esse texto.
#ResistaPreta



Tais Araujo
March 19, 2019 · 🌐

"O que você herdou dos seus filhos?" - Recebi esse texto no WhatsApp, achei uma graça e decidi compartilhar com vocês ❤️

Resista, Preta
23 de março de 2019 · 🌐

Nada é mais valioso que a nossa liberdade.
#ResistaPreta



MC Carol
23 de março de 2019 · 🌐

Estou aprendendo a fazer comida, a fazer compras, a cuidar do meu carro, to aprendendo varias coisas. Estou recomeçando. Não está sendo fácil, mais minha vida estava mt pior, quando eu tinha alguém p/ fazer td, aliás eu não tinha mas vida! NADA É MAIS VALIOSO QUE NOSSA LIBERDADE MENINAS! 🙌🏾👊🏾

Resista, Preta
March 23, 2019 · 🌐

Sua primeira casa foi uma mulher preta.
#ResistaPreta



março

Resista, Preta
22 de março de 2019 · 🌐

Coisa de Preto!
🔥🔥
Mapy 🍷



Mapy Violinist
October 19, 2018 · 🌐

#DREAMS 🍷 my debut single produced by Babz Wayne is NOW available on all digital platforms! #Mapy #ViolinQueen 🍷 #ShareThisPost

Watch the full video on YouTube: <https://www.youtube.com/mapyviolinist>
(Instagram: lamMapy)

Resista, Preta
21 de março de 2019 · 🌐

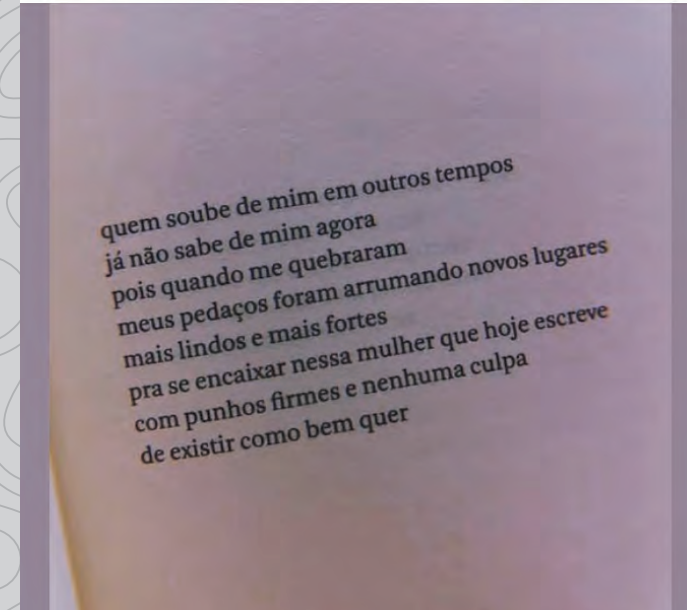
Somos Resistência; Somos Luta.
Somos Lindos!
#ResistaPreta

Via : Denisenhando



Resista, Preta
20 de março de 2019 · 🌐

Trecho do livro "tudo nela brilha e queima" por Ryane Leão
@ondejazzmeucoração
#ResistaPreta



Não Me Kahlo
21 de março de 2019 · 🌐



SEX, 22 DE MARÇO DE 2019
Concentração Feminista P/ Ato Contra A Reforma Da Previdência
Rio de Janeiro
Compartilhado com Por Eleições Justas - Democracia

🌟 Tenho interesse

Não Me Kahlo
22 de março de 2019 · 🌐

Satisfação garantida

Bruno Silva 🌟 não recomenda Não Me Kahlo.
2 de fevereiro · 🌐

Página golpista que odeia homens só fala mal e nos critica

NETFLIX



Quais são as frases que você escuta hoje é que parecem de 50 anos atrás? A série brasileira "Coisa Mais Linda" trata de assuntos como machismo, racismo, elitism...

março



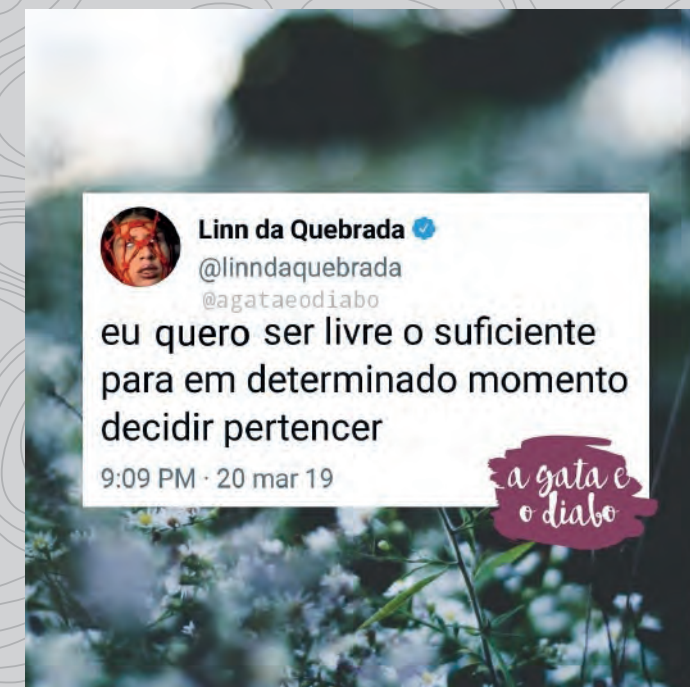
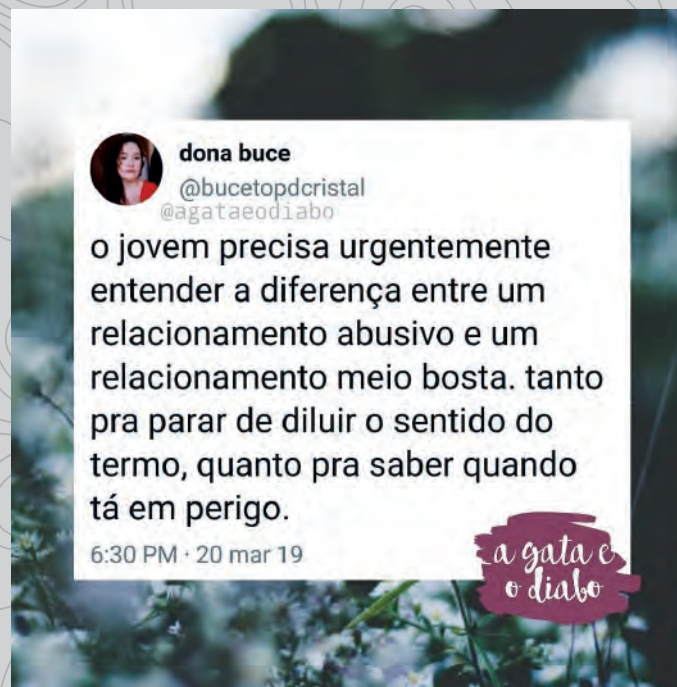
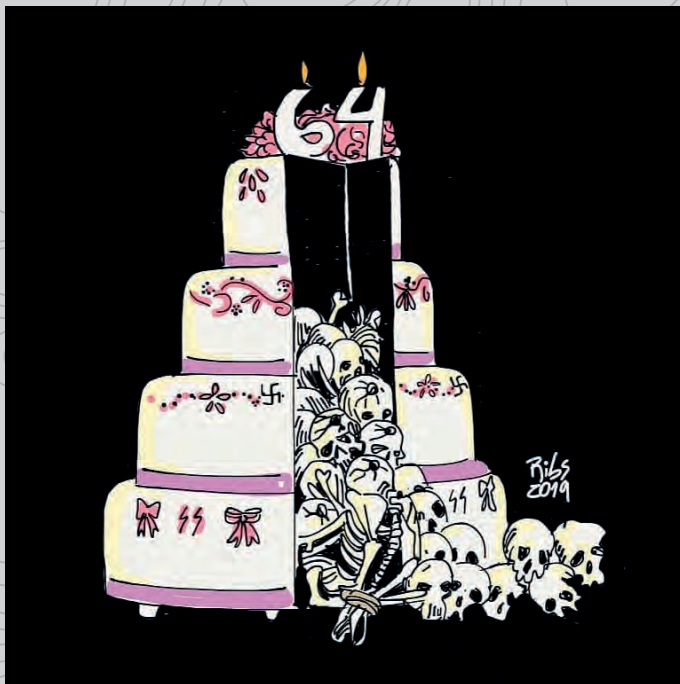
março



março



março



março



abril

TODAS Fridas
25 de abril de 2019

Aborto: O que você precisa saber?
Hoje o aborto no Brasil ainda é crime, exceto em certas situações como: estupro, risco de morte para a mulher ou feto anencéfalo. Mesmo nesses casos de vulnerabilidade o aborto ainda é um tabu. Mas devido à falta de conhecimento sobre o assunto existem ideias equivocadas. E por que falar de aborto é falar de saúde?

1- Mulheres abortam, seja legal ou não, isso porque aborto é caso de necessidade, quem aborta faz porque precisa. Seja porque não tem condições psicológicas, físicas ou qualquer outra que afete diretamente a mulher. Um aborto mal feito pode matar uma mulher ou adoecer-la fazendo que o Sistema de Saúde gaste mais do que gastaria com um aborto seguro.

2- Existe limite de semanas para interromper a gestação, o aborto é feito quando o embrião é apenas um amontoado de células e SEM sistema nervoso, ou seja, sem vida. Sendo assim, ao contrário do que muita gente pensa, aborto NÃO é feito no final da gestação, quem vai abortar quer isso desde o primeiro momento.

3- Estupro é uma das maiores crueldades que um ser pode passar, e a gente sabe bem quem é vulnerável ao estupro, no Brasil a cada 11 minutos uma mulher é estuprada e dessas muitas engravidam. O estupro deixa sequelas por muitas vezes irreversíveis, imagine a vítima ainda ter um filho nessas circunstâncias. Querer que uma mulher tenha uma gestação vinda de um estupro é outra forma de abuso, é desumanizar a mulher e enxerga-la como incubadora.

4- Se não existe nenhum método contraceptivo 100% seguro, a mulher não tem controle absoluto sobre suas capacidades reprodutivas, fora que a falta de educação sexual prejudica que muita gente saiba métodos seguros, mitos e verdades sobre reprodução humana. Ora, quem nunca conheceu a fulana que engravidou porque acreditou no método do coito interrompido.

5- mulheres têm direito de escolher se querem ou não ser mãe e isso não tem nada a ver com credence. Sexo é natural, então não venha com o papo "se foi bom fazer, tem que criar" ninguém transa para engravidar, fora que essa frase é muito utilizada enquanto violência obstétrica.

6- Abortar nunca é uma escolha fácil, somente quem já passou ou pensou em fazer tal medida sabe o sofrimento que é, por isso mais empatia com mulheres.

7- Para falar sobre qualquer assunto você precisa entender e discutir baseado em fatos e não em achismo. Por isso recomendo que leia alguns fáceis e didáticos sobre aborto disponíveis no blog TODAS Fridas:

<http://www.todasfridas.com.br/.../aborto-legal-o-que-e-e-.../>
<http://www.todasfridas.com.br/.../legalizacao-do-aborto.../>
<http://www.todasfridas.com.br/.../pec-que-proibe-aborto.../>

TODAS Fridas
25 de abril de 2019

Sobre o caso: <https://www.meionorte.com/.../morre-filho-de-mulher-que...>

Jussara Silva
Ontem às 12:10

TODAS Fridas

Depois de 18 anos de casada mulher decide se separar do marido após uma agressão. Ele não aceita o fim do relacionamento e passa a perseguir e ameaçar ela e os filhos então ela o denuncia a polícia. Ele é preso liberado depois de pagar fiança e ela vai pra casa com uma medida protetiva. Ele invadi a casa atira nela e nos filhos coloca fogo na casa e depois se mata. Um filho morreu ela e outro estão internados com queimaduras em 90% do corpo. **MULHERES NÃO FICAM EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS POR QUE QUEREM. ELAS TÊM MEDO DE MORRER. ELAS TÊM MEDO QUE SEUS FILHOS MORRAM...**

TODAS Fridas
22 de abril de 2019

Não estamos falando de friendzone. Estamos falando de relações de afeto sem interesse sexual. Edit: gente, friendzone é uma coisa inventada por homens que não respeitam o não de uma "amiga". A palavra foi usada pra simplificar, já que ela é bem popular. Edit2: É real a dificuldade de ter amigos homens que não tenham segundas intenções. Mas o que queremos aqui é que você se atente exatamente sobre isso. Como o homem que você se relaciona trata e enxerga as outras mulheres. Pode ser a mãe, irmãs...

Giovanna Caleiro
18 de abr de 2018 às 09:14

TODAS Fridas

Algumas mulheres se preocupam quando um cara tem muitas amigas, mas o que eu acho que deveria ser motivo de preocupação é justamente o contrário. Se um homem não consegue manter relacionamentos com mulheres fora da esfera sexual/romântica, se ele não é capaz de admirar e respeitar mulheres enquanto seres humanos, se ele não faz questão de manter por perto mulheres nas quais ele não tem nenhum interesse físico, então talvez a gente devesse pensar duas vezes antes de se relacionar com ele.

TODAS Fridas
25 de abril de 2019

Acabou a mamata
"O sobrinho do presidente nunca assumiu cargo no Planalto, mas mesmo assim era comum vê-lo em reuniões internas e agendas externas de Bolsonaro. Pela nomeação, vai receber R\$ 14.802,41"

CORREIOBRAZILIENSE.COM.BR

Sobrinho de Jair Bolsonaro ganha cargo de confiança no Senado
O sobrinho do presidente nunca assumiu cargo no Planalto, mas mesmo assim era comum vê-lo...

abril

TODAS Fridas
25 de abril de 2019 · 🌐

Votaram contra o povo!



Sâmia Bomfim adicionou 48 novas fotos ao álbum "QUEM VOTOU CONTRA A SUA APOSENTADORIA?".
24 de abril de 2019 · 🌐

QUEM VOTOU CONTRA A SUA APOSENTADORIA?

TODAS Fridas
21 de abril de 2019 · 🌐

Priorize sempre você.



sororidade mana
@endoidoutoda

Seja sempre a primeira pessoa da sua vida.
Siga as suas vontades, a sua intuição, se coloque em primeiro lugar, se respeite!

Geledés Instituto da Mulher Negra
25 de abril de 2019 · 🌐

"Dessa vez, a seleção semanal de atividades culturais feita pela Periferia em Movimento gerou uma lista grande e extensa – são 09 eventos que acontecem entre quinta-feira (25/04) e terça-feira (30/04)." #geledes #agendacultural



GELEDÉS.ORG.BR

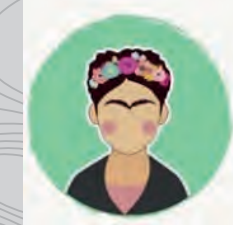
Do Ilú Oba de Min à Poesia no Ar: 09 eventos imperdíveis na quebrada pra você colar! - Geledés

TODAS Fridas
22 de abril de 2019 · 🌐

"Em um país onde mulheres são mortas, é natural que mulheres desejem saber por que isso acontece." Essa frase faz parte do discurso de Angelina Grimké em 1835 sobre o direito de mulheres de participar das questões abolicionistas.
Em 2019 não seria essa frase necessária para ainda justificar nosso dever e direito de participar e ocupar as questões políticas? Devemos fazer nossas vozes serem ouvidas e fazer de outras vozes eco de resistência.
Nós queremos saber por que ainda vivemos em uma sociedade sexista que matam, estupram e nos adoecem. Somos seres políticos. Ocupamos espaços de luta e discussões, pois é de nosso direito e se não é deveria ser.
Ainda é um desejo viver em uma sociedade que nos permita falar e agir sem nos julgar por nosso sexo.

”

EM UM PAÍS ONDE MULHERES SÃO MORTAS, É NATURAL QUE MULHERES DESEJEM SABER POR QUE ISSO ACONTECE.



Angelina Grimké

abril



abril



abril



abril

Geledés Instituto da Mulher Negra
22 de abril de 2019 · 🌐

"O escritor queniano diz que, aos 81 anos, tem sede de mais literatura." #geledes #literatura #literaturaaficana



GELEDES.ORG.BR
Ngugi wa Thiong'o: "Eu quero competir com Cervantes" - Geledés
O escritor queniano Ngugi wa Thiong'o, candidato eterno ao Prêmio Nobel e lenda viva das le...

Geledés Instituto da Mulher Negra
20 de abril de 2019 · 🌐

"Debate do UM BRASIL conta com a escritora e militante LGBT Amara Moira e a filósofa e ativista do feminismo negro Djamila Ribeiro" #geledes #feminismo #questãodegenero



GELEDES.ORG.BR
Ser feminista é assumir uma postura incômoda, afirmam militantes - Geledés
Debate do UM BRASIL conta com a escritora e militante LGBT Amara Moira e a filósofa e ativis...

Geledés Instituto da Mulher Negra
21 de abril de 2019 · 🌐

"Dançarina Bárbara Querino passa a Páscoa com a família após um ano e três meses encarcerada em São Paulo (SP)" #Geledés #casosderacismo #violenciaraacialpolicial



GELEDES.ORG.BR
Presa injustamente, Babi sai pela 1ª vez neste feriado: "Cadeia não é pra ninguém" - Geledés

Geledés Instituto da Mulher Negra
19 de abril de 2019 · 🌐

"Passados 13 anos ininterruptos de publicações e 8 livros de crônicas espalhados pelo mundo, um olhar retrospectivo permite mapear temas e contextos muito presentes na obra da autora" #geledes #literatura #literaturanegra #CidinhaDaSilva



GELEDES.ORG.BR
Lançamento: Exuzilhar, Pra começar e Kuami, de Cidinha da Silva, dia 19/04 no Aparelha Luzia - Geledés
Passados 13 anos ininterruptos de publicações e 8 livros de crônicas espalhados pelo mundo, um olhar retrospectivo permite mapear temas presentes na obra da autora.

Geledés Instituto da Mulher Negra
20 de abril de 2019 · 🌐

"Dirigida por Ava DuVernay, produção dividida em 4 episódios aborda um dos casos mais chocantes de erro judiciário da história dos EUA" #geledes #entretenimento #TV #Netflix



'Ojos que Condenan', a série da Netflix sobre caso de condenação injusta de 5...
'Ojos que Condenan', a série da Netflix sobre caso de condenação injusta de 5...

Delirium Nerd
25 de abril de 2019 · 🌐

Alan Moore se mostra, novamente, competente no roteiro da produção e critica a representação da heroína num universo misógino em "Watchmen".



DELIRIUMNERD.COM
[QUADRINHO] Watchmen: misoginia no heroísmo, mulheres fortes e ilustração chamativa

abril

Delirium Nerd
25 de abril de 2019 · 🌐

"Acreditamos que a melhor forma de ler Lygia é viver Lygia, sobretudo enquanto ela está viva. Em entrevista à amiga Clarice Lispector, afirmou: "As glórias que vem tarde já vem frias, escreveu o poeta, aquele Dirceu de Marília. Me lêia enquanto estou quente". E nós também ficamos em chamas ao te ler, ô, Lygia." #leiamulheres

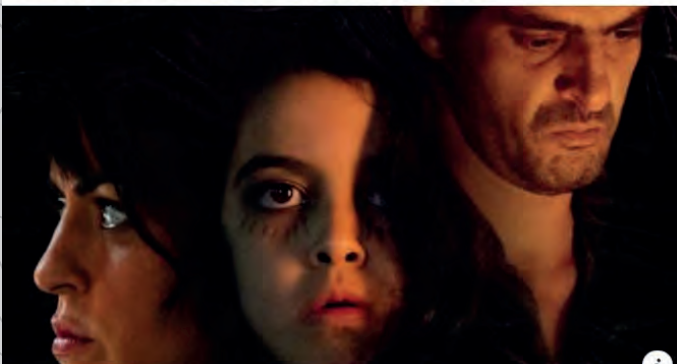


DELIRIUMNERD.COM

[LITERATURA] Lygia Fagundes Telles: escrita revolucionária e relevância literária
Lygia Fagundes Telles está completando 96 anos, mas quem comemora somos nós, leitoras, lei...

Delirium Nerd
25 de abril de 2019 · 🌐

"Quando questionada por quais influências teve ao escrever suas personagens femininas, sempre tão bem construídas, mesmo quando não são as personagens principais, Gabriela Amaral mencionou as personagens de Stephen King, como Carrie, e citou as autoras Flannery O'Connor e Carson McCullers, que não são exatamente de terror, mas que descrevem muito bem sobre a violência e têm personagens femininas bastante reais em suas histórias."



DELIRIUMNERD.COM

[FILMES] A Sombra do Pai: masculinidade tóxica e paternidade
Em seu novo filme, Gabriela Amaral Almeida troca de abordagem, mas mantém o olhar em as...

Delirium Nerd
25 de abril de 2019 · 🌐

"A preocupação de Helô D'Ângelo em produzir temas sociais e políticos têm uma conexão com a sua formação no jornalismo. Quando se formou, viu que não era exatamente com o jornalismo que ela queria trabalhar, então começou a fazer ilustrações."



DELIRIUMNERD.COM

[QUADRINHOS] Mulheres nos Quadrinhos: Helô D'Ângelo
A ilustradora e quadrinista Helô D'Ângelo tem dois gatos, dois cachorros e gosta de tomar caf...

Delirium Nerd
25 de abril de 2019 · 🌐

"Cat Person e Outros Contos" usa o horror como forma de desencadear uma reflexão sobre a maneira como lidamos com nossos medos enquanto mulheres.

Companhia das Letras #leiamulheres

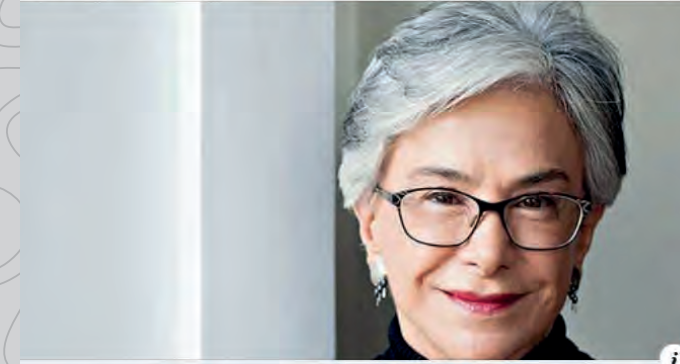


DELIRIUMNERD.COM

[LIVROS] Cat Person e Outros Contos: o horror que decorre das relações humanas
"Cat Person e Outros Contos" usa o horror como forma de desencadear uma reflexão sobre a ...

Delirium Nerd
25 de abril de 2019 · 🌐

"É muito sobre a sociedade patriarcal, sobre os segredos, o silêncio corrosivo desses segredos, todos os problemas da sociedade mineira naquela época. A princípio, parece que estamos falando de um crime de honra à moda antiga, até perto do final, quando segredos vêm à tona" Eliana Cardoso, escritora, sobre seu livro Dama de paus



UAI.COM.BR

Romance sobre feminicídio no interior de Minas vence prêmio literário
Com 'Dama de paus', escritora mineira radicada em São Paulo Eliana Cardoso ganhou a terceir...

Delirium Nerd
21 de abril de 2019 · 🌐

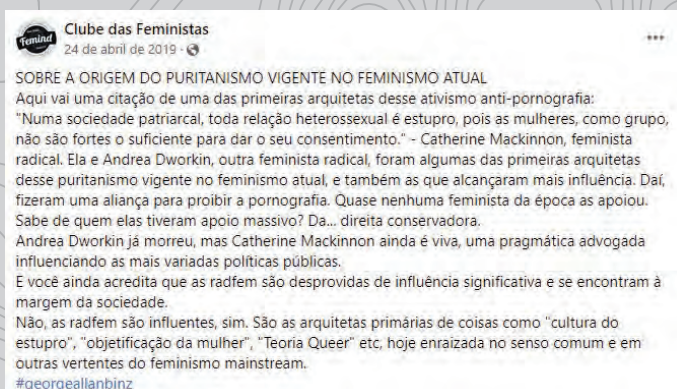
Esse especial da Ghibli foi quase como uma carta de amor aos grandes cineastas e produtores e seus trabalhos que o estúdio veiculou, e para marcar o fim desse especial, vamos acompanhar a trajetória de Rikako, Sheetá e Arrietty!



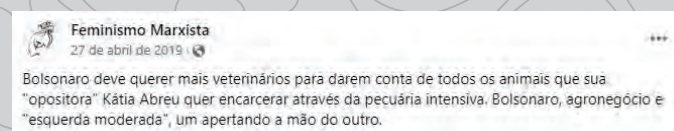
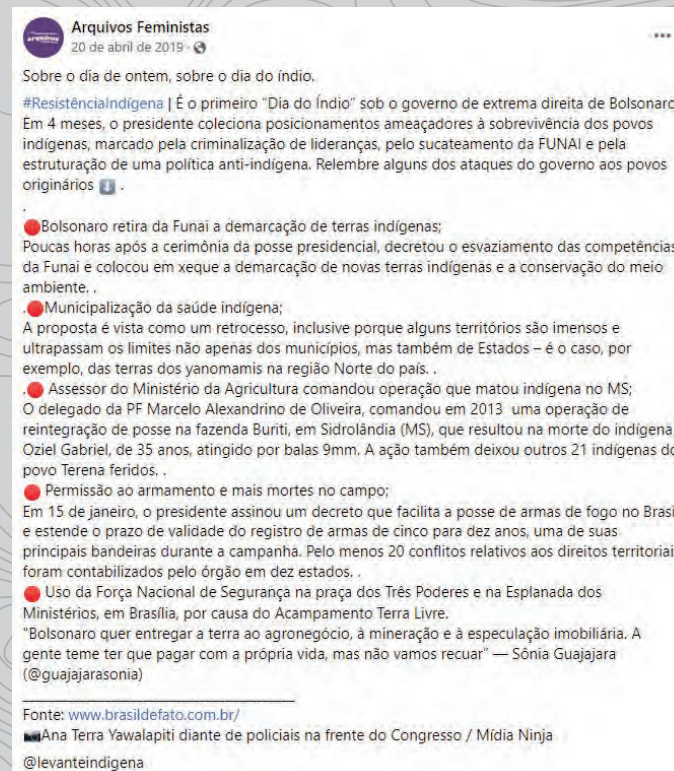
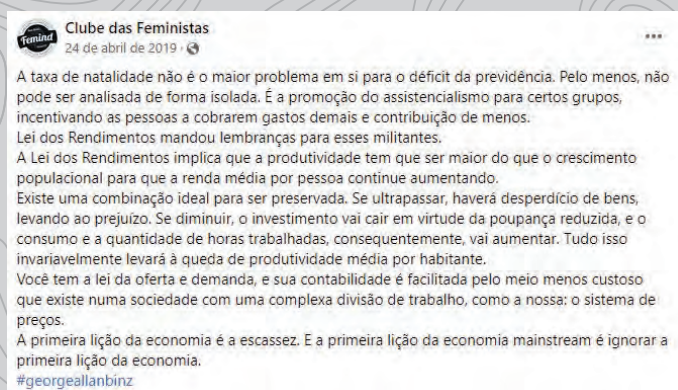
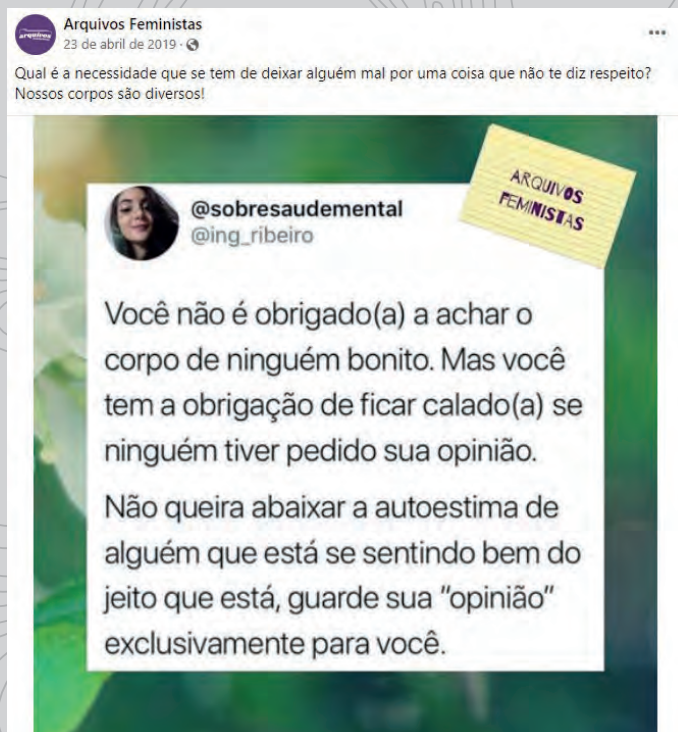
DELIRIUMNERD.COM

[ESPECIAL GHIBLI] As personagens femininas da Ghibli: Rikako, Arrietty e Sheetá
Sempre com forte protagonismo feminino, outras três produções do estúdio Ghibli mostram ...

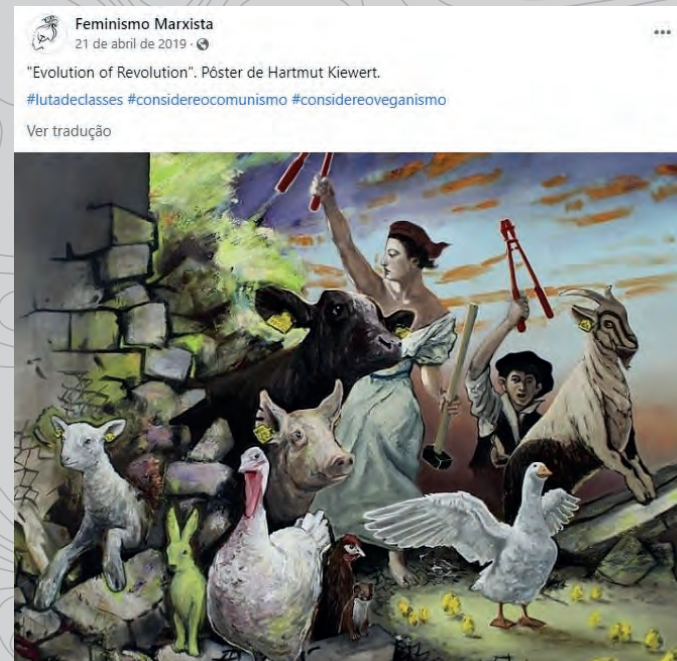
abril



abril



abril



maio



maio

Arte Feminista
24 de maio de 2019 · 🌐



inspira
24 de maio de 2019 · 🌐

Facho de Luz! Paz! Manto protetor! Suave conforto! Amor!
Hino de alegria! Abertura dos meus caminhos! Harmonia!

Livra-me dos cortes! Afasta-me das perdas! Dai-me a sorte!
Faz da minha vida um hino de alegria! E aos teus pés me coloco, minha Sara,
Minha Virgem Cigana!

Toma-me como oferenda e faz de mim, flor profana,
o mais puro lírio que orna e traz bons presságios à Tenda.
Salve, Virgem Sara! Salve, Virgem Sara!
Salve, Virgem Sara!

Raio de Luz Multicolor, penetra fundo em meu interior
e vai meu desejo buscar.

Arte Feminista
24 de maio de 2019 · 🌐

@Taina Chicuta



GAROTASGEEKS.COM

Seis filmes de terror feministas para quem está cansada do machismo no gênero
Porque nós merecemos filmes que nos respeitem em todos os gêneros.

Arte Feminista
25 de maio de 2019 · 🌐

@Taina Chicuta



Setorial LGBT - PSOL RJ
20 de maio de 2019 · 🌐

Assista ao trailer de filme "Indianara", filme brasileiro que concorre a Palma Queer do Festival de Cannes em 2019:

Direção: Aude Chevalier-Beaumel e Marcelo Barbosa

lembra das mina? mulher, vocês são linda
mas era uma vez um Brasil conservador: aprenda a sentar feito
mocinha!
ou prende o cabelo
ou alisa de chapinha
mesmo acompanhada de uma, duas, dez mulheres, dirão que está
sozinha
vê se não encurta a roupa
mulher trabalhadora é puta
mulher que questiona é louca
mulher inteligente é plágio
fala por cima da nossa voz
porque homem é o sexo frágil

histéricas, vadias, putas, bruxas
queimadas na fogueira da inquisição
assediadas por parentes, pelo patrão
por amigos, desconhecidos e até líder de religião

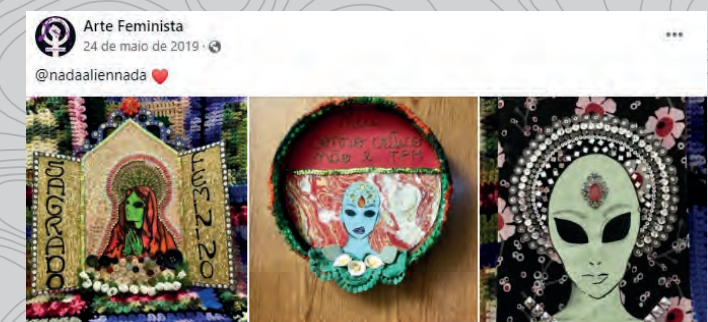
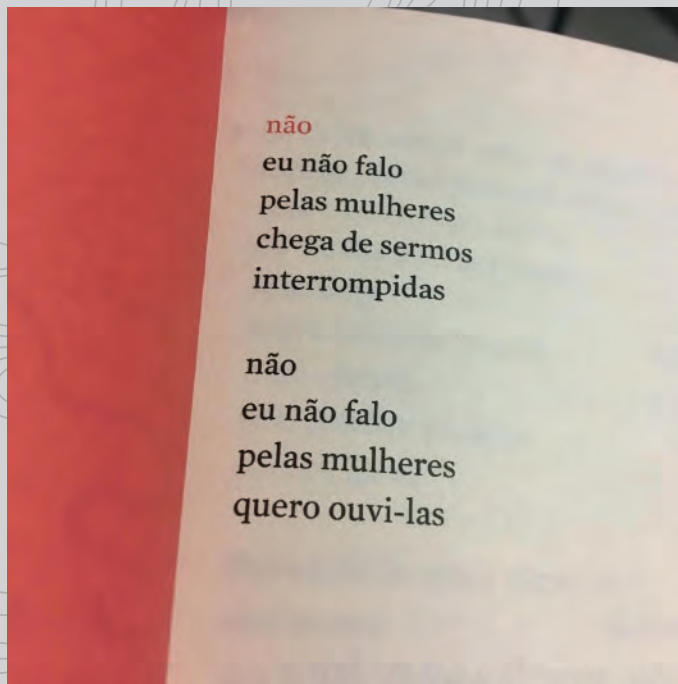
nosso corpo, as regras deles
violadas dentro de casa
na mais movimentada das ruas

oras, empregadas
toda as mulheres
são pássaros
que o patriarcado
tenta aparar as asas
em cada grito sufocado
na vigilância às minissaias
ou na proteção concedida
ao brother canalha
assim mesmo
muitas e muitas
asas aparadas
levantam voo

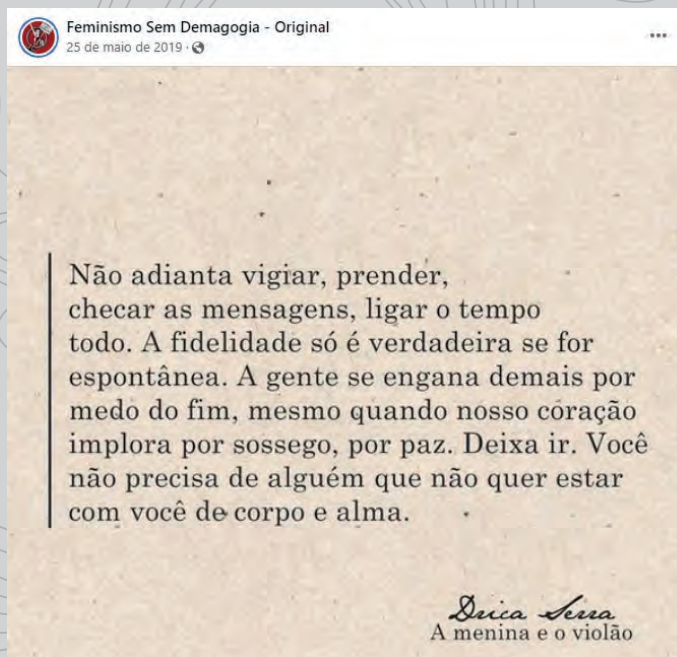
Não é só o medo de estar sozinha
É o medo daquela situação volte
Dos gritos e surras reiniciem
Aquele sonho de família feliz
Nunca se concretizar
De estar nadando e nunca chegar
na praia
Da descendência nunca vir
De nunca ser amada
De ser esquecida
Desse ser o fim
Fim

@EUMELCARD0

maio



maio



maio



EDITORAFI.ORG

Mulheres intelectuais na idade média

Entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística - Marcos...



VALKIRIAS.COM.BR

O Conto da Princesa Kaguya e o silenciamento das vozes femininas |

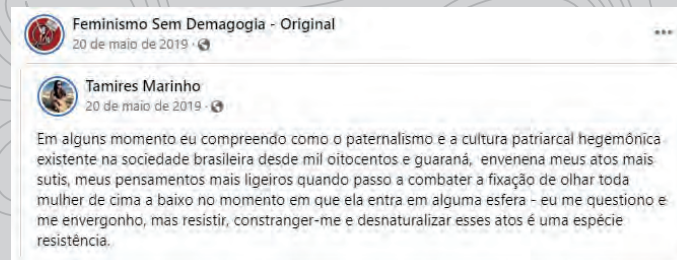
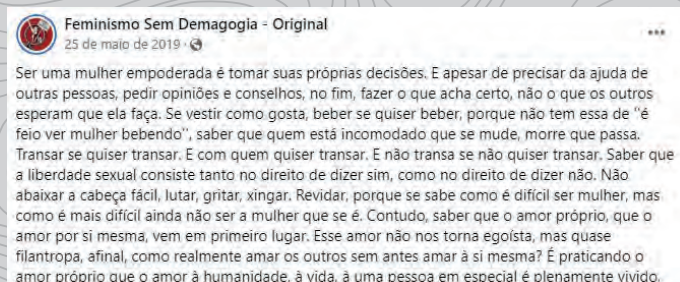
O Conto da Princesa Kaguya, ou Kaguya-hime no Monogatari no original, é um filme do famo...



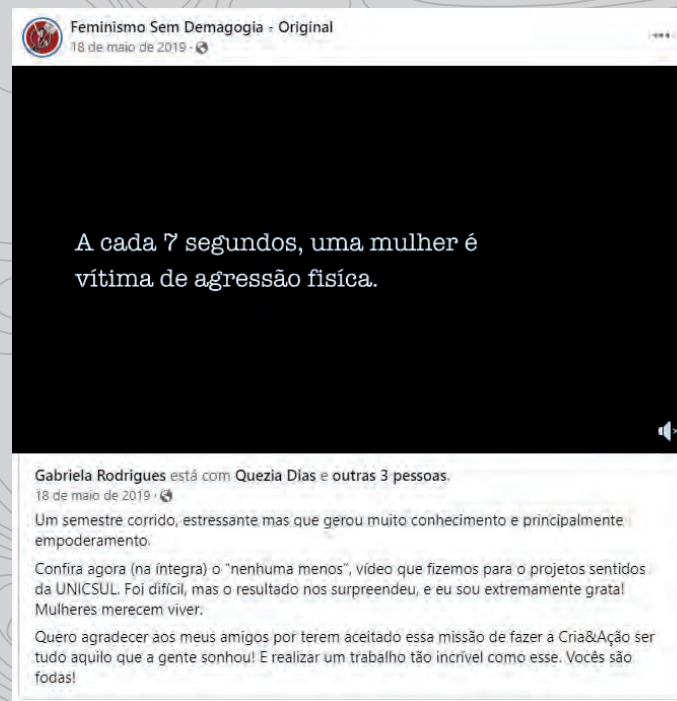
OGLOBO.GLOBO.COM

Inspiradas pelo feminismo, alunas criam coletivos em suas escolas

Coletivos feministas ganham força nas escolas públicas e privadas e trazem para o centro do d...



maio



maio

Feminismo Com Classe
24 de maio de 2019 · 🌐

Sabe quando eles dizem **#OuçamAsPutas**? Então. **#OuçamSobreviventes** 🗣️ TRADUÇÃO

👤 Lou Cahill: Há muitas pesquisas por aí que mostram as falhas do Modelo Nórdico.

👤 Rachel Moran: Eu sou uma das muitas sobreviventes do comércio sexual que lutou pelo Modelo Nórdico na Irlanda, França e outros lugares, Lou. Nós fizemos nossas pesquisas às nossas custas. E as suas, fez onde?

#feminismoradical #antiprostuição #ProstituiçãoÉViolênciaContraAMulher #violênciassexual #ViolênciaMasculina #SexoNãoGênero #Misoginia #ViolênciaContraAMulher

Rachel Moran @RachelRMor... · 4h

I'm one of many sex trade survivors who campaigned for the Nordic Model in Ireland, France and elsewhere Lou. We did our research on the flat of our backs. Where did you do yours?

Lou Cahill, RN @Cahill_Lou · 4h

Em resposta a @wynnebrendan @theRCN e outros 3

medecinsdumonde.org/en/file/145560...

There is a lot of research out there into the failures of the Nordic Model.

Feminismo Com Classe
19 de maio de 2019 · 🌐

O termo interseccionalidade que implica em uma análise em que dois ou mais opressões são analisadas juntas se tornou uma forma de feministas brancas se apresentarem como "boazinhas". (...)

O que significa racializar o feminismo? Pôr raça na análise em mesmo nível de importância que sexo; não como "recorte", mas junto de.

#feminismoradical #racismo #feminismonegro

SOCIEDADE RACISTA
NÃO BASTA
NÃO SER RACISTA
É NECESSÁRIO
SER
ANTIRRACISTA

LINK.MEDIUM.COM

"Racismo no feminismo e a necessidade de se racializar o discurso e a prática feminista"

Feminismo Com Classe
23 de maio de 2019 · 🌐

Para os liberais, a liberdade de expressão nunca deve ser sacrificada por outros objetivos sociais. Mas o liberalismo nunca entendeu que a liberdade de expressão dos homens silencia a liberdade de expressão das mulheres.

O objetivo social é o mesmo, apenas são outras pessoas. É assim que uma desigualdade real, um conflito real, uma disparidade real de poder social se parece.

[...] É difícil demonstrar empiricamente que a pornografia congela a [liberdade de] expressão das mulheres, porque o silêncio não é eloquente. Contudo, não é mais do que esse mesmo tipo de evidência, o argumento de que suprimir a pornografia poderia prejudicar a liberdade de expressão legítima, que tem sido usado para apoiar sua proteção.

A ideia é que palavras ou imagens podem ser prejudiciais somente se elas produzirem danos de uma forma que seja considerada uma ação.

Palavras operam na província das atitudes, ações operam no reino do comportamento. Palavras não podem constituir dano por si próprias — oh, esqueça esse negócio de difamação, invasão de privacidade, chantagem, suborno, conspiração ou a maior parte dos assédios sexuais.

Mas o que é dizer "mate" para um cão de guarda treinado: uma palavra ou uma ação? Qual é o treinamento dele?

Que tal uma placa onde se lê "Apenas Brancos"? Esta é a ideia ou a prática da segregação?

Uma mulher é violada por uma atitude ou um comportamento? E qual deles é uma excitação sexual?

Ao invés da causalidade mais complexa implícita nos exemplos acima, a visão se tornou que a pornografia deve causar danos como a negligência causa acidentes de carro ou seus efeitos não são reconhecidos como danos.

O problema com essa concepção (...) positivista (...) de dano é que o modo como a pornografia mira e define as mulheres para abusar e discriminar não funciona assim. Ela efetivamente machuca indivíduos, não como indivíduos num sentido de um-de-cada-vez, mas como membros do grupo "mulheres".

Pada o governo, o problema é evitar restringir aquilo que, sem as restrições do governo, é livre [a liberdade de expressão]. Isso tende a pressupor que segmentos inteiros da população não são sistematicamente silenciados socialmente, antes mesmo da ação do governo. O lugar da pornografia na desigualdade dos sexos torna tal pressuposto insustentável e faz com que qualquer abordagem à nossa liberdade de expressão seja pior que inútil.

Para as mulheres, a questão urgente da liberdade de expressão não é principalmente evitar a intervenção do Estado como tal, mas encontrar um meio afirmativo para obter acesso à fala para aquelas a quem a fala foi negada.

Feminismo Com Classe
23 de maio de 2019 · 🌐

Ativem legendas no vídeo. Catharine Mackinnon, autora Feminista Radical, foi a jurista responsável por emplacar a lei contra o assédio sexual no trabalho, nos Estados Unidos. Neste vídeo, fala sobre Pornografia.

#antipornografia #pornografiamatamulheres #CulturaDoEstupro #RecuseAClicar

CATHARINE MACKINNON
"What They're Learning to Sexualize"

- As ciências sociais mostram

Feminismo Com Classe
15 de agosto de 2018 · 🌐

Catharine MacKinnon, jurista e autora feminista, fala sobre o fenômeno da Pornografia. Compartilhe!

#AntiPornografia #FeminismoRadical

Feminismo Com Classe
21 de maio de 2019 · 🌐

Mas por que a minha mãe ou a mãe das minhas amigas ou as minhas vizinhas de 40, 50, 60 anos iriam querer saber disso? Por que elas iriam numa reunião na universidade — a maioria delas tendo abandonado a escola antes do ensino médio para cuidar da casa ou trabalhar e alimentar filhos — falar sobre "ser vadia"? Sobre "o corpo é da mulher e ela dá pra quem quiser"? Para a maioria das mulheres — e elas eram maioria em relação a nós, na nossa bolha universitária — dar para quem quiser não significava nada, porque o próprio sexo era um campo de guerra.

#feminismo #feminismoradical #patriarcado

LINK.MEDIUM.COM

"Sobre pautas, ações e prioridades"
A place where words matter

maio

Feminismo Com Classe
23 de maio de 2019 · 🌐

Nat Nat
22 de maio de 2019 · 🌐

Feministas radicais negras existem, viu? Só não estão no toplist das suas "digital influencers" favoritas. O racismo é de quem, né? Mas eu posso facilitar aqui um pouquinho:

Temos Yasmin Moraes construindo um feminismo radical negro.
Temos Eugenia Rodrigues falando de bloqueadores de puberdade na infância e como isso pode ser prejudicial.
Temos Marcelle Santana botando a mão na massa no PCdoB la da Bahia.
Fora do Brasil? Temos Mel Gamboa, na Angola.

Comece por elas.

Eu concordei por muito tempo com a crítica de que o feminismo radical não adotava uma leitura mais voltada à raça, mas compreendo que as autoras da segunda onda não escreveram bíblias imaculadas, mas obras que foram um primeiro passo, pra A GENTE dar continuidade.

Nós somos as novas autoras.

Nós estamos se fodendo pra construir um feminismo radical latino, negro, mais voltado à raça e a classe. Estou sentindo falta de mais materiais e ações sobre mulheres indígenas mas, aos passos que estamos, vai ter.

Mas por falar em feminismo radical e negritude, saibam que duas das mais influentes autoras reconhecidas pelo feminismo radical são Audre Lorde e Angela Davis.

Sim, elas são segunda onda também e fazem parte de todo um movimento que hoje chamamos de radical, mas que antes só se chamava feminismo mesmo. Elas faziam feminismo radical negro e até hoje as temos como referência para falar de negritude, apesar de estarmos nos construindo enquanto novas autoras e atualizando o movimento aqui.

Tira um pouco o foco das adolescentes que, em 2017, começaram a falar em nome do radical por moda, e foca agora em 2019, em mulheres que estão tentando construir espaço, que estão tentando atualizar a visão. E as ajude, ou fique calada em seu respeito.



Diários de uma feminista
23 de maio de 2019 · 🌐

hiley myrus
@luizadutr

Gurias vamo combina um bagulho nA MORAL
Se um cara q namora ta trovando vcs não soltem charadinhas do tipo "namora mas vive me chamando" "tua namorada sabe q tu me chama?" PQ ELA NAO SABE Entao CONTA PRA ELA expõe mesmo faz escarcéu pq ninguém merece ser enganada por homem babaca

10:02 PM · 23 abr 18

Diários de uma feminista
24 de maio de 2019 · 🌐

Infelizmente os machos respeitam mais outro macho qualquer que seu direito de dizer não.

Vulgar, vazia e infeliz
@bttlborn

lembrando do dia que não quis ficar com um menino na balada e disse "tenho namorado" daí ele "nossa e ele deixa você ir sozinho pra festa?" e eu tive que militar sobre um relacionamento que não existe



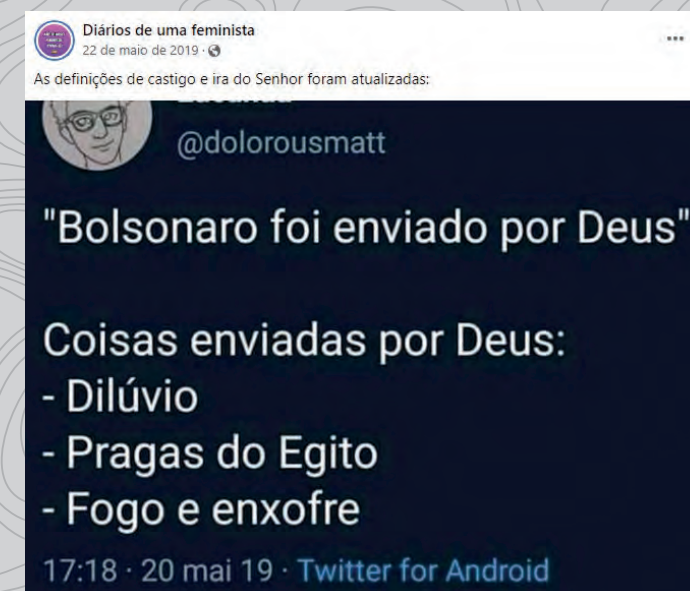
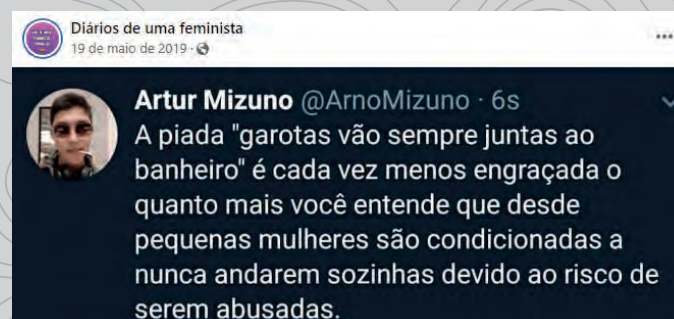
Diários de uma feminista
24 de maio de 2019 · 🌐

masculinidade frágil o nome

Galos Tunados 24h
@olegariogario

e o homem hetero que criou a palavra "presença" pra nao chamar outro homem de "bonito"

maio

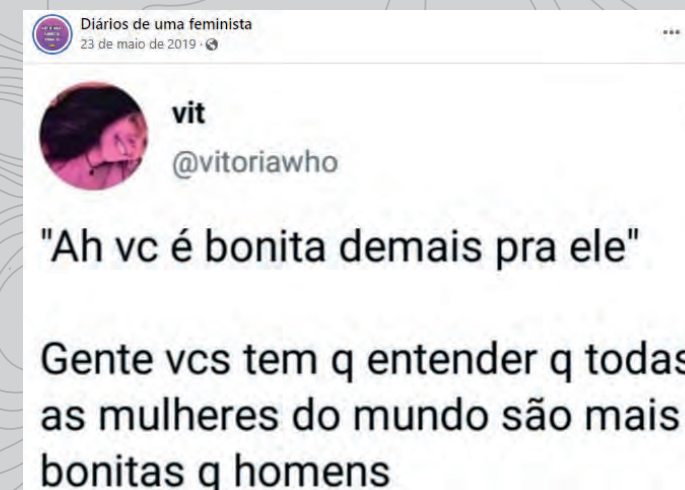


maio



Soraya Sehli
May 24, 2019 · 🌐

Nise da Silveira (1905-1999) foi uma médica psiquiatra brasileira que revolucionou o tratamento de saúde mental no Brasil. Ela foi uma das pioneiras da terapia ocupacional, atuando no Rio de Janeiro. Seus clientes, como ela chama, realizavam diversas formas de arte, desde a escrita até a pintura. Essas obras estão todas no Museu Imagens do Inconsciente, criado pela Nise em 1952.



As Mina na História
21 de maio de 2019

PDF "Mulheres Intelectuais na Idade Média".

"É corrente afirmar-se que, antes da chamada Modernidade, não há registro de mulheres na construção do pensamento erudito. Que, se tomarmos como exemplo a Filosofia e a Teologia, as quais foram as duas áreas do conhecimento que mais produziram intelectuais durante a Idade Média, não encontraremos a presença das mulheres intelectuais nesse período. Realmente, se nos basearmos em alguns dados empíricos, como, por exemplo, os Manuais ou Compêndios de Filosofia (comumente chamados de História da Filosofia), pelo menos na sua grande maioria, não aparece nenhuma mulher na lista dos chamados Filósofos. Também nos Manuais de Teologia há uma ausência total das mulheres. Esses e outros exemplos levam à afirmação corrente, porém não muito científica, de que o Pensamento Ocidental é essencialmente machista, no sentido de que foi ou é construído exclusivamente por homens. Entretanto, apesar de todas as evidências, se vasculharmos a construção do Pensamento Ocidental veremos que as mulheres sempre estiveram presentes, contribuindo indireta ou diretamente, seja como sujeito passivo ou ativo desta história. E até é possível identificar a presença de algumas delas já nos tempos remotos, na Filosofia Clássica Antiga, por exemplo, passando pela Antiguidade Tardia, pela Patrística (ou Alta Idade Média), pela Escolástica (ou Baixa Idade Média), até alcançarmos o Renascimento."



Mulheres Intelectuais na Idade Média
Entre a Medicina, a História, a Poesia, a Dramaturgia, a Filosofia, a Teologia e a Mística

EDITORAFI.ORG
Mulheres intelectuais na idade média
Entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística - Marcos...



Se você não reconhece a realidade material do sexo biológico ou seu significado como um eixo da opressão, sua teoria política não pode incorporar qualquer análise do patriarcado. A subordinação histórica e contínua das mulheres não começou porque alguns membros da nossa espécie optaram por se identificar com um papel social inferior (sugerir isso seria uma flagrante culpabilização da vítima).

Tal fato emergiu como meio pelo qual os machos pudessem dominar a metade da espécie capaz de gerar crianças, a fim de explorar sua sexualidade e seu trabalho reprodutivo. Não podemos entender o desenvolvimento histórico do patriarcado e a existência contínua da discriminação sexista e da misoginia cultural, sem reconhecer a realidade da biologia feminina e a existência de uma classe de pessoas biologicamente femininas.

Rebecca Reilly-Cooper

junho



junho



junho



junho

Feminismo pra quê?
24 de junho de 2019 · 🌐

Eu e quem

Ver original · Classifique esta tradução

Quando te mueres pero escuchas a alguien hacer un comentario machista en tu funeral:



Estudios de Género en América Latina
24 de junho de 2019 · 🌐

Feminismo pra quê?
24 de junho de 2019 · 🌐

Todo o apoio à Preta Ferreira e ao movimento de luta por moradia em SP nesse momento

PELA LIBERAÇÃO IMEDIATA DE

PRETA

SIDNEY, EDNALVA E ANGELICA



Feminismo pra quê?
24 de junho de 2019 · 🌐

Nem só de derrotas vive a democracia
#Política #LGBT
#Homofobia #Transfobia

Brasília colorida

- ▶ Pela primeira vez na história, o Congresso Nacional vai ter a fachada iluminada nas cores do arco-íris.
- ▶ A ideia de David Miranda (PSOL) — apoiada pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM) — é que a iluminação permaneça por toda a semana, a partir de hoje, para homenagear os 50 anos do levante de Stonewall, um bar de Nova York frequentado por LGBTIs, que eram vítimas frequentes de ataques de policiais.

junho



Fátima Rios
@fafarioss

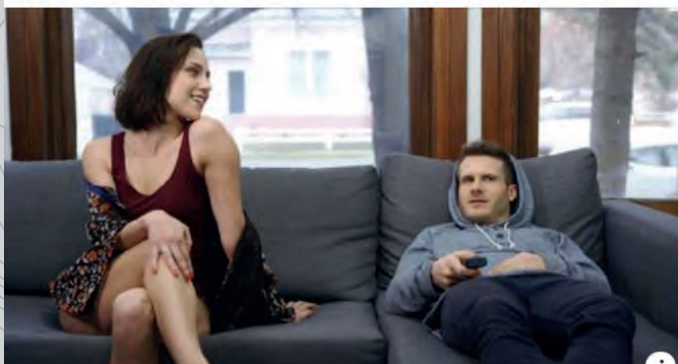
PODE PEGAR NA MINHA MÃO.

Se alguma mulher q está andando sozinha pela rua e se sente ameaçada ou sabe que a estão seguindo, pode pegar minha mão sem vergonha e finja q me conhece a vida inteira. Caminhe ao meu lado, me diga o q está acontecendo e o q posso fazer para ajudar.



Feminismo pra quê?
18 de junho de 2019

limites:
casal hetero:



REVISTAPEGN.GLOBO.COM

Casal inventa dispositivo que diz quando o parceiro está a fim de ter relações sexuais



Feminismo pra quê?
21 de junho de 2019

/reflitam

#Aborto #Paternidade #Maternidade #Trans



Lucci Laporta

15 de junho de 2018

Os homens trans grávidos vão passando pela sua TL para advertir: não é só mulher cis que tem capacidade gestativa, não é só casal hetero(cis) que pode gerar uma criança da forma mais convencional possível.

Portanto, o aborto é direito de todas as pessoas que podem gestar, não só das mulheres cis. Então pode ir tirando esse "feminismo" biologicista e supremaCISTA da minha TL. Obrigada, de nada.



Feminismo pra quê?
19 de junho de 2019

Tá explicado.



Renan Oliveira ▶ **Libertarianismo**

16 mins

Quanto mais cedo a mulher engravidar, menos chances do filho nascer homossexual, pois até os 25 anos a mulher tem mais testosterona e para um filho nascer homossexual ele tem que receber muito estrogênio na barriga da mãe. É por isso que existem poucos favelados homossexuais pois a maioria procria cedo. Mulheres brancas que procriam tarde tem seus filhos homossexuais.

Todo Dia Um Macho Me Dando Uma Aula Não Solicitada

19 de junho de 2019

Via Eu sou contra a inteligência



Feminismo pra quê?
21 de junho de 2019

7 - Não pediram sua opinião.



Jade

@netadasbruxas13

Mulheres que não querem ser mães:

- 1-Não são egoístas.
- 2-Não são imaturas.
- 3-Não odeiam crianças.
- 4-Não são menos mulheres.
- 5-Não estão perdendo o bom da vida.
- 6-Não é da sua conta.

8:51 AM · 19 jul 18

Universo Feminista

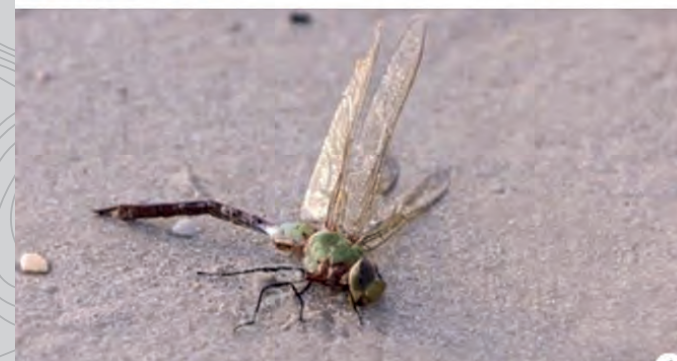
19 de junho de 2019



Feminismo pra quê?
19 de junho de 2019

Aparentemente "machos indesejáveis e insistentes" não são privilégio da espécie humana.

#Ciência #Humor #Acasalamento



OVELHASVOADORAS.COM.BR

Cientistas descobrem que libélulas fêmeas se fingem de mortas pra machos indesejáveis e insistentes

Feminismo pra quê?
20 de junho de 2019 · 🌐

"Quer atacar o problema da violência? Tem que ir lá atrás. Três condições aumentam o risco de violência. (...) São as crianças que sofreram abuso na infância ou tiveram uma infância abandonada. Que na adolescência não tiveram imposição de limites ou conviveram com outros mais violentos. É a condição de milhões de brasileiros. É de estranhar que não tenhamos mais gente ainda envolvida com o crime."

- Drauzio Varella -



EL PAÍS
BRASILELPAIS.COM

Drauzio Varella: "O único lugar em que a mulher tem liberdade sexual é na cadeia"
Em novo livro sobre suas experiências em uma penitenciária feminina, oncologista e escritor di...

Quem disse que mulher não manja?
17 de junho de 2019 · 🌐

[Quem disse que mulher não manja?](#)



UNIVERSA.UOL.COM.BR

Pela 1ª vez, Miss EUA, Miss America e Miss Teen EUA são mulheres negras
Quando Cheslie Kryst foi coroada Miss EUA na última quinta-feira (2), a advogada estava ajuda...

Feminismo pra quê?
17 de junho de 2019 · 🌐

"Em entrevista exclusiva ao Fantástico, Madonna falou sobre o novo álbum (Madame X), a parceria com Anitta, tabus da idade e a vida em Portugal. A cantora recebeu o repórter Pedro Vedova no dia dos namorados, em Londres, e brincou: "onde estão minhas flores, meus doces, as velas?"."

#Queen #Madonna #Música #Arte

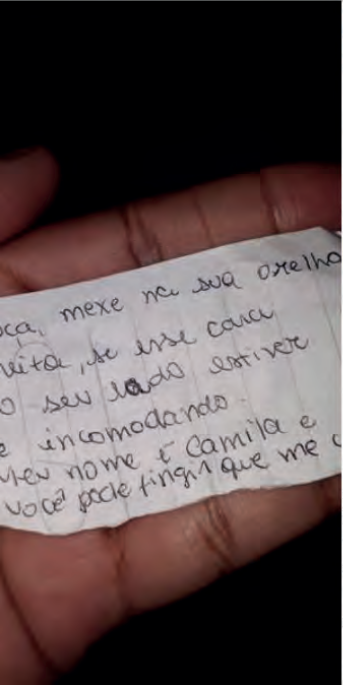


G1.GLOBO.COM

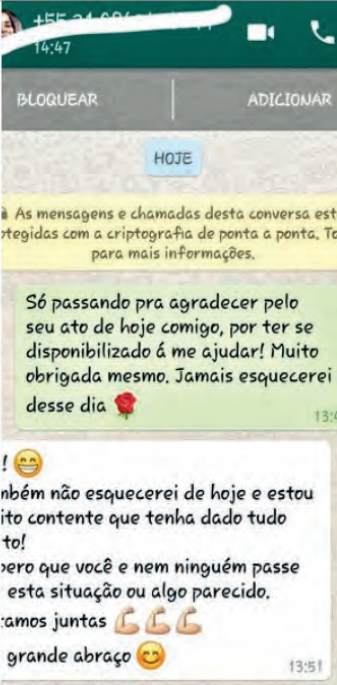
"Se eu fosse um homem, não estaríamos discutindo a minha idade", diz Madonna em entrevista ao Fantástico

Quem disse que mulher não manja?
18 de junho de 2019 · 🌐

[Quem disse que mulher não manja?](#)



que, mere na sua orelha
uita, de esse caqui
o seu lado estive
e incomodando
ven nome e Camila e
você pode fingir que me c



14:47

BLOQUEAR | ADICIONAR

HOJE

As mensagens e chamadas desta conversa estã
rtegidas com a criptografia de ponta a ponta. To
para mais informações.

Só passando pra agradecer pelo
seu ato de hoje comigo, por ter se
disponibilizado á me ajudar! Muito
obrigada mesmo. Jamais esquecerei
desse dia 🌹

13:4

! 😊
nbém não esquecerei de hoje e estou
ito contente que tenha dado tudo
to!
pero que você e nem ninguém passe
esta situação ou algo parecido.
amos juntas 🤗🤗🤗
grande abraço 😊

13:51

Quem disse que mulher não manja?
23 de junho de 2019 · 🌐

Toque-se!
[Quem disse que mulher não manja?](#)



Previna-se contra o câncer de mama
X SE TOQUE X

Que cê tá fazendo ali?

O câncer de mama não é restrito apenas às mulheres. Pois os homens também têm tecido mamário.

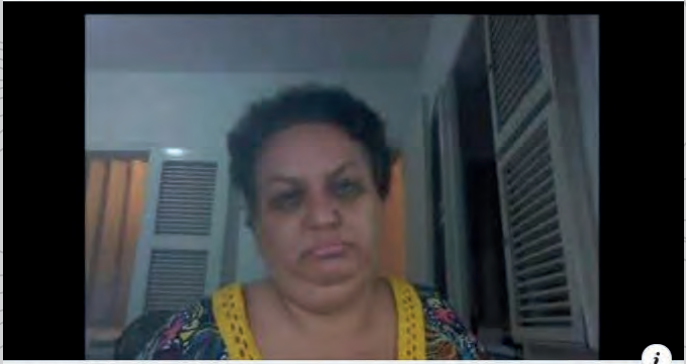
hooo! Eu não sabia!

Pois é! É raro, mas acontece.

Quem disse que mulher não manja?
17 de junho de 2019 · 🌐

<https://youtu.be/JwSxtAlpt9w>

[Quem disse que mulher não manja?](#)



YOUTUBE.COM

O CASO RHUAN NÃO TEM NADA A VER COM IDEOLOGIA DE GÊNERO
A extrema-direita vem usando o crime hediondo contra o menino Rhuam para atacar seus alvo...



junho

Delirium Nerd
22 de junho de 2019 · 🌐

No começo, Nnedi escrevia livros infantojuvenis. Obras como "The Shadow Speaker" e "Zahrah the Windseeker" foram aclamadas pela crítica e indicadas a diversos prêmios. Em 2011, seu primeiro livro para adultos, "Quem Teme a Morte", ganhou o World Fantasy Award de melhor romance.



DELIRIUMNERD.COM
[QUADRINHOS] Mulheres nos Quadrinhos: Nnedi Okorafor
Ganhadora de um Hugo Award em 2016, Nnedi Okorafor encanta com seu amor por suas raiz...

Delirium Nerd
20 de junho de 2019 · 🌐

"Dance of Thieves funciona bem como um romance de fantasia. Contudo, peca em alguns pontos. Além das questões de diversidade, poderia desenvolver mais as tramas políticas, mesmo para um livro introdutório, e explorar melhor outros personagens além de Kasi e Jase."



DELIRIUMNERD.COM
[LIVROS] Dance of Thieves: é possível quebrar estereótipos na fantasia?
O primeiro livro da série Dinastia de Ladrões aborda uma história de descobrimento entre per...

Delirium Nerd
20 de junho de 2019 · 🌐

"Antes de Marta surgir, houve uma outra brasileira que encantou os olhos do mundo costurando no meio-campo, driblando quem aparecesse pela frente e fazendo gols de fora da área com uma canhoto poderosa. Sisleide Lima, que ficou conhecida desde sempre como Sissi, fez parte da primeira seleção brasileira de mulheres já formada, em 1988, e atuou com a camisa amarela até 2000. Só não jogou mais porque não deixaram."

via: [dibradoras](#)



DIBRADORAS.BLOGOSFERA.UOL.COM.BR
Brasil já teve gênio antes de Marta. E a rejeitou por um cabelo raspado
Veja resultados, notícias, entrevistas, fotos, vídeos e os bastidores do esporte. Acompanhe ao ...

Delirium Nerd
June 17, 2019 · 🌐

"(...) Ambas são mulheres extremamente independentes, cuja história é guiada pela força do próprio caráter (...)."



DELIRIUMNERD.COM
A força de Okoye e o brilho de Shuri mereciam mais do que o visto em Vingadores

Delirium Nerd
21 de junho de 2019 · 🌐

Para além de violência sofrida pelos cinco garotos, o que está sendo mostrado também são as suas vidas e a humanidade que foi retirada deles quando jovens – e daí vem a importância da história ter sido contada pela diretora Ava DuVernay e por sua equipe, formada em grande parte por pessoas negras, além das próprias vítimas terem participado do processo de produção da série.



DELIRIUMNERD.COM
"Olhos que Condenam" e a importância de contarmos nossas próprias histórias
Olhos que Condenam (When They See Us no original) é uma minissérie da Netflix, criada e diri...

Débora Brasil
@deborabrasil25

A igreja incentiva pai a não aceitar o PRÓPRIO filho LGBT, mulher a perdoar agressões do marido; fazem sinal de arma NA IGREJA, até movimento "armas pela VIDA"

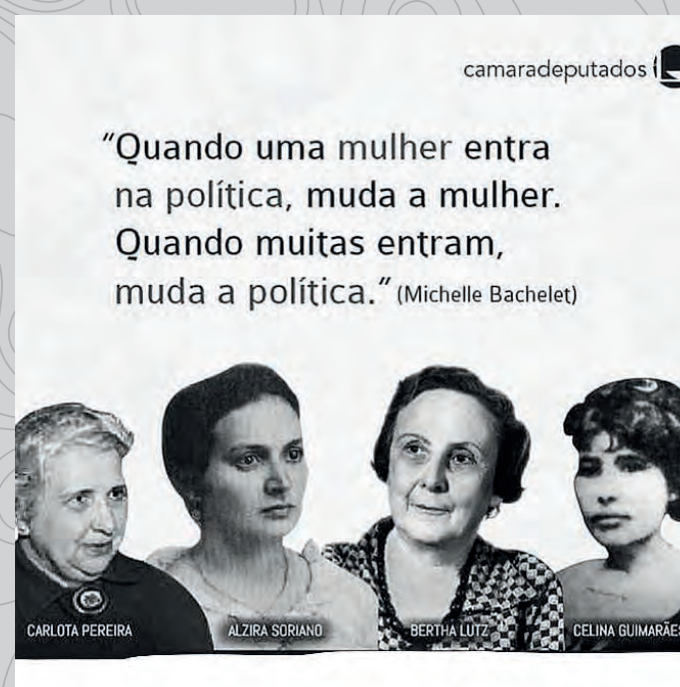
Se Jesus voltasse defendendo minorias, pedindo justiça, e ã morte, como no passado, seria crucificado de novo. Pela igreja.

junho

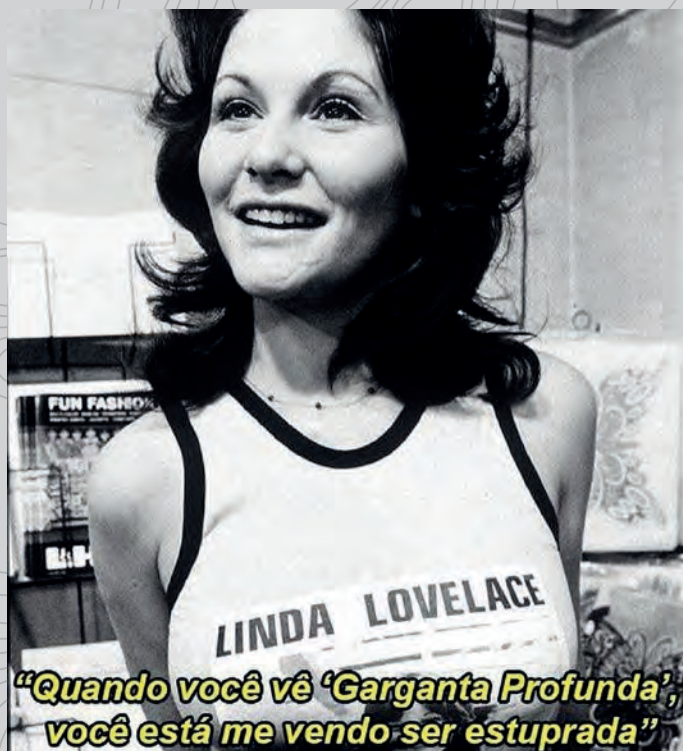


A Oração do Narcisista
Aquilo nunca aconteceu
E se aconteceu, não foi tão mau assim
E se foi, também não é pra tanto
E se é, não é culpa minha
E se for, não foi minha intenção
E se foi
Você mereceu.

junho



junho



julho



QG Feminista

22 de julho de 2019 · 🌐

Poucas coisa são mais didáticas para entender a opressão sistêmica de mulheres do que notícias de outros países. No giro de hoje vamos à França e o assunto é prostituição.

Bordeaux, França.

Uma jovem francesa saiu de férias com dois amigos homens. Ao chegar ao destino ela foi mantida em cárcere privado num quarto de hotel e vendida para a satisfação sexual de outros homens.

Depois de 2 dias a mulher conseguiu convencer um prostituinte, também chamado de cliente pelo putativismo, a lhe emprestar o telefone. Ela entrou em contato com uma parente que então chamou a polícia. Os homens foram presos e vão responder pelos crimes de sequestro, cárcere privado e proxenetismo. Eles usavam o dinheiro para pagar as despesas com o "estilo de vida de viagem".

De acordo com as investigações iniciais, os dois homens postaram um anúncio em sites dedicados à prostituição on-line. "A viagem deles durou pelo menos três dias e a vítima teria sido visitada por mais de uma dúzia de clientes", diz uma fonte ligada a investigação.

#QGPeloMundo #França Ver menos

Chimamanda Ngozi Adichie

COMO SÃO CONTADAS, QUEM
AS CONTA, QUANDO E QUANTAS
HISTÓRIAS SÃO CONTADAS,
TUDO REALMENTE DEPENDE DO
PODER. PODER É A HABILIDADE
DE NÃO SÓ CONTAR A
HISTÓRIA DE OUTRA PESSOA,
MAS DE FAZÊ-LA A HISTÓRIA
DEFINITIVA DAQUELA PESSOA.



ENEGRECER O FEMINISMO
JULHO DAS PRETAS



Oyinkan Braithwaite



INTELECTUAIS NEGRAS
JULHO DAS PRETAS



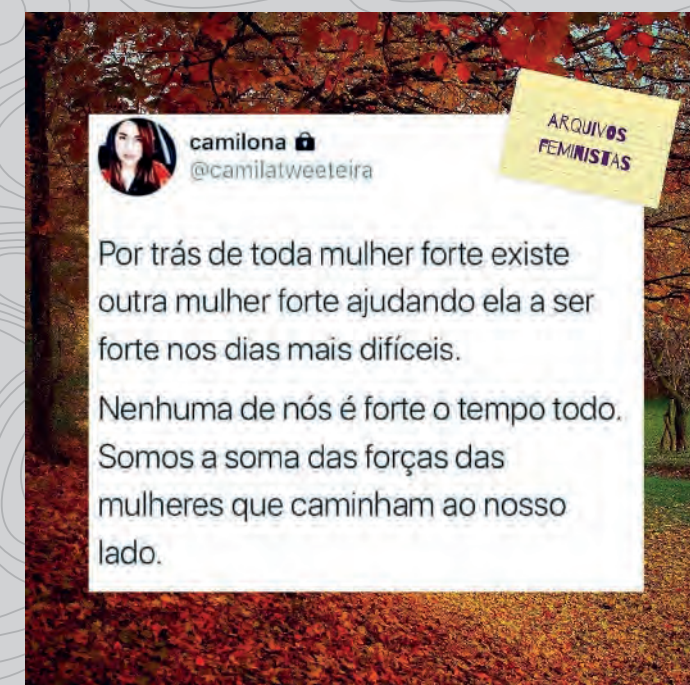
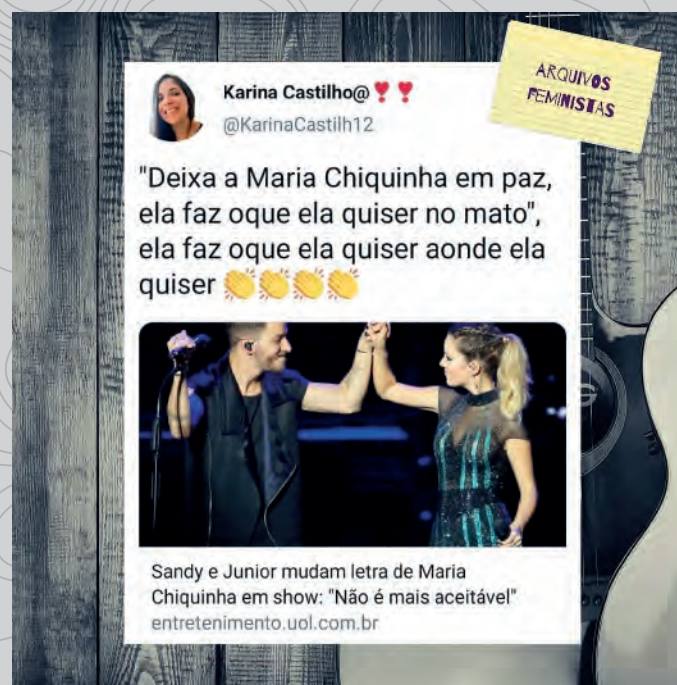
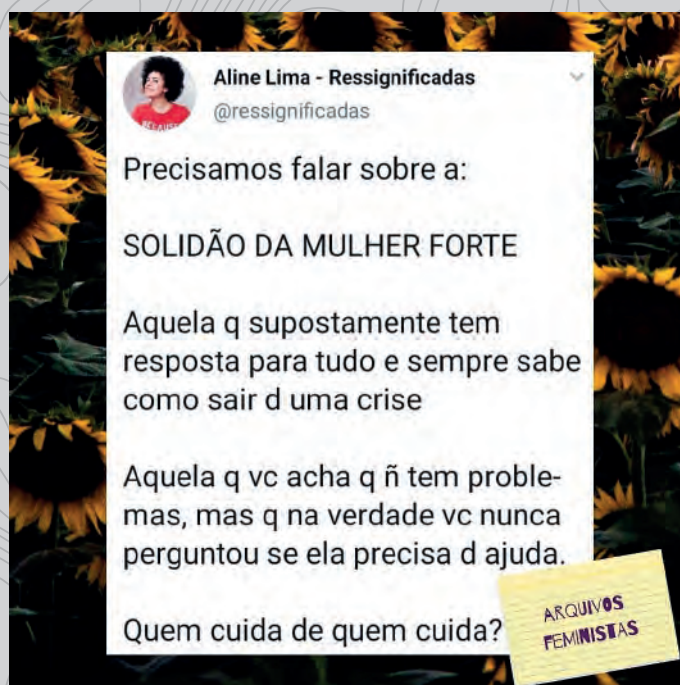
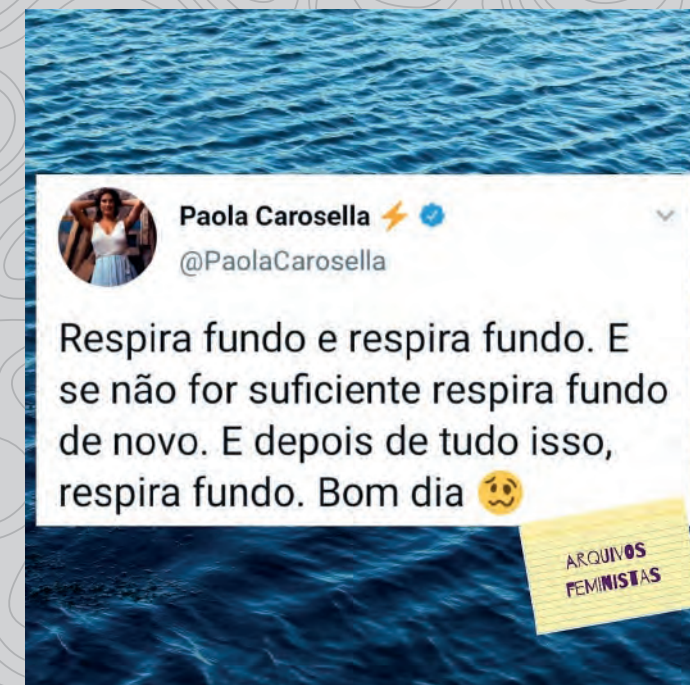
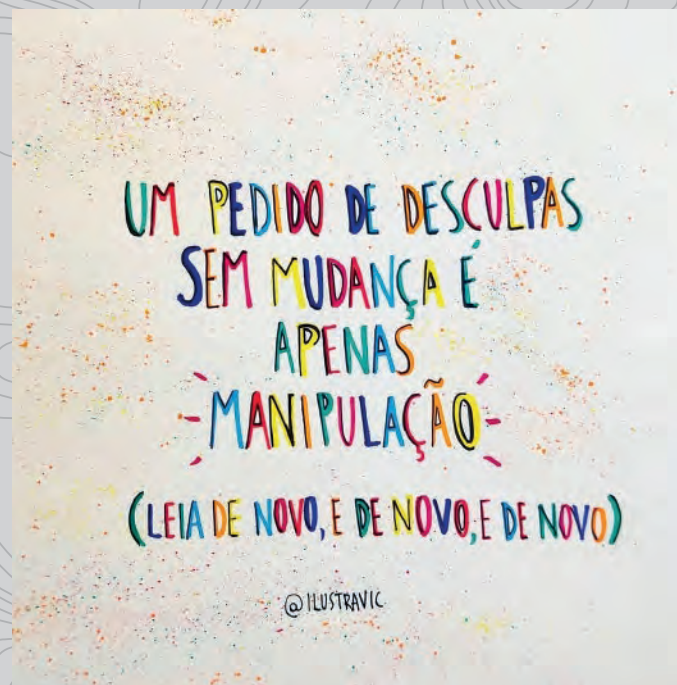
Bolsonaro anuncia suspensão de vestibular da Unilab para pessoas trans e intersexuais

opovoonline

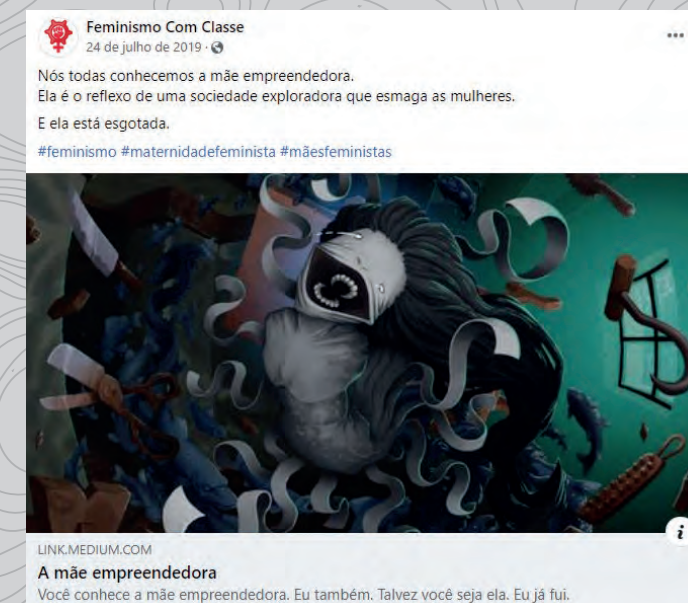
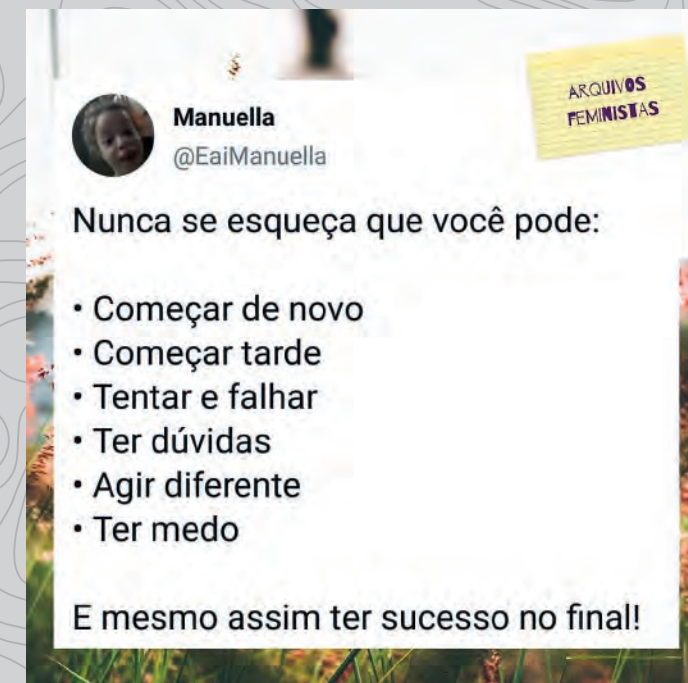
OPOVO online

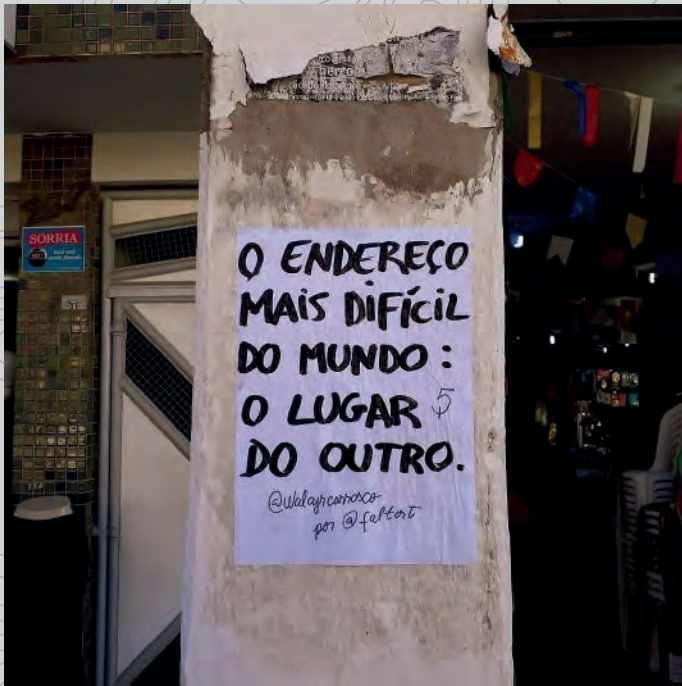


julho



julho





Manuella
@EaiManuella

ARQUIVOS FEMINISTAS

Nunca se esqueça que você pode:

- Começar de novo
- Começar tarde
- Tentar e falhar
- Ter dúvidas
- Agir diferente
- Ter medo

E mesmo assim ter sucesso no final!

Feminismo Com Classe
24 de julho de 2019 · 🌐

"O presente debate em torno da auto-identificação confunde "sexo" e "gênero" e não entende que desafiar a discriminação específica enfrentada pelas pessoas trans não é prejudicado pela resistência à opressão secular das mulheres como um sexo biológico."

Tradução de Carlota P.

#feminismo #teoriafeminista #mulherescomunistas #mulherescontraocapital

MEDIUM.COM
Mulheres, classe e gênero – uma perspectiva comunista
MARY DAVIS explica a compreensão do Partido Comunista da Grã-Bretanha sobre a diferença ...

Feminismo Com Classe
21 de julho de 2019 · 🌐

Eu os ouço dizendo "vá para casa", eu os ouço dizendo "malditos imigrantes", "malditos refugiados", Eles são mesmo tão arrogantes? (...) Tudo que eu posso dizer é, eu já fui como você, a apatia, a pena, o pertencimento ingrato, e agora o meu lar é a boca de um tubarão, agora meu lar é o cano de uma arma. Vejo você do outro lado.

LINK.MEDIUM.COM
Tradução de "Conversas Sobre o Lar (no Centro de Deportação)" — Warsan Shire
Tradução do texto "Conversations About Home (at the Deportation Centre)" da poeta somali ...

LIVE HOJE, 18H30 (DF)

ABOLICIONISMO & PROSTITUIÇÃO

Mitos & Fatos Reais

FIQUE RICA SENDO OPRIMIDA

julho

Feminismo Com Classe
21 de julho de 2019 · 🌐

 **Daiane Novaes**
20 de julho de 2019 · 🌐

O que nós enquanto feministas dizemos: "Olha, tem hábitos muito arraigados em nossa cultura que são bastante questionáveis, perniciosos e nocivos às mulheres, e configuram obstáculos para a equidade entre os sexos, não desejáveis na sociedade igualitária que pretendemos construir conjuntamente. Seria importante reconsiderar nossas ações, questionar velhas práticas, principalmente as injustas e violentas às mulheres. Não é pq sempre foi feito que seja bom e deva ser perpetuado. 'O pessoal é político'. Não custa repensar ações, rever condutas e desconstruir nossas maneiras de ver, agir e, principalmente, ensinar papéis nocivos de gênero às crianças (pq o resultado da velha forma nós já conhecemos e não é bom). Mas a gente entende que ideologia muitas vezes é imperceptível, a gente simplesmente aprende e repassa, como verdade absoluta, sem crítica e sem reflexão sobre os impactos de nossas ações. Por isso é importante falar sobre nossos hábitos cotidianos, desdobrá-los, refletir sobre eles. Porque é ali, no núcleo das instituições, seja familiar, escolar, religiosa, laboral, social, nas conversas corriqueiras e pequenas ações, que as ideologias se repassam e se perpetuam."

O que a galera entende: O que? Tá querendo mandar em mim? Quer interferir na maneira que educo MEU FILHO? Do meu filho cuido eu! Cada um faz o que quer. Cada um com seus problemas. O filho é meu faço o que eu quero. O dinheiro é meu. A vida é minha. Cuida da sua vida. Mimimi. Chatas. Pronto, não tem nada pra pensar? Tanta coisa mais importante. O filho é meu e eu bato sim. Apanhei e não morri. A filha é minha eu furo a orelha sim. Dói mas passa. Não foi abuso, o tio sempre brincou assim com as sobrinhas. Homem usa azul, menina usa rosa. A mulher é minha e não deixo trabalhar mesmo. Filho com jeitinho meio assim já corrijo na porrada mesmo. Menina tem que brincar de boneca. Menino de bola. Tem que mandar as meninas fechar as pernas mesmo. Prende as cabritas que meu bode tá solto. Menina tem que limpar a casa. Menino é preguiçoso mesmo. Ah, homem trai mesmo. Mulher que trai tem que morrer. Homem as vezes perde a paciência, mas não queria agredir. Ela tava pedindo. Mulher é tudo assim mesmo. Ai gente como o mundo tá chato. Politicamente correto. Homem e mulher é diferente mesmo. Sempre foi assim. Desde que o mundo é mundo. Femimimimista. Tá querendo mudar a ordem das coisas....

·
·
·
Não dá.
Parece até idiomas diferentes.

Feminismo Com Classe
23 de julho de 2019 · 🌐

"Qual a classe social de uma enfermeira que se casa com um médico, continuando a trabalhar em meio período como enfermeira? Da mulher vinda de uma família acadêmica que passa a depender do Estado quando seu marido psicanalista desaparece repentinamente? Da secretária que se casa com seu chefe, um executivo? Da adolescente que fugiu de casa para escapar do estupro incestuoso e acabou nas mãos de cafetões? Esses exemplos não significam que classe não existe ou que a mobilidade de classes é assim tão grande. Mas eles mostram sim que a classe social de uma mulher é significativamente mediada pela relação das mulheres com os homens."

Catherine MacKinnon - A caminho de uma teoria feminista do Estado

👍❤️ 74

1 comentário 13 compartilhamentos

Feminismo Com Classe
20 de julho de 2019 · 🌐

#repost



Feminismo Com Classe
20 de julho de 2018 · 🌐

Feminilidade não é apenas um conjunto de estereótipos estéticos impostos ao sexo feminino. É, sobretudo, uma socialização de submissão: são trejeitos, são comportamentos, é cada uma das características que nos fazem entranhar tão profundamente que moldam sua forma de ver, ser e estar no mundo. Daí a famosa frase de Beauvoir: "não se nasce mulher, torna-se". Exatamente por isso, a mera performance da feminilidade não pode ser considerada um emular da feminilidade per se. Como as profundas consequências do racismo não podem simplesmente ser emuladas por brancos, as consequências viscerais de uma socialização feminina não podem ser emuladas por homens, especialmente após uma vida de socialização contrária.

"Imagine que por centenas de anos seus traumas mais formativos, seu sofrimento e dor diários, o abuso que você vive, o terror com o qual você vive são indizíveis - não a base da literatura. Você cresce com seu pai te segurando e cobrindo sua boca para que outro homem possa causar uma terrível dor lancinante entre suas pernas ... Você aprende a sair do seu corpo e criar alguém que assume o controle quando você não aguenta mais. Você desenvolve um eu que é insinuante e obsequioso e imitativo e agressivamente passivo e silencioso - você aprende, numa palavra, a feminilidade."

- Catharine MacKinnon

Catharine Alice MacKinnon é uma jurista e feminista radical estadunidense, nascida em 7 de outubro de 1946. É professora de direito e membro da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos. MacKinnon foi responsável pela aprovação da lei que reconhecia e criminalizava o Assédio Sexual no trabalho como discriminação sexual. Foi também MacKinnon, junto de Andrea Dworkin, a criar a primeira Lei Anti-pornografia, que dava poder às vítimas de abuso sexual na indústria do sexo para processar e agir sobre seus exploradores.

Feminismo Com Classe
20 de julho de 2019 · 🌐



Rebeca Youssef

20 de julho de 2019 · 🌐

Fotografia tirada ontem durante um protesto à frente do Capitólio, em [#Washington](#). Centenas de manifestantes católicos, incluindo algumas religiosas, juntaram-se para apelar ao fim do tratamento desumano de crianças migrantes na fronteira com o México, pedindo às pessoas de fé que enfrentem as atuais políticas migratórias dos EUA. Sim, é sempre assim que tratam quem luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes.

Foto: REUTERS/Joshua Roberts

Feminismo Com Classe
20 de julho de 2019 · 🌐

Além disso, nas sociedades capitalistas ocidentais, o trabalho é o que você é. Dessa forma, ao fixar mulheres negras em postos determinados de trabalho, fixa-se também uma narrativa sobre as mulheres negras. Ao desumanizar uma advogada negra, o sistema deixa evidente que ela não é lida como uma advogada, ainda que exerça essa profissão.



LINK.MEDIUM.COM

Mulheres negras e trabalho — Considerações a partir do pensamento de Patricia Hill Collins pt1

Série de comentários sobre o Black Feminist Thought realizados como forma de retribuição dos auxílios financeiros recebidos para que eu...

julho

Feminismo Com Classe
19 de julho de 2019

Curtam lá a excelente [Recuse a Clicar](#). Era a antiga página Antipornografia, mas os 5x1 conseguiram derrubar. Afinal, nada mais obsceno que mulheres denunciando a dominação masculina, né não?

#RecuseAClicar #RecuseHomensQueConsomemPornografia #pornografiamatamulheres

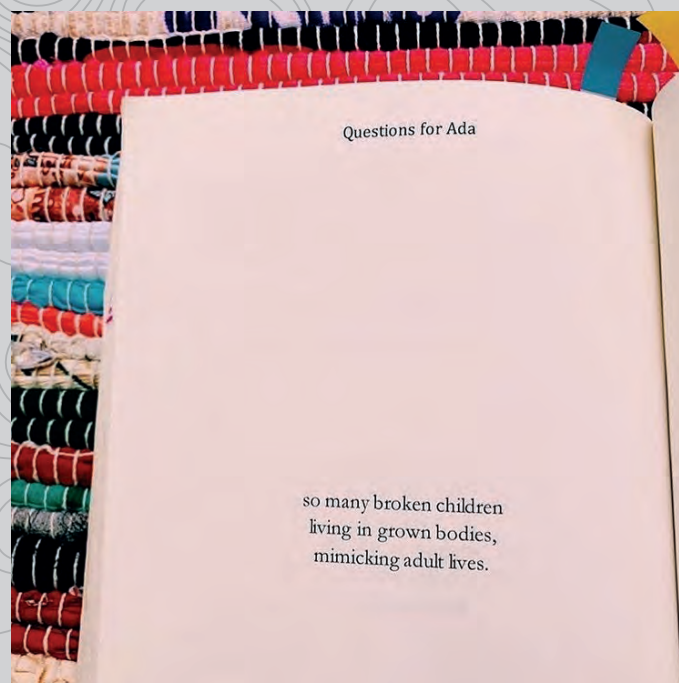
Recuse a Clicar
1 de junho de 2019

Somos a antiga Anti Pornografia. O Facebook derrubou a página e tivemos de recriá-la. Ajude-nos a crescer novamente: curta e compartilha!



SORORIDADE
É UNIÃO
E NÃO
COMBATE!

@baunilhapoetica



FIQUE VIVA

julho

"você sente que precisa de amor
e sai procurando por todas as esquinas
o tempo inteiro parece que vocês
estão prestes a se encontrar
e isso porque
ele está dentro de ti
desesperado para
te conhecer - o amor-próprio pulsa -"
- Isadora Não Entende Nada

Na próxima vez em que tiver
um pensamento negativo
sobre si mesmo, tente se
perguntar:
"Como eu aprendi isso?"
"De quem é a voz que me diz
isso?"

@GABRIELA.CAMPOPIANO



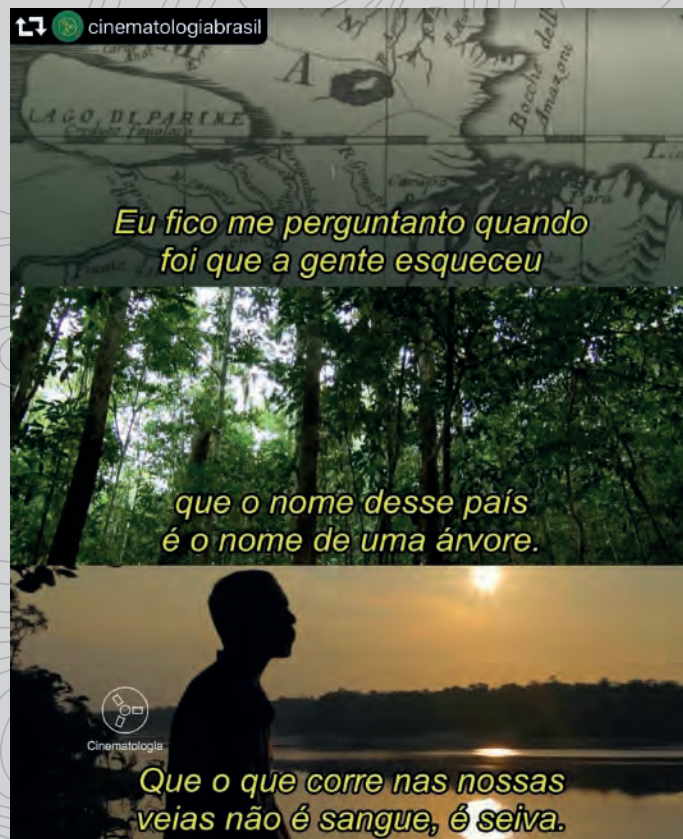
Feminismo Com Classe
19 de julho de 2019

3 palavras que não quero ouvir nunca mais: Agência, Empoderamento, Escolha. Quando as meninas são socializadas desde o nascimento pelo patriarcado para capitular aos homens, dizer sim às suas demandas sexuais é um testemunho de falta de agência, o oposto de poder e a evidência de ser roubada de escolhas reais,

- Gail Dines

como não vi o desequilíbrio
tão óbvio
você cinza
eu policromática

agosto



Filhas de Frida está em Januária - Mg.
20 de agosto de 2019

Confirmam a programação da semana da Justiça pela Paz em Casa em Januária/MG!! @ Januária - Mg

XIV Semana da Justiça Pela Paz em Casa

19 a 23/08 - Exposição de artesanato e alimentos regionais - Fórum de Januária

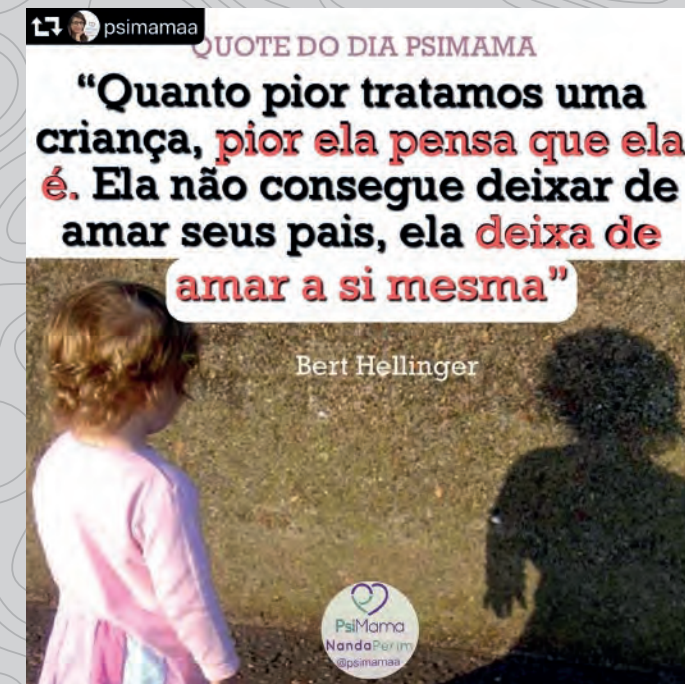
Segunda-feira: 19/08
08:00: Hasteamento das Bandeiras - Guarda Mirim E.E. Onésimo Bastos
Conhecendo o Judiciário
Capacitação Forças de Segurança Pública - Alcool e Drogas na Infância e Juventude
16:30: Solenidade de Agradecimento aos Parceiros do Projeto Diálogos em Foco
Apresentação do Formulário Nacional de Avaliação de Risco - Violência Doméstica
Lançamento do Concurso de Redação "Família, lugar de redescoberta do sentido da vida"

Terça-feira: 20/08
08:00: Hasteamento das Bandeiras: Guarda Mirim E.E. Princesa Januária
Conhecendo o Judiciário
Capacitação Forças de Segurança Pública - Alcool e Drogas na Infância e Juventude

Quarta-feira: 21/08
08:30: Café na DEAM - Atendimento Psicossocial às Mulheres Vítimas de Violência Doméstica
Local: Delegacia da Mulher

Quinta-feira: 22/08
08:00: Hasteamento das Bandeiras: Guarda Mirim E.E. Po XII - Conhecendo o Judiciário
Capacitação Forças de Segurança Pública - Alcool e Drogas na Infância e Juventude
Dia de Lazer no Sesc - Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
Participação Mascotes do PROERD e Polícia Militar

Sexta-feira: 23/08
08:00: Hasteamento das Bandeiras: Guarda Mirim E.E. Simão Viana



agosto



Filhas de Frida

19 de agosto de 2019

#repost @fotonaltas

Na década de 1930, se uma mulher fosse considerada "deprimida" ou se não estivesse "cuidando adequadamente de seu marido", era legalizado que ela fosse enviada para uma sala psiquiátrica para um ajuste completo da atitude. Esta foto mostra um "tratamento" usado para condicionar uma mulher a sempre sorrir. Especialistas acreditavam que, se uma mulher se visse sorrindo, seria uma prática natural e ela seria "curada". Isso muitas vezes acompanhava a terapia de choque.

Siga @fotonaltas Ver menos



Filhas de Frida

19 de agosto de 2019

Hoje, às 15h, o céu escureceu de uma forma nunca vista em São Paulo. Em poucos minutos o dia virou noite, todas os postes de luz da cidade se acenderam para ajudar na visibilidade. Pouco tempo depois, o Instituto de Meteorologia confirmou que o fenômeno foi resultado da corrente de ar fria trazendo a fumaça dos incêndios e queimadas de Rondônia e Mato Grosso. Em Rondônia, a 2.300km de São Paulo, as queimadas começaram dentro de áreas indígenas, e se alastraram por mais de 210 pontos. A capital, Porto Velho, ficou imersa em uma fumaça densa, provocando doenças. Esse é mais um alerta de como todos nós estamos ligados e diretamente envolvidos com o Meio Ambiente. Não existe "eles", existe "nós". A árvore que derrubam lá longe, é o oxigênio, a água e a vida que vai nos faltar amanhã. Isso é um problema de agora, não de amanhã.

Texto @luizguiprado Ver menos



VENDE-SE uma preta, de meia idade, de casa de família, sabendo cozinhar, lavar e engommar, sem vícios, negócio decidido ; na rua do Onvidor n. 156.

VENDE-SE um bom moleque, de 19 annos, perfeito machinista ; informa-se na rua de S. Pedro n. 26

VENDE SE um preto, moço, sabendo trabalhar em machinas á vapor ; trata-se na rua de S. Bento n. 48.

VENDE-SE uma preta, perfeita em todo serviço, por preço barato, por levar dous ingenuos ; na rua dos Andradas n. 27, loja de calçado.

VENDE-SE um pardo de 25 annos, acostumado na lavoura e sadio ; na rua dos Andradas n. 27, loja da calçado.

VENDE-SE, de casa particular, uma pardinha clara de 13 annos de idade, muito galante, com principios de todo serviço domestico ; informa-se, por favor, em casa de familia, á rua do Lavradio n. 63, 1º andar.

VENDE-SE, por 1:800\$, uma preta de 30 annos, optima cozinheira, com dous filhos, sendo um ingenuo de 6 annos, e um escravo de 10 annos, moleque bonito ; na rua da Alfandega n. 117.

VENDE-SE a casa da rua de D. Minervian. 2 A ; trata-se no armazem da rua de Machado Coelho n. 1 A.

VENDE-SE, nos suburbios da cidade, uma grande chácara, em terreno proprio, toda arborizada, com...



Feminismo Marxista

20 de agosto de 2019

Sequestrador de ônibus com reféns foi abatido pelas costas pela polícia do Rio. Sua arma era de brinquedo. Ele não chegou a dizer qual era sua motivação. Apresentava sinais claros de desorientação. As pessoas que assistiram a execução aplaudiram. Na TV o nome dele é Bandido. Isso tudo após 6 outras pessoas terem sido executadas pela PM em 5 dias. A operação foi um sucesso, conquistou até mesmo alguns que se dizem contra a política de exterminio.

agosto



Luiz Guilherme Prado
@luizguiprado

A gente tá conseguindo acabar com um país bem no meio de uma placa tectônica. Um país sem terremoto, sem erupções, sem maremoto, furacões, nada. Amazônia desmatada, baías com óleo vazado, barragens rompidas, animais extintos.

A ganância do homem é o mais mortal dos desastres.

17:00 · 26 jan 19 · Twitter for iPhone

O GLOBO

SOCIEDADE

'Pega essa grana e refloreste a Alemanha, tá ok?', diz Bolsonaro em recado a Angela Merkel

No fim de semana, Alemanha suspendeu investimentos em projetos de proteção à Amazônia em função das altas taxas de desmatamento



Nós não
precisamos de
opções veganas.
Nós precisamos
libertar os
animais das
relações de
produção.



Filhas de Frida
18 de agosto de 2019 ·



Iconografia da História

18 de agosto de 2019 ·

A Garganta Profunda e o impacto na indústria pornográfica.

Cena do filme "Garganta Profunda", com a atriz Linda Lovelace.

O longa é considerado um marco de mudança para a história da pornografia mundial. O filme foi uma das primeiras obras pornográficas em audiovisual a ter uma trama, desenvolvimento de personagens e valores altos de produção. Inclusive alterando o conceito de obscenidade em tela, antes do movie a pornografia em vídeo, nos Estados Unidos, era completamente renegada socialmente, e leis duras impediam que filmes mostrassem conteúdo explícito. Seu diretor, Gerard Damiano, tirou dinheiro do próprio bolso para completar a façanha.

Garganta Profunda se tornou cult, não apenas alterando a cultura sexual dos Estados Unidos mas se tornando um grande evento da cultura pop. Se transformou em dos filmes mais lucrativos da história do cinema mundial, gastando 25 mil dólares na produção e faturando aproximadamente 20 milhões ao fim de 1972, ano de lançamento.

agosto

G1

ECONOMIA

Trabalho aos domingos será flexibilizado com MP da liberdade econômica

Trabalho fica autorizado desde que empregado folgue em ao menos um de cada quatro domingos. Texto foi aprovado na Câmara e segue agora para análise no Senado.

Por G1

Filhas de Frida
19 de agosto de 2019 · 🌐

Fontes:
<https://www.google.com.br/.../dia-vira-noite-em-sao-paulo...>
<https://noticias.uol.com.br/.../numero-de-queimadas...>
<https://www.brasildefato.com.br/.../estimulados-por.../>

Luto

Incêndios na Amazônia fizeram dia virar noite em São Paulo, diz meteorologista

19 de agosto de 2019, 17:35

Número de queimadas cresce 70% e é o maior desde 2013; Amazônia lidera

Estimulados por Bolsonaro, fazendeiros promovem "dia do fogo" na Amazônia

Cidades que cortam a BR-163 no sudoeste do Pará foram tomadas por densas nuvens de fumaça no fim de semana

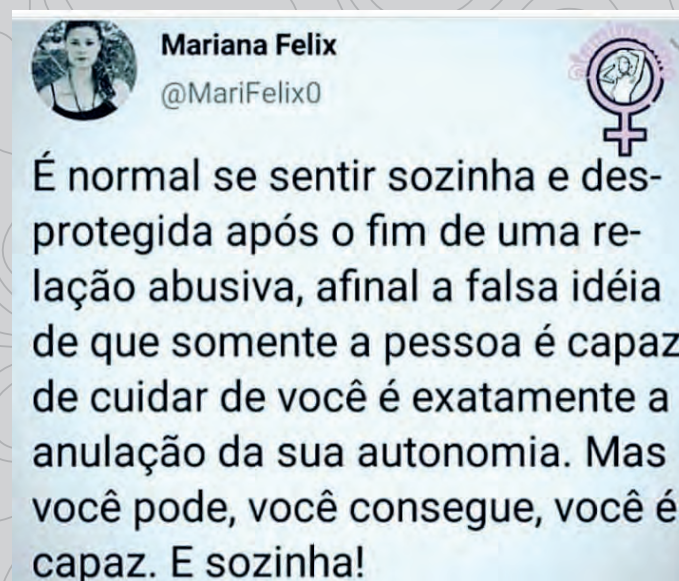
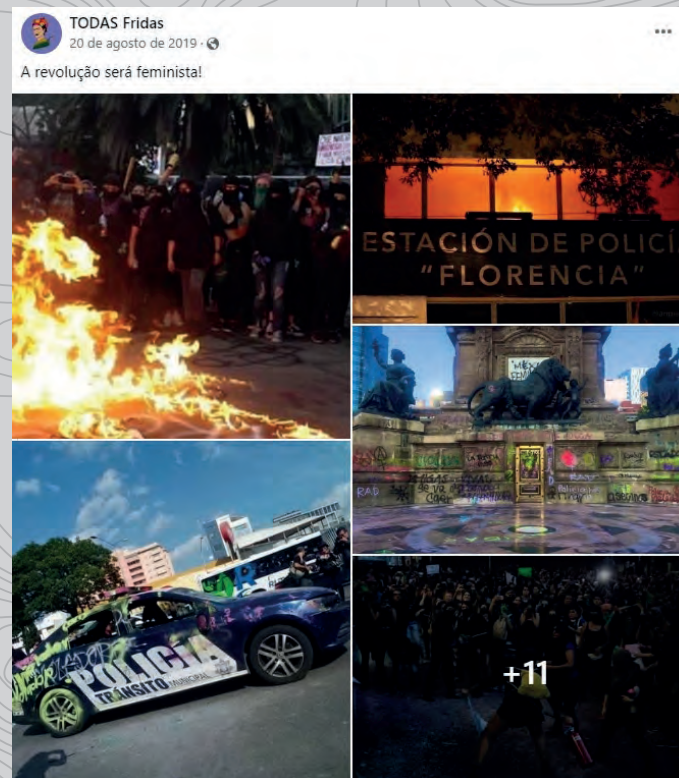
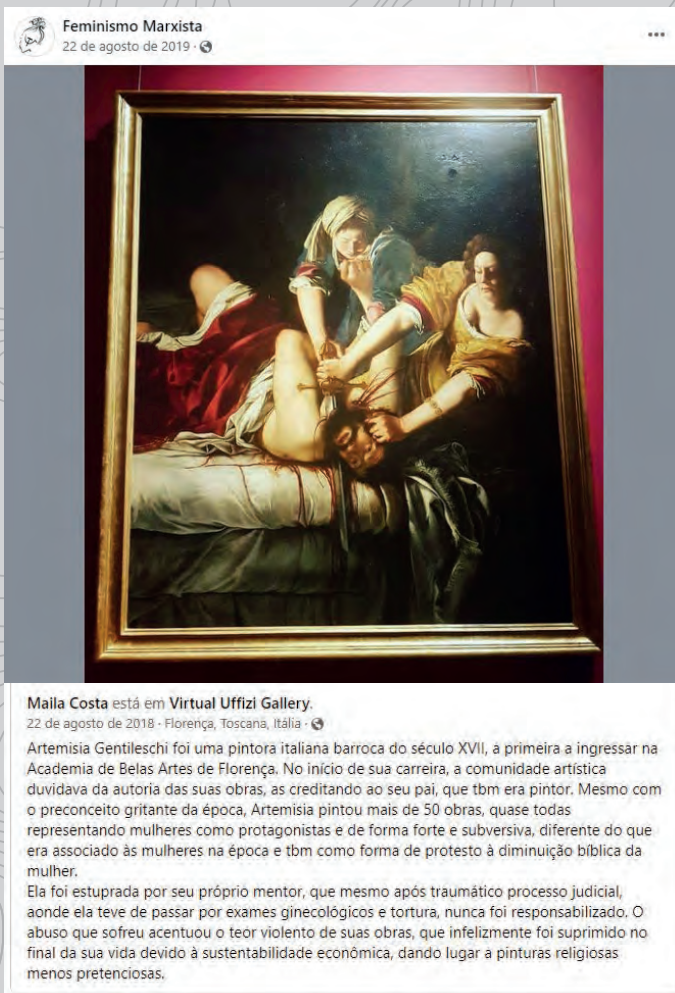
Após a Alemanha suspender o repasse de R\$155 milhões para o Fundo Amazônia, a Noruega, maior financiadora, seguiu o mesmo caminho – bloqueou o envio de R\$130 milhões. Governadores da Amazônia Legal se unem em consórcio para tentar reaver a verba.

Redação
Brasil de Fato | São Paulo (SP)

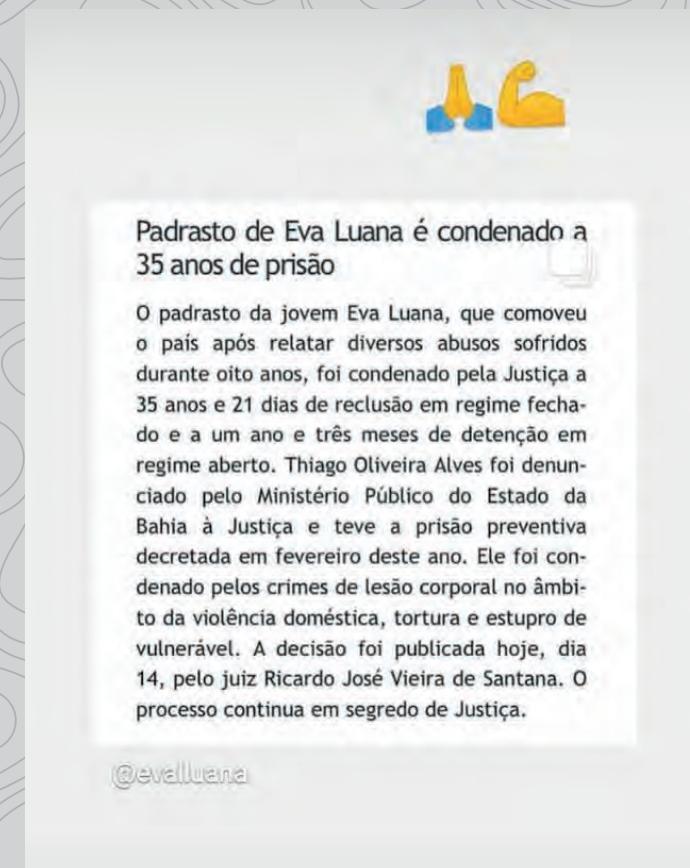
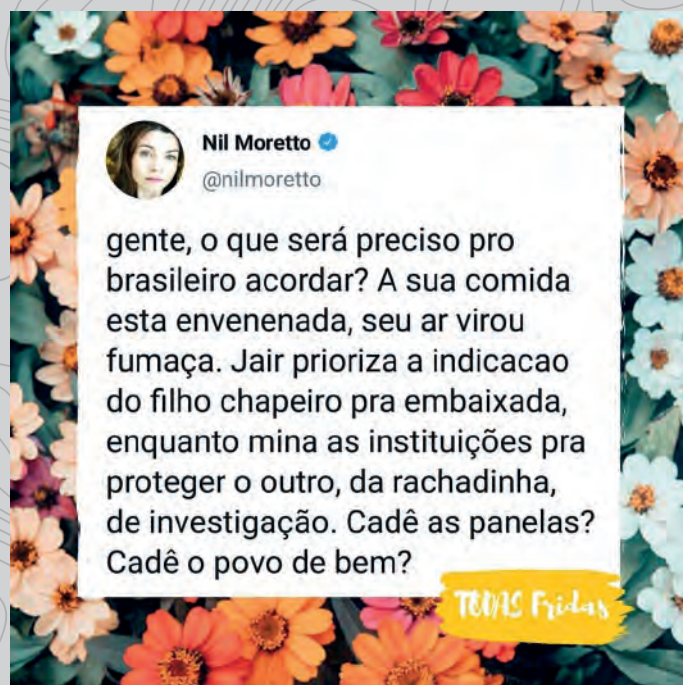
COMPARTILHE



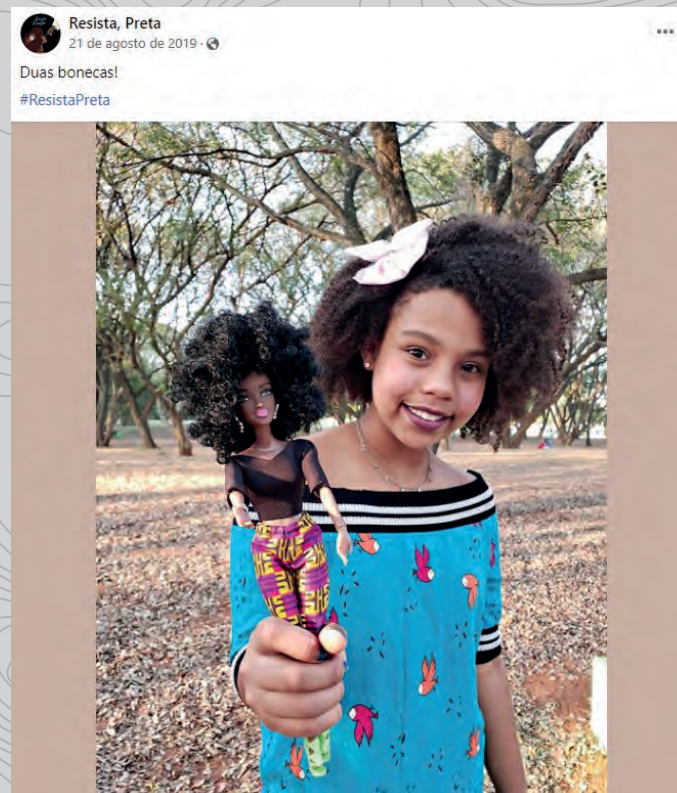
setembro



agosto



agosto



Feminismo Com Classe
22 de agosto de 2019

Feminismo não é uma mulher ter direito de lucrar com a exploração e desumanização dos corpos de outras mulheres e homens. Feminismo é libertar as mulheres, TODAS as mulheres, da exploração, da objetificação e da comodificação de seus corpos, sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva.

▀ "As políticas anti-feministas por trás da pornografia que 'empodera' mulheres", de Gail Dines: <https://link.medium.com/ohaWxZlzmZ>

▀ "A indústria pornô é abusiva, e essas mulheres estão contando como é" <https://link.medium.com/yn1kJQzmZ>

▀ "Pornografia: Homens possuindo mulheres", de Andrea Dworkin <https://link.medium.com/dJBoxmTzmZ>



MACHISMO, MISOGINIA E PATRIARCADO: REFLEXÕES FEMINISTAS

Paola Bettamio. Professora adjunta de Direito Penal e Processo Penal da Universidade Estácio de Sá, doutoranda em Direito pela UFRJ e pesquisadora da Academia de Direito de São Paulo.

Viviana Ribeiro. Professora e cofundadora do IPIA - Comunidade de Pensamento. Mestra em Filosofia pela UFF. Graduada em Direito pelo IBMEC. Pesquisadora do Grupo de Estudos Comparados de Literatura e Cultura da UFRJ.

Anna Xocó. Mulher indígena lésbica, ativista pelo direito das mulheres, mulheres indígenas, mulheres lésbicas. Ativista da Aldeia Maracanã e integrante da coletiva TIME.

Data: 21/08/2019
Horário: 18h
Local: Auditório Pedro de Cesaro - 2002/bloco A - UERJ

TIME



agosto



agosto



Sara Cristina
22 de agosto de 2017 · 🌐
FILHA DE MÃE SOLTEIRA

Ser feminista é uma característica tão diversa quanto ser mulher.

É fato que o Feminismo tem algumas bandeiras universais, tal como a igualdade salarial ou a legalização do aborto – mas, na prática, existem tantas correntes e pontos de vistas quanto existem mulheres. Às vezes, o contato com o Feminismo vem pela via acadêmica, por livros e autoras históricas; em outros casos, o Feminismo acontece pela militância, quando alguém te convida para uma reunião ou um ato; outra via muito importante é a internet, com publicações pessoais e posturas mais acessíveis. No entanto, na minha formação e construção enquanto feminista, nada teve maior importância do que o fato de ser filha de uma mãe solteira.

Ser filha de mãe solteira me colocou cara a cara com uma reflexão pouco levantada em sociedade: por que minha mãe não podia ser simplesmente mãe, sem a necessidade da palavra “solteira” para defini-la? Quando criança, ouvi de muitas formas que minha mãe deveria ser casada. Às vezes com perguntas diretas: “Você não tem pai? Por que sua mãe não é casada?”. Outras vezes, entendia isso pela forma como a escola apresentava modelos familiares, sempre com a figura paterna presente em casa, desempenhando funções “típicas de pai”, mas que para mim nunca foram realidade. Funções que, para mim, eram desempenhadas por minha mãe.

Pelo fato de minha mãe ser uma mãe solteira, também aprendi muito cedo o que é classe e o que é ser trabalhadora. Via minha mãe trabalhando em todos os turnos do dia, até tarde da noite, dando aulas a outras crianças, ralando até a exaustão para conseguir me levar, uma vez por mês, para comer pastel com refrigerante em uma lanchonete na nossa rua. E embora ela nunca tenha deixado faltar nada para mim, além de ter sustentado também a sua mãe e seus irmãos enquanto me mantinha, eu via que isso tinha um custo caríssimo. Ela sempre esteve ali, brava e guerreira, em sua jornada quádrupla.

Aprendi sobre o machismo percebendo a forma como olhavam para ela, o preconceito que uma mãe solteira sofria nos anos 90, o julgamento que lhe direcionavam porque o divórcio tinha sido sua opção. E, por tudo isso, por seu exemplo e pelas lições que me ensinava, eu aprendi a ser uma garota de personalidade forte, independente, que fazia o que queria, mesmo que me falassem que era “coisa de menino”. Frase essa que, aliás, minha mãe nunca usou comigo; todos os jogos, brinquedos e atividades me eram permitidos. Apesar de se preocupar com minha segurança, ela me deixava brincar na rua, ralar os joelhos, jogar futebol com os colegas do bairro, bater figurinha e soltar pião. Ela também lia para mim histórias de princesas da Disney – algo que até hoje gostamos juntas –, mas minha realidade nunca me deixou sonhar com príncipes e mulheres sendo salvas por homens. Minha mãe me mostrava, na prática, que mulheres se salvam sozinhas.



Bandeira Negra
19 de agosto de 2016 · 🌐
IMAGENS GOOD VIBE, O RETORNO!



CARTACAPITAL.COM.BR
No Piauí, Bolsonaro ameaça 'varrer turma vermelha do Brasil' - CartaCapital
Em estado governado por petista, o presidente da República afirmou que vai 'mandar essa ca...

Caminhada
TODOS POR ELAS
BASTA DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER
29 AGOSTO 08h
Concentração:
Praça Rui Barbosa

ABAC, CONEDIM, CONSELHO MUNICIPAL DE DEFESA CIVIL, MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, FPM, PARELHA, SEMAS em Ação, DEAM

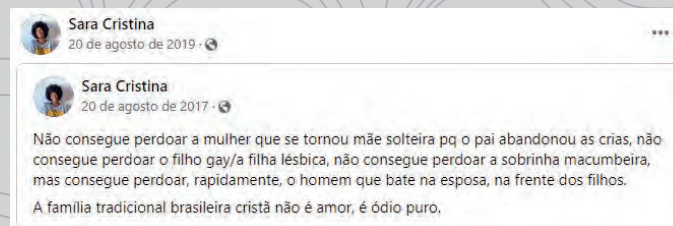
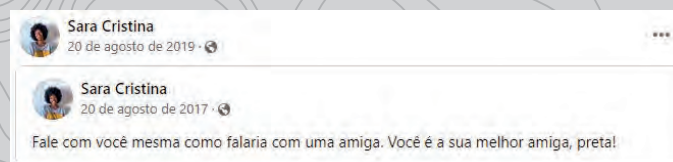
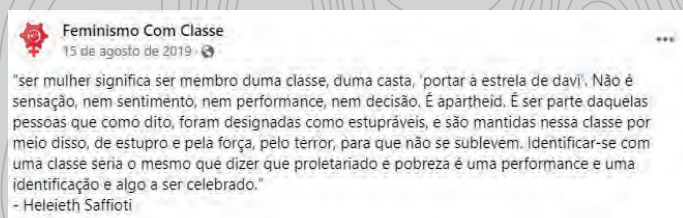
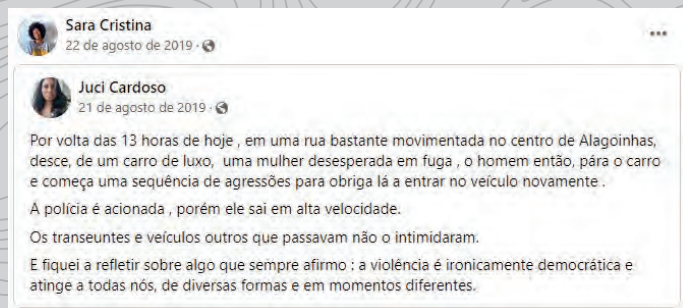
Sara Cristina
21 de agosto de 2019 · 🌐

Sara Cristina
21 de agosto de 2017 · 🌐

“A esse fenômeno dou o nome de “Síndrome do Não Boa o Bastante”. Quando você está em um grupo socialmente marginalizado, parece que nada que você faz é bom o bastante. Não basta conseguir passar de ano, você precisa tirar apenas nota 10. Não é suficiente jogar bola e vencer com seu time, você precisa virar a artilheira. E isso vale para muitas outras situações, porque se trata de uma sensação de exclusão muito forte, uma ferida na autoestima que faz com que você cobre sempre demais de si mesma. “Se eu vou fazer isso, eu tenho que me dedicar mais do que todo mundo”, você pensa. Não porque você não tenha capacidade, mas sim porque os outros duvidam de suas habilidades, porque nunca esperam que uma pessoa “como você” receba algum destaque positivo. Se você deseja ser notada, parece que é preciso abanar os braços, gritar e fazer de tudo para que reparem em você por meio de suas notas altas e atitudes excepcionais.”

- Jarid Arraes

agosto



setembro



Iconografia da História
20 de setembro de 2019 · 🌐

Quem disse que mulher não manja?
Via: Iconografia da História

A história de Blanca Canales, a mulher que desafiou o império dos Estados Unidos, e que, provavelmente, você nunca ouviu falar dela.

Blanca Canales nasceu em 1906, em Porto Rico, numa família que respirava oposição a soberania dos Estados Unidos na ilha. Com formação em pedagogia, Blanca foi uma das poucas mulheres na história a liderar revolta contra os EUA. Ela se filiou ao Partido Nacional de Porto Rico em 1931 e criou a ala feminina do partido dando o nome de Filhas da Liberdade preparando as mulheres para a luta armada.

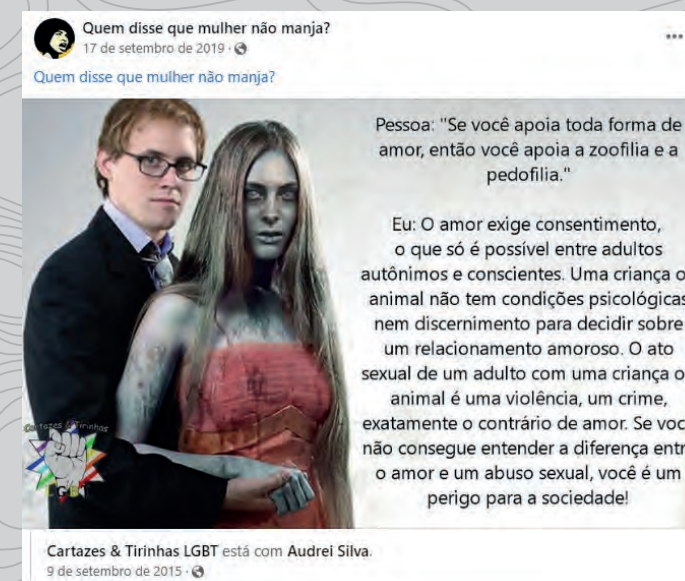
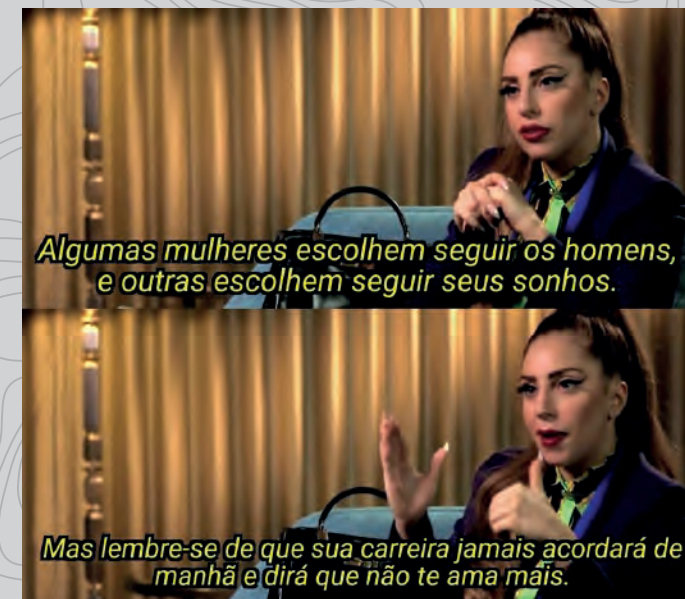
Já pensando em motins, começou a armazenar armas em sua casa visando acabar com o domínio dos EUA na sua ilha. Uma nova lei, chamada de Lei da Mordação, de 1948, irritou Blanca. A lei dizia que era proibido criticar o governo Estadunidense de qualquer maneira. Quem desobedecesse, poderia ser penalizado com 10 anos de prisão e multa de 10 mil dólares.

Revoltada, a professora liderou, em 1950, um rebelião conhecida como o Grito da Cidade Jayuya. Munida de um rifle e junto a um grupo de homens e mulheres, também armados, invadiu uma grande delegacia da cidade, cortou os meios de comunicação, causou incêndio nas ruas, no prédio dos correios e em bandeiras dos Estados Unidos hasteadas no município. Por fim fincou a bandeira de Porto Rico em praça pública em sinal de independência. A ilha agora era uma república independente, dizia Blanca e seus parceiros.

Mas a alegria durou pouco. Três dias depois, o governo dos EUA declarou lei marcial, atacou Porto Rico com aviões, tropas de elite, mosquitos e um gigantesco batalhão, que dizimou qualquer chance de reação dos revoltosos.

Blanca Canales foi presa e passou 17 anos na cadeia. Ganhou anistia do governo em 1967. Respeitada como professora, mulher e política, Canales foi imortalizada nas páginas da história Portorriquenha.

Texto - Joel Paviotti
Referências - nos comentários



setembro



Quem disse que mulher não manja?
19 de setembro de 2019 · 🌐

22 estupros já confirmados por um único homem em Goiás. Ainda outros em investigação. Antes de chamarem de doido, o laudo psiquiátrico/psicológico excluiu a possibilidade de psicopatia. O sujeito afirmou sentir um ódio profundo pela figura feminina e que elas mereciam ser estupradas.

Bolsonaro diz à Maria do Rosário:
— Não te estupro porque VOCÊ não merece.
De certo as outras/22: sim, taokey?



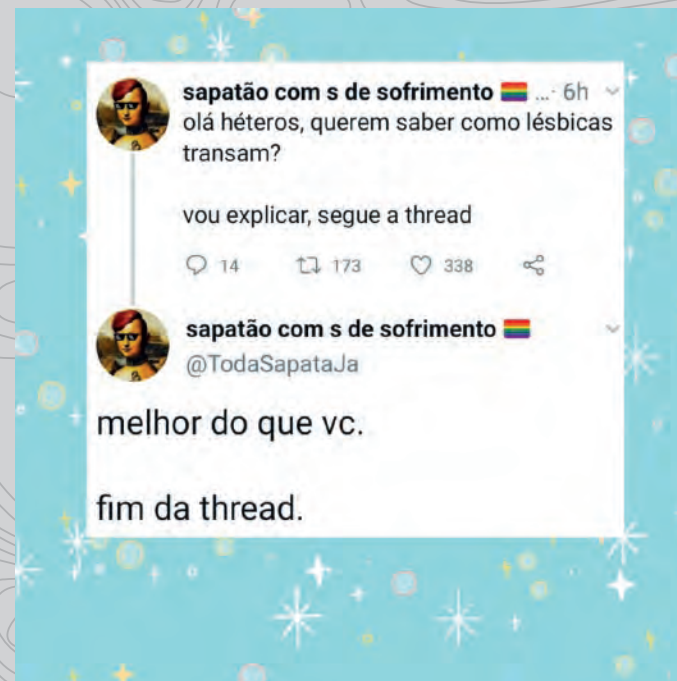
setembro



setembro



setembro



setembro

Catarinas 20 de setembro de 2019

"A galeria dos ex-presidentes da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, repleta de retratos de homens – homens brancos, melhor dizendo. Desde a primeira vez que eu vi fiquei impactada com o peso de tanto simbolismo e sabia que precisava fazer algo com isso, então guardei numa caixinha especial na memória onde eu mantenho vivas certas cenas vistas ou imaginadas, para que um dia quem sabe ganhem uma história. Em torno disso, criei a protagonista Andrea, menina negra de nove anos que vive com sua mãe e sua bisavó, que precisa de cuidados extras por sofrer de Alzheimer. A história é sobre um dia na vida delas e nesse dia a menina terá um passeio escolar para o centro da cidade, onde visitará a Figueira e a ALESC. Há dias que nos amadurecem mais e esse é um deles na vida de Andréa, mesmo que ela ainda seja muito nova para perceber", relata a diretora Cíntia Domit Bittar, 32 anos, sobre o seu mais recente trabalho, o curta Baile. A estreia nacional ocorreu, neste mês, em São Paulo no 30º Festival Internacional de Curtas-Metragens, onde foi um dos dez preferidos do público e ganhou o prêmio de aquisição do Canal Curta/Porta Curtas.

A produção terá duas sessões em Florianópolis, nesta sexta (20), às 19h, no salão principal da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (ALESC) e no domingo (22), às 19h, no Cinema do CIC, dentro da programação do Cineclube UNISUL. Integrantes da equipe e parte do elenco estarão presentes para uma conversa após a sessão. Importante destacar que o filme está acessível em Libras, LSE e audiodescrição.

#Baile
#CinemaNacional



CATARINAS.INFO
Baile traz a história de uma menina negra que vive na periferia de Florianópolis - Portal Catarinas



Santiago, Raull. @raullsantiago

QUANDO UMA CRIANÇA É ASSASSINADA em nome da "segurança pública", que fique entendido por todo mundo que governos deveriam cair, chefes de segurança deveriam cair e a construção da ideia do que é "segurança pública" deveria ser zerada, pois deu TUDO ERRADO! E a #ACulpaEDoWitzel.

Feminismo Sem Demagogia - Original 19 de setembro de 2019

Sorte pra vc, Marjorie!



PAPELPOP.COM
Marjorie Estiano é indicada ao Emmy International de Melhor Atriz por "Sob Pressão"



Feminismo Sem Demagogia - Original 19 de setembro de 2019



OGRANDEABC.COM.BR
Caminhoneiro é preso após assassinar travesti com facada no pescoço em Santo André

setembro

Catarinas 19 de setembro de 2019

MAIOR DE IDADE, capaz, lúcido, orientado e consciente. É isso que você precisa ser para ter a liberdade de escolher se submeter ou não a um tratamento de saúde – exceto se você for uma mulher grávida. Uma nova resolução do Conselho Federal de Medicina, o CFM, acaba de tirar das gestantes o direito à recusa terapêutica, dando aos médicos o poder de realizar procedimentos à força. O CFM decidiu que é o estado dos fetos que elas carregam, e não a integridade física e mental dessas mulheres, que os profissionais devem priorizar.

O despacho, publicado no Diário Oficial da União em 16 de setembro, afirma que a vontade da mulher pode caracterizar um “abuso de direito” em relação ao feto. E, nesses casos, os médicos devem tomar providências “perante as autoridades competentes” para garantir que o procedimento recusado será imposto. No dia seguinte, o CFM publicou uma nota em defesa da resolução. “O Conselho Federal de Medicina, ao aprová-la, cumpre, mais uma vez, o seu compromisso com o respeito à dignidade da pessoa humana”, afirmou o relator Mauro Ribeiro. O compromisso claramente não abrange as mulheres.

Artigo de Bruna de Lara.



THEINTERCEPT.COM

CFM põe The Handmaid's Tale em prática ao determinar que um feto está acima de uma mulher

Mariana @marilupus

sexo é íntimo e sagrado, seu corpo é um templo e vc não deve compartilhá-lo com quem não aceita que mulheres adultas têm pelos

Qual é o problema de uma mulher não querer se casar ou não querer ter filhos? Hoje ela está experimentando os prazeres da vida como a autonomia e o poder de escolha, coisas que sempre foram negadas a ela. Entendam que é totalmente possível uma pessoa ser feliz sem precisar casar ou ter filhos.



Feminismo Sem Demagogia - Original 14 de setembro de 2019

Ela afirmou que tinha preparado uma mesa de café da manhã “mais masculina” para receber o convidado Antonio Fagundes, que está brilhando na novela Bom Sucesso.



CONTIGO.UOL.COM.BR

Ana Maria Braga é criticada após preparar mesa de café da manhã diferente para Antonio Fagundes

Bia Castro @Biacastro2 · 1d

O q adiantou toma injeção certo , sem atraso,nos meses certinho, menstruação estava em dia,até mês passado ela veio. Hoje descubro q estou grávida de 5 meses , Mas Deus quis assim que venha com MT saúde . Ainda por cima outro menino Benjamin está vindo aí 🥰🥰



PRINTS FEMINISTAS

setembro



setembro



 **Lu De Gournay**
Ontem às 23:41 · 🌐

Hoje vi uma mulher de menos de 1.50 de altura indo pra fila de um ônibus que têm na frente do meu trabalho. Ela deve pesar uns 45 kg, o filho que ela carrega nos braços uns 20 kg - dormindo - mais uma mochila nas costas e uma mochilinha caindo no ombro. Perguntou pro fiscal em quanto tempo chegava o ônibus dela: "20 minutos" disse o fiscal.

E os homens querem que as mulheres carreguem sacos de cimento pra pleitear direitos iguais. Como se eles ficassem 20 minutos na fila do ônibus agarrados em quase 50% do peso deles.

Eu só quero que os homens carreguem os próprios filhos sem ganhar título de paizão.

o **clitóris** olhando pra
língua lambendo a uretra

